Richard Matheson



EM ALGUM LUGAR DO PASSADO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Richard Matheson

EM ALGUM LUGAR DO PASSADO

Para minha mãe com reconhecido amor
Recordar nosso passado juntos é a mais feliz viagem no tempo

"Oh, chama de volta o passado, ordena que o tempo retorne."
Ricardo II, *ato III, cena 2.*

Desejo agradecer à srta. Marcie Buckley, por sua generosa assistência na compilação do material de pesquisa para esta história.

R.M.

Índice

Nota de Robert Collier

Primeira Parte

- 14 de novembro de 1971
- 15 de novembro de 1971
- 16 de novembro de 1971
- 17 de novembro de 1971
- 18 de novembro de 1971
- 19 de novembro de 1971

Segunda Parte

- 19 de novembro de 1896
- 20 de novembro de 1896
- 21 de novembro de 1896

Pós-escrito de Robert Collier

O Autor e sua Obra

Nota de Robert Collier

Não *tenho* muita certeza se estou agindo corretamente, ao publicar o manuscrito de meu irmão. Afinal, ele nunca imaginou que tal aconteceria e nem mesmo pensou que chegaria a terminá-lo.

Acontece que o terminou e, apesar de certos pontos fracos do original, creio que merece a atenção do público. Afinal, Richard *era* um escritor, embora este tenha sido o único livro escrito por ele. Por esse motivo, e a despeito de algumas incertezas que ainda prevalecem, resolvi publicá-lo.

Cedendo os originais ao editor, fiz uma vasta supressão de trechos inúteis na primeira parte do manuscrito. Mais uma vez, não tenho certeza de ter sido correto quanto a isso. Não vou discutir o fato de que essa primeira parte estava longa e alguns trechos eram tediosos. De qualquer modo, sinto-me culpado pelo que fiz. Se dependesse de mim, eu publicaria o manuscrito inteiramente como foi escrito. Espero, pelo menos, que as supressões tenham sido fiéis à pretensão de Richard.

Além de acreditar que o livro de meu irmão merece ser lido, há outro motivo que me estimulou a sua publicação.

Francamente, a história é incrível. Por mais que me esforce, não consigo *acreditar* nela. Espero que sua publicação crie a possibilidade de que alguém lhe dê crédito. Pessoalmente, acato apenas um aspecto dela, aceitando-o sem reservas: *para Richard, este não foi um trabalho de ficção.* Ele acreditou, sem sombra de dúvida, ter vivido cada momento descrito.

Los Angeles, Califórnia.
Julho de 1974.

Primeira Parte

14 de novembro de 1971

Zona rural de Los Angeles. O terreno se afunda de um lado e, após a valeta da estrada, eleva-se na margem aposta. Manhã de domingo. Tranqüila. As aroeiras que margeiam a estrada agitam sua folhagem brisa.

Quase fora, agora. Longe de Bob e de Mary, de sua casa, de minha casinha de hóspedes nos fundos; também de Kit, que me visitava enquanto eu trabalhava, batia os cascos, bufava, sacudia a cauda, gemia e, como falhasse tudo o mais para chamar minha atenção e potencial alimento, batia o focinho na parede. Acabou-se.

Estou no estacionamento vazio, ao lado dos Correios. É a última visita que faço à minha caixa postal. Enviei pelo correio meus dois últimos pagamentos para Ma Beli e The Broadway.

Estou descendo a Long Valley Road em meu carro; sol brilhante e céu azul. Passo pelas cercas, com suas três ripas horizontais pintadas de branco. Um cavalo me avalia.

Espero, enquanto lavam meu carro. Há um vazio estranho. Estarão todos na igreja? Um Mercedes-Benz bege acaba de avançar aos pouquinhos. Eu sonhava ter um, algum dia. Outro projeto posto de lado. Tomo um caldo de carne, comprado na máquina automática. Aí vem meu Galaxie azul-escuro. Sóbrio, recomendável e de preço médio; o tipo de carro ideal para mim. É acolhido pelas mangueiras, que esguicham longos e finos jatos de espuma.

A última valeta e o quebra-molas final. Mais adiante, a Ventura Freeway e o mundo. Na tabuleta acima da casa do porteiro, está escrito *Adios, amigos.* Adeus, Hidden Hills!

Espero o sinal mudar, junto ao Topanga Boulevard. Ele abriu agora. Uma rápida manobra para a esquerda — diminuo a marcha dobro à direita — subo a rampa e desemboco na Ventura Freeway. Adeus, Woodland Hills! Um dia francamente maravilhoso. Céu azul radiante; nuvens ralas e pálidas, que parecem bandeirolas. O ar é como vinho branco gelado. Passo pelo Gemco e pelo Valley Music Theatre. Ambos ficam para trás, deixam de ser reais. Meu jogo agora é o solipsismo.

Antes de vir, joguei uma moeda: cara, norte; coroa, sul. Sigo para San Diego. É curioso pensar que, se a moeda girasse uma vez mais, eu estaria chegando a San Francisco no fim desta tarde.

Minha bagagem é pequena: duas malas. Numa, estão o terno marrom-escuro, o paletó esporte verde-escuro, calças, algumas camisas, roupa de baixo, meias, sapatos e lenços, bem como minha pequena bolsa de zíper, com artigos de toalete. Na outra, minha vitrola, fones de ouvido e dez sinfonias de Mahler. A meu lado, o velho e fiel gravador. Tenho ainda a roupa do corpo; o indispensável. Exceto, naturalmente os cheques de viagem e dinheiro vivo. Cinco mil setecentos e noventa e dois dólares e trinta e quatro *cents.*

Engraçado! Quando fui ao Bank of America, na sexta-feira, e fiquei na fila, comecei a impacientar-me. Recordei-me então. Não preciso mais me impacientar. Olhei para todas aquelas pessoas e senti pena delas. Ainda eram escravas do relógio e do calendário. Dispensado de qualquer obrigação, voltei a acalmar-me.

Acabei de perder o desvio para a San Diego Freeway. Calma. Posso perfeitamente continuar com meu esquema livre. Acertarei a situação de novo, indo até o centro da cidade, pegando a Harbor Freeway e alcançando San Diego por outro caminho.

Um cartaz mais adiante recomenda a Disneylândia. Devo fazer uma visita final ao reino da fantasia? Não fui mais lá desde 1969, quando mamãe nos visitou. Então, eu, Bob, Mary e seus filhos a levamos à Disneylândia. Não, a Disneylândia está fora do programa. Para mim, a única atração lá seria o Castelo Mal-Assombrado. Outro cartaz. Anuncia: "Aberto agora — O *Queen* recomenda Long Beach". Isso parece mais provável. Nunca estive a bordo do *Queen;* Bob foi nele para o estrangeiro, durante a Segunda Guerra Mundial. Por que não dar uma espiada?

A minha esquerda, o obelisco, a enorme e negra lápide: Universal Tower. Quantas vezes estive lá, a serviço? É curioso perceber que nunca mais verei outro produtor, nunca mais prepararei outro *script.* Nunca mais precisarei telefonar para meu agente. "Ei, pelo amor de Deus, onde está meu cheque? Fiquei na lona!" Eis aí um pensamento tranqüilo. Também uma perfeita cronometragem; deixá-los quando, afinal das contas, mal existe alguém trabalhando.

Quase chegando ao Hollywood Bowl. Não vou lá desde agosto último. Levei aquela secretária da Screen Gems. Como era mesmo o nome dela? Joan, June, Jane? Não consigo me lembrar. Recordo apenas que ela disse ser louca por musica clássica. Na verdade, a entediava. Da mesma forma que as ninharias no estilo do Bowl. *Concerto número* 2 de Rakhmanínov? Joanjunejane nunca ouvira falar nisso.

Qualquer um imaginaria que, após todos esses anos, eu teria conhecido alguém. Carma negativo? Mau negócio. Nunca, em toda a vida, encontrar uma mulher que nos agrade? Incrível. Deve existir algo escondido no meu passado, sem dúvida. Obsessão com meu velocípede. Buuu para Freud. É possível aceitar-se o fato de eu nunca ter encontrado uma mulher a quem pudesse amar?

Estou no tráfego pesado, perto da Harbor Freeway. Os carros me cercam por todos os lados. Homens e mulheres em cada canto. Não me conhecem, e não os conheço. Há bastante nevoeiro aqui embaixo. Espero que o tempo esteja claro em San Diego. Nunca estive lá; não sei como é. Poder-se-ia descrever a morte dessa maneira.

Music Center. Um lugar estonteante. Fui lá, faz uma semana ou pouco mais, a.C. — antes de Crosswell. Executaram a *Segunda Sinfonia* de Mahler. Mehta fez um belo trabalho. Quando o coro entrou suavemente, no movimento final, comecei a vibrar.

Quantas cidades verei? Denver? Salt Lake City? Kansas City? Terei de ficar um ou dois dias em Columbia.

Um pensamento divertido. Vou me tornar criminoso, pois não pretendo mais mandar pelo correio nenhum pagamento do carro. E sabe de uma coisa, sr. Ford? Estou pouco ligando.

Deus!

Um caminhão mudou de rumo, bem na minha frente, e fui forçado a trocar de faixa rapidamente. Meu coração disparou, pois não houve tempo de ver se vinha alguém a minha traseira, naquela faixa.

Ainda sinto o coração batendo forte, mas estou aliviado por saber-me a salvo. Até que ponto alguém pode ser tão imprudente?

Estou vendo as três chaminés vermelhas, de topo negro. Será que o cimentaram ali? Já lamento sua condição. Enraizar um navio desses, em algum lugar, é como empalhar uma águia. A figura pode ser imponente, mas seus dias de glória terminaram.

O Queen acabou de falar; um brado ensurdecedor, que sacode o ar. Como é grande! Parece o edifício Empire State deitado de lado.

Fiz o pagamento na cabine vermelha, subi pela escada rolante e agora caminho devagar e com dificuldade, ao longo da passarela coberta, aproximando-me do navio. À minha direita está o porto de Long Beach, com suas águas azuis, movendo-se rapidamente. À esquerda, um garotinho, que olha para mim. Quem será o homem engraçado, falando numa caixa preta?

Outra escada rolante à frente, bem comprida. Qual será a altura do Queen? Calculo uns vinte andares.

Estou sentado no salão de estar principal. Madeira trabalhada no estilo da década de 30. É curioso que achassem isso elegante. Colunas imensas. Mesas, cadeiras. Uma pista de dança. Um enorme piano de cauda no palco.

Uma arcada; lojas circundando uma praça pavimentada de ladrilhos. Luzes no alto, do tamanho de rodas de caminhão. Mesas, poltronas e sofás. Tudo isso flutuou um dia?

Espantoso! Seria como no Titanic? Tento imaginar um lugar como este, engolido pelo mar. Uma visão aterradora. O que me agradaria era esgueirar-me para a parte de baixo; para a parte escura, onde ficam os camarotes. Caminhar ao longo dos corredores sombrios e silenciosos. Serão mal-assombradas?

Não irei lá, evidentemente. Obedecerei aos regulamentos.

Os velhos hábitos custam mais a morrer que os seguintes.

No anteparo divisório, uma ampliação fotográfica. Gertrude Lawrence com seu cachorro branco. Como aquele que apareceu em Oliver Twist, de David Lean; feio, atarracado e de orelhas pontudas.

A srta. Lawrence sorri. Não percebe, enquanto passeia pelo convés do Queen, que a mortalidade caminha rente às suas costas.

Vejo fotografias em um painel, intituladas "Cenas memoráveis."

David Niven, dançando uma jiga escocesa. Parece muito contente. Ele não sabe que sua esposa morrerá em breve. Contemplo aquele instante congelado e, desconfortavelmente, sinto-me como um deus.

Lá está Gloria Swanson, envolta em suas peles. E lá está Leslie Howard; como parece jovem! Recordo tê-lo visto em um filme chamado Berkeley Square. Lembro-me dele, viajando no tempo, de volta ao século XVIII.

De certa forma, faço algo parecido neste momento. Estar aqui, neste navio, é como encontrar-me parcialmente nos anos 30. Isso se aplica também à música irradiada em torno. Tem que ser música tocada naquela época, a bordo do Queen; tão própria de seu tempo, tão magnificamente antiquada!

Um anúncio no painel avisa: "Batizado por Sua Majestade, a rainha, em 26 de setembro de 1934." Cinco meses antes de meu nascimento.

Sento-me no bar. Entretanto não vejo à minha volta homens de negócios em seus trajes formais, nenhuma bebida na mesa à minha frente. Apenas turistas e café puro em uma xícara de plástico, uma maçã dinamarquesa, assada em Anahelm.

Será que ele se importa? Eu gostaria de saber. Aceitará o Queen esta queda da graça? Ou isso o enfurece? Eu me enfureceria.

Olho para o balcão do bar, Como seria naquele tempo? Um gim e tônica para nós, Harry. Um copo de vinho branco. J.B. com gelo, por favor. Agora, sanduíche submarino, leite gelado e café fervendo.

Há um mural acima do balcão. Pessoas dançando, de mãos dadas, formando uma longa fileira oval. Quem serão? Todas congeladas, como este navio.

Sinto uma sensação estranha no estômago. Algo como a impressão que se tem ao ver-se um filme de corridas de um ponto de vista tomado do interior do carro; meu corpo sabe que está sentado e imóvel, mas, visualmente, viajo em vertiginosa velocidade, e o contraste irreconciliável me deixa com náuseas.

Aqui a sensação se inverte, mas é igualmente desconfortante. Sou eu que me movo, enquanto o ambiente do Queen permanece fixo. Tem sentido? Duvido. Entretanto, este lugar começa a me deixar arrepiado.

Alojamentos dos oficiais. Não há mais ninguém aqui além de mim, entre dois grupos de turistas. A sensação agora é intensa; algo pressionando meu plexo solar. Os sons a acentuam; comunicados feitos então a bordo do Queen: "Srta. Molly Brown, por favor, queira entrar em contato com o Departamento de Informações". O Insubmersível?

Soa uma campainha enquanto olho o interior da sala do comandante. Seriam as pessoas menores naquela época? As cadeiras me parecem de tamanho abaixo do normal. Outro comunicado: "Há um telegrama para Angela Hampton, no gabinete do comissário de bordo". Onde estará Angela agora? Teria recebido o telegrama? Espero que as notícias tenham sido boas.

Convites na parede. Uniformes pendurados e imóveis, atrás de vitrines. Livros nas prateleiras. Cortinas, relógios.

Uma escrivaninha e um pálido telefone branco. Tudo suspenso, estático. Ponte de navegação: o Centro Nervoso, como eles o chamavam. Polida, brilhante e morta. Aquelas rodas nunca mais tornarão a girar. Aquele telégrafo nunca mais expedirá ordens para a sala de máquinas. Aquela tela de radar permanecerá escura para sempre.

Tive de abandonar a parte do navio aberta aos turistas. Ainda me sinto estranho. Estou sentado num banco, no museu. Aqui é tudo extremamente moderno, sem sincronismo com os lugares onde estive. Sinto-me deprimido. Afinal, por que vim aqui? Foi uma péssima idéia, Preciso de uma floresta, não de uma casa mortuária encaixada entre terras.

Muito bem, tudo certo, irei até o fim. O meu sistema é nunca deixar nada pela metade. Nunca pôr um livro de lado, por monótono que seja. Nunca abandonar uma peça, filme ou concerto pelo meio, por tediosos que sejam. Coma tudo o que estiver no prato. Seja polido com os mais velhos. Não chute os cachorros.

Levante-se, droga! Mova-se!

Estou caminhando pela sala principal do museu. Meus olhos são atraídos pela gigantesca ampliação de uma primeira página de um jornal: The Long Beach Press Telegram. As manchetes anunciam: O CONGRESSO DECLARA GUERRA.

Meu Deus! Toda uma divisão a bordo deste navio! Bob também passou por essa experiência. Comeu num bandejão como aquele, usou garfos e facas como aqueles. Vestiu uma comprida capa marrom como aquela, usou um gorro de lã marrom, um capacete com um revestimento daqueles, botas de combate iguais àquelas. Carregou uma sacola de tecido grosso como aquela e dormiu num beliche como um daqueles, com três camas uma em cima da outra. Essas seriam as cenas memoráveis de meu irmão no Queen. Nada de jigas escocesas ou de passeios com um cão branco, de orelhas pontudas, Apenas dezenove anos e cruzando um oceano, rumo à morte provável.

Novamente a mesma sensação. Um caroço entorpecido, pendurado no estômago. Mais cenas memoráveis. Dominós. Dados em um copo de couro. Um lápis mecânico. Livros para cultos religiosos: protestante, católico, judeu, mórmon, cientista-cristão — aquele livro velho, familiar. Sinto-me como um arqueólogo fazendo escavações num templo. Mais fotografias. Sr. e sra. Don Ameche. Harpo Marx. Eddie Cantor. Sir Cedric Hardwicke. Robert Montgomery. Bob Hope. Laurel e Hardy. Churchill. Todos suspensos no tempo, sorrindo eternamente.

Tenho que ir embora.

Estou novamente sentado em meu carro, esgotado, vazio. Será isso o que sentem os paranormais quando entram numa casa que se encontra cheia da presença do passado? Um desconforto coleante e distorcido aumenta em mim constantemente. O passado está naquele navio. Duvido que perdure por muito tempo, com toda aquela gente enxameando por lá. Deverá dissipar-se em breve, mas, no momento, está lá.

Bem, de novo, talvez fosse apenas a maçã dinamarquesa.

São duas e vinte, e estou rodando para San Diego, enquanto ouço uma música fantástica, cacofônica; sem qualquer linha melódica ou conteúdo.

Céus, lá vou eu novamente! Retido por um trailer, forçado a mudar de faixa, aumentando a velocidade e ultrapassando, lutando para firmar minha posição. Não pode ser objetivo, R.C.?

A música terminou. Nem me lembro o que era. Agora, começou Ragtime para onze instrumentos de sopro, de Stravinski. Desliguei o rádio. A essa altura, Los Angeles já desapareceu de vista. Também desapareceram Long Beach

e o Queen. San Diego é uma fantasia. Aqui está a realidade: esta fita que é a auto-estrada, desenrolando-se à minha frente.

Em que lugar de San Diego vou parar — supondo, naturalmente, que San Diego exista? Que diferença faz? Encontrarei um lugar e sairei para comer, talvez num restaurante japonês. Verei um filme, lerei uma revista ou farei uma caminhada, tomarei um drinque, arranjarei uma garota e, numa doca, atirando pedras nos barcos, decidirei quando chegar lá. Os horários que vão para o diabo!

Ouça aqui, garoto, alegre-se! Vai ser um barato! Há meses e meses pela frente!

Há um restaurante de frutos do mar. Acho que começarei comendo peixe espada. Abro minhas refeições com pratos de vichyssoise "Bon Vivant".

San Juan Capistrano não funciona.

Experimento uma sublime sensação de aniquilar comunidades inteiras, com um só golpe de vontade.

As nuvens à frente são como montanhas de neve, empilhadas em forma de gigantescos castelos contra o céu azul. Nenhum excêntrico, afinal. Acabei de ligar o rádio novamente. Tocam Les preludes, de Chopin. A música do século XIX me convém mais. As nuvens agora assemelham-se a fumaça, Como se o mundo estivesse ardendo.

Aquela sensação está voltando ao meu estômago. Não tem sentido, agora que o Queen ficou para trás.

Acho que, afinal de contas, foi a maçã dinamarquesa.

O tráfego se avoluma, quando entro em San Diego propriamente dita. Tenho que me safar dele. Não existe um lugar chamado Sea World por aqui? Acho que sim. Para ver uma baleia saltando por um aro.

Centro da cidade. Estou ficando encurralado. Cartazes publicitários brotando como cogumelos. Mal passa das quatro. Começo a ficar nervoso.

Por que vim aqui? Tudo agora é ilógico. Duzentos e seis quilômetros para quê?

Rumarei para o leste amanhã. Vou acordar cedo, dar um jeito na dor de cabeça e partir para Denver.

Meu Deus, é como voltar a Los Angeles! Estou cercado de faixas pululando de carros, luzes vermelhas piscando, rostos irritados de motoristas.

Ah! Uma ponte à frente. Pouco importa para onde me leve, desde que eu saia disso.

A sinalização diz "Coronado".

Dirijo diretamente contra o sol. Os raios me ofuscam. Um disco ígneo e dourado. Penhascos à distância o oceano Pacífico. O que será aquilo à beira da água? Uma estrutura imensa e fantástica.

Vou pagar o pedágio e dar uma espiada.

Acabei de dobrar à esquerda e entro na A Avenue. O lugar parece antigo. Há um chalé inglês à minha direita. Acabou-se o trânsito. Rua sossegada, marginada de árvores. Talvez eu possa pernoitar aqui. Deve existir um motel em algum lugar. Há uma casa antiga, semelhante a uma mansão do século xix. Construída de tijolos; janelas com sacada, chaminés gigantescas.

Será mais alta na fachada? Olho para aquela torre de telhado vermelho. Não acredito.

Rodei pelo lugar errado. Estou num estacionamento, atrás do edifício. Deve ter sido construído há sessenta ou setenta anos. É enorme. Cinco pavimentos, pintado de branco, com teto de telhas vermelhas.

Preciso descobrir a fachada.

Há um motel no caminho, caso isso não seja — é um hotel!

Estou no quarto 527, olhando para o mar através da janela. O sol está quase se pondo; é uma vivida fatia alaranjada acima do horizonte, à esquerda de uma escura fileira de penhascos. Ninguém na faixa de praia cinza-pérola. Posso ver e ouvir as ondas, um ribombar atroador. Passa pouco das quatro e meia. Este é um lugar tão sossegado, que talvez fique aqui por mais de uma noite!

Preciso ver os arredores.

Embaciado pelo crepúsculo, o pátio parece irreal; amplo, com paredes curvas e relvados verdejantes, bem aparados, O céu é como um pano de fundo pintado, de estúdio. Talvez este seja o sul da Disneylândia.

Antes, cheguei com meu carro até a entrada do hotel e um empregado o estacionou. Um porteiro tomou conta de minha bagagem; pareceu um tanto assustado com o peso de minha segunda mala. Eu o segui por uma rampa revestida de carpete vermelho até a sala de estar, contornei um banco de metal que sustinha um vaso de plantas no centro, passei para o saguão, assinei o livro de registro e fui conduzido por esse pátio. Havia pássaros fazendo tremenda algazarra nas árvores, tão copadas, que nem mesmo pude vê-los.

Agora, as árvores estão quietas, o pátio está quieto. Contemplo-o da sacada do quinto andar; olho pata as mesas com guarda-sóis entre canteiros floridos. Este é um lugar quimérico.

Vejo uma bandeira americana, tremulando no alto da torre. O que haverá lá? Eu gostaria de saber.

Estou faminto demais para esperar o jantar; às seis da tarde no Parlatório Príncipe de Gales, às seis e meia no Salão do Diadema. São apenas cinco. Se eu beber durante uma hora, ficarei fora dessa jogada, e não quero que isso aconteça. Pretendo saborear este lugar.

Estou sentado no Salão do Diadema quase vazio, perto de uma das janelas panorâmicas; perguntei e informaram que ainda podiam servir-me um almoço simples. Anexo, fica o Salão da Coroa, usado apenas para banquetes, suponho. Lá fora, vejo o lugar para onde me dirigia antes. Teria isso acontecido há quarenta minutos apenas? Este salão é lindo! Paredes forradas de fazenda com uma textura vermelho-dourada, tendo acima painéis de madeira de precioso acabamento, que se curvam para um teto da altura de três ou quatro pavimentos. Mesas com toalhas brancas, velas acesas em tubos amarelo-escuros, taças de metal esperando pelos hóspedes que virão jantar. Tudo com aparência de extrema graciosidade.

A garçonete acabou de trazer minha sopa.

Tomo agora uma soberba e consistente sopa de feijão branco, com pedaços de presunto. Delicioso. Estou realmente *faminto.* Poderá ser insípida, a longo prazo, mas no momento é uma iguaria. Este salão fantástico. Esta sopa, quente e saborosa.

Pergunto-me se tenho dinheiro suficiente para ficar aqui indefinidamente. A vinte e cinco dólares diários, minhas reservas não durariam muito. Suponho que eles tenham preços especiais para hóspedes mensalistas, porém, ainda assim, eu chegaria à indigência antes de partir.

Por quanto tempo este hotel esteve aqui? Há um papel com informações em meu quarto; verei isso mais tarde. De qualquer modo, é uma construção antiga. A caminho do saguão, percorrendo um corredor do porão que parte do Parlarório Príncipe de Gales, passei por um bar antigo e maravilhoso, com um balcão palaciano; tenho de tomar um drinque lá, amanhã. Também vi uma arcada com uma barbearia e uma loja de jóias, espreitando de uma sala lateral, repleta de máquinas de jogos. Olhei de relance para algumas fotos de época na parede. Também pretendo examiná-las mais tarde. Depois que alimentar meu corpo esfomeado.

Agora está demasiado escuro para que se veja bem o exterior. Há árvores sombrias nas proximidades, alguns carros estacionados e, além de tudo, as luzes multicoloridas de San Diego, brilhando à distância. Na janela se reflete o imenso anúncio luminoso, uma coroa de luzes suspensa na noite. Aqui não é como estar no ancorado e invadido *Queen Mary.* Aqui é o *Queen* ainda dominando os mares.

Apenas um detalhe errado: a música. Inadequada. Devia ser algo mais suave. Um quarteto de cordas, executando Lehár.

Estou sentado numa gigantesca cadeira de braços, no mezanino, acima do saguão. À minha frente há um enorme candelabro, com fieiras de lâmpadas vermelhas e colares de cristal pendendo da parte inferior, O teto é intrincado e de aparência maciça, escuras seções apaineladas e extremamente polidas. Posso ver uma pesada coluna apainelada, a escadaria principal e a porta de grades douradas do poço do elevador. Vim por outra escadaria Havia silêncio nela e pude senti-lo na carne.

A poltrona é qualquer coisa de notável. O espaldar termina muito acima de minha cabeça. Dois garotos rechonchudos flanqueiam seus arabescos. Ambos os braços da cadeira terminam em dragões alados, cujas escamosas formas de serpente se estendem até o assento. Onde os braços se juntam, na parte de trás, reclinam-se duas indolentes figuras: um Baco de ar infantil, a outra, um Pã de olhar fixo e patas peludas, tocando flauta.

Quem terá se sentado nesta poltrona antes de mim? *Quantas* pessoas já espiaram para o saguão, através da balaustrada, observando homens e mulheres sentados, de pé, conversando, entrando e saindo? Nos anos 30, 20 e 10.

Até mesmo na década de 1890?

Estou sentado na Sala de Descanso Vitoriana, com um drinque na mão, olhando para o vitral de uma janela. Um belo aposento. Cabinas forradas em vermelho-vivo; paredes que parecem veludo. Colunas apaineladas, quadrados apainelados no teto, um lustre com pendentes de cristal.

Nove e vinte da noite. Depois de uma ducha, com as pernas cansadas, deito-me na cama e leio a folha de informações. Este prédio foi construído em 1887. Incrível. E eu sabia que algo nele me era familiar. Infelizmente, nada de *déjà-vu.* Billy Wilder o usou para filmar *Quanto mais quente melhor.*

Várias citações do papel com informações:

"Estrutura semelhante à de um castelo"

"O último dos hotéis à beira-mar, prodigamente concebido."

"Um monumento ao passado."

"Torrinhas, altas cúpulas, pilares de madeira trabalhada e decoração vitoriana."

Ouço um som que não ouvia desde criança: as batidas surdas de um radiador.

Silêncio espantoso nos corredores. Como se o próprio tempo houvesse se acumulado neles, enchendo o ambiente.

Gostaria de saber se também este quarto ficou cheio. Haverá dentro dele algo que sobrou dos anos passados?

Aquele carpete pontilhado de dourado-castanho-amarelo? Duvido. O banheiro? Provavelmente, na época nem havia banheiros. As cadeiras de vime? Talvez.

Evidentemente, não as camas, mesas-de-cabeceira ou abajures; e Deus sabe que tampouco o telefone. A estamparia das paredes? Improvável. As cortinas ou venezianas? Nada disso. As próprias vidraças devem ter sido substituídas, não há dúvida. A escrivaninha ou o espelho pendurado acima dela? Não creio. A cesta de lixo? Certo. E que tal o aparelho de televisão? Ah, ah, ah!

Afinal, bem pouco do passado existe aqui. Uma lástima.

Meu nome é Richard Collier. Tenho trinta e seis anos e escrevo para a televisão. Tenho um metro e oitenta e cinco de altura e peso oitenta e cinco quilos. Dizem que sou parecido com Newman; talvez se refiram ao cardeal. Nasci no Brooklyn, a 20 de fevereiro de 1935, quase fui para a Coréia, mas a guerra acabou antes, e diplomei-me pela Universidade do Missouri, em 1957, como bacharel em jornalismo. Depois de formado, trabalhei na ABC, em Nova York, comecei a vender *scripts* em 1958 e mudei-me para Los Angeles em 1960. Meu irmão transferiu sua gráfica para Los Angeles em 1965, e eu me mudei para a casa de hóspedes, nos fundos de sua casa, nesse mesmo ano. Saí de lá esta manhã, porque vou morrer dentro de quatro a seis meses e achei que poderia escrever um livro a esse respeito, enquanto viajo.

Gastei uma verborréia para dizer isso. Está bem, está dito. Tenho um tumor inoperável, no lobo temporal. Sempre pensei que as dores de cabeça matinais fossem provocadas pela tensão. Por fim, fui ao dr. Crosswell; Bob insistiu, ele mesmo me levou de carro até lá. O grande e durão Bob, que dirige a firma com mão de ferro. Chorou como criança, quando o dr. Crosswell nos contou. Eu, o que tinha o tumor, Bob, o que chorou. Homem maravilhoso!

Tudo isso aconteceu há menos de duas semanas. Até então pensei que viveria muito tempo ainda. Papai se foi aos sessenta e dois anos, mas apenas porque bebia demais. Mamãe, aos setenta e três, saudável e ativa. Imaginei que teria tempo de sobra para me casar e constituir família; jamais entrei em pânico, mesmo parecendo nunca tomar conhecimento dele. Agora, está liquidado. Raios X, punções na espinha, resultados positivos. Fim para Collier.

Eu podia ter ficado com Bob e Mary. Faria tratamentos de raios X. Viveria alguns meses a mais. Vetei tudo. Bastou-me ver o olhar que eles trocaram; um olhar dolorido, desajeitado e incômodo, aquele que as pessoas sempre parecem trocar na presença dos moribundos. Vi que precisava fugir. Não podia ficar lá, vendo aquele olhar, dia após dia.

Estou escrevendo esta parte, em vez de ditá-la em meu gravador. De certa forma, foi um mau hábito que adquiri, o de produzir *scripts* inteiramente em fitas cassete. Não é bom para um escritor perder a sensação de colocar palavras no papel.

Não posso ditar agora, pois estou ouvindo a *Décima,* de Mahler, com os fones de ouvido. Ormandy, a Filadélfia. É um pouco difícil ditar se não ouvimos o som de nossa voz.

Cook fez um trabalho fantástico, orquestrando os *sketches.* Soa exatamente como Mahler. Talvez não com tanta riqueza, mas uma obra indiscutivelmente sua. Não sei por que adoro a música de Mahler; ela apenas veio a mim. Ele está *presente* na melodia. Como o passado que impregna este hotel, também Mahler impregna seu trabalho. Está em minha cabeça neste momento. "Ele vive em seu trabalho" é uma frase corriqueira, raramente pertinente. No caso de Mahler, é a verdade literal. Seu espírito reside em sua música.

Agora é o movimento final. Sem que eu possa evitar, surge aquela frouxidão no canto dos olhos, degluto-a, e a emoção me dilata o peito.

Terá havido algum adeus à vida mais arrebatador, expresso em música? Deixem-me morrer com Mahler na cabeça.

Olho para um rosto no espelho. Não o meu rosto, mas o de Paul Newman, por volta de 1960. Olhei tanto tempo para ele, que me senti objetivo a esse respeito. As pessoas costumam fazer isso às vezes; ficam olhando para o próprio reflexo no espelho, até que — zás! — há um rosto desconhecido a olhá-las também. Por vezes, também um rosto amedrontado que as contempla, tão estranho ele é.

A única coisa que me mantém na realidade são os lábios de Paul Newman que se movem, e ele pronuncia as palavras que me ouço pronunciando. Portanto, deduzo que o rosto seja meu, embora inexista qualquer senso de conexão com ele.

O garoto dono desse rosto era bonito; essa era a palavra usada, e ele a ouvia o tempo todo. De que adiantou? Adultos — até mesmo estranhos — sorriam-lhe e, inclusive, afagavam seus cabelos louros quase brancos enquanto lhe observavam as feições angelicais. De que lhe adiantou? As garotas o olhavam também. Via de regra, de esguelha.

Por vezes, de frente, O garotinho perdeu a conta de seus rubores. E também dos sangramentos; os valentões adoravam esmurrar aquele rosto. Infelizmente, o garoto suportava bem o sofrimento. Assim foi, até que eles o encurralaram num canto, a tal ponto que até mesmo ele perdeu o controle e revidou. Pobre garoto, que não pedira aquele rosto! Jamais tentou tirar proveito disso. Felicitou-se por se tornar adulto, fase em que a maioria dos valentões passa a empregar táticas menos óbvias.

Diabo, aqui estou falando do meu rosto. Por que fazer o jogo da terceira pessoa? Sou eu, pessoal! Richard Collier. Muito atraente. Posso falar assim quanto quiser. Não há ninguém ouvindo pelo buraco da fechadura. Aí está, mundo! Tolice! Que bem fez a beleza ao sujeito atrás dela? Poderá salvá-lo? Esse rosto se erguerá para liquidar o tumor traiçoeiro? Não há a menor possibilidade. Assim, em resumo, esse rosto é inútil, porque não pôde manter seu dono neste mundo, nem um dia a mais do que os que lhe foram determinados. Bem, as minhocas terão um belo piquenique — Deus, que coisa desagradável de dizer!

Que coisa estúpida, idiota de dizer.

Quase meia-noite.

Deitado na escuridão, ouço o barulho das ondas. Como canhões disparando à distância.

Estas são as piores horas.

Gosto deste lugar, mas, evidentemente, ficarei apenas alguns dias. De que adiantaria outra coisa?

Dentro de poucos dias, levanto-me pela manhã e parto para Denver, tudo apontando o leste.

E alguém aponta o oeste.

Não seja sentimental, Collier!

Quatro e vinte e sete da madrugada. Vou me levantar e beber água. Esse sabor de cloro não me agrada em absoluto. Seria bom poder contar com algumas Sparklett, como eu tinha em casa.

Casa?

15 de novembro de 1971

Sete e — ah! — um minuto da manhã. Tento levantar-me. Fico de pé, visto-me, lavo o rosto, escovo os dentes tomo vitaminas, etc. Depois disso, volto imediatamente para a cama. A dor de cabeça está forte demais para ser enfrentada.

A vergonha também. Dia maravilhoso — o que posso ver dele, por entre os olhos apertados. Céu e oceano azuis. Vazia a faixa de praia ensolarada. Ar fresco e revigorante.

Não posso falar.

Oito e cinqüenta e seis da manhã, O pátio silencioso, ao sol matinal. Olho para baixo, por entre a balaustrada, e vejo o gramado verde, verdíssimo, os arbustos admiravelmente bem cuidados, plantas formando um quadrado no centro, postes de lampiões a cada lado. Mesas alvas, cadeiras.

Vejo o oceano, do outro lado do teto vermelho do hotel.

Nove e — ah! — seis da manhã. Desjejum no Salão do Diadema. Café puro e uma torrada. Há mais doze comensais.

Aqui está demasiado ofuscante. A sala tremula minha frente. A garçonete entra e divide meu campo visual, indo e vindo na névoa gelatinosa cor de limão que consigo ver. Não sei por que vim aqui. Devia ter pedido que me servissem no quarto.

O sr. Farrapo, de olhos apertados, murmura em seu microfone.

Mais tarde. Não sei que horas são e nem me importo com isso. Volto a mim novamente. Transição imprecisa. Acho que dormi. Ou desmaiei.

Opa! Como aqueles aviões voam baixo! Foi o que acabei de ver. O que vão fazer? Pousar na praia? Deve haver um aeroporto por perto.

Dez e trinta e sete da manhã. Deitado na cama, olho para o San Diego Union. Não me lembro de tê-lo comprado. Devo ter estado em uma confusão mental antes. Felizmente, consegui voltar.

Um jornal em seu centésimo quarto ano. Um bocado de tempo.

Decidi que não manteria mais contato com o mundo, mas aqui estou novamente. Pequim já em nossas costas, O Mariner 9 localiza uma área quente em Marte. Em Sacramento, reduzido o projeto para proteção costeira.

Esqueça, Collier. Você pode ir em frente, sem o noticiário do dia. Amanhã é lua nova. Isso é tudo quanto precisa saber.

Dou um passeio, inspirando o ar puro e fresco do oceano. Tem um cheiro maravilhoso, Estou caminhando bem abaixo da torre — descobri que lá há um salão de baile. Uma piscina olímpica fica à minha esquerda; água azul e cintilante. Vejo espreguiçadeiras dobráveis alinhadas do outro lado; chalés, mesas de pingue-pongue. Tudo deserto.

Grande dia. Sol quente, céu azul, nuvens rechonchudas.

Caminho perto das quadras de tênis. Quatro mulheres jogam em duplas; uma visão de saiotes brancos e pele semelhante a couro. Além fica a praia. Uma centena de metros, até as ondas baixas, de espuma branca.

Olho agora para o hotel, uma estrutura maciça, a torre como um minarete gigante, octogonal, tendo em cada lado duas fileiras de pequenas janelas de sacada. No alto, o que me parece uma torre de observação. Gostaria de saber se os hóspedes têm permissão para subir até lá.

Caminho de volta. Mais além, um edifício moderno e alto; deve ser um condomínio ou coisa assim. Tem uma aparência estranha, que contrasta com este hotel.

Olho para uma antiga torre de tijolos, do outro lado do caminho. Deve ter sido a casa de barcos do hotel, há muito tempo; hoje, é um restaurante. Vejo o que parece uma via férrea fora de uso, Imagino que, outrora, os trens chegavam perto da praia, trazendo hóspedes.

Estou sentado onde era a antiga sala de banhos; agora, é a Sala do Cassino. Está fechada; tudo silencioso, O balcão deve medir quinze metros de comprimento, com um formato e um acabamento bonitos. Numa das extremidades, vejo algo semelhante a um relicário, tendo em seu interior a figura do que parece um mouro, carregando uma luminária.

Quantos sapatos terão desgastado aquela barra de latão?

Ainda há pouco, estive observando as fotografias de artistas de cinema que estiveram aqui. June Haver. Robert Stack. Kirk Douglas. Eva Marie Saint. Ronald Reagan. Donna Reed. Um retorno às beldades da companhia de Pola Negri, retorno a Mary Pickford, retorno a Marie Callahan, das Ziegfeld Follies. Como este lugar recua no tempo!

Deixe-me recordar o momento: onze e vinte e seis da manhã.

Eu voltava através do pátio, para o meu quarto, quando vi um cartaz indicando um Salão de História, instalado no porão.

Lugar intrigante. Fotografias como as existentes na Arcada. Um quarto de dormir, como os que havia em 1890 ou início de 1900. Objetos históricos do hotel exibidos em vitrines — um prato, um *menu,* um porta-guardanapos, um ferro de passar roupa, um telefone, um livro de registro de hóspedes.

Em um dos painéis, o programa de uma peça representada no teatro do hotel (onde quer que se localizasse), a 20 de novembro de 1896: *O pequeno ministro,* de J.M. Barrie, estrelada por uma atriz chamada Elise McKenna. Ao lado do programa, uma foto dela: o rosto mais gloriosamente belo que já vi na vida.

Apaixonei-me por ela.

Bem típico de mim. Trinta e seis anos, uma migalha aqui, outra acolá, um punhado de romances ao acaso, arremedando amor. Só que nada foi real, nada perdurou.

E agora, chegado à condição terminal, após tanto tempo, libero finalmente o coração, para uma mulher morta há vinte anos, no mínimo. Belo espetáculo, Collier!

Aquele rosto me persegue.

Voltei lá para vê-lo; fiquei tanto tempo à frente do painel de exibição, que um homem, entrando e saindo periodicamente por uma entrada de empregados próxima, ficou olhando para mim, como se quisesse saber se eu me enraizara ali.

Elise McKenna. Nome adorável. Rosto deslumbrante.

Como eu adoraria sentar-me no teatro (numa foto de museu, descobri mais tarde que se situava no salão de baile), a fim de vê-la representar! Ela deve ter sido soberba.

E como saber? Talvez fosse péssima. Não, não acredito nisso.

Parece-me já ter ouvido seu nome antes. Não teria feito *Peter Pan?* Se for quem imagino, foi uma atriz esplêndida. E lindíssima, sem dúvida.

Não, é mais que beleza. O que me persegue e conquista é a expressão de seu rosto. Aquela doce, suave e sincera expressão. Eu gostaria de tê-la conhecido.

Estou deitado aqui, observando o teto como um garoto perdido de amor. Encontrei a mulher dos meus sonhos.

Uma descrição apropriada. Em que outro lugar ela pode existir senão em meus sonhos?

Bem, por que não? A mulher dos meus sonhos tem sido sempre inacessível para mim. Que diferença podem fazer uns meros setenta e cinco anos?

Não consigo parar de pensar naquele rosto. Penso em Elise McKenna e em como ela seria.

Eu deveria estar lidando com Denver, minha projetada odisséia. No entanto, continuo aqui como uma massa informe, com o rosto dela impresso na mente. Fui três vezes lá embaixo. Uma tentativa evidente para fugir da realidade. A mente que se recusa a aceitar o presente, voltando-se para o passado.

Não obstante... Palavra, mas neste momento sinto-me o objetivo de alguma sádica brincadeira para ridicularizar-me. Não que exista qualquer tendência à autocomiseração, porém — Deus do céu! — lançar uma moeda, dirigir mais de cento e cinqüenta quilômetros rumo a uma cidade que nunca vi, abandonar a auto-estrada por um capricho, cruzar uma ponte, deparar com um hotel cuja existência ignorava e, nele, ver a foto de uma mulher morta há tantos anos... e amar, pela primeira vez na vida...

O que é mesmo que Mary costuma dizer? “Demais para o coração”?

É exatamente o que acontece.

Estive caminhando na praia. Tomei um drinque na Sala de Descanso Vitoriana. Olhei novamente para a fotografia dela. Voltei à praia, sentei-me na areia e contemplei as ondas.

Tudo inútil. Não consigo fugir à sensação. Com rotos fragmentos de racionalidade, percebo (eu!) que estou em busca de algo a que me agarrar, que esse algo nem mesmo precisa ser real, e que Elise McKenna transformou-se nele.

De nada adianta perceber tudo. Isso fermenta dentro de mim e se torna uma obsessão. Quando estive antes no Salão de História, precisei de toda a minha força de vontade para não quebrar o vidro daquele painel, roubar a fotografia e correr.

Ei! Uma idéia! Posso fazer alguma coisa nesse sentido. Nada que detenha essa obsessão, em última análise, nada que a piore, segundo todas as probabilidades, mas posso fazer algo, ao invés de ficar perambulando por aí.

Irei até uma livraria local ou, o mais provável, a alguma de San Diego, procurar alguns livros que falem dela. Tenho certeza de que existem uns dois, pelo menos. Aquele programa lá embaixo refere-se a ela como "a famosa atriz americana".

Farei isso! Quero descobrir tudo quanto puder sobre meu amor há tanto perdido. Perdido? Certo, certo. Sobre minha adorada, que nunca soube ser o meu amor porque só passou a sê-lo depois de morta.

Gostaria de saber onde ela foi sepultada.

Estremeci. A visão de sabê-la sepultada causa-me arrepios. Morto, aquele rosto?

Impossível.

Recordo-me de que, quando estava na universidade, minha senhoria (a enfermeira cientista-cristã local, ela própria com oitenta e sete anos) cuidava de uma velha de noventa e seis, para quem trabalhara no passado. Essa mulher mais velha, srta. Jenny, era completamente inválida. Além de paralítica, era surda, cega, molhava a cama, tinha mais vida vegetal que animal. Eu e meu companheiro de quarto — envergonho-me disso agora — costumávamos irritar-nos, quando ela chamava, em sua voz frágil e trêmula, "Uh, uh, srta. Ada! Quero me levantar!" Apenas essas palavras, noite e dia, nos lábios de uma mulher que estava impossibilitada de se levantar da cama.

Certo dia, quando fui à sala de estar da srta. Ada para usar seu telefone, notei a foto de uma adorável jovem, usando um vestido de gola alta, de cabelos escuros, longos e brilhantes: a srta. Jenny quando nova. O mais estranho senso de confusão se apoderou de mim. Porque aquela jovem me atraía, ao passo que, no mesmo momento, eu podia ouvir a srta. Jenny, no quarto vizinho, falando com sua voz de velha em sua cegueira e surdez, em sua total dependência, que queria se levantar. Foi um momento de aterrorizante ambivalência, com o qual eu não podia lutar muito bem, aos dezenove anos.

E ainda não posso enfrentá-lo.

O empregado trouxe meu carro e o deixou parado à frente do hotel. Parece-me estranho, embora só tenha ficado estacionado no local desde ontem à tarde; assemelha-se mais a um artefato que a uma propriedade. Também sinto estranheza ao dirigi-lo. Perdi o senso da direção, da noite para o dia.

Estive em algumas livrarias de Coronado, mas não encontrei nada. Aconselharam-me a ir a Wahrenbrock's, em San Diego. O empregado do hotel ensinou-me como chegar lá: cruzar a ponte, seguir para o norte pela auto-estrada, sair na Sixth e descer para a Broadway.

Estou na ponte agora. Posso ver a cidade à frente; montanhas à distância. Experimento uma curiosa sensação: quanto mais me afasto do hotel, mais me afasto de Elise McKenna. Ela pertence ao passado. Como o hotel. É uma espécie de santuário, para cuidar do passado e protegê-lo.

Não há muito tráfego na auto-estrada. Vejo uma indicação à frente: "Los Angeles". Querem enganar-me, fazer-me pensar que essa cidade ainda existe.

A saída para a Sixth Avenue está logo adiante.

Mais tarde. Durante a volta, eu mal podia conter os nervos, Meu Deus, como estou nervoso! San Diego, sinceramente, deixa-me mal. O ritmo, as multidões, o estrépito, a opressiva e pulsante *atualidade* de tudo. Sinto-me desenraizado, entontecido.

Graças a Deus, encontrei a livraria sem dificuldade e graças a Deus parecia um oásis de paz, naquele deserto de Agora. Sob nenhuma outra condição eu poderia ter ficado lá, durante horas, remexendo milhares e milhares de volumes, em dois pavimentos e um porão atulhados de fascinantes coleções.

Havia uma pesquisa a fazer, entretanto, e eu precisava retornar ao hotel. Assim, comprei o que havia disponível; não muita coisa, infelizmente. O encarregado da livraria me disse que, segundo sabia, não havia nenhum livro exclusivamente sobre Elise McKenna. Suponho então que ela não tenha sido tão importante assim. Não para o público, não para a história. Para mim, ela é importantíssima.

Vejo o hotel à distância e sou invadido por uma onda de nostalgia. Eu gostaria que me fosse possível transmitir a sensação de volta ao lar que experimento.

Estou de volta, Elise.

Estou em meu quarto; passa um pouco das três horas. É incrível a forte sensação que experimentei ao entrar no hotel. Não precisei fomentá-la, como aconteceu ontem; ela me envolveu num jato. Imediatamente, vi-me possuído e confortado por ela — o passado que me abraçava. Não consigo descrever de outro modo.

Certa vez, li um artigo sobre projeção astral: as viagens do chamado corpo imaterial, que dizem possuirmos, feitas quando dormimos. Minha experiência parece similar. Foi como se, ao dirigir para San Diego, deixasse uma parte de mim para trás, presa à atmosfera do hotel, ficando a outra ligada a ele por um longo e fino cordão elástico. Enquanto me encontrava em San Diego, esse cordão estirou-se ao máximo de sua capacidade, deixando-me vulnerável ao impacto do presente.

Então, quando voltei, o cordão passou a encolher-se e, à medida que engrossava, tornou-se capaz de transmitir-me mais da confortante atmosfera. Quando avistei a estrutura imponente do hotel, elevando-se acima das árvores distantes, quase gritei de alegria. Quase, não. Gritei mesmo.

Agora estou de volta e recuperei a paz. Cercado por este intemporal castelo nas areias, tenho quase certeza de que nunca mais voltarei a San Diego.

Escrevo novamente, ouvindo a *Quinta,* de Mahler, em meus fones de ouvido — Bernstein e a Filarmônica de Nova York. Linda; eu a adoro!

Bem, vamos aos livros.

O primeiro é de John Fraser, chamado *Astros do teatro americano.* Olho as duas páginas de registro sobre ela.

Há uma série de fotos no topo da página esquerda, mostrando-a desde a infância até a idade avançada. Fico perturbado ao ver aquele rosto adorável envelhecer, da esquerda para a direita.

Uma segunda fila mostra três fotos maiores: em uma, ela aparece bem idosa, na outra, bem nova; a terceira é semelhante à fotografia do Salão de História — aquele rosto franco e refinado, com os longos cabelos caindo sobre os ombros; a maneira como ela apareceu em *O pequeno ministro.*

A terceira fila de fotos mostra Elise usando um traje adorável, com as mãos pousadas delicadamente no colo; foi extraída de uma peça intitulada *Uma rua de distinção.* Em seguida, um instantâneo seu como Peter Pan (então, ela trabalhava nessa peça), usando o que parece ser um traje camuflado do exército e um chapéu emplumado, tocando a mesma flauta executada por Pã, naquela poltrona de madeira do andar de baixo.

A fila inferior a mostra como personagem de suas outras peças: *L'aiglon,* Pórcia, Julieta; meu Deus, até mesmo um galo, em *Chanticleer!*

Na página oposta, uma foto de página inteira a mostra de perfil. Não gosto. Aliás, não me preocupo com qualquer dessas fotos. Nenhuma possui a qualidade da que vi primeiro. Isso desperta uma curiosa sensação. Se aquela fotografia fosse igual a uma dessa, eu teria passado por perto e nada sentiria.

E, agora, eu já poderia estar a caminho de Denver.

Esqueça. Leia.

Um breve relato informa que ela foi uma das mais reverenciadas atrizes do palco americano, durante muitos anos o maior sucesso de bilheteria do teatro. (Como, então, não haver nenhum livro sobre ela?) Nasceu em Salt Lake City, a 11 de novembro de 1867, e deixou a escola aos catorze anos, para tornar-se estrela em tempo integral. Foi para Nova York com a mãe, em 1888, a fim de fazer uma aparição em O *pagador.* Apareceu com E. H. Southern. Foi a protagonista de John Drew durante cinco anos, antes de tornar-se estrela. Era extremamente retraída e evitava a vida social. Embora frágil fisicamente, dizia-se que nunca faltara a um espetáculo, em toda a carreira. Jamais se casou, e faleceu em 1953.

Eu gostaria de saber por que ela nunca se casou.

Segundo livro. Martin Ellsworth: *História fotográfica do palco americano.* Mais fotografias, embora não ocupem várias páginas; estão espalhadas pelo livro, mostrando-a em ordem cronológica, desde o primeiro até o último desempenho — de O *garoto andarilho,* em 1878, a O *mercador de Veneza,* em 1931. Uma longa carreira.

Eis aqui uma foto dela, protagonizando Julieta, com William Faversham. Garanto que esteve ótima.

O *pequeno ministro* novamente. Uma vez que as representações tiveram início em setembro de 1896, na cidade de Nova York, aqui deve ter sido uma espécie de ensaio.

Meu Deus, que torrente de cabelos! Parecem luz em cores, não são louros, tampouco acastanhados. Ela tem um robe em torno dos ombros e olha para a câmara; para mim.

Aqueles olhos!

Terceiro livro; Paul O'Neil: *Broadway.*

Este fala sobre seu empresário, William Fawcett Robinson. Aqui diz que ela preenchia seus requisitos perfeitamente; a concepção que ele (e a época) faziam a respeito da atriz ideal. Precedendo em décadas a adulação às artistas de cinema, ela foi a primeira atriz a criar uma mística aos olhos do público — jamais vista em público, jamais citada pela imprensa, aparentemente sem uma vida fora do palco, a quintessência absoluta do isolamento.

Segundo O'Neil, Robinson aprovava tal sistema. Os dois tiveram atritos até 1897, mas, a partir desse ano, ela se

dedicou ao trabalho, sublimando cada faceta da vida particular à especialização no palco.

O'Neil diz que ela possuía uma qualidade mágica como atriz. Mesmo no final dos trinta anos, Elise era capaz de desempenhar o papel de uma jovem ou um rapazola. Seu charme, na opinião dos críticos, era "etéreo, luminoso, cintilante". O'Neil acrescenta: "Tais qualidades nem sempre se revelam em suas fotos?"

Amém a isso.

"Por sob essa ingênua superfície, no entanto, havia uma artista disciplinada, em especial depois de 1897, quando ela passou a dedicar-se exclusivamente a seu trabalho."

O'Neil registra que, não obstante, faltava-lhe o dom natural para o palco. Em seus primeiros anos, os papéis desempenhados foram mais ou menos um fracasso. Depois que Robinson passou a ser seu empresário, contudo, ela trabalhou para aperfeiçoar-se, com absoluto sucesso; o público começou a adorá-la, embora os críticos a encarassem como "confessamente encantadora, mas de pouca profundidade".

Então chegou 1897, e tanto os críticos como o público a envolveram no que O'Neil descreve como "um abraço interminável".

Barrie adaptou para ela seu romance *O pequeno ministro.* Posteriormente, escreveu *Uma rua de distinção,* também para ela, em seguida *Peter Pan,* depois O *que toda mulher sabe* e então *Um beijo para Cinderela. Peter Pan* foi o seu maior sucesso (embora seu favorito fosse *O pequeno ministro).* "Jamais testemunhei semelhante adulação emocional no teatro", escreveu um crítico. "Era histérico. Seus admiradores enchiam o palco de flores." Em resposta a isso, acrescenta O'Neil, ela fazia a mesma declaração do palco, já conhecida de todos, breve e ofegante: "Obrigada. Obrigada... por todos nós, Boa noite".

A despeito do retumbante sucesso, sua vida particular permaneceu um mistério. Os poucos amigos íntimos eram pessoas que não pertenciam ao meio artístico. É citada uma colega atriz, como tendo dito: "Durante muitos anos, ela parecia absolutamente encantadora e alegre. Então, em 1897, começou a tornar-se a mulher: 'Eu quero ficar só' original".

Eu gostaria de saber por quê.

Outra citação, esta atribuída ao ator Nat Goodwin: "Elise McKenna é uma palavra de uso doméstico. Ela faz jus a tudo o que represente a verdadeira e virtuosa feminilidade. No apogeu da fama, teceu o próprio manto e o colocou sobre o pedestal onde permanece sozinha. No entanto, ao contemplar aqueles olhos de cerva, fiquei curioso. Notei pequenas rugas no rosto mordaz e bruscas linhas verticais entre as sobrancelhas. A mim, sua pele pareceu seca, os gestos, tensos, a fala, hesitante. Tive vontade de segurar na minha uma daquelas mãos artísticas e dizer: 'Pequenina mulher, receio que, inconscientemente, você esteja perdendo a maior coisa do mundo — o romance.

A essa altura, o que sei sobre ela? Quero dizer, além do fato de amá-la.

Sei que, até 1897, ela foi notável, vitoriosa e competente em sua arte, e que brigava com seu empresário.

Que, depois de 1897, tornou-se: primeiro, uma reclusa; segundo, uma estrela absoluta; e terceiro, o conceito de seu empresário, sobre uma estrela absoluta.

A peça de transição, se assim pode ser chamada, foi O *pequeno ministro,* a mesma que representou experimentalmente neste hotel, cerca de um ano antes de estreá-la em Nova York.

O que aconteceu durante aquele ano?

Uma breve seleção do livro final: o volume dois, da *História do teatro americano,* de V. A. Bentley.

"Sua ascensão à aclamação dos críticos, após 1896, foi rápida, quase fenomenal. Embora antes, a despeito de seu sucesso e adulação, ela não houvesse manifestado nenhum dom realmente notável para a arte dramática, depois disso não existiu papel em que não tivesse um desempenho magnífico."

É feita uma menção quanto a seu desempenho de Julieta representar um símbolo dessa mudança. Em 1893, ela o representou com uma acolhida menor da crítica. Quando o repetiu, em 1899, a aclamação foi geral.

Algumas palavras são dedicadas a seu empresário. "Homem de temperamento excessivamente enérgico, William Fawcett Robinson conquistava a antipatia de quase todos os que o conheciam. Não contando com a vantagem de uma boa instrução, ainda assim se mostrou corajoso e arrojado em seus muitos empreendimentos."

Santo Deus! Ele morreu no *Lusitania.*

Pergunto-me se a amou. Deve tê-la amado. Quase posso captar o sentimento dirigido a ela. Sem instrução, rude, talvez nunca lhe tenha falado sobre o que sentia, em todo o período do relacionamento de ambos, esforçando-se ao máximo para mantê-la elevada e, dessa forma, certificando-se de que também permaneceria inatingível para outros homens.

Este é o último dos livros.

Estou sentado junto da janela, voltando a ditar. São quase cinco horas, o sol vai se pondo. Outro dia.

Sinto uma profunda inquietação interior e não consigo resolvê-la, de modo algum. Por que tenho de deixar-me envolver assim? Ela está morta. Em sua sepultura. Transformou-se em pó.

Não!

As pessoas do quarto ao lado, que estavam conversando, ficaram absolutamente silenciosas. Meu grito deve tê-las assustado. Charlie, há um louco no quarto vizinho, avise a portaria.

Mas... Deus, oh, Deus, eu me odeio por haver dito aquilo! Ela *não está* morta. Não a Elise McKenna que eu amo. Essa Elise McKenna está viva.

Será melhor ficar deitado, de olhos fechados. Vamos com calma; você está perdendo o controle da situação.

Estou deitado na escuridão, perseguido pelo mistério que envolve Elise. Precisarei tornar-me detetive para solucioná-lo? *Posso* tornar-me detetive? Ou estará tudo perdido, enterrado nas areias do tempo?

Preciso sair deste quarto.

Terá ela, um dia, caminhado por este mesmo corredor? Duvido; era demasiado famosa. Certamente, foi alojada no primeiro andar, de frente para o mar. Um quarto amplo, com sala de estar anexa.

Parei. Fico aqui, de olhos fechados, sentindo a atmosfera do hotel impregnar-me.

O passado está aqui; não tenho nenhuma dúvida.

Não creio, contudo, que os fantasmas perambulem por este lugar. Muitos hóspedes chegaram e se foram; dissipariam um espírito individual.

O passado, por outro lado, como um imenso e coletivo fantasma, está presente aqui, além de qualquer possibilidade de exorcismo.

Estou numa sacada do quinto andar, olhando para as estrelas.

Ao olho humano, as estrelas se movem com imensa lentidão. Considerando seu movimento relativo, neste momento eu e ela poderíamos, virtualmente, estar contemplando o mesmo cenário.

Ela, em 1896, eu, em 1971.

Estou sentado no Salão de Baile. Houve algum acontecimento aqui, mais cedo; há toalhas de mesa juncando o chão, cadeiras espalhadas por todos os lados. Olho para o palco onde Elise McKenna representou. Está a menos de quinze metros de mim.

Agora de pé, caminho para o palco. Os seis lustres gigantescos estão apagados. A única luz provém de lâmpadas instaladas nas quinas das paredes externas do salão. Meus sapatos se movem silenciosamente sobre o piso encerado.

Encontro-me agora de pé no palco. Terá sido modificado o seu tamanho ou formato, desde então? Imagino que sim. De qualquer modo, em *O pequeno ministro,* ela teve de caminhar por este mesmo local. Talvez tenha feito uma pausa aqui, até mesmo parado.

A ciência nos diz que nada pode ser destruído. Em um sentido real, então, alguma parte dela deve permanecer aqui. Alguma essência que exsudou durante sua atuação. Aqui. Agora. Neste lugar. Sua presença se funde á minha.

Elise.

Por que sou tão atraído para ela e o que posso fazer a esse respeito? Não sou nenhum rapazinho. Um jovem poderia gritar: "Eu a amo!" suspirar, grunhir, revirar os olhos, apreciar abertamente a catarse. Eu, não. Tenho consciência da insanidade do que experimento, paralela ao sentimento.

Eu gostaria de *ser* um rapazinho novamente — sem questionar, sem necessidade de analisar o momento. Passei por tal sensação, quando olhei para a fotografia dela pela primeira vez; estava emocionalmente confuso. Agora, impõe-se a realidade. Sou impelido simultaneamente para duas direções — ânsia e raciocínio. Em momentos assim, odeio o cérebro. Ele sempre ergue mais barreiras do que pode transpor.

Sentado na cama, com os fones nos ouvidos, escrevo novamente; desta vez é a *Sexta.* Seus sombrios sentimentos refletem os meus. Quando a fome apertou e procurei comer alguma coisa, o Salão do Diadema já estava fechado. Assim, comprei um saco de fritas, um bife sem molho, uma pequena garrafa de Mateus e soda. Agora, mastigo ruidosamente e bebo um Spritzer Mateus, com o gelo que pedi à copa. Não acredito que Mahler seja beneficiado de algum modo, em vista dos ruídos da trituração em minha cabeça.

Estou relendo os livros, à procura de algo mais sobre ela.

Não existe nada mais, entretanto. Estou frustrado. Deve haver mais alguma coisa escrita a seu respeito. Contudo, onde encontrar?

Deus Todo-Poderoso, Collier! Você fica mais imbecil a cada dia que passa. Nunca ouviu falar em biblioteca pública?

Pobre Elise! Um imbecil apaixonou-se por você.

16 de novembro de 1971

Acabo de chegar da principal biblioteca de San Diego. Afinal, ficava a apenas um ou dois quarteirões da livraria aonde fui ontem. Quando abriu, eu já estava lá.

Levantei-me às cinco e caminhei durante três horas pela praia, procurando livrar-me da dor de cabeça. Por volta das oito e meia, ela começava a diminuir. Então, tomei uma xícara de café e comi algumas torradas, pedi que o empregado me trouxesse o carro e me desse instruções. Depois parti para a biblioteca.

A princípio, pensei que fosse ter problemas. A mocinha sentada à mesa da frente disse que eu não poderia retirar livros com um cartão da biblioteca de Los Angeles. Eu sabia que não havia possibilidade de passar o dia inteiro ali dentro, lendo — já estava ficando nervoso. Foi quando uma cabeça mais velha e mais sensata prevaleceu. Com a identificação adequada e a etiqueta da chave de meu quarto, ela me conseguiu um cartão de matrícula temporário, com o qual eu poderia pegar livros emprestados. Quase beijei sua face.

Saí vinte minutos depois; dou graças a Deus pelo sistema do fichário de cartões. Voltei dirigindo depressa, experimentando aquela mesma sensação, à medida que me aproximava do Coronado; era como se esse enorme e alvo castelo de madeira se tornasse o meu lar. Entreguei o carro ao empregado e mergulhei no silencioso abraço do hotel. Precisei sentar-me no pátio e, fechando os olhos, deixar que tudo aquilo me penetrasse nas veias. O pátio é um bom lugar para isso; como o coração do hotel.

Sentado ali, estava cercado pelo passado. A paz me invadiu, respirei fundo, abri os olhos e levantei-me. Caminhei para o elevador dos fundos, subi até o quinto andar e cheguei ao meu quarto, carregando os livros que conseguira.

Há um livro sobre ela, chamado *Elise McKenna: Biografia íntima,* de Gladys Roberts. Vou deixá-lo por último, pois, a despeito da expectativa que sinto agora, sei que, uma vez terminada a biografia, estará também tudo terminado. Quero saborear esse excitamento ao máximo.

Escrevo isso ouvindo a *Quarta;* creio que é a mais fácil, a menos exigente de todas. Quero concentrar-me nela, em Elise.

O primeiro livro é de John Drew, chamado *Meus anos no palco.* Segundo ele, sua primeira impressão de Elise McKenna foi de que ela era demasiado frágil. Naquele tempo, a voga era de mulheres robustas no teatro, segundo deduzo pelas fotografias que vi. Aqui, ele repete o que eu já lera, isto é, que ela nunca faltou a um espetáculo.

A princípio, a mãe aparecia com ela nas peças — representando Mme. Bergomat, a mãe de Susan Blondet, em *O baile de máscaras;* a sra. Ossian, como mãe de Minam, em *Borboletas.* Aqui diz que as duas foram à Califórnia, levando esta última peça. Suponho que as companhias teatrais excursionassem regularmente pela costa oeste, o que explica a representação experimental aqui, no Hotel del Coronado.

Embora eu tenha escrito quase tudo, ainda tenho a impressão de que li este livro rapidamente, mais depressa do que deveria, em roteiro para a biografia — como o faminto que não se satisfaz com os aperitivos, pois anseia pelo prato principal. Preciso forçar-me a ir mais devagar.

O livro seguinte é *Atores e atrizes mais conhecidos,* publicado em 1903. A seção se inicia com "Elise McKenna vende madeira, porcos e aves", e prossegue declarando que, excetuando-se o palco, ela dá maior importância à sua fazenda em Ronkonkoma, Long Island, que a qualquer outra coisa. Se não fosse atriz, continua o artigo, seria fazendeira. Todos os momentos fora do palco são passados em seu retiro, uma propriedade de duzentos acres, para onde vai em seu vagão particular da estrada de ferro. "Lá, ela pode vagar à vontade, longe de olhares curiosos."

Sempre o isolamento!

Há mais a seu respeito. "Sua personalidade é menos conhecida que a de qualquer outra pessoa preeminente do palco. O que sabe a maioria das pessoas a seu respeito cessa quando atinge as luzes da ribalta. Desejando preservar a própria privacidade, Elise McKenna colocou em mãos de seu empresário tudo o que possa ser publicado sobre si mesma. Se um escritor solicita uma entrevista, é encaminhado ao sr. Robinson, que o acolhe com um vigoroso 'Não'. Isso acontece, de um lado, pelo desejo dela de privacidade pessoal, e, por outro, em vista de uma bem definida política, adotada por ele desde que se tornou seu empresário, há cerca de dez anos.

Isso parece confirmar meus pontos de vista sobre ele.

Surge aqui uma contradição. Suponho que sempre a encontramos, no decorrer de uma pesquisa. "Ela jamais

faltou a um espetáculo por doença e, quando anunciada uma peça sua, nunca deixou de comparecer, salvo numa ocasião, em 1896, quando o trem em que ela e sua companhia viajavam, de San Diego a Denver, ficou retido por uma tempestade de neve.

1896 novamente.

Eis aqui uma adorável fotografia dela. Usa casaco e luvas pretas, além do que parece uma gravata preta, em forma de laço. Os cabelos longos estão presos por pentes no alto da cabeça e as mãos repousam, enlaçadas, no topo de uma coluna. Tem uma aparência refinada, e volto a apaixonar-me inteiramente, experimentando a mesma sensação de quando vi sua fotografia no Salão de História, pela primeira vez. Concentrado na pesquisa, comecei a perder o envolvimento emocional. Agora, ao ver sua foto, toda a emoção retornou. Insano ou não, por mais absurdo que possa ser o pensamento, estou amando Elise McKenna.

E não creio que isso possa terminar.

Uma última — porém reveladora — citação.

"Houve um homem que sentiu forte atração pela srta. McKenna (em 1898), dedicando-lhe grande atenção, além de escoltá-la e à mãe todas as noites, indo e vindo do teatro.

Quando a situação se prolongou, a sra. McKenna aproveitou uma oportunidade e lhe disse: 'Quero ser justa com o senhor e dizer-lhe que está perdendo seu tempo. Elise nunca se casara, demasiado fiel à sua arte para pensar em semelhante coisa. Por que eu não acreditaria nisso? Eu creio. Penso que como uma reação às palavras de Nat Goodwin.

Existirá solução para o mistério de Elise McKenna?

Torno a estremecer. Chego tão depressa ao último livro! Uma última refeição mental e depois a inanição.

Nada de Mahler agora. Quero concentrar-me inteiramente neste livro, a biografia dela.

No frontispício há uma foto de Elise, tirada em 1909. Parece que foi tirada em uma sessão espírita; mostra uma jovem olhando para a câmara, de um outro mundo. À primeira vista, parece sorrir. Então, nota-se o que também poderia ser uma expressão de dor.

De novo, a observação de Nat Goodwin me vem à mente.

"Jamais", escreve o autor, nas primeiras linhas de seu livro, "existiu uma atriz de personalidade tão esquiva quanto Elise McKenna."

Concordei.

Aqui temos a primeira descrição detalhada sobre ela: "Uma figura graciosa, de cabelos castanho-dourados, olhos fundos, verde-acinzen-tados, e maçãs do rosto salientes e delicadas".

Uma citação de sua primeira crítica teatral, notável, em 1890: "Elise McKenna é uma *soubrette,* tão bela, como a que se poderia encontrar durante um passeio à tarde — um doce e tenro botão da árvore dramática".

Por que tantas omissões? Dite cada fato pertinente! Este é o último livro, Collier!

Santo Deus, as pessoas do quarto vizinho calaram-se novamente!

Análises críticas das peças em que ela atuou. Lerei isso mais tarde. Um item interessante — não, fascinante.

Em 1924, ela incinerou suas notas, diários e correspondência, tudo quanto escrevera. Fez cavar um fosso profundo em sua fazenda de Ronkonkoma, jogou tudo lá dentro, despejou querosene na pilha e ateou fogo.

Salvou-se apenas um fragmento de página, que o vento soprou para longe do fogo. Um empregado o achou e guardou, entregando-o mais tarde a Gladys Roberts, que o transcreve aqui.

(M)eu *amor, onde está você agora?*

(D)e *que lugar você veio para (mim)?*

(P)ara *onde irá?*

Seria algum poema que ela apreciava? Um poema que escrevera? Na primeira hipótese, por que o apreciava? Na última, por que o escreveu? De qualquer modo, parece insinuar como mentiroso o comentário de sua mãe àquele homem.

O mistério cada vez se torna mais denso. A cada camada removida, surge outra logo abaixo.

Onde ficará o âmago?

Uma crítica de sua Julieta, em 1893.

"A srta. McKenna não deveria ficar surpresa nem magoada, ao certificar-se, com essa experiência, de que a natureza nunca pretendeu que ela encarnasse as trágicas heroínas de Shakespeare."

Como essa crítica deve tê-la magoado! E como eu desejaria esmurrar o nariz desse maldito crítico!

Uma citação interessante sobre sua viagem ao Egito com Gladys Roberts, em 1904. No crepúsculo do deserto, de pé diante das pirâmides, ela disse: "Aqui parece nada mais haver além de tempo".

Ela deve ter-se sentido como eu, neste hotel.

Há menção aos compositores de quem ela gostava — Grieg, Debussy, Chopin, Brahms, Beethoven...

Santo Deus!

Mahler era seu compositor predileto!

Ouço agora a *Nona,* de Mahler, executada por Bruno Walter e a Filarmônica de Nova York.

Concordo com Alban Berg. Ele é citado na capa do disco, como tendo dito (ao ler a composição) que essa era "a coisa mais celestial que Mahler já escrevera". E Walter escreveu que "a sinfonia é inspirada por uma intensa agitação espiritual; o senso de partida". Sobre o primeiro movimento, ele disse que "flutua numa atmosfera de transfiguração".

Como me sinto perto de Elise!

Bem, voltemos ao livro.

Uma seção premiada que eu não esperava — páginas de fotografias.

Levei uns quinze minutos contemplando uma delas. Para mim, essa transmite mais de Elise que qualquer outra das fotos já vistas. Foi tirada em janeiro de 1897. Ela está sentada numa grande cadeira escura, usa uma blusa branca com gola alta, que envolve o pescoço, de frente franzida, e um casaco que parece de sarja. Os cabelos estão presos no alto, por pentes ou grampos, as mãos, dobradas sobre o colo. Ela olha diretamente para a câmara.

Sua expressão é a de quem se sente acossado.

Meu Deus, aqueles olhos! Estão *perdidos.* Aqueles lábios... Voltarão a sorrir um dia? Nunca vi um rosto demonstrar tamanha tristeza, tanta desolação!

Essa foto foi batida dois meses depois que ela esteve aqui, neste hotel.

Não consigo afastar os olhos de seu rosto. O rosto de uma mulher que atravessou alguma terrível provação. Todo o espírito foi extraído de seu corpo. Ela está vazia.

Se ao menos eu pudesse estar a seu lado, segurar-lhe a mão, dizer-lhe para não ficar tão angustiada!

Meu coração dispara.

Enquanto eu contemplava o rosto de Elise na foto, alguém tentou abrir a porta de meu quarto, e, de repente, tive a estouvada idéia de que fosse ela.

Estou ficando louco.

Continuo, com os nervos mais ou menos sob controle. Mais fotografias dela. Mostram as peças em que atuou: *Véspera de Reis, Joana d'Arc, A lenda de Leonora.* Aceitando o grau honorário de mestre em ciências humanas, no Union Coilege. Em Hollywood, no ano de 1908.

"Às vezes, penso que a única satisfação real na vida é falhar no esforço de fazermos o máximo."

Não são palavras de uma mulher feliz.

Sua generosidade. Renda da bilheteria de suas peças enviadas para San Francisco, após o terremoto; para Dayton, Ohio, após a inundação, em 1913. As constantes matinês para trabalhadores, durante a Primeira Guerra Mundial; seus desempenhos e trabalhos de recepcionista em acampamentos e hospitais do exército.

Outra contradição.

"A única circunstância que a fez faltar a uma representação aconteceu em seguida a um compromisso relacionado a *O pequeno ministro,* no Hotel del Coronado, na Califórnia."

Então, ela não fora retida por uma nevasca. Sua companhia, talvez, mas ela não se encontrava lá. Ficara para trás, no hotel. Nem mesmo sua mãe ou seu empresário estavam presentes.

Agora, algo peculiar, que contraria tudo o que ela já tinha feito antes. A julgar pelo que indica o autor (embora discretamente), a atitude de Elise constituiu um choque inesperado para todos. "Pior, porém, foi depois, escreve Gladys Roberts. O que significa isso? Mais um mistério?

A seção continua: "A peça havia sido levada ao palco em caráter experimental na costa oeste, porém não foi avante, e, por algum tempo, teve-se a impressão de que poderia ser cancelada".

Dez meses mais tarde, ela estreava em Nova York.

Nesse ínterim, nota o autor, ninguém viu Elise McKenna. Ela permaneceu isolada em sua fazenda e passava os dias passeando pela propriedade.

Por quê?

Seu vinho favorito era o *bordeaux* tinto, sem gelar. Comprarei esse vinho. Então, poderei ouvir seu compositor favorito, enquanto saboreio seu vinho favorito — aqui, no exato lugar onde ela esteve.

Outro aspecto para o mistério.

"Antes que *O pequeno ministro* estreasse em Nova York, sua atuação fora plenamente agradável, mas, a partir daquele dia, as representações adquiriram tal luminescência e profundidade, que ninguém conseguiu ainda explicar."

Será melhor eu voltar àquelas críticas.

Comentários sobre as atuações de Elise McKenna, até 1896.

"Deliciosamente delicada. Encantadora timidez. Sinceridade singela. Charme pessoal. Graciosa modéstia. Dicção

perfeita. Viva e inteligente. Consistentemente promissora."

Mais adiante:

O pequeno ministro: "Há uma nova vitalidade, um novo calor, uma intensa vida emocional na atuação da srta. McKenna".

L'aiglon: "Supera o de Sarah Bernhardt, como as estrelas superam a lua".

Uma rua de distinção. "São irrefutáveis o patético e a infinita graça com que representou".

Peter Pan: "Sua atuação é uma demonstração da força da vida, através do mundo mais simples e mais belo".

Deixem-me viver: "A atriz retrata cada tortura do desespero, da profunda desventura e da absoluta desolação que dilaceram o coração da mulher não amada e desgraciosa. O auge do genuíno *pathos".*

Romeu e Julieta: "Que diferença da sua primeira atuação neste papel! Admiravelmente emocional e de intenso apelo por seu lado trágico. Acerbidade total. Transmitido com brilhante convicção e autoridade o senso da perda emocional. A mais compreensiva, mais humana e mais convincente Julieta que já vimos".

O que toda mulher sabe: "Seu melhor trabalho foi notado nas cenas de contida agonia espiritual e no tom filosófico de seu suave martírio.

A lenda de Leonora: "Atuação francamente cativamente da srta. McKenna, que jamais representou com matizes mais refinados ou toques mais esplêndidos da verdadeira feminilidade e ternura".

Um beijo para Cinderela: "A srta. McKenna quase nos corta o coração, ao representar de maneira tão arrojada e delicadamente patética". (Nada menos que o próprio Alexander Woollcott.)

Joana d'Arc. "O triunfo de sua carreira. Uma jóia rara de caracterização, absoluta em sua forma e acabamento".

Quando exatamente aconteceu a mudança?

Só posso crer que foi durante sua permanência neste hotel.

Então, o que houve?

Neste exato momento, eu apelaria para a ajuda de Sherlock Holmes, Dupin e Ellery Queen.

Estou olhando novamente para a fotografia.

Qual a causa dessa expressão de desesperançada resignação em seu rosto?

Talvez haja uma resposta neste capítulo. Estou chegando ao fim do livro. O sol desce novamente. Como minhas esperanças. Quando acabar de ler, o que será de mim?

"Os amigos íntimos dizem que o palco é a sua vida. Amar não é para ela. Certa vez, no entanto, em um momento de descuido, um momento que nunca mais se repetiu, ela me deixou entrever que houvera alguém. Quando falou nisso, notei no fundo de seus olhos um brilho trágico que jamais havia percebido. Ela não forneceu maiores detalhes, referindo-se a isso, com um sorriso triste, como ''o meu escândalo do Coronado'."

Aconteceu aqui, então!

O capítulo final; sua morte. Sinto um peso esmagador dentro de mim.

Lá está: "Ela faleceu de um ataque cardíaco, em outubro de 1953, após..."

"...após comparecer a uma festa no Stephens College, em Columbia, Missouri, onde lecionara arte dramática por vários anos."

Então, ela e eu havíamos estado no mesmo lugar, uma vez.

Ao mesmo tempo.

Por que me sinto tão estranho?

São citadas suas palavras, quando moribunda. Segundo o autor, ninguém jamais compreendeu o que queriam dizer.

"E o amor, muito amado, fala manso."

O que isso me faz recordar?

Um hino cientista-cristão. Exceto que as palavras são: "E a vida, muito amado, como de coração a coração, fala suavemente, ao nos encontrar e separar.

Ah, Deus meu!

Creio que estive naquela festa.

Creio que a vi.

Estou tendo problemas para respirar. O sangue me lateja nas têmporas e nos pulsos. Sinto a cabeça zonza.

Isso terá realmente acontecido?

Sim, eu estava lá. Sei que estava. Foi após uma representação teatral no Stephens. Eu e minha acompanhante comparecemos à festa que ofereceram ao elenco.

Lembro-me de ouvi-la dizendo... Não consigo recordar o rosto ou o nome, mais recordo suas palavras.

"Você tem uma admiradora, Richard."

Olhei através da sala e... lá estava uma senhora idosa, sentada num sofá com algumas jovens.

Olhava para mim.

Ah, Deus meu, não é possível!

Por que aquela mulher olhava para mim, então?

Gomo se me conhecesse.

Por quê?

Seria aquela, a noite em que Elise McKenna morreu?

Seria aquela mulher realmente ela?

Olho novamente para a fotografia.

Elise... Ah, Deus; Elise!

Terei colocado essa expressão em seu rosto?

Está escuro em meu quarto.

Fiquei horas imóvel.

Limitei-me a ficar aqui, deitado, olhando para o teto. Dentro em pouco, acabarão me levando daqui, dentro de uma cesta. Por que disse isso? Certas coisas são impossíveis. Quero dizer, tenho uma mente aberta e tudo o mais, porém... isso?

Certo, ela olhava para mim como se me conhecesse. Eu devia recordar-lhe alguém, nada mais. Devia ser parecido com o homem que conheceu aqui. Apenas isso.

Então, por que, entre todos os lugares do Estado e do país, eu vim parar aqui? Sem qualquer plano. Por puro acaso. Uma moeda jogada para o alto... pelo amor de Deus!

Por que em novembro?

Por que na exata semana em que ela esteve aqui?

Por que eu tive de ir lá embaixo? Por que fui ver aquela foto? Por que isso mexeu tanto comigo? Por que me apaixonei por ela e comecei a ler a seu respeito?

Coincidência?

Não posso acreditar.

Estou dizendo, evidentemente, que não quero acreditar. *Teria sido* eu? Parece que minha cabeça vai explodir. Já pensei e repensei nisso tudo tantas vezes, que estou tonto.

Fato: ela veio para cá com sua companhia teatral.

Fato: ela ficou aqui, depois que todos se foram.

Fato: ela não representou durante dez meses, depois disso.

Fato: ela se isolou em sua propriedade.

Fato: ela se modificou inteiramente.

Fato: ela mudou por completo, como atriz e como pessoa, quando voltou ao trabalho.

Fato: ela nunca se casou.

De que lugar você veio para mim?

De que lugar?

Duas — ah! — e sete da madrugada. Não consigo dormir; minha mente não se fecha. Não consigo arrancar a idéia, que continua crescendo e crescendo. Afinal, se tal coisa fosse possível, não haveria maior chance em um lugar como este? Porque, neste lugar, já é meio caminho andado. Aqui, senti o passado dentro de mim.

Será que conseguirei atraí-lo inteiramente?

Achei melhor acender a luz.

Contemplo o retrato dela, que recortei do livro. Posso ser processado por danificar um bem público. Então, que a data do julgamento seja para breve.

Deitado aqui...neste quarto em penumbra....neste hotel...o som das ondas à distância...a fotografia dela à minha frente... a tristeza infinita desses olhos que me fitam...

...creio que será possível.

De alguma forma.

17 de novembro de 1971

Seis e vinte da manhã. A dor de cabeça está terrível. Mal consigo abrir os olhos. Ouço e torno a ouvir o que ditei à noite passada. Ouço, abre aspas, à fria luz do dia, fecha aspas.

Devo ter enlouquecido.

Onze e quarenta e seis da manhã. O serviço da copa acabou de me trazer o desjejum — café, suco de laranja e bolinho de uva-do-monte, com manteiga e geléia. Estou sentado aqui, com a cabeça entorpecida, comendo e bebendo como se fosse um sujeito normal, ao invés de louco.

Agora que o período pior da dor de cabeça já passou, é estranho que, sentado à escrivaninha, olhando para a faixa de praia banhada de sol e o oceano azul que vem quebrar, esbranquiçado, na areia cinzenta, seria de supor que aquela idéia fosse dissipada pela lógica do dia claro, mas ela persiste, de algum modo; por quê, não sei explicar.

Enfrentemos o que procuro dizer: à acima mencionada fria luz do dia a idéia continua a assaltar-me, como se fosse o bisavô de todos os sonhos fantásticos e irreais. Recuar no tempo? A que ponto se pode ficar biruta? No entanto, certa convicção funda e indefinível se mantém superfície. Não imagino como tal teoria possa ter sentido, mas o caso é que, para mim, ela tem.

Provas para minha crescente convicção? Limitadas. No entanto, esse único item parece maior, a cada vez que penso nisso: que ela olhou para mim como se me conhecesse e que, naquela noite, morreu de um ataque do coração.

Um pensamento súbito.

Por que ela não falou comigo?

Não seja ridículo! Como ela poderia? Já perto dos noventa anos, falar a um rapazinho que ainda não fizera vinte, sobre um amor que ambos poderiam ter partilhado cinqüenta e sete anos antes?

Invertida a situação, eu agiria da mesma forma: ficaria calado e depois morreria.

Outro pensamento.

Um pensamento ao qual acho ainda mais difícil ajustar-me.

Se realmente fiz tudo isso, não seria melhor não recuar ao passado? Então, sua vida prosseguiria, sem ser perturbada. Talvez ela não galgasse as mesmas culminâncias do estrelato, mas, pelo menos...

Tive que parar e rir.

Com que tranqüilidade estou aqui, falando em mudar a história!

Outro pensamento.

Fazer com que minhas idéias se tornem mais possíveis do que nunca.

Já li esses livros. Muitos deles publicados há décadas, talvez há uma geração.

O que tinha de acontecer a ela já aconteceu.

Em vista disso, não me resta alternativa. Eu *preciso* voltar.

Mais uma vez, tive que rir. Estou rindo, enquanto digo isso. Em verdade, não é um riso divertido; assemelha-se mais àquele que denuncia a presença de um tolo.

Estabelecido este ponto, examinemos o enigma detalhadamente.

Pouco importa o que queira, ache ou creia que posso fazer, minha mente e meu corpo, cada célula dentro de mim, sabem que é 1971.

Como libertar-me desse condicionamento?

Não me confunda com fatos, Collier. Pelo menos, não com fatos que provem que isso não pode ser feito. Agora, o que tenho a fazer é encher minha cabeça com fatos que provem que *pode* ser feito.

Certo, mas onde encontrarei esses fatos?

Outra rápida viagem de ida e volta a San Diego. Dessa vez, mal a percebi. Deve ter sido a influência do hotel sobre mim; transformou-se numa espécie de armadura. Voltei à Wahrenbrock's. Sorte imediata. J. B. Priestley escreveu e compilou um livro imenso sobre o assunto: *O homem e o tempo.* Espero adquirir um bom conhecimento com essa leitura.

Comprei também uma garrafa de *bordeaux* tinto. E uma moldura para a fotografia dela. Uma peça adorável. Parece de ouro envelhecido, com uma abertura oval no entrançado. Chamo de entrançado, mas parece também de ouro envelhecido, com um delicado arabesco, torcendo-se como vinha dourada, em redor de sua cabeça. Agora, Elise parece mais adequada, em vez de ficar pressionada dentro de um livro, como se fosse uma parte da história. Está numa moldura, na mesinha-de-cabeceira. Viva. A minha adorada, viva.

A única coisa que ainda me perturba é saber que fui o responsável por aquela trágica expressão de seu rosto. Não quero pensar nisso agora. São muitas as possibilidades. Tomarei uma ducha e então, sentado na cama, com a música favorita de Elise em minha cabeça, seu vinho favorito borbulhando por minha garganta, iniciarei meu aprendizado a respeito do tempo que pretendo contornar.

Está tudo aqui. Neste hotel. Neste exato lugar onde, há setenta e cinco anos passados, inclusive quando pronuncio essas palavras, Elise McKenna respira e se move.

(Richard passou bastante tempo transcrevendo e analisando o livro escrito por Priestley. Em vista disso, foi nesta parte de seu manuscrito que fiz os cortes mais pesados, uma vez que o assunto, embora fascinante para ele, tende a alongar consideravelmente seu relato.)

O capítulo inicial é sobre dispositivos para medição do tempo. Não vejo que valor isso possa ter para mim, mas, mesmo assim, pretendo estudá-lo e fazer anotações, como era meu hábito quando estava na universidade.

É dessa maneira que devo encarar o assunto. Estou fazendo um curso de tempo.

Capítulo dois: "Imagens e metafísica do tempo".

A água movente, escreve Priestley, sempre foi nossa imagem favorita para o tempo. "O tempo, como uma corrente sempre rolando, carrega todos os seus filhos."

É insatisfatório intelectualmente, porque as correntes possuem taludes. Assim, somos levados a considerar o que permanece imóvel, enquanto o tempo flui. E onde estamos nós? Nos taludes ou na água?

Capítulo três: "O tempo no conceito dos cientistas".

"O tempo não tem existência independente, além da ordem de eventos pelos quais o medimos." Foi o que disse Einstein.

Nessa "região misteriosa", segundo Priestley, não existe lugar onde possamos descobrir qualquer significado final de espaço e tempo.

Gustav Stromberg reivindica a existência de um universo de cinco dimensões, o qual incluiria o mundo de espaço-tempo quadridimensional da física. Ele o chama de "Domínio da Eternidade". Tal domínio jaz além do espaço e do tempo, em seu sentido físico. Nele, presente, passado e futuro carecem de significação.

Existe apenas uma unicidade de existência.

Capítulo quatro: "O tempo no drama e na ficção".

Digamos que um homem nasceu em 1900, escreve Priestley. Se 1890 existe em algum lugar, esse homem poderia ser capaz de visitá-lo. Entretanto, só poderia fazê-lo como observador, posto que 1890, com a sua intervenção física, deixaria de ser o 1890 de antes.

Se esse homem quisesse fazer algo mais que observar 1890, se desejasse experimentar 1890 como um ser vivo, teria que usar a parte não-temporal de sua mente para penetrar na mente de alguém que vive em 1890.

O que reforça essa limitação, observa Priestley, não é a viagem em si, mas o destino. Um homem nascido em 1900, que morra em 1970, é prisioneiro daqueles setenta anos de tempo cronológico. Fisicamente, então, ele não poderia ser parte de qualquer outro tempo cronológico, fosse este 1890 ou 2190.

Isso me perturba. Preciso meditar no assunto.

Não; isso não se aplica a mim. Porque eu já estive lá.

1896, *sem* a minha intervenção física, deixaria de ser o 1896 de antes.

Em vista disso, eu preciso voltar.

Segunda parte: "Teorias sobre o tempo".

Estive lendo e tomando notas durante horas. Meu pulso dói, meus olhos estão fatigados e sinto um crescente indício de latente dor de cabeça. Entretanto, não posso parar. Preciso aprender o mais possível, a fim de descobrir a maneira de voltar até ela. O desejo é uma chave evidente, mas deve haver alguma técnica, algum método. Preciso descobri-lo.

Eu descobrirei, Elise.

O mundo do homem antigo, escreve Priestley, era sustido não pela cronologia, mas pelo Grande Tempo, o Eterno Tempo do Sonho — passado, presente e futuro, tudo como parte de um Instante Eterno.

Soa como o Domínio da Eternidade, de Stromberg. Soa também como a teoria do tempo absoluto, de Newton, que "flui igualmente, sem relação a nada externo". A ciência rejeitou essa teoria, mas talvez ele estivesse certo.

Priestley continua, dizendo que essa idéia do Grande Tempo nos persegue, movendo nossas mentes e nossos

atos. O homem pensa constantemente em "retornar", livrar-se de todas as pressões mundanas; retornar a um ambiente que nunca muda e onde homens-meninos brincam eternamente.

Talvez nosso eu real — nosso eu essencial — exista nesse Domínio da Eternidade, sendo a nossa conscientização dele restringida por nossos sentidos físicos. A morte seria a fuga derradeira dessas restrições — mas também é concebível a fuga antes da morte. O segredo tem de ser a eliminação das restrições ambientais. Não nos sendo possível fazer isso fisicamente, nós o fazemos mentalmente, com o que Priestley chama de parte "não-temporal" de nossa mente.

Em resumo: é a minha conscientização do agora que me mantém enraizado aqui.

Maurice Nicoil diz que toda a história é um hoje vivente. Não desfrutamos de um só segundo de vida, num imenso deserto morto. Ao contrário, existimos em um ponto "em um vasto processo da vivência que ainda pensa e sente, mas que é invisível para nós".

Preciso apenas ascender a um sítio vantajoso, de onde possa ter visão daquele ponto e então atingi-lo, nessa procissão que quero atingir.

O capítulo final. Depois disso, estarei por minha conta.

Priestley fala em três Tempos. Chama-os de Tempo 1, Tempo 2 e Tempo 3.

O Tempo 1 é aquele em que nascemos, ficamos adultos e morremos; é o tempo prático e econômico, tempo do corpo e do cérebro.

O Tempo 2 abandona essa trilha fácil. Seu escopo inclui o passado, o presente e o futuro coexistentes. Não há relógios nem calendários determinando sua existência. Ao penetrarmos nele, ficamos além do tempo cronológico e o observamos mais como uma unicidade fixa do que como um punhado de momentos móveis.

O Tempo 3 compreende aquela zona onde existe "o poder para conectar ou desconectar o potencial e o real". Segundo Priestley, o Tempo 2 poderia ser o após-vida, e o Tempo 3 seria a eternidade.

Em que acredito agora?

Que o passado continua existindo em algum lugar, como uma parte do Tempo 2. Que, para atingi-lo, precisarei, de alguma forma, afastar minha consciência do Tempo 1.

Ou será o meu subconsciente? É ele o meu carcereiro? O condicionador íntimo de toda uma vida?

Se for, tenho algo definido com que trabalhar. Usando os princípios da psicocibernética, posso "reprogramar-me" para acreditar que existo não em 1971, mas em 1896.

O hotel contribuirá, porque muito de 1896 ainda permanece dentro de suas paredes.

A locação é perfeita, o método tem fundamento.

Vai dar certo! Sei que dará!

Consumi muitas horas com este livro. Foram horas valiosas, tenho certeza. Não obstante, é curioso que, durante longos períodos, cheguei realmente a esquecer o motivo que me levou a estudá-lo.

Agora, contudo, ergo a fotografia da mesa-de-cabeceira e torno a olhar para o rosto dela.

Minha bela Elise. Meu amor.

Logo estarei com você. Juro.

Acabei de telefonar para a copa, pedindo que me tragam o jantar. Sopa de nozes. Carneiro assado. Salada. Sobremesa excelente. Café. E terminarei de beber o *bordeaux.*

Deitado, relanceio os olhos pela biografia de Elise. Tudo quanto li está impregnando meu consciente e modificando-o. Amanhã, concentrar-me-ei em modificá-lo completamente.

Acabo de dar com um item intrigante. Nas costas do livro, há uma lista que não tinha visto antes. Uma lista dos livros que ela lia.

Um deles chama-se *Um experimento com o tempo,* de J. W. Dunne.

Elise só poderia tê-lo lido após 1896, porque até então não havia sido publicado.

Gostaria de saber por que ela o leu.

Sete e dezenove da noite. Acabei de comer. Estômago cheio. Contente. Tranqüilo.

Estou deitado, pensando em Bob. Ele é sempre tão gentil comigo! Tão bondoso! Não fui muito correto limitando-me a deixar um bilhete e desaparecer. Sei que deve estar preocupado comigo. Como não pensei nisso antes?

Por que não telefonar para ele agora mesmo, avisá-lo de que estou bem? Bob talvez esteja frenético telefonando para a polícia —, verificando em todos os hospitais.

Será melhor dizer-lhe agora que estou bem, antes que uma viagem me leve realmente para longe.

“Mary?

Sim, eu mesmo.

Ah...não muito distante.

Claro. Estou ótimo. Bob está aí?

Oi, Bob. Bem, eu queria... Sim, o quanto antes, para não deixar você saber se...

É assunto pessoal, Bob. Não tem nada a ver com...

Eu tinha que fazer isso, Bob! Acho que expliquei no bilhete.

Bem, tudo consiste nisso apenas. Vou viajar.

Para qualquer lugar que me der na telha. Quero dizer.

Estou bem, ótimo, Bob. Eu. Apenas, prefiro não dizer a você. Procure compreender.

Estou muito bem. Deixe-me fazer isso à minha maneira! Ouça, eu estou bem.

Foi para dizer isso que telefonei.

Portanto, não precisa ficar preocupado.

Pois não fique; não há necessidade. Estou ótimo!

Certo. Não posso dizer por quê. Apenas, estou.

Não, Bob, não preciso de nada. Eu lhe direi, caso precise.

Não muito distante. Ouça, vou ter que...

Não, Bob, não posso. Eu não quero...

Porque eu...

Deixe-me agir a meu modo. Por favor, está bem?

Bob, pelo amor de Deus!

Estou assistindo ao programa de Carol Burnett.

Ela é engraçada.

Harvey Korman também é.

Curioso.

Gostariam de saber por que vim vê-los, pessoal? Vocês não podem ouvir o que falo, mas eu lhes direi assim mesmo. Por que estou vendo Carol Burnett, ao invés de ir dormir e preparar-me para o assalto ao Tempo, amanhã?

Vou dizer por quê.

Porque perdi o início do contato.

Não sei quando. Provavelmente, começou quando eu falava com Bob. Piorou quando ouvi minha voz falando com ele. Ignoro o momento exato em que desapareceu.

Sei apenas que acabou.

Eu não podia acreditar, a princípio. Pensei que estivesse apenas imaginando. Esperei que o vazio fosse preenchido. Como nada acontecesse, fiquei irritado. Agora, estou amedrontado.

Então, fiquei sabendo.

Terminou.

Minha viagem pelo tempo?

Céus, eu pertenço à “Galeria da Noite”, não a este hotel. Sou um idiota. Este hotel não é uma ilha de ontem, mas um marco envelhecido na praia. E Elise McKenna?

Uma atriz que faleceu há dezoito anos. Sem qualquer motivo dramático. Velhice, nada mais.

Tampouco aconteceu algo de dramático a ela, aqui, há setenta e cinco anos. Ela apenas mudou de personalidade, apenas isso.

Talvez ela tenha dormido com Robinson. Ou com um mensageiro de hotel. Ou... Ah, cale-se!

Esqueça, Collier. Abandone essa idéia, rejeite-a, enterre-a, acabe com ela. Só um imbecil seguiria em frente.

Onze e trinta e um da noite. Fui à tabacaria, depois que terminou o espetáculo de Carol Burnett. Comprei um *San Diego Union* e um *Los Angeles Times.* Sentado no saguão, li os dois, da primeira à última página, teimosamente, como o bêbado que, após longa abstinência, empanturrasse de bebida. Reabsorvi os venenos de 1971, em irado desafio pelo que sentia.

Deixei os jornais no sofá do saguão. Fui para a Sala de Descanso Vitoriana. Bebi um *bloody mary.* Assinei um vale pela bebida. Levantando-me, desci para a Arcada. Entrei na Sala de Jogos e me entretive com uma partida de beisebol, um quebra-cabeça por computador, um jogo de golfe, um fliperama. A sala estava vazia, as máquinas chocalhavam e eu desejava estilhaçar cada uma delas com uma marreta.

Quando voltei para cima, passei por pessoas em traje de noite. Havia um grande evento no Salão de Bailes; convenção relâmpago sobre acidentes automobilísticos. Senti vontade de detê-las. Seria interessante dizer a todos

como alguém se sente, ao colidir de cabeça com a realidade.

Outro *bloody mary* na Sala de Descanso Vitoriana. Na cabine vizinha, um casal discutia. Invejei os dois; estavam vivos. Fiquei lá, sentado, drenado, estripado, deformado e esquartejado. Pedi um terceiro *bloody mary.* Assinei o vale; quarto *527,* Richard Collier. Subi, a fim de atirar-me pela janela. Não tive coragem. Em vez disso, fiquei vendo televisão.

Nunca me sentira tão vazio na vida. Tão absolutamente sem objetivo. Quem se sente assim morre. A vontade de viver é tudo. Quando ela some, o corpo a acompanha.

Não há nada que me prenda. Como uma personagem de desenhos animados, que corre além de um penhasco mas continua se movendo a meio caminho, em pleno ar, enquanto não percebe o que houve.

Eu já percebi.

Agora começo a cair.

18 de novembro de 1971

Dez e doze da manhã. Estas são minhas últimas notas feitas no hotel. Em breve estarei partindo, a caminho de Denver. Sinceramente, não sinto vontade de fazer anotações. Entretanto, não há motivo para desistir de meu livro, apenas por haver desistido de uma ilusão absurda.

Estou sentado à escrivaninha, tomando suco, café e bolo — meu último desjejum antes da partida.

A natureza, maldita seja, contribuiu para refletir meu estado de espírito. Não há sol, pela primeira vez, desde que cheguei aqui. O tempo está cinzento, frio, e venta muito. Além e acima do verde embaçado do oceano, há uma camada de nuvens escuras. Agora posso ver que, provavelmente, existe um farol em Point Loma. A luz fica piscando, indo e vindo — deve ser o foco giratório.

Vejo um homem que se exercita, correndo junto às ondas. Um helicóptero militar, de cor escura, acaba de deslizar ao longo da linha da praia, como uma enorme libélula. Mais abaixo, a área do parque está juncada de folhas mortas e amareladas. O vento chicoteia algumas delas, movendo-as com tal rapidez, que se assemelham a pálidos camundongos, correndo no asfalto. Um homem calvo, de macacão verde, pedala uma bicicleta vermelha pelo parque. Há uma gaivota no alto, que logo some de vista, em uma rajada de vento.

Estou arrumando minha bagagem; talvez dê uma última caminhada por aí. Não posso ficar mais tempo aqui.

O oceano agora perdeu inteiramente a coloração. Linhas cinzentas se movem na direção da praia castanho-escura.

Faz frio, O vento me corta. Afinal, por que saí do hotel?

Entro no Salão de História pela última vez. Caminho pelo piso revestido de ladrilhos pretos e brancos. Passo pela fotografia em moldura dourada, mostrando o hotel como era antigamente. Há uma carruagem parada à frente, à qual estão atrelados quatro cavalos. Um homem se recosta contra sua bicicleta.

Aqui está a exposição do dormitório. Passo por ela. Agora, um prato pintado à mão, na vitrine — verde e branco, com toques dourados, dois anjos azuis flutuando.

Eis uma foto, tirada em 1914, mostrando o ônibus que recolhia passageiros nos trens, para levá-los à entrada do hotel.

A seguir, um programa para O *pequeno ministro.* Então, a fotografia dela. Contemplo o retrato através de uma névoa.

Há um ferro de passar roupa e outro prato, que ostenta uma pintura do hotel. Há o telefone e o livro de registro de hóspedes, o porta-guardanapos, o cardápio e algo semelhante a uma impressora. Passo por eles e continuo ao longo do corredor, em direção à escada que leva ao pátio. Estou deixando tudo isso para trás e... Um momento!

As pessoas olhavam para mim, quando cruzei o pátio correndo. Não me importei. Nada importava, exceto o que eu fazia. Quase me esqueci de abrir a porta do saguão para uma senhora idosa, que vinha atrás de mim. Escancarei a porta e mergulhei no interior. Quis correr pelo saguão, mas controlei-me. Com o coração disparando no peito, cruzei o saguão com as passadas mais largas que pude e cheguei ao balcão da portaria.

— Pois não, senhor, em que posso ajudá-lo? — perguntou o homem.

Tentei fazer com que minha voz e atitude parecessem casuais; de certa forma, normais — porque ser casual era impossível.

— Eu gostaria de falar com o gerente — pedi.

— Lamento, mas ele está na Flórida.

Fiquei olhando para o homem. Será que eu já fora derrotado?

— Talvez queira falar com o sr. Lyons — disse ele. — Está tomando conta das coisas, até o gerente voltar.

Assenti rapidamente.

— Por favor — disse.

Apontou para um compartimento à minha esquerda. Agradeci, apressei-me naquela direção, vi uma porta e bati. Gomo ninguém respondesse, entrei.

O aposento estava vazio, mas à minha direita havia uma espécie de escritório, onde trabalhavam várias pessoas. Uma delas, uma secretária, aproximou-se.

Perguntei-lhe pelo sr. Lyons, e fui informado de que ele acabara de sair, mas que voltaria a qualquer momento. Perguntou se podia auxiliar-me em alguma coisa.

— Sim — respondi. Sou escritor de televisão e fui indicado para preparar um programa especial sobre a história do hotel. Expliquei que já estivera no Salão de História, na biblioteca local e na principal de San Diego, mas não encontrara material suficiente, de maneira que, esgotados os meus recursos, precisava de ajuda.

Imaginei que, talvez, aqui houvesse algum material sobre o passado do hotel, em seus arquivos — acrescentei.

Ela respondeu que era possível, mas não tinha certeza. Sem dúvida, o sr. Lyons saberia ao certo, posto que trabalhava para o hotel desde os catorze anos, tendo começado como ascensorista.

Assenti, sorri, agradeci e retirei-me. Como esperar para ver o sr. Lyons, quando a necessidade de encontrar o que eu queria era como estar faminto? Atravessei o saguão, sentei-me numa cadeira e fiquei olhando para a porta do escritório, à espera do sr. Lyons, desejando que ele voltasse. "Venha, venha", murmurei, vezes sem conta.

Finalmente, não suportando mais a espera, levantei-me e retornei ao escritório. A secretária saía nesse momento. Ao ver-me, mudou de rumo e veio em minha direção. Parecia que nos aproximávamos um do outro com a lentidão de um sonho.

Então, tive-a à minha frente, e ela me disse que talvez a pessoa mais indicada para servir-me fosse Marcie Buckley, que trabalhava no escritório de Lawrence (aparentemente, Lawrence é o proprietário do hotel) e que havia preparado um pequeno livro, intitulado *A mais bela gema da cidade da coroa,* acerca da história do hotel.

Indicou-me a direção e agradeci, sorridente (acho que sorri). A seguir, cruzei o Salão Promenade, subi uma pequena rampa e empurrei uma porta de vidro. No interior do escritório havia um velho e duas mulheres, uma delas a uma mesa frontal, de frente para mim.

— Eu gostaria de falar com Marcie Buckley — disse.

A atraente jovem devolveu meu olhar.

— Eu sou Marcie Buckley — disse ela.

Tornei a sorrir e repeti minha mentira. Especial para a televisão, pesquisa em ponto morto, necessidade de maiores informações. Ela poderia ajudar-me?

Foi mais gentil do que eu esperava e, sem dúvida, mais prestativa do que eu merecia. Apontou para uma escrivaninha, no fundo do escritório. Estava entulhada de livros e papéis; documentos do hotel que ela havia reunido. Perguntou se me interessava dar uma espiada naquilo. Poderia examinar à vontade, desde que deixasse tudo na ordem em que estava. Explicou que trabalhava em um histórico completo do hotel e usava o material para pesquisa.

Agradeci e sentei-me à escrivaninha. Examinei rapidamente o que estava ali e, com uma pontada tão aguda que era como dor física, vi que, entre aquela papelada, não se encontrava o que eu queria.

Entretanto, era impossível levantar-me tão prontamente. Se aquilo que me interessava existisse em alguma parte, precisaria solicitar que me ajudasse na busca; indo embora em seguida, com a alegação de que seu material tão cuidadosamente reunido não me interessava em absoluto, poderia ofendê-la, e a jovem tinha todo o direito de ficar ofendida.

Assim, permaneci sentado e angustiado, olhando para recortes de jornais que descreviam torneios de tênis, decoração de salões de baile e o concurso de bolos de Pillsbury; para fotos do hotel, em várias datas de sua história; para livros com cópias em carbono de cartas escritas pelos seus muitos gerentes. "Nosso médico residente levou muitos anos clinicando em Nova York... Os negócios avolumam-se e prevemos uma movimentada temporada... Tenho o prazer de informá-lo sobre o preço de nossas diárias para o inverno.

Recebemos sua carta do dia 14, mas não podemos usar carne de porco no momento..." Fingi registrar a informação.

Por fim, quando achei que já se passara um tempo respeitável, levantei-me e voltei para junto da mesa de Marcie Buckley. Tudo bem, disse; ajudou bastante. No entanto eu gostaria de saber se haveria mais material; uma sala de velhos arquivos, talvez...?

Meu coração saltou, quando ela disse que havia. Afundou, quando ela disse que me levaria à tal sala mais tarde, pois estava muito ocupada no momento. Não ousei dizer nada mais além de "obrigado". No fundo, minha vontade era arrastá-la de sua mesa e forçá-la a levar-me, naquele preciso instante. Não pude fazer isso, evidentemente. Sorri, assenti e perguntei quando ela poderia prestar-me tal favor.

Consultando o relógio, ela respondeu que estaria ao meu dispor às onze e quarenta e cinco. Tornei a agradecer e saí. Olhei o meu relógio. Mal passava das onze. Para mim, aqueles quarenta minutos pareceram mais longos que os setenta e cinco anos.

Voltei à cadeira do saguão e sentei-me novamente, atordoado e desligado de todos os que se moviam à minha volta. Um fantasma sente-se assim? Recordo que me fiz essa pergunta. Procurei não ficar olhando para o relógio. Acho que mergulhei num devaneio, desligando-me do Tempo 1. E se estivesse fazendo tudo aquilo por nada? Foi o que pensei, várias vezes. Tive certeza de que não sobreviveria a isso.

Quando faltavam quinze para o meio-dia, voltei ao escritório de Lawrence. Ela continuava a trabalhar. Eu não podia insistir. Que direito tinha de insistir, embora minha mente bradasse a necessidade premente de pôr tudo em

andamento?

Ao meio-dia e três, Marcie Buckley levantou-se e saiu do escritório.

Ignoro o que falei; não me recordo das palavras. Ela ficou fazendo perguntas sobre o programa especial. Minhas mentiras eram evidentes. Rezei para que ela nada soubesse acerca da indústria da televisão, do contrário perceberia que eu só dizia asneiras. Expliquei que fora contratado pela ABC, mas forneci o nome de um produtor que faz *Ironside* para a NBC. Dei o nome de meu agente como sendo o do diretor. Menti o tempo todo, e mal. Peço-lhe desculpas, srta. Buckley.

Por fim, nem sei como, consegui esquivar-me às perguntas que ela me fazia e passei a interrogá-la, para poder ouvir, em vez de mentir.

Ela me disse que aceitara o encargo de historiadora do hotel em caráter independente; que nunca houvera um historiador, que os registros do estabelecimento estavam em péssimas condições e que estava tentando remediar o problema. Sei que tive excelente impressão dela. É uma jovem que gosta do hotel e deseja preservar-lhe a história; pretende contribuir para torná-lo não só um marco estadual, mas também nacional.

Enquanto falava, conduziu-me aos porões, através do que me pareceram intermináveis catacumbas, até que finalmente chegamos a um gabinete, onde ela recebeu algumas chaves de um homem.

À essa altura, minha cabeça parecia pertencer a outra pessoa. Eu podia ouvir e sentir meus sapatos batendo no piso de concreto, mas era como se estivessem calçados por outra pessoa. Acho que aquele foi o momento em que estive mais perto de perder a sanidade. É incrível que ela nada tenha percebido. Ou talvez tenha notado, mas foi polida demais para mencioná-lo.

Então, recomeçamos a caminhar, e ela contava algo sobre o hotel. O que disse era vago e desconexo para minha mente. Era a respeito da resistência da madeira empregada na estrutura, creio. Falou sobre um túnel em algum lugar. Sobre cada quarto ser mobiliado de maneira diferente, mas acho que não ouvi bem. Mencionou qualquer coisa sobre um aposento circular numa torre, residência permanente de uma velha senhora.

Finalmente, após excursionarmos por intermináveis corredores de adegas, subirmos escadas, passarmos pela movimentada cozinha, pelos salões de banquetes, chegamos ao exterior, contornamos o prédio, entramos por uma porta e descemos o corredor que termina no Parlatório Príncipe de Gales. Ela parou diante de uma singela porta marrom e a abriu.

Entramos. O aposento estava quente. Havia cadeiras empilhadas umas sobre as outras. Depois de removê-las, alcançamos outra porta. "Essa outra sala é terrivelmente quente", disse-me ela, quando abriu aquela porta e acendeu uma limpada que pendia empoeirada do teto. O recinto mediria uns três metros por dois, o teto baixo ficava apenas alguns centímetros acima de minha cabeça, e, por ele, corria um emaranhado de canos. Minha acompanhante tinha razão quanto ao calor. Era insuportável, como caminhar sobre um fogão.

— Esses canos devem ser da calefação — comentou ela. — Francamente, é um lugar horrível para servir como arquivo de documentos importantes.

Olhei em torno. As paredes eram de cimento; a caiação estava descascando. Por todos os lados havia prateleiras entulhadas de livros e outros empilhados sobre uma mesa. Eram livros enormes, alguns medindo cerca de meio metro de comprimento, quase trinta centímetros de largura e vários de grossura. Tudo se achava coberto de uma espessa camada de poeira cinzenta, como eu nunca vira antes — a poeira dos sótãos e adegas, quando intocada durante gerações.

— Existe algo em particular que deseje procurar? — perguntou ela.

— Nada exatamente — tornei a mentir. — Apenas um pouco de colorido... informações.

Ela ficou de pé no aposento vizinho, observando-me. Esfreguei o dedo na desbotada lombada de couro vermelho dos livros. O dedo ficou cinzento. Quando ergui um daqueles pesados livros, uma nuvem de poeira levantou-se no ar. Tossi e deixei o livro de lado, O suor já me escorria pelo pescoço. Esfreguei as mãos para limpá-las e tirei o casaco.

Ela pareceu hesitar, mas finalmente disse:

— Vou almoçar. Quer ficar aqui, enquanto isso?

— Se não houver problema — respondi.

— Bem... — Notei que ela estava preocupada com os arquivos. — Só lhe peço que seja cuidadoso.

— É, serei cuidadoso — respondi, forçando um sorriso. Fico muito grato por sua ajuda, srta. Buckley. Foi muito gentil.

Ela assentiu.

— Não há de quê.

Então, fiquei sozinho, e a ansiedade que fora forçado a esconder pareceu emergir num jato; comecei a respirar pela boca, enquanto me movia em torno. Havia caixas cobertas, empilhadas atrás da mesa. Agachei-me, a fim de erguer as tampas empoeiradas, e vi maços de notas amareladas, bem como recibos e pesados livros de registros.

Recoloquei a tampa e levantei-me. Com o movimento, o aposento escureceu à minha frente. Cambaleei e, apoiando-me à mesa, balancei a cabeça. Depois de recuperado, peguei o lenço para enxugar o rosto.

Fui de prateleira em prateleira, afastando a poeira das endurecidas lombadas dos livros. Tudo quanto eu tocava ou tropeçava erguia ondas de poeira cinzenta no ar. Fiquei pigarreando e tossindo. Sentia pavorosos estremecimentos de dor na cabeça. Era urgente encerrar logo aquilo ou nunca o conseguiria Encontrei uma lombada de livro com a inscrição "1896", e puxei-o, dentre dois outros pesados volumes, contendo o fôlego para não respirar a poeirada que pairava em torno de minha cabeça. Era um livro de cópia de correspondência. Folheei-o rapidamente; talvez encontrasse algo ali.

Muitas das páginas estavam tão brancas, como se as cópias em papel-carbono tivessem sido produzidas com tinta invisível. Meu coração saltou, quando vi uma carta, datada de 6 de outubro, que começava com "Prezada srta. McKenna". Gotas de suor me escorreram para dentro dos olhos, fazendo com que ardessem. Esfreguei-os precipitadamente, e mais gotas pingaram das sobrancelhas. "Tenho o maior prazer em responder à sua nota de 30 de setembro. Estamos aguardando ansiosamente sua chegada e a representação de *O pequeno ministro* no hotel."

A carta continuava, dizendo que ele (o gerente) lamentava não ter sido possível a apresentação da peça durante a temporada de verão, ocasião em que havia mais hóspedes no hotel; entretanto "é fora de dúvida que preferimos tê-la agora a não a termos em absoluto".

Sacudi a cabeça abruptamente. Estava me sentindo fraco. Tornei a enxugar o rosto e o pescoço — Meu lenço começava a ficar encharcado. O suor me escorria pelas costas e estômago. Tive que ir ao aposento vizinho, por alguns momentos. O primeiro era tão quente, que, em contraste, no segundo eu tinha a impressão de mover-me ao ar fresco. Recostei-me contra a parede de concreto, ofegante. Se não estiver lá — era tudo quanto eu conseguia pensar. Se não estiver lá.

Voltei para o quartinho do arquivo, onde passei a esfregar as palmas, rápida e impacientemente, nas lombadas dos livros. Apareça, murmurei. Fiquei repetindo isso, incessantemente, como uma criança desesperadamente teimosa, que não acredita que seu desejo seja irrealizável. "Apareça, apareça." Graças a Deus, Marcie Buckley ainda não havia voltado. Se tivesse, sem dúvida sentiria a necessidade de chamar um médico, tenho certeza. Eu não estava mais, como eles diriam caritativamente, "no perfeito domínio de minhas faculdades". Apenas um fio me impedia de perder a cabeça por completo: a coisa que procurava. Precisava concentrar-me nisso porque, no momento, eu me enfurecia contra o hotel, enfurecia-me contra todas as suas passadas autoridades, por permitirem que seus registros ficassem em tal estado. Se houvessem providenciado um arquivo adequado, eu teria minha resposta em segundos. No entanto, em vez disso, os minutos voavam loucamente, enquanto eu procurava, em vão, um fragmento de evidência, a prova de que precisava para sobreviver. Senti-me como Jack Lemmon, naquela cena em Dias de vinho e de rosas, quando ele corre frenético pela estufa, à procura de uma garrafa de uísque. Nunca saberei o que me impediu de correr em frenesi; posso apenas supor que tenha sido a minha pesquisa. De outro modo, eu teria uivado e berrado, atirado livros e papéis para todos os cantos, chorado, praguejado e acabado demente.

Naquele instante, nem me preocupava mais em enxugar o suor. De que adiantava? O lenço estava ensopado; as roupas de baixo grudavam ao corpo como se eu tivesse nadado com elas. Meu rosto devia estar vermelho-beterraba. Havia perdido qualquer senso de tempo e de lugar. Como sonâmbulo, procurei e procurei, sabendo que minha busca era fútil, mas estava tão emaranhado na angústia daquela loucura, que não me era possível parar.

Quase passei por alto. Àquela altura, meus olhos mal focalizavam coisa alguma. Eu rejeitava livros e os punha de lado continuamente e aquele teria o mesmo destino. Então algo — só Deus sabe o quê — penetrou no enevoado de meu cérebro e, com um arquejar sufocado, virei-me para esse livro e o peguei novamente. Abrindo-o, virei as páginas com mão trêmula, até chegar àquela encabeçada por letras enormes:

QUINTA-FEIRA, 19 DE NOVEMBRO DE 1896/HOTEL DEL CORONADO/E. S. BABCOCK, GERENTE/CORONADO, CALIFÓRNIA.

Eu estava tão desidratado e, suponho, tão ofuscado, que, durante o que me pareceram momentos intermináveis, não percebi que as datas caíam em dias diferentes a cada ano, coincidindo apenas periodicamente. Fiquei olhando a folha, frustrado e descrente. De súbito, estremeci de alto a baixo, furioso, quando tomei consciência do fato.

Meus olhos varreram as colunas intituladas "Nomes", "Residência", "Quartos" e "Hora"; depois percorreram a lista. A escrita esfumaçava-se diante de mim. Esfreguei os olhos com uma mão trêmula. "E. C. Penn." "Conrad Scherer e senhora" (recordo-me de ter pensado que era uma maneira curiosa de escrever aquilo). "K. B. Alexander." "C. T. Laminy." Em total confusão, olhei para as letras ID, escritas muitas vezes nas colunas. Somente agora percebo que aquilo significa *idem,* empregado em vez das aspas, como costumamos fazer hoje.

Olhei até o fim da página, mas não estava lá. O som que emiti deve ter sido de dor. Contemplei a tinta seca da caligrafia, na folha do borrador. O cheiro de papel bolorento e de poeira atacou-me as narinas e pulmões. Debilmente,

virei a página para “Sexta-feira, 20 de novembro de 1896”.

Então, comecei a chorar. Nunca mais chorara assim, desde os doze anos; só que meu choro não era de tristeza, mas de alegria. De repente, sem forças, afundei de pernas cruzadas no chão, com o pesado livro de registros do hotel no colo, as lágrimas escorrendo pelas faces, perdidas em regatos de transpiração, e os soluços sufocados eram o único som dentro daquele aposento morto, quente como uma estufa.

Era o terceiro nome registrado.

“R. C. Collier, Los Angeles. Quarto *350.* 9:18 da manhã.”

Uma e vinte e sete da tarde. Estou deitado na cama, dominado por um delicioso senso de expectativa. Tomei uma ducha, livrei-me da poeira, da sujeira e do suor, depois coloquei as roupas na sacola da lavanderia. Fiquei satisfeito por haver trancado aquela sala de arquivos e ido embora antes que Marcie Buckley retornasse. Telefonei para seu escritório, há algum tempo, a fim de tornar a agradecer-lhe.

Uma sensação — já que me sinto tão bem e com tanta certeza — ficar sem fazer nada, exceto deitar-me e esperar que aconteça o inevitável.

Não obstante, a despeito de toda a certeza, sinto que este não é um assunto de inevitabilidade total. Ainda terei que fazê-lo acontecer. Acredito firmemente que isso foi feito, mas, após ler o livro de Priestley, também acredito que, de fato, existem múltiplas possibilidades, não apenas quanto ao futuro, mas também quanto ao passado.

Eu poderia, inclusive, falhar.

Certo, meu trabalho ainda não terminou. Embora acredite sem reservas que, amanhã à noite, a verei representando *O pequeno ministro,* acredito também que precisarei esforçar-me, para que isso seja possível.

Farei isso dentro em pouco; agora, preciso me relaxar. A experiência no porão foi lamentável, até ter encontrado o livro de registro de hóspedes, com meu nome anotado. Preciso recuperar as forças, antes de seguir em frente.

Eu gostaria de saber por que escrevi R. C. Collier. Nunca escrevi meu nome assim antes.

Perguntei-me se não seria conveniente mudar-me para o quarto *350,* mas decidi não fazer isso. Não sei exatamente o que me impediu, mas, de certa forma, achei que seria um erro. E, já que a maioria do que tenho a fazer guia-se pela intuição, acho melhor continuar assim.

Hoje é 19 de novembro de 1896. Você está deitado em sua cama, de olhos fechados, relaxado, e é 19 de novembro de 1896. Não há nenhuma tensão. Nenhuma preocupação. Se você ouvir algum som no exterior, será devido às rodas de carruagem em movimento, o trote dos cavalos. Nada mais; você não ouvirá nada mais. Está tranqüilo, absolutamente em paz. É 19 de novembro de 1896. 19 de novembro de 1896. Você está deitado numa cama do Hotel del Coronado e é 19 de novembro de 1896. Elise McKenna e sua companhia teatral estão no hotel, neste exato momento. O palco está sendo preparado para sua representação de *O pequeno ministro,* amanhã à noite. Hoje é quinta-feira, à tarde. Você está deitado na cama de seu quarto, no Hotel del Coronado e é tarde de quinta-feira, 19 de novembro de 1896. Sua mente aceita esse fato inteiramente. Não há questionamento em sua mente. *É* 19 de novembro de 1896, quinta-feira, 19 de novembro de 1896. Você é Richard Collier. Trinta e seis anos. Está deitado em sua cama no hotel, de olhos fechados, na quinta-feira à tarde, 19 de novembro de 1896. 1896. 1896. Quarto *527.* Hotel del Coronado. Tarde de quinta-feira, 19 de novembro de 1896. Elise McKenna hospeda-se agora neste mesmo hotel. Seu empresário, William Fawcett Robinson, está no hotel, neste exato momento. *Agora.* Neste momento. Aqui. Elise McKenna. Você. Elise McKenna e você. Ambos no Hotel del Coronado, nesta quinta-feira à tarde, em novembro, quinta-feira, 19 de novembro de 1896.

(Esta auto-sugestão hipnótica, feita por meu irmão, continua pelo equivalente a vinte páginas mais.)

Tenho quarenta e cinco minutos de fita gravada. Deitado, de olhos fechados, ouvirei a gravação.

Duas e quarenta e seis da tarde. Estou mais confiante do que nunca. Uma sensação estranha, além de toda lógica, mas estou convencido de que essa transição vai acontecer. A convicção forma uma corrente secundária de excitamento, por sob a calma mental que também sinto; a tranqüilidade da certeza absoluta.

Deitado na cama durante aqueles quarenta e cinco minutos, ignoro se em algum momento cheguei a dormir, mergulhei em estado hipnótico ou algo semelhante. Sei apenas que acreditei no que ouvia. Após alguns momentos, era como se outra voz, que não a minha, estivesse falando comigo. Alguma entidade não-corpórea, instruindo-me de uma zona sem espaço e sem tempo. Acreditei naquela voz sem questionar.

Como era a frase que li, há muitos anos? Aquela que, após deixar-me tão impressionado, mandei inscrever num pedaço de madeira, que pendurei na parede de meu escritório?

Lembro-me agora. Aquilo em que você crê torna-se o seu mundo.

Antes, deitado na cama, acreditei que a voz me dizia a verdade e que, enquanto jazia ali, de olhos fechados, não estava em 1971, mas em 1896.

Repetirei isso e tornarei a repetir, até que a certeza me envolva inteiramente, de tal modo que estarei em 1896, poderei levantar-me e deixar este quarto para ir ao encontro de Elise.

Três e trinta e nove da tarde. Fim de outra sessão. Resultados similares. Convicção; paz; segurança. A certa altura, cheguei a pensar em abrir os olhos e olhar em torno, para ver se já estava lá.

Uma idéia bizarra acabou de ocorrer-me.

E se, quando abrir meus olhos, em 1896, deparar com mais alguém no quarto, espantado, chocado com a minha presença? Poderei enfrentar essa situação? E se — santo Deus! — algum casal, marido e mulher, estivesse começando a experimentar a "união nupcial" quando eu aparecesse repentinamente na cama com eles, mais provavelmente embaixo ou em cima? Seria grotesco. No entanto, como evitá-lo? Tenho que ficar na cama. Talvez possa ficar embaixo dela, mas o desconforto perturbaria minha concentração.

Preciso arriscar-me, eis tudo. Não vejo outra maneira. Minha esperança é que — recordando a carta de Babcock para Elise — a temporada de inverno traga menos hóspedes e que este quarto esteja desocupado.

De qualquer modo, o risco tem de ser enfrentado. Evidentemente, não vou permitir que tal problema me aniquile *o* projeto. Uma breve pausa e então... recomeçar.

Quatro e trinta e sete da tarde. Um problema; dois, na verdade: um deles irremediável, o outro, com possível solução.

Primeiro problema: o som de minha voz, durante essa terceira sessão, começou a perder sua qualidade abstrata e se tornou mais identificável. Por quê? Deveria tornar-se cada vez mais irreconhecível, à medida que eu fosse ouvindo, não é mesmo?

Bem, talvez não. Talvez o segundo problema se ligue a isso, sendo então o seguinte: embora a convicção permanecesse, enquanto eu ouvia a gravação, começou a esmaecer porque as mesmas palavras me penetravam nos ouvidos, vezes sem conta — o que é válido hipnoticamente, mas inválido para a minha zona mental que ainda é controlada pela lógica. Essa zona mental fez, finalmente, a pergunta aberta: isso é tudo o que sabe sobre esse dia de novembro de 1896?

Consegui! Fui rapidamente lá embaixo e comprei uma cópia do livro de Marcie Buckley na tabacaria, folheei-o num piscar de olhos e recolhi fatos pertinentes a 1896. Então, gravei novas instruções de quarenta e cinco minutos, ampliando as provas de que estou aqui, em 19 de novembro de 1896; como se diz, coloquei mais detalhes no palco.

Elise aprovaria o que fiz.

Mais tarde. Um livro interessante. Bem, na realidade, não chega a ser um livro; no momento, ela trabalha numa versão completa. Este é um folheto avultado, em tamanho grande, de sessenta e quatro páginas mostrando desenhos, capítulos sobre a construção do hotel, um pouco de sua história e da história do Coronado, fotos de sua aparência atual e algumas da passada, retratos de celebridades que visitaram o hotel (nada menos que o príncipe de Gales), além de croquis sobre o possível futuro do hotel.

Compilei detalhes suficientes para aumentar minha próxima instrução, a qual iniciarei dentro de poucos minutos.

Hoje é quinta-feira, 19 de novembro de 1896. Você está deitado em sua cama, no quarto *527,* de olhos fechados. O sol já se pôs e está escuro agora. Nesta quinta-feira, a noite está chegando para o Hotel del Coronado, quinta-feira, 19 de novembro de 1896. Neste momento, as luzes do hotel começam a ser acesas. As instalações tanto funcionam a gás como a eletricidade, embora o gás não esteja em uso.

Precisamente hoje, está sendo instalado um sistema de calefação, que deverá estar terminado no próximo ano. No momento, cada aposento é aquecido por uma lareira. Este quarto, o *527,* é aquecido por uma lareira. Ainda agora, na escuridão desta quinta-feira, 19 de novembro de 1896, o fogo arde na lareira à sua frente; crepita suavemente, enviando ondas de calor para o quarto e iluminando-o com a claridade de suas chamas.

Nos demais quartos, outros hóspedes se preparam para o jantar no Salão da Coroa. Elise McKenna está agora no hotel; talvez se encontre no teatro, inspecionando algum detalhe da produção de *O pequeno ministro,* que será encenada amanhã à noite. É possível que esteja trocando de roupa em seu quarto. Ela veio para o hotel acompanhada da mãe. Seu empresário, William Fawcett Robinson, também veio. Como veio sua companhia de teatro. Os quartos de todos eles são aquecidos por lareiras, da mesma forma que este quarto *527,* neste fim de tarde de quinta-feira, 19 de novembro de 1896. Na parede do quarto há um cofre embutido.

Você está deitado tranqüilamente, calmo, de olhos fechados, neste quarto, em 1896, 19 de novembro de 1896, quinta-feira à tarde, 19 de novembro de 1896. Dentro em pouco, você se levantará, deixará o quarto e irá ao encontro de Elise McKenna. Dentro em pouco abrirá os olhos, neste escuro fim de tarde de novembro de 1896, caminhará pelo corredor e descerá para o térreo, a fim de encontrar Elise McKenna. Ela está agora no hotel. Neste exato momento. Porque é 19 de novembro de 1896. 19 de novembro de 1896. 19 de novembro de 1896.

(E prossegue da mesma forma, por mais vinte páginas.)

Seis e quarenta e sete da tarde. Pedi que me trouxessem uma refeição no quarto. Sopa e um sanduíche. Cometi um erro. Estava tão imbuído da convicção de 1896 — a despeito da aparência moderna do quarto — que a entrada do garçom foi uma perturbadora intrusão.

Isso não vai mais acontecer. Um pequeno atraso no empreendimento, mas não irremediável. De agora em diante, comprarei biscoitos, queijo, etc., na tabacaria, a fim de comer no quarto. Apenas o suficiente para matar a fome, enquanto prossigo com meu projeto.

Persiste um outro problema. Aliás, na verdade, é o mesmo.

O som de minha voz.

Esse som se torna cada vez mais dispersante. Não importa a que ponto me afaste mentalmente; dentro de mim, em algum profundo recôndito de concretização, sei que não me engano, que é a minha voz falando comigo. Não posso imaginar o que mais possa fazer, mas a verdade é que isso me irrita.

Bem, darei um jeito no problema, se não puder mais controlá-lo. Talvez nunca chegue a isso.

Aumenta em mim a certeza de que, voltando ao passado, serei a causa da tragédia que impregna o rosto dela. Tenho sua foto à minha frente, em cima da escrivaninha.

Terei o direito de fazer isso a ela?

Sei que já fiz. Não obstante, de novo e cada vez mais forte, percebo um fator variável no passado, bem como no futuro. Não sei por que isso acontece, mas é o que sinto. A sensação de que tenho a escolha de não recuar ao passado, caso deseje. É uma sensação intensa.

E por que eu não voltaria agora? Mesmo sabendo (e não sei) que seriam apenas *momentos* com ela. Não voltar ao passado, depois de tudo isso? É inconcebível!

Além disso, tenho outros pensamentos. Pensamentos sobre escolhas que podem tornar a situação muito mais complicada do que já está.

O que disse Priestley? Preciso verificar novamente.

Eis aqui o que diz ele, no capítulo final, intitulado: "O homem e o tempo". Ele menciona o sonho de uma mulher, na Rússia: a condessa Tutchkov, em 1812. Na mesma noite, ela sonhou três vezes que o marido, general do exército, morria durante uma batalha, num lugar chamado Borodino. Quando acordou, mencionou o sonho ao marido, mas eles nem encontraram o nome de tal lugar no mapa.

Três meses mais tarde, o marido morria na Batalha de Borodino.

Priestley menciona ainda o sonho de uma americana, no século atual. Ela sonhou que via o filho pequenino afogando-se num riacho. Meses mais tarde, viu-se no mesmo lugar do sonho, seu bebê vestido da mesma maneira como sonhara e prestes a envolver-se em idêntico acontecimento, o que resultaria em seu afogamento no riacho. Identificando a semelhança, a mulher alterou a tragédia prevista, salvando a vida do filho.

Priestley sugere que o desígnio do evento determina se ele estará sujeito a alterações de alguma natureza. Para a realização da Batalha de Borodino houve tal conjunto de detalhes, que o complexo evento não podia sofrer interferências, de maneira alguma.

Por outro lado, o afogamento potencial de um bebê (a menos, presumivelmente, que esse bebê fosse um César ou um Hitler) foi um evento menos importante, que *podia* sofrer intervenção e, dessa forma, ser alterado.

Sendo isso verdade quanto a eventos futuros, creio que isso poderia ser aplicado a eventos passados. Eu estava aqui, em 1896, e fui a causa de uma alteração na vida de Elise McKenna. Essa alteração, contudo, não teve o amplo desígnio histórico de uma Batalha de Borodino. Como a morte de uma criança, constituiu um evento de menos importância.

Por que, então, eu não poderia voltar e, ao invés de provocar angústia em sua vida, dar-lhe apenas alegria? Certamente, essa angústia não foi causada por encontrar-me ou por algo que fiz a ela, mas, de certa forma, por perder-me, para o mesmo fenômeno de tempo que me levou ao seu encontro. Sei que isso parece loucura, mas acredito no que digo.

Também acredito que, chegado o momento, posso alterar aquele fenômeno particular.

Ocorre-me outra solução!

Ignorarei as novas instruções. Uma vez que sou distraído pelo som de minha voz, eliminarei esse som. Escreverei instruções para o meu subconsciente — vinte e cinco, cinqüenta, cem vezes cada uma. E, enquanto fizer isso, ouvirei a *Nona sinfonia* de Mahler em meus fones de ouvido, a fim de que essa música seja a chama da minha vela, meu pendente que oscila, ao mesmo tempo em que estarei enviando ao meu subconsciente a instrução escrita de que hoje é 19 de novembro de 1896.

Uma correção: ouvirei apenas o movimento final da sintonia.

O movimento em que, segundo escreveu Bruno Walter, "Mahler se despede tranqüilamente do mundo".

Também o usarei para despedir-me deste mundo; de 1971.

Eu, Richard Collier, estou agora no Hotel dei Coronado, em 19 de novembro de 1896.
Eu, Richard Collier, estou agora no Hotel dei Coronado, em 19 de novembro de 1896.
Eu, Richard Collier, estou agora no Hotel dei Coro-nado, em 19 de novembro de 1896.
(Escrito cinqüenta vezes por Richard.)

Hoje é quinta-feira, 19 de novembro de 1896.
Hoje é quinta-feira, 19 de novembro de 1896.
(Escrito cem vezes.)

Elise McKenna está agora no hotel.
(Cem vezes.)

Cada momento me deixa mais perto de Elise.
(*Cem vezes.)*

Agora é 19 de novembro de 1896.
(*Sessenta e uma.)*

Nove e quarenta e sete da noite. Aconteceu! Não recordo exatamente quando foi. Eu escrevia "Agora e 19 de novembro de 1896". Meu pulso e o braço doíam. Minha impressão era a de estar num nevoeiro. Literalmente, um nevoeiro. Uma espécie de neblina parecia condensar-se a minha volta. Dentro da cabeça, podia ouvir o adágio. Já perdera a conta de quantas vezes o tocara. Olhava para o lápis que se movia no papel, como que escrevendo sozinho, desligado de mim. Eu contemplava o movimento, hipnotizado.

Então aconteceu. *Um clarão vacilante.* Não encontro termo mais adequado para descrever. Eu tinha os olhos abertos, mas estava dormindo. Não, não estava dormindo.

Tinha ido para algum lugar. A música cessara e, por um instante — mas um instante totalmente diferente e inequívoco —, eu estive lá.

Em 1896.

Veio e se foi tão depressa que, imagino, não deve ter durado mais que um piscar de olhos.

Sei que parece insano e inconvincente. Até para mim parece, ao ouvir minha voz descrever o sucedido. No entanto, aconteceu. Cada fibra de meu organismo sabia que eu estava sentado aqui — neste exato lugar —, mas não em 1971 e sim em 1896.

Meu Deus, o próprio som de minha voz, quando digo 1971, faz com que me encolha de medo. Sinto-me como estando de volta a uma jaula. Fui liberado antes. Naquele instante miraculoso, a porta se abriu, eu saí e fiquei livre.

Tenho a impressão de que os fones de ouvido são responsáveis pela extrema rapidez com que tudo aconteceu. Por mais que adore a música, é terrível pensar que eu tinha os fones naquele momento, trazendo-me de volta ao presente.

Sabendo agora que a coisa funciona, que o projeto se simplifica através da repetição, ocorre-me uma consideração prática de suma importância.

Roupas.

É estranho — e também eu estou estranho — que, durante todo esse tempo, jamais me tenha passado pela cabeça que, estar em 1896 com as roupas que uso agora, seria tão calamitoso, que poderia deitar por terra todo o projeto.

Evidentemente, preciso encontrar um traje adequado à época em que penetrarei.

Muito bem, mas onde encontrá-lo? Amanhã é sexta-feira. Não sei por que tenho a convicção de que terá de acontecer amanhã. O fato é que tenho certeza e não vou lutar contra isso.

Assim, resta-me apenas urna possibilidade no tocante a esse traje.

Procuro na lista telefônica. Casas de fantasias. Obviamente, não há tempo para mandar fazer num alfaiate. É vergonhoso que eu não tivesse previsto essa necessidade. Bem, como poderia? Foi somente ao meio-dia de hoje que aceitei a possibilidade de alcançá-la. Durante a noite passada e esta manhã, via-me fadado à desilusão. Desilusão! Céus, é incrível!

Eis aqui uma. Companhia San Diego de Fantasias, na Seventh Avenue. Ir lá será a minha primeira providência pela manhã.

Não vale a pena prosseguir esta noite. Poderia até tornar-se perigoso. E se eu irrompesse inadvertidamente, usando este maldito macacão? Eu pareceria incongruente, usando uma roupa destas em 1896.

Amanhã. É o grande dia. Estou tão convencido disso que aposto como...

Não há necessidade de apostar. Não se trata de um jogo.

Amanhã, eu estarei com ela.

19 de novembro de 1971

Cinco — ah! — e dois da manhã. Estou me levantando agora. A tentação é de não fazer qualquer movimento. Entretanto, preciso mover-me, tenho que me levantar e... tempo bom? Droga, não é provável. Mesmo assim, vou me levantar. Vestir a roupa... descer e ir até a praia, tomar ar. Caminhar, até esta dor de cabeça escoar para o chão.

Porque hoje é o dia.

Você não pode ganhar, cabeça. *Hoje é o dia.*

Oito e quarenta e três da manhã. A caminho de San Diego. Pela última vez. Fico repetindo isso. Bem, dessa vez é verdade. Não precisarei voltar aqui.

A dor de cabeça não sumiu de todo, mas não é tão lancinante que me impeça de dirigir.

É estranho como me sinto afastado de tudo o que vejo à minha volta. Será possível que uma parte de mim já se ache em 1896, esperando pelo aparecimento da restante? Como a parte de mim que ficou no hotel enquanto, outro dia, a outra dirigia para San Diego?

Sem dúvida, é possível. A essa altura, quem sou eu para negar alguma coisa?

Nove e vinte e sete da manhã. Sorte absoluta. Não havia muita escolha a fazer, mas um traje na loja de fantasias parecia feito sob medida para mim. Está agora no assento a meu lado, embrulhado em papel de seda, dentro de uma caixa. Espero que Elise o aprecie.

É preto. O casaco é aquilo a que chamam de sobrecasaca. Muito comprido, chega abaixo dos joelhos. Santo Deus! O homem tentou impingir-me o que chamou de fraque, mas pelo talho, curto na frente e dividindo-se em duas abas largas na parte de trás, pareceu-me de uso um pouco limitado.

As calças — pantalonas, senhor — são bastante estreitas e com costuras agaloadas dos lados. Fiquei também com uma camisa branca, de colarinho alto, um colete bege, de lapela, abotoado na frente, e uma gravata octogonal, suspensa por uma tira que fica presa atrás do pescoço. Na verdade, eu parecia um almofadinha. Creio ser esse o traje indicado. Senti-me bem nele, quando me vi ao espelho. Tudo certo, até as botas de cano curto, também pretas.

Foi uma curiosa experiência, falar com o homem da loja. Curiosa, porque só me sentia lá parcialmente. Ele me perguntou para que desejava o traje. Respondi que compareceria a uma festa da década de 1890, na noite seguinte — e, agora que penso nisso, não fui inteiramente inverídico. Falei que desejava parecer o mais autêntico possível.

Por quanto tempo eu pretendia alugá-lo? Fui tentado a responder: setenta e cinco anos. Em vez disso, falei que era apenas durante o fim de semana.

Estava prestes a deixar San Diego, quando me veio o pensamento de que recuar a 1896 bem vestido apenas não me compraria uma xícara de café. Incrível que houvesse passado por cima de um item tão elementar, como conseguir dinheiro vivo suficiente, a fim de manter-me até que pudesse conseguir emprego. Não sei o que tinha na cabeça. Pedir dinheiro a Elise? A visão faz com que me encolha de vergonha. Olá, querida, eu a amo. Pode emprestar-me vinte dólares? Deus Todo-Poderoso!

Tive sorte novamente. A primeira loja de moedas e selos que visitei possuía uma nota de vinte dólares, em boas condições. Custou-me sessenta, mas fiquei satisfeito por consegui-la. O homem da loja falou de uma nota disponível de vinte dólares que nunca havia circulado e fui tentado a adquiri-la, mas desisti, quando ele me disse que custava cerca de seiscentos dólares.

Trata-se de uma bela nota, ostentando um retrato do presidente Garfield na parte da frente, um selo vermelho colorido e as palavras "Vinte dólares em moedas de ouro pagáveis ao portador ou à sua ordem". No verso, o brilhante desenho de uma águia cor de laranja, segurando flechas entre as garras.

Comprei ainda uma nota valendo dez dólares em prata, em razoável condição (custou quarenta e cinco dólares), com um retrato de Thomas A. Hendricks, seja-lá-quem-tenha-sido, na parte frontal. As duas notas são consideravelmente maiores que as notas modernas e, naturalmente, serão consideravelmente maiores em valor para mim. Assim, deverei ficar em boas condições, cheio da grana.

Cheio da grana. Que piada. Que antivitoriano!

Creio que devia ter levado mais tempo arranjando dinheiro — especialmente desde que tudo quanto deixo para trás não tem valor para mim —, mas estava ansioso por voltar ao hotel e começar. O tempo voa.

Tive uma boa idéia, enquanto dirigia de volta. Não há necessidade de usar fones. Ouvirei a vitrola, enquanto permanecer na cama, envergando meu traje de 1890, escrevendo minhas instruções e à espera de que a viagem

comece.

Dez — ah! — e dois da manhã. Pronto para ir.

Estou tão ansioso por começar, que deixei o carro estacionado atrás do hotel, a fim de ganhar tempo. Agora, já tomei uma ducha, fiz a barba e penteei o cabelo. Presumo que este apresente um comprimento adequado; caso contrário, nada posso fazer para modificá-lo.

Retirei as etiquetas da sobrecasaca, colete, camisa e gravata. Por dois motivos. Primeiro, não quero que ninguém as veja, em 1896; seria impossível explicá-las. Segundo e muito importante, eu mesmo não quero vê-las. Uma vez lá quero apagar da mente todas as recordações de 1971. Cheguei a tentar raspar a inscrição do interior das botas; são detalhes insignificantes, mas que podem estragar tudo. Nada de meias e roupas de baixo. Teriam aparência demasiado contemporânea.

Bem, está tudo pronto. Nada do presente irá comigo; nada perceptível, quero dizer. Escreverei as instruções a meu lado, na cama, ao invés de no colo, como antes. Tenho certeza de que deixarei o lápis cair, quando tudo acontecer. Sem fones de ouvidos para me tolherem. Estou preparado para a mudança instantânea.

Excetuando-se em meu cérebro, naturalmente. Será algo com que terei de lidar, quando chegar lá.

Ah, mas claro! Continuarei escrevendo minhas instruções, quando estiver lá! Reforçando minha posição em 1896. Removendo-me mentalmente de 1971 até — posso prognosticar claramente — esquecer de onde provenho e me tornar um residente de 1896, em corpo e alma. Vou trocar de roupa e...

Santo Deus! Quase me esqueci do meu relógio de pulso!

Fiquei abalado com isso.

Será melhor aguardar, até que as marcas da correia desapareçam do pulso. Vou colocá-lo na gaveta da mesa-de-cabeceira, para não o ver. Deixei o telefone debaixo da cama, coloquei o abajur da mesa-de-cabeceira dentro do armário e tirei a colcha, de maneira que tudo quanto verei, pelo canto dos olhos, serão lençóis brancos.

Para maior coerência, permanecerei com o 19 de novembro em minhas instruções. A lógica disso é uma satisfação extra, porque hoje é, realmente, 19 de novembro.

Vejamos agora. Existirá algo que passou despercebido? Qualquer coisa?

Acho que não.

Vou ligar a musica.

Um último olhar em torno. Estou abandonando isso.

Hoje.

Onze e catorze da manhã. Novamente!

A mesma coisa mais longa dessa vez. Não foi apenas um relance, porém mais que um instante, entre o piscar de olhos. Dessa vez durou. Talvez tenham sido apenas segundos — uns cinco ou seis —, mas, em vista das circunstâncias, foi tão significativo para mim, como se durassem séculos.

O processo foi desencadeado.

Aconteceu quando eu ouvia o adágio pela terceira vez. Escrevia a instrução: "Estou neste quarto, em 19 de novembro de 1896". Copiava a frase pela trigésima sétima vez, e então houve a mudança. A palavra "novembro" foi interrompida após as primeiras quatro letras, um risco desceu do "e" e depois desapareceu.

Posso também avaliar quando isso aconteceu. O movimento da sinfonia quase terminava, quando emergi da absorção. Em vista disso, deve ter acontecido aproximadamente uma hora depois que comecei, pois o adágio tem vinte e um minutos de duração.

Bastante mais rápido que a primeira absorção.

Dou o nome de *absorção,* porque me parece a melhor descrição do processo, no momento. E como se — instantaneamente — eu fosse sugado para o interior, para dentro de mim. Primeiro, surge a sensação de estar vagando a esmo, de crescente desnorteamento. Ouço a música, mas ela parece não ter significado. Olho para a ponta do lápis em movimento, mas trata-se de um fenômeno desligado de mim. Não sou eu que escrevo as palavras que aparecem no papel; elas se escrevem por si mesmas. Uma névoa começa a acumular-se à minha volta, reduzindo o campo visual à ponta do lápis. A música adquire uma sonoridade espessa e distorcida, como se eu estivesse ficando surdo. Então, cessa de todo. Não, errado. Não é a música que cessa; eu é que, abruptamente, não me encontro mais em sua presença. Sei que os sons continuam. Apenas, situado em algum outro lugar, não os ouço mais, eles não me atingem os ouvidos.

O algum outro lugar é 1896.

Dessa vez, tive consciência de meu corpo também estar lá. Senti o colchão — ou *um* colchão — debaixo de mim. Senti as roupas e estava cônscio de minha respiração. Isso significa que, enquanto da primeira vez fiz uma viagem inteiramente mental a 1896, tendo uma conscientização apenas momentânea de estar lá, agora a fiz em carne e osso.

Fisicamente, eu me sentia neste quarto, em 1896. Por cinco ou seis segundos, estive lá completamente, em corpo e alma.

A sensação do retorno também foi diferente. Da primeira vez, foi rápido, algo brusco. Em certo sentido, fui puxado de volta, resultando numa experiência desagradável.

Desta vez foi mais como... deslizar? Não exatamente. Algo parecido, no entanto. Uma sensação física semelhante à de rodarmos um filme para trás, creio. Enfim, esqueçamos isso, porque não posso transmitir em palavras. Sei apenas que aconteceu. O importante é que a zona de conjunção ou seja lá o que for — uma passagem, uma abertura, uma delgada membrana — é algo muito próximo e muito fino.

Muito ao alcance também. Sinto-me como que cercado por ela, enquanto estou aqui, ostensivamente em 1971, comentando a seu respeito. Darei a isso o nome de Tempo 2, na falta de melhor descrição. Em todos os momentos, sua distância de nós é somente uma batida de coração. Não; isso também está errado. Não fica longe de nós, em absoluto.

Está conosco. Somos inconscientes de sua presença, nada mais. Com persistência, entretanto, é possível percebê-la e alcançá-la.

Preciso tentar novamente.

Sinto-me tão próximo agora! Não sei se deveria dispensar o lápis e o papel. Aquelas instruções, escritas centenas de vezes, estão impressas em minha mente. Por que não me limitar a ficar deitado, repetindo-as mentalmente, enquanto ouço a música?

Sim, por que não?

Uma e quarenta e três da tarde. Preciso ditar isso rapidamente, antes que esqueça os detalhes.

O disco tinha parado, quando retornei de minha absorção, de maneira que não sei quando isso aconteceu.

De qualquer modo, sei que foi fantástico.

Não deve ter durado mais que um minuto. Pareceu muito mais longo do que isso, porém não quero superestimar.

Não obstante, durou tanto, que pude reparar numa pintura existente na parede, mas não existente no quarto em que estou agora.

Quando aconteceu, a convicção chegou primeiro. Apesar dos olhos fechados, eu estava acordado e sabia que me encontrava em 1896. Talvez o "sentisse" em torno, não sei. Definitivamente, não havia qualquer dúvida em meu espírito. Em adição, antes que abrisse os olhos, houve uma evidência tangível.

Enquanto jazia lá, ouvi um ruído peculiar e crepitante. Não abri os olhos, porque não queria arriscar-me a desfazer a absorção. Permaneci na cama, imóvel, sentindo o colchão sob o corpo, sentindo minhas roupas, a respiração indo e vindo, o calor do quarto, e ouvindo aquele estranho e crepitante ruído. Sem pensar no que fazia, em dado momento cocei o nariz, porque sentia coceira. Isso não parece grande coisa, bem sei, porém é conveniente pensar na implicação.

Aquele foi meu primeiro ato físico em 1896.

Eu estava lá, meu corpo jazia neste quarto, em 1896. Preso á época com tanta firmeza, que fui capaz de erguer a mão para coçar o nariz e ainda continuar lá. Assim, por mais banal que fosse o ato, transformou-se em portentoso momento.

De qualquer modo, o relógio do tempo não tinha ainda se restabelecido em meu organismo. Parece que isso também é parte do processo. A fim de alcançar o Tempo 2, tenho que abandonar inteiramente o Tempo 1. Entretanto, uma vez em 1896, preciso restabelecer o Tempo 1 em meu organismo, de maneira que me permita viver e continuar lá. Isso talvez forneça a explicação de por que fui arrancado de lá da primeira vez: minha conscientização estava tão totalmente no Tempo 2, que eu não dispunha de uma âncora para firmar-me em 1896. A palavra é demasiado grosseira. Digamos tecido conectivo ou conjuntivo, esse tecido sendo — inicialmente, pelo menos — o Tempo 1.

Muito bem, dessa vez estabeleci suficiente consciência do Tempo 1 em mim mesmo, a fim de analisar o ambiente. Porque o som crepitante que, por um momento, estava tão longe de minha compreensão como a mais avançada teoria de Einstein finalmente se tornou aparente.

Era a lareira.

Eu jazia no quarto em 1896, ouvindo o som do fogo na lareira.

Meu coração bate descompassadamente, quando digo isso.

Eu gostaria de saber, em realidade, quanto tempo tudo durou. Acredito que boa porcentagem de minha consciência permaneceu no Tempo 2, porque do contrário eu ainda estaria em 1896. Assim, minha interpretação de relógio do tempo em 1896 tinha de ser incurada. Que me recorde, desconfio que não estive tão perto de lá.

Seja qual tenha sido o período, contudo, após um instante abri os olhos.

A princípio, não ousei mover-me. É verdade que havia coçado o nariz, mas não foi um movimento deliberado;

creio que aconteceu justamente por ser algo inconsciente. Executar um movimento consciente, no entanto — um movimento volitivo —, parecia-me mais perigoso, um desafio à situação em que me encontrava.

Assim, nada fiz. Fiquei lá, inteiramente imóvel, olhando para o teto; tentei ouvir outras coisas além do crepitar das chamas, mas foi impossível. Há duas possibilidades: o crepitar do fogo abafou outros sons, ou eu não estava lá completamente para ouvir outros sons.

De fato, a sensação que tive foi a de estar numa bolsa de... 1896. Talvez seja este o modo de funcionamento. Evidentemente, não posso provar coisa alguma e talvez isso nunca me seja possível. Neste momento, contudo, o que digo parece descrevê-lo, isto é, que, para viajar no tempo, começamos por nosso próprio âmago — nossa mente, está claro — e irradiamos a sensação para o exterior, primeiro afetando o corpo, depois estabelecendo contato com o ambiente imediato. A sensação de varar uma delgada membrana pode perfeitamente ser o momento em que irradiamos a convicção interior além dos limites do corpo.

Em essência, então, caso minha teoria tenha fundamento, eu jazia na cama, em 1896, ouvindo o fogo na lareira que ardia em 1896 - mas, além desse ponto, 1971 continuava atuante.

Isso parece loucura. No entanto, por que o sinto com tal intensidade? Por que, por exemplo, não ouvi o ruído das ondas se quebrando, em 1896? Eu devia tê-lo ouvido muito mais claramente que o ouço agora porque, na época, o oceano ficava bem mais perto. Pois não o ouvi. Tampouco ouvi os sons de 1971, porque estava enrodilhado no meu casulo de 1896. Então, além desse casulo, eu nada ouvia. A mim, isso indica que minha teoria deve ter alguma validade.

Passemos adiante. Já estou me desviando do ponto mais importante.

Novamente, ignoro quanto tempo fiquei lá, olhando para o teto. Sei apenas que estava em 1896, que a cama debaixo de mim estava em 1896, assim como, talvez, todo o quarto à minha volta, O som da lareira continuava ininterrupto; vi o teto claramente e não tinha a mesma cor que tem hoje.

Por fim, ousei um movimento físico. Nada de espalhafatoso, claro, mas, de novo, em sua implicação, espalhafatoso para mim. Porque foi executado por vontade própria. Foi voluntário; calculado.

Virei a cabeça no travesseiro. (Esqueci-me de mencionar o travesseiro, mas ele também estava lá, em 1896; quanto a isso, não tenho dúvidas.) Com infinita lentidão, é bom acrescentar; com trepidação ínfima. Com medo de perder o momento e ser trazido de volta a 1971. A confiança que tinha (e tenho) de ser capaz de alcançar 1896 não era evidente naquele instante. Eu sabia perfeitamente que estava lá, mas me faltava a certeza de poder controlar tal permanência.

Curioso pensar agora que, durante todo o tempo em que isso acontecia, nem uma vez me lembrei de Elise, nem do fato de que ela se encontrava no mesmo lugar que eu.

Talvez fosse porque, em realidade, Elise não estava lá nesse momento. Se minha teoria for verdadeira, ela não estava lá porque eu permanecia apenas em um fragmento de 1896, não inteiramente nessa época.

Certo, voltando ao assunto — uma vez mais. Movi a cabeça lentamente no travesseiro.

Então, vi uma pintura na parede.

Vou descrevê-la. Havia duas figuras centrais: mãe e filho, deduzi. A mulher usava um vestido cinza, com avental branco. Não parecia jovem. Tinha os cabelos puxados para trás. Estava de pé, bem perto do filho, com as mãos nos ombros dele. Uma correção: a mão direita da mulher pousava no ombro esquerdo do filho. Foi apenas minha impressão de que teria também a outra mão no ombro dele.

O rapaz era uns dez, ou mais, centímetros mais alto que ela. Usava casaco e tinha um chapéu na mão direita, significando que estava de partida, creio. Também podia estar chegando. Não, não era essa a sensação transmitida pela pintura; tinha que ser uma partida. Recordo agora uma sombrinha preta, à esquerda da mãe, apoiada em alguma coisa; não sei o que seria, posto que não vi claramente essa parte da pintura. Também havia um cão perto da sombrinha. Sentado no chão. Tamanho médio. Presumivelmente, olhando para o rapaz de partida.

Havia figuras do outro lado da pintura. Um velho ou uma velha sentados a uma mesa; esqueci-me de mencionar que a mãe e o filho encontravam-se de pé, perto dessa mesa, havendo uma cadeira atrás da mãe, cuja expressão não parecia feliz, O rapaz estava de perfil. Não parecia estar olhando para a mãe. Talvez, supostamente, estivesse contendo a emoção, mas não posso afirmar.

Eu piscava os olhos, procurando ver com mais nitidez, quando fui trazido de volta. Dessa vez, foi ainda menos distinto e rápido. Enquanto eu piscava, a pintura e a parede foram esmaecendo, tive a sensação de que era puxado por todos os pontos do corpo, como que sugado. Eu sabia que estava sendo trazido de volta; recordo que houve tempo suficiente para lamentar o que sucedia. Assim, esse retorno não teve a rapidez de um piscar de olhos.

Em seguida, creio que dormi ou desmaiei. Ou... quem sabe? A verdade é que, quando abri os olhos, estava de volta novamente.

O que me teria trazido de volta? Por que voltei, se me sentia arraigado no passado? Seria uma questão de repetição? Foi o que imaginei. A medida que for repetindo as instruções, incessantemente, de modo verbal, escrito e

em pensamento, irei consolidando minha posição em 1896, cada vez mais, até firmá-la em definitivo. Tudo isso é um tanto louco, agora que estive lá com tamanha nitidez, mas devo sujeitar-me. O processo tem que ser respeitado. Farei tudo o que for preciso para torná-lo permanente.

Tenho que voltar imediatamente e, quanto a isso, sou positivo. Tenho a sensação de haver constrangido meu envolvimento com o presente. Sei que não posso — em hipótese alguma — aventurar-me para fora deste ponto e ampliar novamente aquele envolvimento.

Preciso penetrar novamente através daquela membrana, assim que for possível.

Mais tarde.

Estive lá novamente.
Durou alguns minutos.
São... minutos lá... minutos aqui?
Quando... voltei o adágio ainda tocava.
Eu o pus para repetir? Não consigo me lembrar.
Realmente, parece... peculiar.
Irreal.
1971... parece... 1896.
Não real.
Deitado aqui..., e como.
Como se estivesse em 1896.
Como se eu... devesse observar-me.
Ou perdê-lo.
Curioso.
Devo... virar a cabeça... descrever um — quadro na parede?
Para provar que estou aqui?
Tenho essa impressão.
Senso de...impermanência.
Como se...fosse realmente...um homem de 1896. tentando alcançar.
O quê?
Curiosa sensação.
Não oponha resistência.
Chegando.
Deus, eu o sinto chegando...
Preciso... parar... de falar... Fechar os olhos... cerrar a... mente.
Dizer a meu... meu...
eu, eu, que...
Flutuando.
Pesado.
Estou.....pesado.

Segunda Parte

19 de novembro de 1896

Abri os olhos e vi o fogo do pôr-do-sol nas paredes e no teto.

A princípio, nada registrei. Fiquei deitado de costas, sem me mover, com a cabeça e o corpo entorpecidos, como se houvesse bebido demais. No entanto, sabia que não bebera. Aquele entorpecimento era causado por outra coisa.

Ouvi o bater das ondas durante vários minutos, antes que fosse sacudido pelo impacto da conscientização.

Aquele som era infinitamente mais forte do que fora antes.

Eu estava lá!

O conhecimento provocou um súbito e entrelaçado formigamento na ponta dos meus dedos e no rosto. Baixei os olhos para meu corpo — para o traje escuro e as botas de ponta, perto dos pés da cama. Então, refocalizando os olhos, espiei mais além.

Vi uma lareira, no lugar em que antes estivera a escrivaninha. Não podia ver o fogo devido à minha posição, mas sim o consolo de cerejeira envernizada. Quando o retumbar das ondas se abateu momentaneamente, ouvi o crepitar das chamas.

Irrefletidamente, apoiei-me no cotovelo direito. Durante uns quinze segundos, o quarto rodopiou, sombrio, em torno de mim, e fiquei apavorado, imaginando que iria retornar.

Aos poucos, no entanto, tudo foi recuperando a perspectiva normal, e olhei para o fogo. Para minha surpresa, era carvão que queimava na lareira, quando eu esperava ver toras. No mesmo instante, percebi o quanto isso seria insensato. Um hotel construído de madeira, com centenas de lareiras queimando madeira em seus quartos? Seria um convite ao desastre.

Olhei para as janelas e tive outra surpresa, quando vi venezianas. Observei-as confuso e percebendo, gradualmente — com incrível lentidão mental, assim parecia —, que, agora, eram feitas de madeira.

Meus olhos se deslocaram. Ao invés de reposteiros, havia brancas e etéreas cortinas, presas aos lados das janelas. A escrivaninha e a cadeira haviam desaparecido. Contra a parede, abaixo das janelas, vi uma mesa baixa e retangular, com um pano rendado enfeitando a superfície polida e, sobre o pano, um prato de bronze.

Virei a cabeça para a esquerda. Havia somente uma cama no quarto, e a parede do banheiro deixara de existir. Onde antes se encontravam a banheira e o chuveiro, vi uma cômoda maciça, acima da qual pendia um espelho, grande e quadrado.

Girei cautelosamente o corpo e ergui os olhos para o quadro emoldurado na parede. Não podia vê-lo muito bem. Com dificuldade, ergui o corpo e me sustive penosamente sobre os joelhos, no colchão macio.

O quadro era como eu o recordava, mas agora podia anotar todos os detalhes omitidos. Uma velha se sentava nas sombras, ao lado do cão, a sombrinha apoiada contra as pernas. Havia ainda três figuras adicionais, situadas à direita da pintura: dois homens e uma jovem. Um dos homens estava virado de costas, com a mão esquerda crispada. O outro, de pé à soleira, olhava para o rapaz e a mãe. Meus olhos baixaram para o título em uma placa, na parte inferior da moldura. *Rompendo laços do lar,* de Thomas Hovenden.

Segurando-me à cabeceira de madeira da cama como suporte, consegui deslizar do colchão e ficar em pé. Embora com toda a cautela, os movimentos fizeram com que o quarto rodopiasse novamente em escuridão, de modo que precisei aferrar-me com força à cabeceira, para não cair. Finalmente, fui obrigado a escorregar para a cama e me sentar com os olhos fechados, a cabeça dando a impressão de que girava por sobre os ombros. *Não me deixe perdê-lo,* pensei; entretanto, não tinha idéia de a quem pedia.

Após alguns momentos, a sensação amainou e tornei a abrir os olhos, fitando o elaborado desenho floral do tapete. Quando a cabeça clareou um pouco mais, ergui-a e olhei para a cômoda. Uma das gavetas inferiores estava aberta parcialmente e vi uma camisa no interior. Olhei para ela, confuso. Seria minha?

De novo, o entendimento me chegou com incrível lentidão. Naturalmente, a camisa devia ser de quem estivesse hospedado naquele quarto. Eu tivera bastante sorte em "chegar" ali enquanto o hóspede estava ausente.

Olhei para o lustre que pendia do teto. Cada um de seus quatro globos brancos pendia do final de um tubo encurvado, que parecia metálico. *Eletricidade,* pensei. Sabia que eles a usavam, mas, de certa forma, pareceu-me anacrônico.

Baixando os olhos, virei-os para o armário, situado no mesmo lugar. Tinha a porta escancarada, e, em seu interior, vi dois trajes pendurados em cabides, um par de botas abaixo deles e dois chapéus numa prateleira

superior. Contemplei-os por vários minutos até que, de repente, ocorreu-me o pensamento de que o dono daquelas coisas podia entrar no quarto a qualquer momento. Eu tinha que sair dali.

Então, a conscientização tomou conta de mim.

Eu *estava no mesmo hotel que Elise.*

Tentei levantar-me, novamente demasiado depressa; a escuridão ameaçou envolver-me outra vez. Decidi que não me permitiria o retorno. Seguro à cabeceira da cama, comecei a respirar entrecortadamente, até cessar o início de vertigem. Então, soltando a cabeceira, procurei ficar de pé sozinho. No mesmo instante, precisei aferrar-me de novo a ela. Meu Deus, pensei. Será que vai ser sempre assim? Como poderei movimentar-me pelo hotel inteiro, quando nem mesmo consigo manter-me de pé?

Trincando os dentes, forcei-me a largar a pesada cabeceira de madeira, lutei contra a ânsia de voltar a aferrá-la e procurei suster-me vacilantemente sobre as pernas, como um bebê de equilíbrio incerto, prestes a dar o primeiro passo. A comparação é apropriada. Como um homem de 1896 eu era quase, literalmente, um recém-nascido, obrigado a usar os membros naquele mundo novo e desconhecido.

Por fim, passou a tremedeira e, respirando fundo para revigorar-me (respirando o ar de 1896, foi o que pensei), tentei o passo inicial. As pernas ameaçaram dobrar-se e dei o primeiro passo de banda, como um embriagado. Rápido, dei outro passo, depois outro, mais ou menos à maneira sacolejante de Frankenstein, o monstro interpretado por Karloff, com as mãos enclavinhadas e braços abertos, procurando o equilíbrio. Quase não consigo chegar à cômoda sem cair. Desequilibrando-me contra ela, apoiei-me em seu tampo com as duas mãos, vendo minha imagem no espelho, tão ondulante, como se fosse vista através de água agitada. Fechei os olhos.

Mais de um minuto depois, suponho, voltei a abri-los e lancei uma cautelosa espiada para o espelho. Pestanejei, ao perceber o palor de meu rosto. Seria aquilo uma concomitância física da viagem através do tempo?

— Acho que você deixou seu sangue para trás — falei para o estranho de rosto pálido, refletido no espelho.

A imagem sobressaltou-se ao som de minha voz, mas depois esboçou um abatido sorriso de assentimento. Vi seu pomo-de-adão mover-se, quando ela deglutiu.

— Bem, acho que você conseguiu — tornei a falar.

A imagem tornou a assentir.

Olhei para o topo da cômoda, surpreso por *não* haver derrubado nenhum dos vários objetos ali dispostos: uma caneca para barbear, de bordas douradas, com um pincel de barba úmido, os pêlos voltados para cima, uma navalha de cabo de marfim, uma enfeitada escova de roupas e algo que não identifiquei — parecia um cabo de faca prateado.

Curioso, peguei-o com a mão direita e o observei melhor. Não pude, ainda, saber o que seria. Endireitando o corpo, usei a esquerda para puxar uma fita com nós e, do cabo, extrai um punhado de estreitas tiras de tecido, mantidas juntas pela fita. A tira superior era de metal fino e tinha a inscrição: "Eu curo todos os ferimentos, exceto os do amor". Senti uma certa gomosidade do outro lado de uma das tiras de tecido, e, após vários momentos, achei que seria alguma espécie de substância hemostática, usada nos cortes provocados pela navalha.

Tornei a colocar as tiras dentro do estojo e o deixei sobre a cômoda. Eu precisava ir embora dali, antes que o hóspede do quarto aparecesse. Fiquei gelado, ante a perspectiva de tentar explicar minha presença ali. Que grotesco, após ter êxito em alcançar 1896, terminar sendo preso por invasão de domicílio! Será que empregavam essa frase?

Agora, consegui manter-me ereto sem apoio, embota com dificuldade. Tornei a olhar para o pálido espectro no espelho. Como seguir em frente? Manter-me sobre os pés já era difícil. A idéia de percorrer intermináveis corredores para encontrar Elise deixou-me intimidado.

Vi-me olhando para a escova de roupa. As palavras "Só um pouco" estavam inscritas em sua superfície. Levantei-a e sobressaltei-me ao perceber um som borbulhante no interior. Novamente, meu cérebro foi instado a captar o significado. Acabei adivinhando que "Só um pouco" se referia a algo mais que escovadelas em roupas.

De novo, fui tão ineficiente como uma criança, quando tentei girar o cabo da escova. Fiquei irritado com minha fraqueza. Afinal, ao conseguir afrouxar a rosca, tive certeza de que, naquele novo ambiente, seria impossível enfrentar um novo esforço.

Desatarraxei lentamente o cabo da escova e levei a abertura à altura do nariz, O cheiro forte de conhaque invadiu-me as narinas e os olhos, fazendo-me tossir. Afastei o frasco e esperei alguns momentos, antes de tomar um gole.

Uma espécie de filete de fogo em minha garganta deixou-me ofegante. Fui sacudido por um acesso de tosse e quase deixei cair o frasco. Para minha crescente preocupação, agora sentia o corpo pesado, embora frágil como vidro, ameaçando estilhaçar-se a cada tossida. Lutei para controlar o espasmo, apoiando-me com força contra a cômoda, de olhos fechados e o rosto distorcido pelo esforço.

Quando a tosse finalmente parou, abri os olhos e olhei para o meu reflexo no espelho, através de uma nuvem de lágrimas. Tornando a atarraxar a tampa na escova, depositei-a sobre a cômoda e esfreguei os olhos. A imagem ficou mais nítida. Eu ainda parecia abalado, mas agora havia um toque de cor nas faces. Não é de estranhar que o conhaque

seja administrado para ataques do coração, pensei. Podia senti-lo unindome como um espécie de cola cáustica, enquanto eu olhava para a gaveta parcialmente aberta. Perto da camisa havia um estojo aberto, contendo botões de colarinho folheados; ao lado, uma revista intitulada *Biblioteca Atilada de Cinco Centavos.*

Endireitei o corpo. O conhaque fizera um bom trabalho. Minha cabeça estava consideravelmente menos pesada e minhas pernas já pareciam conter carne e osso, ao invés de gelatina. A respiração agitou-me, quando percebi que, finalmente, podia abrir caminho até ela, Elise.

Examinei-me ao espelho, uma última vez. Ajeitei a gravata e as roupas. Lentamente, ergui a mão e alisei o cabelo, nos lugares em que ficara desarrumado, por estarem em contato com o travesseiro. Verifiquei o bolso interno do casaco e encontrei o dinheiro ainda intato. Então, enchendo os pulmões com o ar quente do quarto, afastei-me da cômoda e aproximei-me da porta, em passos pequenos e cautelosos. Ainda me sentia algo tonto, mas agora conseguia controlar as pernas.

Crispei a mão em torno da maçaneta de metal, girei-a e puxei a porta. Ela não se abriu. Estava trancada, naturalmente, pensei, com um sorriso desaprovador, ante a minha ingenuidade ao pensar que seria o contrário. Baixei os olhos, a procura de meios para destrancá-la.

Não havia nenhum.

Era um problema tão inesperado, que não consegui enfrentá-lo. Novamente, sentia-me um recém-nascido, desorientado e frustrado.

Teria viajado setenta e cinco anos para ser ludibriado por uma simples fechadura de porta?

A princípio, não percebi que meneava a cabeça. Estava consciente apenas de um pensamento desolador: *Isso é impossível .*

No entanto, não era impossível. Estava ali, à minha frente, O dono do quarto saíra, trancara a porta por fora com uma chave mestra e transformara seu quarto numa prisão para mim.

Não sei por quanto tempo fiquei contemplando aquela porta, em desorientada incapacidade, esperando uma resposta; era impossível compreender que não existia nenhuma. Por fim, ela explodiu dentro de mim e, com um gemido sufocado, dei meia volta e retornei para o centro do quarto, em passos rígidos. Fui até a cômoda, abri as gavetas uma a uma (a escuridão saltava diante de meus olhos, sempre que me abaixava), desesperado, esperando que o hóspede houvesse deixado uma chave sobressalente.

Não deixara. Pior ainda, nada havia com que eu pudesse destrancar a porta — nem uma tesoura, lixa de unhas, caneta, nada. Gemi de novo. Aquilo era impossível!

Meio cambaleante, caminhei depressa até a janela e olhei para fora. Também não havia escada de incêndio. Tornei a gemer quando espiei para baixo, para a calçada que se encurvava mais além, para os amplos e verdejantes gramados, duas quadras de tênis onde estivera a extremidade norte do pátio de estacionamento, o oceano não mais que a uns dezoito metros além dos fundos do hotel.

Olhei para a praia estreita. Estava banhada numa luminosidade alaranjada e as ondas batiam espumantes contra ela. Sobressaltei-me, quando um casal e duas crianças surgiram em meu campo visual. Meu coração saltou, por vê-los caminhando na areia, já que eram eles os primeiros residentes visíveis de 1896 que estava vendo. Pouco tempo antes, nenhum deles vivia, a menos que as crianças estivessem em seus dias finais. Agora, no entanto, moviam-se diante de meus olhos, corporificados. Se, até aquele momento, eu ainda duvidasse de onde me encontrava, a visão da cartola e bengala do homem, do chapéu e saias compridas da mulher e dos trajes das crianças serviria para indicar que 1971 estava muito distante.

Virei-me, com uma exclamação de raiva. Aquilo era enlouquecedor! Eu tinha que encontrar Elise! Caminhando para a porta aos tropeções, agarrei a maçaneta e a sacolejei furiosamente. O esforço me deixou zonzo e precisei encostar-me à madeira escura da porta, comprimindo a testa contra ela. Impotente, comecei a esmurrá-la com o lado da mão crispada, esperando que algum empregado pudesse estar pelo corredor e me abrisse a porta.

Não apareceu ninguém. Comecei a tremer e, por quase um minuto, receei estar perdendo o autocontrole. Aquela reviravolta dos acontecimentos era demasiado insana. Se esperasse pela volta do dono do quarto, sem dúvida ele daria parte ao gerente do hotel. Inicialmente, eu poderia fugir, mas eles me agarrariam, na certa, quando fosse procurar Elise. Haveria interrogatório, detenção, talvez prisão. *Deus!* Ser atirado à cadeia, depois de tudo por que passara!

Virei-me bruscamente quando a idéia me brotou, nascida talvez do desespero. Era o primeiro pensamento produtivo que me ocorria, desde que chegara a 1896. Caminhei cambaleante até a cômoda e apanhei a navalha de barba com cabo de marfim. Voltando à porta, tirei a navalha da bainha e comecei a desbastar a ombreira de madeira, junto do trinco. Que Deus me ajude, se ele voltar logo agora, pensei. Não deixei que o risco me detivesse, e continuei a tirar lascas da ombreira com a navalha, extraindo pedaços de madeira e, de vez em quando, sacudindo a porta, a fim de ver se afrouxava. Ignorei as sombras latejantes em meus olhos. Eu tinha que encontrar Elise. Nada mais importava.

Minutos mais tarde, com um ruído de estilhaçamento, consegui arrancar a porta da moldura e espiar o corredor, com o coração batendo forte. Não havia ninguém à vista. Olhei para as lascas de madeira, caídas no tapete. A princípio, o dono do quarto pensaria que o aposento fora arrombado por um ladrão.

Virando-me, joguei a navalha para dentro do quarto; ela ricocheteou no colchão e caiu do outro lado, sobre o tapete. Pobre homem, pensei, sorrindo com a consciência pesada, enquanto fechava a porta atrás de mim. Ali estava um mistério que ele jamais solveria; nem ele, nem ninguém, convenhamos. Alguém arrombar a porta para *sair* do quarto trancado? A loucura daquilo, própria de John Dickson Carr, quase me fez gargalhar, enquanto me afastava pelo corredor. Hóspedes e empregados levariam um bom tempo, no futuro, discutindo o mistério.

Experimentei uma momentânea premonição, quando me ocorreu que eu já impusera minha presença em 1896, provocando danos físicos e criando um enigma insolúvel. Teria sido aquilo *permitido?* Era o que eu gostaria de saber.

Tive de deixar a preocupação cessar por si mesma; não havia maneiras de lidar com ela. Tinha que encontrar Elise, e não podia permitir-me nenhum outro tipo de ansiedade.

Ignoro o motivo, mas não dobrei à direita ao sair do quarto, embora fosse aquele o trajeto mais simples. Talvez receasse entrar em contato com outras pessoas tão cedo. Sem dúvida, haveria um ascensorista, pois presumi que o elevador se localizaria daquele lado. Mesmo que não se situasse naquela parte, se eu usasse a escada, podia encontrar alguém no pátio. Por algum motivo, a idéia de ficar perto de quem quer que fosse me deixava nervoso, e eu queria evitar esse fato o máximo possível.

Será isso o que sentem os fantasmas? Foi o que me perguntei. Um verdadeiro terror de deparar com pessoas, temendo que elas olhem diretamente através deles, fazendo com que percam a frágil ilusão de estar vivos? Até mesmo a visão daquele casal e seus filhos na praia me inquietara. Uma coisa é ficar num quarto, olhando para o mobiliário e objetos que falam da época. Outra é expor-se aos seres vivos dessa mesma época. Perguntei-me como reagiria, quando tivesse que falar com algum deles — fitando-os nos olhos e sentindo-lhes a proximidade em carne e osso.

Como reagiria, quando me encontrasse, realmente, em presença *dela?*

As paredes do estreito corredor desfilaram, esmaecidas, a minha passagem. Eu tinha a sensação de caminhar num sonho. Iria perder-me novamente, quando tinha alcançado aquele dia? *Que dia?* A pergunta foi um impacto, com sua lógica avassaladora. Não havia resposta. Na lembrança, aquele dia estava no passado. No entanto, agora eu estava muito mais distante no passado.

Expulsei da mente a contradição, antes que me deixasse mais desorientado. Passando por um carretel de enrolar mangueiras, junto à parede, toquei-o para sentir sua existência e a minha própria. Aquele era o presente, do qual evolveriam todos os planos e lembranças. Olhei para um barril coberto ao passar por ele, os baldes e machados pendurados nas paredes. Por que estavam ali? Foi a pergunta que me acudiu à mente. Quando acordasse, haveria extintores de incêndio, instalados no teto.

Esqueça, disse para mim mesmo. Já era bastante difícil sentir-me uma pessoa real num lugar real; precisava focalizar toda a minha concentração nisso. Quando passei penosamente por um espelho ornamental na parede, senti realmente uma onda de alívio ao notar a solidez de meu reflexo.

À medida que continuava, tomava consciência de meu estômago. Estava tenso e parecia arder. Tentei recordar se comera recentemente, mas tal pensamento também me desnorteou e me perturbou. O dia em que comera não era o mesmo em que estava agora. Meu corpo saberia disso? Embora houvesse atravessado anos, continuaria existindo um período confluente de horas, no tocante a meu organismo? Aceito o fato, não era de estranhar que meu estômago estivesse transtornado, a cabeça, embotada, o corpo, petrificado e irreal. Em poucos segundos, eu passara de 1971 para 1896.

Uma reação me assaltou com vigor surpreendente, e precisei parar, encostado à parede, com a respiração presa no peito. Como podem meus pulmões respirar este ar?, pensei, insanamente. Fechei os olhos, esforçando-me para firmar a conscientização do presente. Eu estava *lá!* Essa convicção tinha que sobrepujar todas as outras. Estava lá, em corpo e alma, no.

Estremeci. Que dia era *aquele?* Eu me instruíra indicando-o como 19 de novembro. Entretanto, eu havia falado, depois escrito e em seguida pensado as instruções numa sexta-feira? Seria sexta-feira agora? Ou dia 19, quinta-feira? A incerteza me aterrou. Se fosse sexta-feira, a representação de Elise aconteceria dentro de poucas horas e eu bem poderia nunca chegar a encontrá-la.

Comecei a tremer e era incapaz de controlar-me. Nunca lidara com os detalhes reais de nosso confronto. Mesmo acreditando — como eu acreditara — que nosso encontro era inevitável, como prosseguir, em termos práticos? Ela poderia estar ensaiando, cercada por membros de sua companhia, a privacidade assegurada por Robinson ou, pelo que constava, por um grupo de policiais uniformizados. Ela poderia estar em seu quarto, acompanhada da mãe; sem dúvida, ambas partilhavam um quarto — também guardadas por policiais. Ou poderia estar comendo com a mãe e, talvez, Robinson. Em todas as hipóteses, contaria com alguém para protegê-la. Como teria eu oportunidade até

mesmo de falar-lhe, muito menos de transmitir meus motivos?

A inutilidade do que sonhara pareceu devastar-me de alto a baixo com tal rudeza que me cortou a respiração. Encostei-me à parede, de olhos fechados, inteiramente tomado pelo terror. *Não havia meios.* Chegar a 1896 fora um simples feito, comparado ao de encontrá-la. O primeiro fora minha obra exclusiva, sem ninguém para dissuadir ou interferir, exceto eu mesmo.

Quanto ao segundo, eu teria que transpor uma hoste de obstáculos humanos para sair vitorioso.

Tenho certeza de que foi um momento crucial para mim. Durante minutos — nunca saberei quantos —, fiquei ali, de costas contra a parede, sem forças, incapaz de prosseguir. Estava fraco demais, até mesmo para amaldiçoar minha estupidez em não prever uma restrição tão elementar; esmagado pelo desespero, pois, agora, tudo me parecia inteiramente fora de alcance.

Bem possível que tivesse continuado ali (assumindo-se que minha paralisia mental não me houvesse devolvido a 1971), *se não fosse o som inesperado de passos que se aproximavam. Abri os olhos instantaneamente e girei a cabeça. Então, vi um homem que descia o corredor.*

Olhei para ele com um pressentimento. Seu traje pareceu-me semelhante a um que meu irmão usava, em uma fotografia de nosso álbum de família: feito de tweed cinza, com calças presas pouco abaixo dos joelhos. Somente quando o homem chegou mais perto, notei que o casaco era diferente, mais parecido com uma camisa, que usava sapatos cinza, abotoados, e que tinha na mão um chapéu-coco cinza-pérola. Era impossível dizer sua idade, por causa da barba. Charles Dickens, pensei, atabalhoadamente. Sabia que não podia ser ele, mas a semelhança era incrível.

Por outro lado, ele devia ter-me achado um fantasma, pois sua expressão mostrava alarme e depois, instantaneamente, preocupação. Apressou o passo, a fim de alcançar-me mais depressa.

— Sente-me mal, meu caro senhor? — perguntou ele.

*O som da primeira voz que eu ouvia, desde minha che*gada a 1896, percorreu-me o corpo como uma corrente elétrica, fazendo-me estremecer. "Meu caro *senhor"*, dissera o homem. Senti que segurava meu braço.

Olhei seu rosto, apenas a alguns centímetros do meu. Nesta mesma manhã (a minha), aquele homem havia falecido há muitos anos. Minha mente não conseguiu evitar um pensamento lúgubre. Agora, era jovem e cheio de vida; assim tão próximo, eu podia ver que, sem dúvida, era mais novo que eu. Senti a firme pressão de seus dedos em meu braço, notei a compreensão em seus brilhantes olhos azuis e percebi até mesmo o inconfundível aroma do tabaco em seu hálito. Estava nítida e tremendamente vivo.

— Posso acompanhá-lo até o seu quarto? — perguntou ele.

Engoli em seco e procurei recuperar forças. Precisava começar a ajustar-me ou perderia o contato. Sabia disso perfeitamente.

— Obrigado — respondi, forçando um sorriso —, mas não é preciso. Fiquei apenas... — interrompi-me, novamente aflito. Quase dissera um pouco zonzo", mas percebi que não poderia ter usado tal expressão em 1896.

— Foi apenas uma vertigem — terminei, desajeitadamente. — Não tenho andado muito bem.

— Talvez fosse melhor ficar acamado — sugeriu.

Estranhei o termo. Ele parecia realmente preocupado e tive o súbito pensamento de que minha primeira exposição a outra pessoa poderia ter sido desastrosa se, em vez daquele rapaz, eu deparasse com alguma criatura fria e antipática, que apenas agravasse a minha angústia.

Forcei novo sorriso.

— Não, obrigado. Logo estarei ótimo — disse. — Agradeço a sua intenção de ajudar.

— Não há de quê, senhor. — Sorrindo, largou meu braço. — Tem mesmo certeza de que não necessita de meus préstimos?

— Sem dúvida. Obrigado. Logo estarei ótimo.

Eu tinha consciência de que me repetia, mas à minha mente não vieram outras palavras. Como acontecia com o modo de andar, eu parecia estar aprendendo a falar, naquele novo ambiente, com aterradora incapacidade.

Ele assentia.

— Bem... — Franziu de novo as sobrancelhas. — Tem certeza? — insistiu. — Acho-o um tanto pálido.

Assenti também.

— Tenho, obrigado. Estou... quase chegando a meu quarto — acrescentei, quando me ocorreu a frase.

— Perfeitamente. — Ele me deu um tapinha amistoso no braço. — Cuide-se, então.

Quando o rapaz prosseguiu pelo corredor, comecei a caminhar na direção contrária, para que ele não me visse ainda recostado à parede e se sentisse na obrigação de voltar. Caminhei lentamente, mas, que me recorde, mais ou menos ereto. Um momento vital, tornei a pensar. Meu primeiro encontro com um cidadão de 1896. O obstáculo fora transposto com sucesso.

Aquilo originou o pensamento de que, estivesse eu em situação similar naquele corredor, em 1971, seria

duvidoso que alguém se aproximasse com tanta solicitude. Quando as pessoas permanecem mudas, vendo outras serem assassinadas, qual a probabilidade de que eu, angustiadamente apoiado a uma parede, recebesse algo mais que um simples olhar clínico?

Enquanto descia a escada, comecei a ouvir um rumor de vozes e uma mistura de sons que não pude identificar. Lá vou eu, descendo para o sorvedouro — lembro-me de ter pensado. Minha provação seguinte seria muito mais perigosa. Ao invés de estar em um corredor e ser interpelado por um solícito cavalheiro, agora enfrentaria uma multidão, em seu completo e exigente ambiente de 1896.

Parei de descer, sentindo-me frio e fraco. Perguntei-me se teria forças para enfrentar aquilo. Nunca pensei que alcançar outra época fosse infinitamente menos exigente que adaptar-se a ela.

De qualquer modo, eu *teria* que adaptar-me a ela. Não ia desistir agora, quando Elise estava a apenas alguns minutos de mim. Aferrando o corrimão com quantas forças pude, continuei descendo os degraus. O ritmo de 1896 engolfava-me, à medida que descia, desafiando-me a uma harmonização com sua batida desconhecida ou perdê-lo de vez.

Parei no último patamar e olhei para o que parecia uma sala de estar de três cantos. Na parede à minha direita havia uma lareira, e o fogo do carvão brilhava em suas grades. Em torno dela, uma mesa com um pano de enfeite no tampo e quatro cadeiras leves e frágeis. Acho que fiquei contemplando-as durante todo um minuto, adiando meu confronto com os sons e visões devastadores que, bem sabia, aguardavam-me lá embaixo.

Por fim, impulsivamente, virei-me e caminhei para a zona do patamar que abrangia o saguão.

Tenho certeza de que foi coincidência, mas, quando estava a meio caminho naquela direção, as luzes do saguão foram acesas. Sobressaltei-me, arquejei, parei e cerrei os olhos. Calma agora, disse a mim mesmo ou supliquei, não sei bem.

Um zumbido à direita sobressaltou-me novamente, fazendo-me descerrar os olhos e virar-me naquela direção. Era a gaiola do elevador, que descia no poço circundado de grades negras e trabalhadas.

Olhei para o casal que estava dentro do elevador. Ficaram no mesmo nível que eu apenas um instante, mas a lembrança dos dois permaneceu vivida em minha mente: ele, num longo sobretudo Chesterfield, abotoado dos dois lados, com gola e punhos de pele, um lustroso chapéu preto mantido contra o peito; ela, envergando comprida capa de peles, com um belo chapéu e os cabelos ruivo-escuros repuxados para trás, em espesso coque acima da nuca.

Num breve olhar, percebi que os dois sintetizavam a graça e elegância da época que eu acabara de alcançar. O fato de nem se dignarem olhar para mim reforçou ainda mais tal impressão. Quando o elevador chegou ao saguão e parou, aproximei-me da balaustrada, a fim de apreciar a saída dos dois de seu interior. A mulher saiu primeiro e depois pousou de leve a mão direita no braço do homem, quando ele a alcançou. Contemplei-os com certa admiração, enquanto pareciam deslizar na direção da porta principal, com majestosa serenidade. Podiam ser monstros como seres humanos, mas eram perfeitos como símbolos de sua época e condição.

Virando-me, caminhei para a escadaria e desci até o saguão.

Minha primeira impressão foi de desapontamento, pois não o achei tão luxuoso como o que conhecera em 1971. O lustre era rígido e as cúpulas sobre as lâmpadas inclinadas eram de vidro branco. Não havia as poltronas e sofás de couro vermelho. Em vez deles, cadeiras e um sofá de vime ou madeira escura, palmeiras em vasos, mesas quadradas, redondas e retangulares, bem como — sobressaltei-me ao vê-las — polidas escarradeiras colocadas em vários pontos estratégicos.

O balcão de recepção também mudara de lugar, situando-se agora á direita do elevador, onde, anteriormente (deveria dizer posteriormente?), eu via o saguão aberto e a janela-guichê da tabacaria. No lugar do balcão de recepção de 1971, havia outro, encimado pelo letreiro "Western Union Telegraph Office" e, perto dele, uma combinação de loja de presentes e jornaleiro, com uma vitrine sobre o balcão, exibindo artigos variados. A seguir, vi uma entrada com uma cortina de franjas, através da qual pude apenas vislumbrar o que parecia ser uma mesa de bilhar.

Além do mais, o efeito sereno do silêncio estava inteiramente ausente deste saguão, de piso não acarpetado, mas feito de tacos embutidos de madeira, sobre o qual sapatos e botas dos hóspedes ressoavam e ecoavam no alto teto.

Foi com considerável esforço que me obriguei a cruzá-lo, passando por numerosas pessoas. Deixei de captar sua aparência e até mesmo a que sexo pertenciam, compreendendo que minha única possibilidade de adaptação consistia em ignorar a massa de minúcias vivas ou inanimadas que me cercavam, concentrando-me, ao invés disso, em apenas um detalhe de cada vez.

Eu devia estar ainda bastante aturdido e pálido; a apreciação feita pelo atendente ao balcão, com seu bigode em forma de guidão de bicicleta, deixou isso bem claro. Procurei comportar-me ao máximo, antes de aproximar-me dele.

— Pois não, senhor? — perguntou ele.

Engoli em seco, pela primeira vez percebendo quanto estava sedento.

— Poderia me informar... — comecei, mas tossi e engoli em seco novamente, antes de completar a pergunta.

— Por favor, poderia me informar em que quarto se hospeda a srta. McKenna? Fui tomado pelo medo quando, de repente, imaginei-o respondendo que tal pessoa não se hospedara no hotel. Afinal de contas, como eu poderia saber se era 19 ou 20 de novembro? A data presente talvez fosse de outro dia, de outro mês, inclusive — céus! — de algum outro *ano.*

— Posso perguntar-lhe por que deseja saber, senhor?

Foi uma pergunta feita com polidez, mas em seu tom havia uma visível suspeita. Outra obstrução não prevista. Naturalmente, eles não forneceriam a ninguém o número do quarto de uma mulher tão conhecida. Improvisei de repente.

— Sou primo dela — expliquei. — Acabei de chegar. Estou no quarto 527.

Outra pontada de medo. Bastaria ele verificar o dado, para constatar que eu lhe mentia.

— Ela o espera, senhor? — perguntou o homem.

— Não — ouvi-me respondendo, com aprovação instantânea da mentira. — Ela sabe que estou na Califórnia e escrevi-lhe dizendo que faria o possível para vir à sua estréia esta noite, mas é *esta noite, não?* — indaguei, procurando tornar a pergunta natural.

— Não, senhor. Será amanhã à noite.

Assenti.

— Ah!

Não faço idéia do tempo que ficamos ali, um encarando o outro. Talvez fossem apenas segundos, mas deram-me a impressão de horas. Quando ele finalmente falou, meu estômago contorcia-se em nós ardentes, e nem mesmo ouvi direito. Precisei murmurar, pestanejando:

— Como disse?

— Eu disse que um mensageiro o conduzirá ao quarto dela — respondeu o homem.

Ao quarto dela. Aquelas palavras me fizeram estremecer.

— Não se sente bem, senhor? — perguntou o atendente.

— Fiquei um pouco abalado com a viagem de trem até aqui — disse eu.

— Entendo. — Ele assentiu prontamente e tremi de novo ao vê-lo erguer a mão direita e estalar os dedos de repente. — George! — chamou, num tom que também parecia um estalo.

Um homenzinho atarracado penetrou no campo visual que eu me permitia. Quando falou, reparei em seu uniforme, abotoado até o pescoço.

— Pois não, sr. Rollins? — disse ele.

— Acompanhe este cavalheiro ao quarto da srta. McKenna — disse o atendente. A maneira como falou deu-me a impressão de que adicionava a ordem implícita — e fique com ele, até ter certeza de que está tudo certo.

Talvez fosse imaginação minha. Mesmo assim, ele poderia perfeitamente ter-me dado o número do quarto, ao invés de arranjar-me uma escolta.

— Perfeitamente, sr. Rollins — replicou o empregado. Era já bem velho para um mensageiro, pois teria mais de cinqüenta anos. Olhando para mim, fez um gesto. — Por aqui, senhor.

Comecei a segui-lo ao longo do corredor lateral, procurando impedir que novas discrepâncias visuais me afetassem, mas foi impossível. No lugar em que tinha sido a tabacaria, vi uma sala de leitura. Onde havia sido o toalete dos homens, avistei o que me pareceu — a julgar pela reunião de cidadãos fumando charuto e cachimbo — um salão de fumar. E, onde fora a Sala de Descanso Vitoriana, vi um aposento cuja função me foi difícil identificar, posto que lá dentro conversavam vários homens e mulheres.

Senti que as batidas do coração ficavam mais rápidas, quando olhei para as portas do salão de baile à frente. No interior daquele salão, a apenas alguns metros de distância, estava preparado ou sendo preparado o palco, naquele exato momento. Respirei com dificuldade, ao ver o cartaz que descansava num cavalete, à direita das portas. Como num sonho, li: "A famosa atriz americana / Srta. Elise McKenna / Estrelando / *O pequeno ministro* / de J. M. Barrie / Sexta-feira, 20 de novembro de 1896 / às 20 horas".

Minha voz tremeu, quando me dirigi ao empregado.

— Não será possível que ela agora esteja lá, ensaiando?

— Não, senhor. Ninguém está lá dentro neste momento, exceto um ou dois operários.

Assenti. O que faria, se ela *estivesse* lá? O que diria? "Como tem passado, srta. McKenna? Acabei de viajar setenta e cinco anos para vê-la." Deus do céu! Só em imaginar tais palavras, minhas entranhas se encolhem.

A verdade é que não conseguia visualizar-me falando com ela, frente a frente. Não obstante, tinha que haver um comentário inicial, uma frase de abertura. Mais uma vez, eu falhara ao preparar-me, tão preocupado em alcançá-la, que nunca me preocupara com o que dizer-lhe, quando a visse.

Àquela altura, eu seguia o empregado, que cruzava o assoalho de tábuas de uma varanda fechada. Olhando para

a esquerda, através de janelas estreitas, não vi nenhuma piscina ou quadras de tênis, mas uma calçada uns três metros abaixo e, sempre descendo de nível, vários terraços ligados a ela por pequenos lances de degraus. De novo, fiquei perplexo ao ver como o oceano estava perto. Era uma tempestade, as ondas certamente salpicariam as janelas da varanda.

Quando passamos por uma larga abertura, que dava para uma escadaria que levava à calçada, olhei através da folha de uma das portas e avistei três figuras caminhando lado a lado, vindo para o hotel, todas usando capas e chapéus, e cujo sexo não pude identificar à claridade sombria do crepúsculo.

Pisquei para focalizar os olhos novamente, quando o empregado dobrou à direita e ganhamos um curto corredor para o pátio aberto. Ao vê-lo, contive a respiração.

— Algo errado, senhor? — perguntou o homenzinho, parando e olhando para mim.

Procurei pensar em algo para dizer.

— O relvado do pátio está tão viçoso...

— Pátio, senhor?

Olhei para o homem.

— Nós o chamamos de Átrio Aberto — informou ele.

Segui-o na direção oeste do Átrio Aberto. A despeito do contraste de iluminação e disposição, o que mais me impressionava em tudo aquilo era o senso de imutabilidade. Talvez fosse o vulto do hotel, imenso e indistinto em torno de mim, mas não estava bem certo. Tentei analisar a sensação, porém sem avaliá-la. Saber que cada passo me levava mais para perto de Elise ofuscava tudo o mais em meu cérebro. Dentro de minutos, segundos, talvez, estaria de pé à sua frente.

O que vou dizer?

Minha mente foi incapaz de responder. O melhor que podia imaginar era: "Posso falar-lhe, srta. McKenna?", e depois disso, tudo ficava em branco. O próprio pensamento de pronunciar aquelas palavras me atemorizava. E como poderia ela reagir favoravelmente, ao ouvir tão frágeis palavras, ditas por um homem absolutamente estranho?

Nesse ponto, a imaginação adicionou sua perturbadora influência à mente já confusa. Sem dúvida, Elise estaria cansada do ensaio, nervosa e talvez irritadiça. E se o ensaio não tivesse corrido bem? E se ela houvesse discutido com a mãe ou com Robinson? A tontura começou a ampliar-se novamente em minha cabeça, tornando presente uma multidão de obstáculos intransponíveis, pois todos impediam que eu falasse algo mais além de algumas palavras desajeitadas, antes que Elise se desculpasse, fechasse a porta do quarto na minha cara e desaparecesse da minha vida para sempre.

Certa vez, quando tinha oito anos, perdi-me em Coney Island. A emoção que sentia, ao aproximar-me do quarto de Elise, era idêntica à sentida na infância — cega ansiedade, um terror quase indescritível, o sistema nervoso à beira do pânico. Estive a ponto de fugir. Como ousar encará-la? Chegar até onde eu chegara, apenas para murmurar algumas palavras confusas e deixar escapulir o momento, seria o fim. Em desespero, tentei fixar na memória o que lera sobre ela haver conhecido alguém no hotel, durante sua permanência ali. Alguém que... Parei abruptamente, gelado, o coração batendo tão forte, que era como se algum lunático estivesse usando um bate-estacas dentro de meu peito.

E se Elise já tivesse conhecido esse alguém e estivesse em sua companhia agora?

O empregado não percebeu a minha parada. Metros mais adiante, ele dobrou à direita por um vão aberto e desapareceu de vista. Continuei ali, petrificado, as batidas do coração provocando dor real, enquanto a visualizava abrindo a porta, permitindo-me vislumbrar um rapaz no interior do quarto. O homem sobre quem lera, o "escândalo do Coronado" de Elise. Eu quisera iludir-me, tentando passar por aquele homem, assim enganando minha mente, procurando ser bem sucedido em contornar o próprio tempo para chegar até ela.

O empregado reapareceu, com ar inquisitivo. Trinquei os dentes e respirei, tenso, através deles.

— Estava olhando para o Átrio — murmurei.

Nem mesmo sei se a voz estava audível, mas, se estivesse, certamente minha mentira saltava aos olhos. Tudo quanto ele fez foi assentir e dizer:

— Perfeitamente, senhor. — Depois, com um gesto para a porta: Por aqui, senhor.

Acompanhei-o, tão constrangedoramente rígido, como se fosse um número. De novo, todas as minhas esperanças pareciam vás. Acompanhei-o, apenas porque me faltava coragem para recuar.

Passamos para uma sala de estar, que dava para a entrada de quatro dormitórios. Estonteado pela enormidade do que ia enfrentar, nada reparei quanto a decoração ou mobiliário. Meu coração ainda batia com força, lentamente. Senti um latejamento nas têmporas e perguntei-me vagamente se nau estava a ponto de desmaiar; algum recôndito segmento de minha mente, insensível a toda aquela angústia, parecia sugerir que esta seria uma forma tão boa para apresentar-me a ela, como qualquer outra que eu idealizasse.

O homenzinho parou diante de uma das portas. Vi o numero 41, impresso numa chapa metálica, pesada e oval,

presa à madeira. Estremeci, ao vê-lo bater à porta com os nós dos dedos da mão direita. Senti o piso começar a agitar-se sob meu peso, vi as paredes assumirem uma forma gelatinosa. Lá vai você, disse calmamente a voz mental. Estirando o braço, firmei-me à parede com a palma da mão.

A frase "ficou muito surpreso" esteve prestes a concretizar-se, quando uma aguda voz feminina soou repentinamente atrás de nós.

— Procuram a srta. McKenna?

Girei, ofegante, quase perdi o equilíbrio e, às cegas, tornei a procurar a firmeza da parede. Uma mulher jovem e rechonchuda olhava para nós. Curioso como a mente recolhe detalhes insignificantes, durante os momentos mais perturbadores. Tudo quanto realmente percebi foram os lábios rachados da criatura.

— Sim, procuramos. Ela está aqui? — perguntava o empregado.

— Ela saiu, faz pouco tempo.

A jovem me fitou de modo significativo, depois tornou a olhar para o atendente.

— Tem alguma idéia sobre aonde ela foi? — perguntou o homem.

— Parece que a ouvi dizer à mãe que ia dar uma caminhada ao longo da praia.

— Obrigado — murmurei.

Quando passei por ela, identifiquei um cheiro que, mais tarde, reconheci como sendo de sabão para lavar roupa. Encaminhei-me para a saída, esperando que meus passos largos não fossem tão desconexos como me sentia. De relance, perguntei-me se eles não me julgariam embriagado.

— Não gostaria de deixar alguma mensagem, senhor?

A voz do empregado pareceu flutuar às minhas costas.

— Não — respondi.

Ergui a mão, num esforço para esboçar um gesto casual. Evidentemente, não havia qualquer mensagem que eu pudesse deixar e que tivesse o mínimo sentido para ela.

Caminhando, vacilante, para a saída da sala de estar, dobrei à esquerda e segui pelo corredor que conduzia à parte norte do hotel. Ah, céus, esqueci de dar uma gorjeta a ele, pensei, então recordando que possuía apenas aquelas duas notas.

Olhei para a escadaria que levava ao porão, perguntando-me — uma indicação de meu estado mental — que fim tivera o letreiro indicativo da Sala de História. Saí do corredor e passei pelo pequeno elevador; *estava* lá, então. O jovem ascensorista, de pé junto dele, olhou-me de maneira peculiar, dando a entender que eu ainda apresentava uma aparência lastimável. Minhas pernas se moviam, mas poderiam pertencer a qualquer outra pessoa, quando caminhei para a porta, empurrei-a e esgueirei-me para fora.

A friagem do ar marinho fez-me estremecer, quando desci os degraus da entrada em movimentos cautelosos, segurando-me no corrimão. Sentira uma espécie de tranqüilidade ao saber que Elise caminhava pela praia, em parte porque não tivera que enfrentar nosso encontro em seu quarto, e também porque parecia encaminhar a situação a uma perspectiva menos importante; eu lera sobre a predileção de Elise em caminhar, e lá estava ela, caminhando, para confirmar minha leitura.

Minha segurança, no entanto, já se dissipara. A chance de encontrá-la na praia era terrivelmente remota. Ao mesmo tempo, eu sentia que aquela era a minha última chance. Se não a encontrasse agora, em pouco ela estaria ocupada em jantar, talvez mais ensaios e, em seguida, provavelmente iria dormir.

Movimentei-me com passos incertos ao longo do passeio encurvado, abaixo de uma fileira de árvores gotejantes. Até então, não tivera consciência dos muitos indícios de que havia chovido. Passei pelas quadras de tênis vazias e cheguei à calçada, junto à praia. O sol estava agora no horizonte, com três quartos enterrados no mar, irradiando uma coloração difusa e alaranjada. Nuvens negras encimavam a península distante, enquanto as partes mais baixas refletiam a claridade do sol. Ao longo da calçada da praia, estavam acesas grandes lâmpadas elétricas, suspensas em postes metálicos, assemelhando-se a uma série de pálidas luas cheias à minha frente. Passei por um banco de madeira, onde um homem de cartola fumava um charuto. A idéia me ocorreu de repente: e se fosse Robinson? E se ele a mantivesse sob vigilância o tempo todo? Sem dúvida, impediria que eu me dirigisse a Elise, mesmo se a visse.

Enquanto caminhava, perscrutei a praia à frente e à esquerda; ao contrário do que recordava, tinha menos quinze metros de largura. Outra pergunta me veio à mente: e se ela não estivesse fora do hotel? Bem, e se *estivesse?* — meu cérebro inverteu prontamente a dúvida. Ainda assim, continuei caminhando — caso aquilo que eu fazia pudesse ser caritativamente descrito como caminhar —, buscando algum indício dela.

Após algum tempo, precisei parar e descansar, de costas para o vento, que, embora não muito forte, era particularmente frio. Com o movimento, a visão do hotel me atingiu, com sua gigantesca e iluminada silhueta delineando-se contra o céu, como algum recortado castelo de fadas.

De repente, tive a aterrorizante premonição de que caminhara demasiado longe; que meu alcance de 1896

confinava-se ao hotel e que, agora, começaria a perder pé, sendo sugado inexoravelmente para 1971. Fechei os olhos, lutando contra a ameaça de transposição. Somente após um bom espaço de tempo, encontrei coragem para abrir os olhos e fitar novamente o hotel. Ele estava ainda lá, imutável.

Quando tornei a olhar para a praia estreita, eu a vi.

Como sabia que era ela? Não passava de um vulto diminuto, movendo-se quase imperceptivelmente contra o fundo azul-escuro da água. Em hipótese alguma, seria possível identificá-la com tão poucas evidências. No entanto, eu sabia que tinha de ser Elise.

A visão inicial que tive dela fez com que um calafrio me percorresse o corpo e o coração saltasse no peito. Agora, a única sensação era de um medo entorpecedor, de que o momento não duraria, de que seria levado para o lugar de onde viera, assim que a alcançasse. Havia o temor de que, mesmo interpelando-a, a reação de Elise fosse de aborrecimento com a minha presunção. Contra toda a lógica, esperara que a visão de Elise por fim me instilasse confiança. A verdade jazia no extremo oposto. Minha confiança situava-se no nadir, enquanto fiquei ali, perguntando-me o que poderia dizer para convencê-la de que não era nenhum louco, quando a interpelasse.

Minha cabeça latejava lentamente, todo o meu corpo estava gelado, enquanto eu a via caminhar perto da linha das ondas, mantendo a saia comprida acima da areia. Sua vagarosa aproximação parecia como um sonho; era como se, no instante em que a vira, o tempo se houvesse alterado novamente, os segundos estendendo-se para minutos, os minutos ampliando-se em horas, o Tempo 1 já sem efeito. De novo, encontrava-me fora do domínio de relógios e calendários, condenado a vê-la caminhar para mim através da eternidade, mas nunca me alcançando.

De certa forma, tal hipótese era um alívio, já que eu não tinha a menor noção do que diria a ela. Em visão mais ampla, no entanto, era uma tortura acreditar que, em verdade, nós dois jamais ficaríamos juntos. Mais uma vez, voltei a sentir-me como se fosse um fantasma. Cheguei a visualizá-la caminhando para mim, depois perto de mim, os olhos nem mesmo se movendo de mim, posto que, para ela, eu não estava ali.

Não posso lembrar exatamente quando comecei a caminhar em sua direção. A primeira vez que tomei consciência do movimento foi quando minhas botas derraparam na erodida encosta da praia, com uma elevação de metro e meio, mais ou menos, depois rangeram contra a areia úmida, mais próxima da água. Aumentando a imprecisão do momento, havia o pôr-do-sol nebuloso, ao longo do horizonte nublado e do alto de Point Loma. Meus olhos continuavam deslocados, por vezes deixando de vê-la, enquanto caminhávamos um para o outro, como figuras numa paisagem irreal. Lembrei-me do soldado em Owl Creek Bridge, caminhando ao encontro da bem-amada, mas nunca a alcançando, pois seus movimentos eram os últimos cruéis momentos de uma ilusão em agonia. Da mesma forma, interminavelmente, eu e Elise McKenna nos aproximávamos, enquanto as ondas mansas rolavam, uma por uma, provocando um ruído tão contínuo, que soava como o rugir de um vento distante.

Não sei dizer quando ela primeiro tomou consciência de mim. Minha única certeza é de que parou quando me viu, imóvel junto da água, com a silhueta destacada contra as últimas e pálidas fulgurâncias do sol que se punha. Seus olhos pousaram em mim, eu podia dizer, embora sem vê-los e sem ver sua face ou imaginar com que emoções ela via a minha aproximação. Sentiria medo? Eu não previra que Elise pudesse acolher minha chegada com receio. Nosso encontro havia sido tão inevitável, que nunca considerei essa possibilidade. Sopesei-a agora. O que *fazer,* se ela corresse em fuga ou gritasse por socorro?

Depois de muito tempo, parei diante dela, silencioso, e nos entreolhamos. Ela era mais baixa do que eu imaginara. Quase precisava tombar a cabeça para trás, a fim de olhar-me no rosto. Eu não conseguia ver bem o dela, porque Elise tinha as costas contra o sol que se punha. Por que estava tão quieta, tão estática? Senti algum alívio, por ela não pedir socorro nem dar-me as costas e fugir. Entretanto, por que a falta absoluta de reação? Seria possível que o medo a deixara muda, tolhera-lhe os movimentos? Tal idéia deixou-me nervoso.

O que eu sentira, quando me aproximava dela, nada era em comparação ao que sentia agora. Meu corpo e mente pareciam paralisados. Não me moveria nem falaria, se minha vida dependesse disso. Um pensamento penetrou-me no cérebro. Por que também ela estava ali, parada e muda, olhando para mim? De certa forma, percebia que não era por causa de nenhum terror paralisante, mas, além disso, era impossível avaliar seu comportamento ou reagir a ele.

Então, abrupta e inesperadamente, ela falou, e o som de sua voz me sobressaltou.

— É *você?* — perguntou.

Se eu houvesse compilado uma lista de todas as frases de abertura que ela poderia dirigir-me, aquela estaria no fim ou talvez nem mesmo fizesse parte dela. Fitei-a, incrédulo. Teria acontecido algum encantamento, inteiramente além de minhas visões, para permitir-lhe já saber a meu respeito? Era difícil de crer. Entretanto, um instante depois que ela falou, senti que me vinha ao encontro a miraculosa oportunidade de ultrapassar o que poderiam constituir horas em persuadi-la a aceitar-me.

— Sou, Elise — ouvi-me respondendo.

Ela começou a tremer e estendi o braço rapidamente para ampará-la. E como descrever, após todos os meus sonhos com ela, a constatação de que aqueles sonhos adquiriram carne, a mesma que sentia sob meus dedos? Ela

ficou tensa ao contato, mas não a soltei.

— Você está bem? — perguntei.

Ela não respondeu, embora eu desejasse, ansiosamente, saber o que estava pensando. Não consegui dizer mais nada, atordoado tão-somente pela presença dela. De novo, ficamos como estátuas, um olhando para o outro. Receei que meu silêncio desfizesse a pequena vantagem já conquistada, porém o cérebro se recusava a funcionar.

Elise estremeceu então, olhando em torno como se despertasse de um transe.

— Tenho que voltar para o hotel — murmurou, talvez mais para si mesma que para mim.

Suas palavras foram inesperadas, e minha pequena dose de confiança começou prontamente a desaparecer. Lutei contra um instinto de fuga.

— Eu a levarei de volta — disse eu.

Talvez pensasse em alguma coisa mais para falar, durante a caminhada. Ela não respondeu, e começamos a andar em direção do hotel. Eu me sentia doente de frustração. Fora vitorioso em minha incrível façanha: mover-me através do tempo para estar com ela. E agora, quando estávamos juntos — *juntos!* —, caminhando lado a lado, ficara mudo. Aquilo era incompreensível.

Assustei-me quando ela falou. De novo, não estava esperando.

— Posso saber seu nome? — perguntou ela.

Sua voz agora era mais controlada, embora soasse algo fraca.

— Richard — respondi. Não sei por que deixei de acrescentar o sobrenome, mas talvez tenha parecido supérfluo, já que só conseguia pensar nela como Elise. — Richard — repeti, sei lá por quê.

Silêncio, de novo, O momento me parecia insano. Eu fora incapaz de idealizar o que nos diríamos quando nos encontrássemos, porém jamais imaginara que ficaríamos calados. Ansiava por saber o que ela sentia, mas era absolutamente incapaz de sondar seus sentimentos e muito menos de transmitir-lhe os meus.

— Está hospedado no hotel? — perguntou ela.

Vacilei, procurando uma resposta. Por fim, decidi-me.

— Ainda não. Acabei de chegar.

De repente, ocorreu-me a idéia de que ela estivera com medo de mim o tempo todo e procurava simular o contrário; agora, esperava apenas uma chance de fugir, quando chegássemos mais perto do hotel. Eu precisava saber.

— Está com medo de mim, Elise? — perguntei.

Ela me fitou agudamente, como se eu pudesse ler seu pensamento, depois tornou a desviar os olhos.

— Não — respondeu, mas não soava muito convincente.

— Não precisa ter medo — disse eu. — Sou a última pessoa no mundo a quem pudesse temer.

Caminhamos novamente em silêncio, minha mente como um pêndulo entre a emoção e a prudência. Emocionalmente, a questão estava estabelecida. Eu viajara através do tempo para encontrá-la e não ia perdê-la, agora que a tinha comigo. Realisticamente, eu sabia ser um fator desconhecido para ela. No entanto, por que ela perguntara: "É você?" Aquilo me aturdia.

— De onde veio? — perguntou ela.

— Los Angeles — respondi.

Não era mentira, naturalmente, embora em tais circunstâncias tampouco fosse a verdade integral. Eu queria falar mais, fazê-la entender o milagre de estarmos Juntos, mas não tinha coragem. Jamais deveria tocar no assunto de como chegara a atingi-la.

Estávamos quase alcançando a ligeira encosta da praia. Dentro de segundos, subiríamos para a calçada, em minutos chegaríamos ao hotel. Eu não podia continuar caminhando ao lado dela como um sonâmbulo. Tinha que iniciar algo, firmar o nosso encontro. No entanto, como pedir para vê-la essa noite? Sem dúvida, Elise teria que ocupar-se com um ensaio e depois iria dormir.

De repente, sem causa aparente — a menos que o terror de perder seu interesse houvesse sobrepujado instantaneamente o de perdê-la por completo —, convenci-me de que estava sendo levado de volta a 1971. Parei de caminhar, com os dedos apertando-lhe o braço. A praia começou a girar em torno de mim, a escuridão flutuou ante meus olhos.

— Não — murmurei, involuntariamente. — *Não me deixe perdê-lo!*

Não recordo quanto tempo durou; podiam ter sido segundos ou minutos. Minha primeira lembrança é a de vê-la parada à minha frente, olhando para mim. Senti que, agora, Elise tinha medo. Algo em sua atitude deixava isso bem claro.

— Por favor, não tenha medo — supliquei.

O som que ela emitiu deixou-me entender que teria o mesmo efeito se eu lhe pedisse para parar de respirar.

— Sinto muito — disse eu. — Não tinha intenção de amedrontá-la.

— Está se sentindo bem? — perguntou ela.

Experimentei uma onda de gratidão, ao captar a preocupação em sua voz. Tentei sorrir, emitindo um frágil som que tentava infundir-me satisfação.

— Sem dúvida — respondi. — Obrigado. Talvez possa dizer-lhe, mais tarde, por que... — interrompi-me. Tinha que controlar estreitamente o que falava.

— Acha que já pode continuar? — perguntou ela, como se não percebesse a interrupção de minhas palavras.

Assenti.

— Sim, posso.

Meu tom parecia bastante natural, embora eu pensasse em como era incrível que estivéssemos falando. Eu ainda não me ajustara ao temor básico de tê-la à minha frente, de ouvir o som de sua voz, sentir-lhe o braço sob meus dedos.

Pestanejei de repente, ao perceber como havia pressionado aquele braço.

— Machuquei-a? — perguntei.

— Está tudo bem — disse ela.

Houve uma pausa, antes de recomeçarmos a caminhar para o hotel.

— Esteve doente? — perguntou Elise.

Senti brotar em mim uma bizarra alegria.

— Não, apenas... fiquei cansado da viagem — disse. Tomei coragem: — Elise?

Ela deixou escapar um som fraco, inquisitivo.

— Poderíamos jantar juntos?

Elise não respondeu e, imediatamente, minha confiança evaporou-se de novo.

— Não sei — respondeu ela, por fim.

Uma devastadora noção de impropriedade tomou conta de mim, ao perceber, de súbito, que aquilo acontecia em 1896. Estranhos completos não costumam abordar mulheres solteiras na praia, segurar-lhes o braço e caminhar com elas, sem serem convidados, e muito menos as convidam para jantar. Tais atos ficavam adequados à época que eu abandonara; aqui, eram impróprios.

Enquanto tudo isso me vinha à cabeça, ela perguntou:

— Posso saber seu sobrenome, senhor?

Pestanejei, ante a formalidade de suas palavras, mas respondi da mesma forma.

— Sinto muito — desculpei-me. — Eu devia ter-lhe dito. Collier.

— Collier — repetiu ela, parecendo tentar extrair alguma lógica do nome. — E sabe quem eu sou?

— Elise McKenna.

Senti seu braço estremecer ligeiramente. Estaria pensando que eu a abordara por ser uma atriz famosa? Então, não havia qualquer mistério: eu seria algum conquistador amalucado, algum esperto caça-fortunas.

— Não se trata disso — disse eu, como se ela soubesse quais eram meus pensamentos. — Não a procurei por ser... por ser quem é.

Ela não respondeu. Senti a ansiedade aumentando, quando a ajudei a subir a pequena encosta até a calçada que marginava a praia. Como pudera pensar que o fato de encontrá-la me daria paz? Ela podia não ter corrido nem gritado por socorro, mas sua aceitação era bastante precária.

— Sei que tudo isso parece... inexplicável — disse eu, esperando que, de fato, não parecesse óbvio e suspeito. — Entretanto, *existe* um motivo e nada tem de inconfessável.

Por que eu insistia naquela linha de pensamento? Tal enfoque do assunto apenas aumentaria suas suspeitas a meu respeito.

Estávamos contornando a calçada, agora. Senti que minhas pulsações se tornavam mais penosas. Dentro em pouco, estaríamos no interior do hotel. Ela poderia deixar-me, correr para o quarto e trancar a porta, acabar com tudo. E nada havia que eu pudesse fazer para evitá-lo. Convidá-la novamente para jantar pareceu-me uma atitude errônea. Afinal, eu não sabia mais o que falar, sobre qualquer assunto.

Subíamos agora os degraus que levavam à entrada. Minhas pernas estavam entorpecidas, e quando abri a porta para ela, pareceram pesar meia tonelada. Entramos e paramos ao mesmo tempo. Talvez eu é que houvesse parado, forçando-a a imitar-me; simplesmente, não consigo me lembrar. Recordo apenas que, pela primeira vez, olhava para o rosto de Elise McKenna, banhado em total claridade.

Suas fotos mentiam. É belíssima, muito mais do que mostra qualquer delas. A descrição de detalhes não poderá transmitir a magia da combinação que formavam. Deve ser registrado, contudo, que seus olhos são verde-acinzentados, as maçãs do rosto, altas e delicadamente estruturadas, o nariz, de perfeita formação, os lábios, carnudos e vermelhos, sem necessidade de pintura, a pele, com a tonalidade da luz do sol, rosa-pálido, os cabelos, fulvos, lustrosos e luxuriantes; erguidos para o alto naquele momento, enquanto ela me fitava com expressão de franca curiosidade, tão evidente, que quase lhe disse, ali mesmo, que a amava.

Acredito que, durante aqueles segundos, naquele corredor silencioso, entreolhamo-nos através de um vácuo de setenta e cinco anos. Pessoas de épocas diferentes exibem uma expressão distinta, creio eu; uma expressão que é pertinente ao período em que vivem. Penso que ela viu isso em meu rosto, da mesma forma que vi no dela. Trata-se de algo intangível, naturalmente, não podendo ser reduzido a minúcias. Eu gostaria de descrevê-lo com mais precisão, porém, não consigo. Tudo quanto sei é que ela sentiu 1971 em minha presença, como senti 1896 na dela.

Fico em dúvida, entretanto, se isso explica por que ela ficou olhando para mim, com uma candura anormal para uma mulher de sua época e condição. Não estou exagerando. Elise me fitava como se não pudesse desviar os olhos, e, naturalmente, isso acontecia comigo também. Literalmente, ficamos com os olhos presos, um no outro pelo que deve ter sido mais de um minuto, enlevados por mútua concentração. Eu queria tomá-la nos braços, beijá-la, apertá-la contra mim e dizer-lhe que a amava. Permaneci imóvel, petrificado. Talvez fosse aquele abismo de tempo entre nós ou, mais simplesmente explicável, uma barreira emocional. Fosse o que fosse, nada mais existia no mundo além de Elise McKenna e eu, um olhando para o outro.

Novamente, foi ela quem falou primeiro.

— Richard — disse.

Tenho a impressão de que falava não só para pronunciar meu nome, mas principalmente para testar minha identidade, verificar se tinha sabor agradável à sua mente.

Em vista do acontecido antes, estranhei que, de repente, Elise desviasse os olhos e a cor lhe subisse ao rosto. Só mais tarde compreendi que sua curiosidade fora naturalmente dissipada pelas exigências da etiqueta então recordada.

— Preciso ir — disse ela.

Afastou-se realmente de mim. Minha pulsação ficou confusa.

— Não! — exclamei. Ela se virou rapidamente, parecendo quase amedrontada.

— Não, por favor! — Minha voz estava trêmula. — Por favor, não me deixe. *Eu tenho que ficar com você.*

Novamente aquele olhar de franca e vulnerável candura. Ela estava tentando, esforçando-se para compreender.

— Por favor, jante comigo — pedi.

Seu lábios se moveram, mas não emitiram qualquer som.

— Preciso trocar de roupa — disse, afinal.

— Me permita... *permita-me?* — soltei. A gramática viria atrapalhar-me logo agora? Eu estava fora de mim; queria rir e chorar ao mesmo tempo. — Elise, por favor, permita-me esperar por você. Não tem uma sala de estar ou... coisa assim? — Eu agora suplicava. — *Elise!*

Ela deixou escapar um som que, se interpretado corretamente, me diria: "Por que fico falando com você? Por que não grito e fujo?" Tudo contido naquele breve som: incredulidade e exasperação, por estar dando atenção à balbucia de um lunático.

— Sei que estou me tornando inconveniente — disse eu. — Sei como é estranha a minha atitude e sei que a importunei na praia. Não imagino por que foi tão gentil comigo. Devia ter-me atirado areia nos olhos e corrido, mas... Minha voz extinguiu-se. A beleza de seu rosto, quando ela estava séria, bastava para fazer-me chorar. Ao sorrir, a fisionomia se tornava tão radiosa, que meu coração quase parava de bater. Olhei para ela com, tenho certeza, abjeta adoração. Seu sorriso era tão belo, tão suave em sua compreensão e estupefação!

— Por favor — consegui continuar. — Prometo comportar-me. Ficarei sentado quietinho numa cadeira e... — Interrompi-me, enquanto tentava encontrar algo para completar a frase. Apenas duas palavras acudiram. Eram absurdas, mas pronunciei-as assim mesmo: — serei bonzinho.

A expressão dela alterou-se. Percebi certa empatia. Que forma essa empatia estava assumindo era impossível adivinhar; talvez não fosse mais que piedade por um semelhante sofrendo. Sei apenas que, naquele instante, ela acedeu à minha súplica.

A expressão desapareceu tão rapidamente como aparecera, mas eu senti que a alcançara, naquele momento, pelo menos. Elise suspirou, como fizera na praia, um suspiro de triste derrota.

— Está bem — disse.

Grato, receando falar por temer que ela mudasse de idéia, caminhei a seu lado no corredor, e depois até a entrada da sala de estar comum, que dava para os quartos. Fiquei tenso, ante a súbita idéia de que ela talvez houvesse pensado que me referia àquela sala. A tensão diminuiu, quando cruzamos a sala sem que Elise nada dissesse, indo parar diante da porta de seu quarto. Esperei, enquanto ela remexia na bolsa, à procura da chave, encontrou-a e finalmente a inseriu na fechadura.

Meus olhos cravaram-se na chave. Como Elise não a girasse, ergui a cabeça e vi que ela me fitava. Como avaliar aquele olhar? Talvez ela estivesse querendo distanciar-se de tudo quanto ocorrera. Afinal, o que era eu, um homem estranho, buscando entrar em seus aposentos? Enfim, julguei que ela pensasse nisso e disse, espontâneo:

— Ficarei apenas sentado e esperando, prometo.

Ela tornou a suspirar, exasperada.

— Isto é...

Não completou o pensamento, mas girou a chave e abriu a porta. Pude adivinhar que estivera prestes a dizer: *Isto é loucura.* E era, realmente; muito mais do que ela imaginava.

O aposento estava debilmente iluminado quando entramos; postei-me a um lado, para que ela fechasse a porta. Notei que a lareira estava apagada e ouvi o sibilar do vapor de um radiador, que não podia ver. Olhei para uma estátua de mármore branco sobre o consolo da lareira era uma ninfa, segurando uma cornucópia que transbordava de flores. Além disso, minha impressão do aposento foi geral: tapete espesso, mobília branca, um espelho de moldura dourada na parede, uma secretária perto da janela.

Tudo formava um fundo inconseqüente para sua figura graciosa, quando ela cruzou o aposento, desabotoando o casaco.

— Fique esperando aí — disse ela.

Seu tom era o de uma mulher que aceita a loucura de seus atos, mas não se sente precisamente satisfeita com eles.

— Elise — chamei.

Ela se virou e, com sobressalto, vi que por baixo do casaco usava a mesma blusa da fotografia publicada em *Atores e atrizes mais conhecidos:* branca, com uma gravata escura, presa por uma tira em torno da margem inferior da gola alta. Percebi então que o casaco também era o mesmo — preto, abotoado dos dois lados do busto, com largas lapelas, chegando até o chão.

— Sim, sr. Collier?

Tenho certeza de que pestanejei.

— Por favor, não me chame assim — pedi.

Senti que ela usara o tratamento como uma forma de defesa contra a minha presença ali, em sua companhia, um método de erguer uma barreira de polidez entre nós. Não me intimidou nem um pouco.

— Então, como quer que o chame? — perguntou ela.

— Richard respondi. — E eu... — contive a respiração. — Permite que a chame de Elise, não? Simplesmente, não posso chamá-la de srta. McKenna. *Não posso!*

Ela me estudou em silêncio. A suspeita estaria voltando? Em caso afirmativo, não me surpreenderia. Qualquer raciocínio correto, naquele momento, resultaria em suspeição.

No entanto, sua expressão foi mais gentil do que isso.

— Não sei o que dizer — respondeu.

— Compreendo.

Um sorriso dolorido flutuou brevemente em seus lábios.

— Compreende? — repetiu ela.

Após falar, afastou-se, quase agradecida, pude notar. Seguramente, sentia-se aliviada por ficar um pouco sozinha, a fim de analisar esse enigma tranqüila e isoladamente.

Olhou por sobre o ombro, quando se aproximou da porta que dava para o aposento vizinho; estaria imaginando que eu a seguiria sorrateiramente? Notei uma mecha de cabelos fulvos caindo-lhe pela nuca, e, de repente, fui envolvido numa onda de amor por ela. Afinal, um de meus temores fora infundado. Estar em presença dela não reduzira, em absoluto, os sentimentos que eu lhe dedicava. Aliás, estavam mais firmes do que nunca.

De repente, tomei consciência, uma vez mais, da secura de minha garganta; ocorreu-me que seria a secura da garganta de um sensitivo, em seguida a uma experiência psíquica.

— Elise!

Ela parou junto à porta do quarto e olhou em torno.

— Poderia arranjar-me um pouco de água? — perguntei.

Novamente, aquele som em que se mesclavam divertimento e espanto. Parecia que eu a desnorteava constantemente. Ela assentiu e em seguida saiu da sala.

Cruzei o aposento e parei perto da porta aberta do quarto. No interior, pude ver uma cama de casal, pintada de branco, instalada numa alcova cujas cortinas estavam abertas. À direita havia uma mesa-de-cabeceira, branca, sustendo um abajur metálico, de cúpula também de metal, incrustada de pedras.

Ouvi quando ela enchia um copo de água. Também há um banheiro privado, pensei. Percebi que minhas pernas estavam trêmulas. Era forçoso sentar-me, o quanto antes.

Elise voltou, trazendo um copo de água, que me estendeu. Nossos dedos se tocaram por um instante, quando o apanhei.

— Obrigado — disse eu.

Ela me fitou nos olhos, com tal expressão de súplica, que me sobressaltou. Parecia questionar minha própria

existência, questionar a si mesma e sua reação a tal existência, mas sem conseguir qualquer resposta.

Virou-se, murmurando:

— Com licença.

Fiquei tenso quando ela fechou a porta do quarto. Esperei pelo som da chave girando na fechadura e, como ele não veio, relaxei-me lentamente.

— Elise? — chamei.

Silêncio. Por fim, ela respondeu.

— Sim?

— Você não vai... sair por uma janela e fugir, vai?

Perguntei-me o que ela estaria fazendo. Sorrindo? Franzindo as sobrancelhas? Teria mesmo pretendido fazer exatamente aquilo? Eu não queria acreditar, mas meus temores eram infantis naquele momento, irracionais.

— Acha que devo? — perguntou ela, por fim.

— Não — respondi. — Não sou nenhum criminoso. Vim apenas para... — "amá-la", completou minha mente — estar com você — terminei.

Não ouvi mais qualquer som. Perguntei-me se ela ainda estaria do outro lado da porta ou começando a trocar de roupa. Fitei a folha de madeira em ansioso silêncio, desejando abri-la e ficar novamente com Elise, já começando a recear que nosso encontro fora um ilusão. Quase a chamei de novo, mas então me forcei a ficar calado. Precisava dar-lhe tempo para refletir.

Relanceei os olhos em torno e senti-me um pouco melhor ao constatar que o aposento era, obviamente, uma parte de 1896. Havia um calendário vertical, de prata, sobre a secretária. Impressa em inglês antigo, a data se mostrava em três janelinhas: *Quinta-feira / Novembro / 19.* Fiquei perturbado pela ausência do ano, embora compreendesse que tão dispendioso calendário dificilmente seria usado para um ano apenas.

Tomei consciência do copo em minha mão e bebi a água num gole, suspirando quando ela banhou minha boca e a garganta ressequidas, embora de gosto salobro. Estou bebendo água de 1896, pensei. A idéia me deixou algo excitado, porque era minha primeira absorção física da época — a menos que levasse em conta o ar que respirava.

Ainda tinha sede, mas relutei em pedir mais água a Elise. Sentei-me e descansei, em vez disso. Caminhando para uma cadeira de braços, afundei nela com um grunhido e depositei o copo numa mesa próxima.

Imediatamente, meus olhos começaram a fechar-se e sobressaltei-me, em assustada reação. Se acabasse dormindo, perderia o contato! Sacudi a cabeça, depois tornei a pegar o copo. Ainda havia algumas gotas no fundo. Despejei-as na palma esquerda, esfreguei-a no rosto e coloquei de novo o copo na mesa.

Procurei permanecer alerta, concentrando-me em detalhes da sala. Olhei para o paninho rendado, preso às costas de uma cadeira de braços próxima. Olhei para a mesa perto da parede e contei o número de flores esculpidas em seus pés. Olhei fixamente para um relógio em cima da mesa. Eram quase seis horas. Tempo 1, pensei. Ergui os olhos para o lustre de sete lâmpadas, pendendo do teto. Contei e recontei todos os pendentes de cristal. Não durma, ordenei a mim mesmo. Você não pode dormir.

Olhei para o calendário vertical, em cima da secretária. Fazia parte de um conjunto de escrivaninha, podia ver agora — uma bandeja de prata, na qual havia dois tinteiros em vidro trabalhado, uma caneta de prata e o calendário. O ano era dispensável, pensei. Sabia onde me encontrava.

Encontrava-me em 1896 e a tinha alcançado.

Despertei bruscamente, com um grito, olhando em torno, abalado e confuso. *Onde estava?*

Então, a porta do dormitório se abriu rapidamente, e Elise olhou para mim, com uma expressão alarmada no rosto. Sem pensar, estendi a mão direita em sua direção.

Tremia assustadoramente.

Ela vacilou, mas depois aproximou-se e a segurou; devo ter-lhe parecido patético. O contato de sua mão cálida, agarrando a minha, funcionou como uma transfusão. Vi suas feições ficarem tensas e relaxei a pressão.

— Sinto muito — disse eu mal conseguindo falar.

Contemplei-a avidamente. Ela trajava um vestido cor de vinho, de sarja, com gola alta circundada por seda preta, mangas compridas, não no típico formato de presunto, mas sim coladas aos braços. Apenas a frente e os lados do cabelo estavam suspensos, mantidos no lugar por enfeites de osso de tartaruga.

Ela devolveu meu olhar em silêncio, com aquele mesmo ar inquisitivo, pesquisando meu rosto, como que em busca de uma resposta.

Por fim, baixou os olhos.

— Desculpe-me — disse ela. — Estava olhando novamente.

— Eu também.

Ela tornou a fitar-me.

— Sinceramente, não entendo — disse ela, em tom de calma observação.

Ela ofegou e puxou bruscamente a mão da minha, quando alguém bateu à porta. Olhamos os dois através da sala, e depois me virei para ela. Sua expressão era um misto de desconforto e... o quê? A primeira palavra que me ocorreu foi cautela; como se ela já estivesse planejando o que dizer, a fim de explicar minha presença ali. Esperei que ela tivesse alguma explicação pronta; eu não tinha nenhuma.

— Lamento, se a estou comprometendo — disse eu.

Ela me fitou brevemente e notei suspeita em seu rosto. Sem querer, será que eu a fizera novamente pensar em termos de hedionda motivação de minha parte? Comprometimento, constrangimento, santo Deus, até mesmo *chantagem?* Tal idéia me deixou chocado.

— Com licença — disse ela.

Levei um susto, quando Elise começou a escovar meu cabelo repentinamente; até então, não havia reparado na escova em sua mão esquerda. Fitei-a com espanto, até compreender que eu devia ter ficado com os cabelos em desalinho, por causa do vento na praia ou por ter dormido pouco antes. Ela procurava tornar-me mais apresentável a quem quer que estivesse à porta.

Quando se inclinou, pude aspirar o perfume que usava. Tive que me concentrar, para não me dobrar para diante e beijar-lhe a face. Elise olhou para mim. Sem dúvida, eu ainda devia parecer bastante perturbado, porque perguntou, num sussurro:

— Você está bem?

Eu sabia que era errado, mas não tive forças para resistir.

— Eu a amo — sussurrei em resposta.

A escova lhe tremeu na mão e percebi como a pele se distendia nas suas faces. Antes que pudesse desculpar-me, tornaram a bater.

— Elise? — chamou alguém.

Estremeci. Era a voz de uma mulher de idade. Lá vamos nós, pensei. Elise endireitou-se abruptamente ante o meu sussurro. Depois olhou para a porta.

— Sinto muito — balbuciei.

Ela olhou para mim, mas nada disse. Engoli em seco — precisava de mais água —, levantei-me e enrijeci o corpo, sabendo que devia estar de pé, quando a sra. McKenna entrasse.

A verdade é que me levantei demasiado rápido e perdi o equilíbrio, quase caindo, antes de aferrar-me ao encosto da cadeira. Olhei para Elise. Ela parou perto da porta e observou-me ansiosamente. Aquele devia ser um momento terrível.

— Estou bem — assenti.

Seus lábios entreabriram-se para uma respiração silenciosa — ou, mais provavelmente, para uma calada prece. Virando-se para a porta, notei que procurava encorajar-se, antes de girar a maçaneta.

A sra. McKenna entrou, começou a dizer algo à filha, mas logo interrompeu o que dizia, com uma expressão de espanto e desagrado, ao me ver do outro lado da sala. O que estaria pensando? Um trecho de recordação carregou minha mente. Até aquele dia, nunca se soubera que sua filha conhecesse ou tivesse algo a ver com homens, além do relacionamento formal e obrigatório. Sua amizade mais íntima era com Robinson, mas envolvendo apenas o lado comercial.

Deparar com um absoluto estranho no quarto de hotel de Elise deve ter sido eletrificante para a sra. McKenna. Vi que procurou controlar sua reação, mas o choque era demasiado.

Elise tinha a voz sob controle, quando falou. Era a voz de uma atriz experiente, dizendo a sua linha de diálogo. Não fosse isso, eu juraria que estava perfeitamente calma.

— Mamãe, este é o sr. Collier — disse ela.

Etiqueta. Sobriedade. Loucura. Jamais saberei de que fonte extrai energias para cruzar a sala, tomar a mão da sra. McKenna, apertá-la ligeiramente, fazer uma mesura e sorrir.

— Como tem passado? — perguntei.

— Bem, obrigada — respondeu ela, com ar distante.

Era, ao mesmo tempo, um breve reconhecimento de minha existência e um questionamento da sua validade. O curioso é que seu tom contido de voz ajudou-me na iniciativa para um ajustamento. A despeito do meu desassossego, a rígida postura e indisfarçada desaprovação daquela mulher permitiram-me ver, por trás de sua pose autocrática, a atriz veterana, ainda não inteiramente treinada numa apresentação semelhante.

Não que ela representasse uma cena, conscientemente, em decorrência de minha presença, mas o efeito era similar. Não tenho dúvidas de que se sentiu realmente ofendida por eu estar ali. Entretanto, sua atitude pareceu ultrapassar o que ela me transmitiu como pessoa; resumindo, a sra. McKenna procurou representar além de sua natureza. As costuras estavam de fora, aparecendo. Ela provinha do turbulento teatro rural do século XIX e não era nenhuma *grande dame,* por mais que se esforçasse por aparentá-lo. Sua atitude seguinte seria virar-se para a filha, de

sobrancelhas arqueadas, aguardando uma explicação. Foi exatamente o que fez e, a despeito de meu contínuo nervosismo, senti um tremor de divertimento.

— O sr. Collier está no hotel — disse Elise, fornecendo a esperada explicação. — Veio para ver a peça.

— Ah! — exclamou a sra. McKenna, encarando-me friamente.

Era evidente que queria perguntar: Quem é ele, afinal, e o que faz aqui, em seu quarto? Entretanto, não era aceitável ser tão grosseira. Pela primeira vez fui grato às reticências sociais de 1896.

O silêncio me disse que eu devia ajudar Elise, em vez de deixá-la desorientada, limitando-me a esperar que esclarecesse sozinha a minha presença. Se eu deixasse de intervir, ela jamais se sairia bem.

— Sua filha e eu nos conhecemos na cidade de Nova York — menti, sem saber se com segurança. Tive uma súbita inspiração.

— Foi depois de uma representação de *Christopher Junior* — acrescentei. — Estava a caminho de Los Angeles, em uma viagem de negócios, quando decidi parar no hotel, a fim de assistir à representação de amanhã à noite.

Boa história, Collier, pensei. O máximo da hipocrisia!

— Compreendo — disse friamente a sra. McKenna.

Ela não parecia compreender, em absoluto. Pouco importando qual fosse o meu pretexto, jamais deveria ser encontrado no quarto de sua filha, no hotel.

— Qual é o seu ramo de negócios? — perguntou a mulher.

Eu não esperara essa particular pergunta e somente consegui ofegar, olhando para ela, realmente abalado. Quando refleti que a verdade era mais simples que a simulação, certamente ela pensou que minha resposta fora mentirosa.

— Sou escritor — disse, sentindo as entranhas se contorcerem.

Que Deus me ajudasse, se ela perguntasse o que eu escrevia. Não perguntou. Tenho certeza de que pouco se importava com quem ou o que *eu* era, desejando apenas verme a quilômetros do quarto de sua filha. Tal desejo estava implícito em sua voz, quando se virou para Elise e murmurou:

— E então, querida? (Não é hora de despedir esse rufião?)

Amei Elise ainda mais por não me expulsar dali, quando tinha todas as justificativas para agir assim. Erguendo o queixo com régia dignidade, o que, em um instante, me disse mais sobre sua inerente capacidade como atriz que todos os livros já lidos, ela respondeu:

— Convidei o sr. Collier para jantar conosco, mamãe.

O lapso de tempo antes que a mãe falasse tornou sua réplica redundante.

— Ah! — tornou a exclamar.

Tentei devolver seu olhar gélido, mas era difícil. Tentei proferir algo, mas emiti apenas um surdo gorgolejo; minha garganta ainda estava demasiado seca. Pigarreei para limpá-la.

— Espero não estar sendo inoportuno — disse eu.

Errado!, gritou minha mente. Eu jamais deveria dar a ela uma abertura. A sra. McKenna aproveitou para imiscuir-se através dela, rapidamente.

— Bem... — disse apenas.

Não precisaria acrescentar mais nada. Sua atitude era muito clara. Esperava que eu entendesse sua sugestão velada, como faria qualquer cavalheiro digno do nome, pedisse desculpas, saísse dali e me evaporasse como o orvalho.

Não fiz nada disso. Sorri, embora idiotamente. A expressão da sra. McKenna congelou-se instantaneamente na da dama cortês e de alto nascimento, forçada a uma provação inevitável; outra cena da mesma peça. Por seu turno, Elise não ajudou muito, quando disse:

— Estarei pronta em um momento.

Caminhou para o quarto. Olhei para ela, assustado. Estaria me abandonando? Então, notei a mecha que lhe caía pela nuca e me senti ainda pior. Não apenas ela havia sido encontrada em seu quarto de hotel na companhia de um homem estranho, como fora encontrada com os cabelos em desalinho.

Não estou analisando o momento com leviandade. Sinceramente, eu senti seu constrangimento. Seria porque eu começara a me fundir ao humor e costumes da época? Esperei que sim. Era o único possível aspecto para aquela circunstância tão desagradável.

A porta do quarto foi fechada com força e fiquei na sala, de pé e sozinho com a sra. Anna Stuart Callenby McKenna, de quarenta e nove anos, que me detestava.

Permanecemos como atores que esqueceram suas falas, ambos rígidos, ambos mudos. Eu sabia que ia ser dura a cena a ser representada. Logo se tornou aparente que a sra. McKenna não tinha a intenção de dizer qualquer coisa, de maneira que pigarreei e perguntei como estavam indo os ensaios.

— Muito bem — replicou, lacônica.

A conversa terminou ali. Forcei um sorriso, depois analisei o tapete. Ergui a cabeça. Ela desviou os olhos; estivera me observando com algo menos que amizade. Eu sentia ímpetos de dizer-lhe algo presciente, mas sabia que precisava resistir ao impulso. Era indispensável aprender, o quanto antes a conter qualquer ânsia de comentar, baseando-me numa injusta vantagem de pré-conhecimento. Cabia-me agir como se fosse exatamente o que dissera; tinha, ainda, de começar a acreditar nisso. Ser parte daquela época era agora uma necessidade primordial. Quanto mais eu me tornasse parte dela, menos teria de recear a perda de contato.

Estou ansioso, começou minha mente. Nada de contrações, por favor, disse-lhe eu. Expresse-se corretamente, com todas as letras.

— Estou ansioso pela estréia — disse eu. Senti certa artificialidade em não pronunciar " 'stou", como soa na linguagem coloquial, mas era preciso acostumar-me. — Elise.

Ela me perfurou com um olhar ártico. Errado!, pensei novamente. Aquele era o ano de 1896, um bastião de formalidade. Eu devia tê-la chamado de srta. McKenna. Santo Deus, pensei, imaginando as agonias que estavam por vir. Como seria lidar com a sra. McKenna e Robinson simultaneamente? A visão me transtornou e senti a compulsão louca de irromper no dormitório, trancar a porta e pedir a Elise que ficasse comigo para podermos conversar.

Olhei para o traje da sra. McKenna. Em uma figura menos rechonchuda e robusta, pareceria atraente: um vestido de brocado amarelo, guarnecido de preto, que ia até o chão, as mangas em forma de presunto, feitas de *chiffon* negro, um xale escuro drapejado em seus ombros. Como Elise, ela erguia os cabelos, prendendo-os com acessórios de osso de tartaruga. Ao contrário de Elise, ela me transmitia apenas uma imagem de falta de gosto e inadequação.

— É um belo vestido — comentei, para dizer alguma coisa.

— Obrigada — respondeu, sem ao menos olhar para mim.

Eu gostaria que ela se sentasse. Ou desse alguns passos por ali. Olhasse pela janela. Fizesse algo, em vez de permanecer ereta como um guarda palaciano, pronta para deter-me ao menor movimento suspeito de minha parte. Novamente, senti ímpetos de invadir o dormitório. Desta feita, fui parcialmente perverso, pois seria interessante ver como reagiria. Irritado comigo mesmo, expulsei a idéia. Tinha viajado para uma época de circunspecção. Devia agir como um cavalheiro circunspecto.

Fiquei tão aliviado quando Elise saiu do quarto, que soltei um ruidoso suspiro. A sra. McKenna olhou para mim com os lábios apertados em uma censura muda. Fingi nada ver. Olhei para Elise, quando ela cruzou o aposento. Com que graciosidade se movia! Senti outra onda de amor por ela.

— Está magnífica — elogiei.

Outro erro; quantos mais cometeria, antes de aprender? De qualquer modo, falara com sinceridade, mas podia notar que, em presença da mãe, minhas palavras a constrangiam.

— Obrigada — murmurou, mas evitando meus olhos, quando me aproximei para abrir a porta.

A sra. McKenna passou por mim, seguida de Elise, que usava um xale de renda escuro sobre os ombros e carregava uma pequena bolsa de noite na mão direita. Um traço de seu perfume delicado excitou-me, quando passou, fazendo-me suspirar de novo, audivelmente. Ela não demonstrou ter ouvido, mas tenho certeza de que ouviu. *Comporte-se,* disse para mim mesmo.

Passei para a sala de estar exterior e fechei a porta. Elise estendeu-me a chave, eu a peguei, tranquei a porta e devolvi-a. Nesse momento, nossos olhos se encontraram por um instante, e pude sentir aquela estranha emoção que tornava a enlear-nos. Com que intensidade da parte dela, eu não tinha idéia. Entretanto, era algo bem definido. Como explicar nossa caminhada na praia, a permissão para entrar em seus aposentos, o fato de levar-me para jantar em sua companhia? Isso, sem mencionar aqueles olhares intensos, absorventes. Nada tinha a ver com o meu encanto pessoal, posso assegurar.

O momento terminou quando ela se virou e deixou a chave cair na bolsinha. Sua mãe arrogou-se a obrigação de comboiá-la e passou a caminhar ao lado dela. Não fiz nenhuma tentativa para juntar-me às duas, preferindo segui-las através da sala de estar e depois até o Átrio Aberto.

Ambas olharam para trás, quando emiti um som de admirada reação. O Átrio era um lugar de conto de fadas, iluminado por centenas de lâmpadas elétricas coloridas, a vegetação tropical brilhando em todas as direções, a fonte central cascateando penachos de água cintilante e iluminada.

— Estou impressionado com a aparência do pátio — falei.

Átrio Aberto!, pensei, irritado com minha incapacidade em reter as coisas. Daquele ponto em diante, fui colocado em abjeto cativeiro pela sra. McKenna. Fisicamente, sua cintura impedia que eu caminhasse ao lado de Elise, posto que a calçada não tinha largura suficiente. Fiquei também isolado em termos de conversa, forçado a ouvi-la falar sobre a produção e sobre atores e atrizes que eu não conhecia. Presumi que ela pretendia arrancar a filha de minha "insidiosa persuasão" discutindo aspectos do mundo de ambas, do qual eu não privava. Um consolo apenas superficial era a certeza de que eu sabia muito mais sobre a vida de Elise do que sua mãe poderia supor. Era

perturbador o fato de que a sra. McKenna já procurava forçar um obstáculo entre mim e Elise. Sem dúvida ela tornaria o jantar o mais desconfortável possível para mim e, em seguida, afastaria a filha, caso pudesse. Se Robinson também estivesse presente, meu dilema seria duplamente premente.

Enquanto as seguia ao longo da calçada, perguntei-me vagamente por que não dobrávamos para a varanda dos fundos, seguindo a rota para o saguão, através do qual me escoltara o idoso empregado. Creio — agora é apenas uma suposição, mas que outra explicação teria? — que ele me levou por aquele caminho, apenas porque demorava mais, retardando assim a sua volta ao saguão — e ao sr. Rollins.

Agora, além do desconforto em ser mantido distante de Elise, havia o renovado desassossego de caminhar para o saguão. Mergulho na voragem, capítulo dois, pensei. Eu era reconduzido àquele despojado núcleo de 1896. Tentei erguer uma armadura mental, mas sabia que, uma vez exposto novamente à distinta energia daquela época, ficaria virtualmente indefeso.

Vi que o saguão estava apinhado, quando estendi o braço e abri a porta para Elise e sua mãe. Nesse momento, ouvi a música de uma pequena orquestra de cordas tocando no balcão e a algazarra de múltiplas vozes. Para minha agradável surpresa, o efeito produzido por aquilo foi mínimo, comparado ao sofrido antes. Seria possível que aquele pequeno cochilo houvesse efetuado o truque?

A surpresa e o prazer ficaram desfeitos, quando vi que, realmente, a refeição seria complicada pela presença do tal William Fawcett Robinson. Olhei para ele com apreensão, quando cruzamos o saguão; Elise fizera uma pausa ao entrar, e, agora, eu caminhava ao seu lado. Estimei a altura de Robinson em um metro e setenta e cinco, de constituição robusta. Surpreso, reparei que deixara de perceber, em suas fotos, uma acentuada semelhança com um Serguei Rakhmanínov de barba escura, as feições angulosas e solenes. Não havia qualquer indício de humor em sua fisionomia. Seus olhos grandes e escuros fixaram-se em mim com frio desagrado, a expressão aborrecida nivelando-se inteiramente à da sra. McKenna. Usava um traje negro, com colete, sapatos pretos, gravata preta de laço e um relógio de bolso com corrente sobre o colete. A raiz dos cabelos, ao contrário de Serguei Rakhmanínov, recuara a tal ponto, que no alto da testa restara apenas um tufo de cabelos pretos e encaracolados, escrupulosamente escovado para trás. Como Rakhmanínov, tem orelhas grandes. Ao contrário de Rakhmanínov, duvido que sua musicalidade valha um *penny.*

Olhei de relance para Elise, quando nos aproximamos de seu empresário.

— William, este é o sr. Collier — apresentou ela, agora com a voz perfeitamente controlada.

Cheguei quase a crer que já se refizera de seu estado mental inicial, e, no momento, era de todo insensível à minha presença. A dúvida interpretativa não se estendeu ao aperto de mão de Robinson; pude notar que comprimia minha mão com muito mais força que o necessário.

— Collier — rosnou ele.

Um rosnado. Eu não poderia descrever sua voz gutural e desagradável de outra maneira.

— Sr. Robinson — disse eu, puxando meus dedos quase esmagados.

"Quando minha força voltar, Bill", pensei, "também vou esmagar os seus."

Se a sra. McKenna hesitara em excluir-me abertamente dos planos para o jantar, o sr. Robinson pensava de outro modo.

— Terá que nos desculpar agora informou ele, e virou-se para Elise e sua mãe.

— O sr. Collier jantará conosco — disse Elise.

Novamente, fiquei impressionado pela firmeza de sua voz. Essa firmeza tornou mais enigmáticos ainda seus motivos para aceitar-me, pois ficou claro que, se quisesse livrar-se de mim, podia tê-lo feito em seguida. Concluí então que ela nunca estivera prestes a gritar ou a fugir de mim. Simplesmente, não era esse o seu estilo.

Robinson, entretanto, não estava disposto a aceitar a derrota.

— Creio que nossa mesa foi posta para três — recordou ele.

— Poderão acrescentar outro serviço — disse Elise.

Notei que ela começava a sentir-se pouco à vontade e esperei que não se voltasse contra mim, tendo que me defender a todo instante. Se minha necessidade de estar com ela não fosse tão imperiosa, é claro que desistiria de tudo o quanto antes.

Assim, limitei-me a olhar para Robinson, quando ele acrescentou, enfático:

— Estou certo de que o sr. Collier tem outros planos. Não, *não tenho,* quase respondi, mas optei pelo silêncio e, com um sorriso, tomei Elise pelo braço, começando a escoltá-la em direção ao Salão da Coroa. Quando nos afastamos, pude ouvir Robinson murmurar:

— Será essa a explicação para o ensaio de hoje?

— Sinto muito, Elise — murmurei. — Sei que estou sendo inoportuno, mas preciso ficar com você. Por favor, seja paciente comigo.

Ela não respondeu, mas notei seu braço tenso, quando nos aproximamos de um janota de bigode, em traje a

rigor, que sorria para nós, exibindo a dentadura, quase tão real como um manequim de vitrine. Até mesmo sua voz soou artificial, quando cantarolou:

— Boa nooite, srta. McKenna.

— Boa noite — respondeu Elise.

Não olhei para ela, para ver se retribuíra ao terrível sorriso do indivíduo.

— O sr. Collier vai jantar conosco — acrescentou Elise.

— Ah, *perfeitamente!* — replicou o *maître,* parecendo imensamente deliciado. Tornou a sorrir. — Será um *prazer,* sr. Collier.

Girando nos calcanhares como um dançarino, ele começou a cruzar o salão de jantar, seguido logo atrás por mim e por Elise.

Eu olhara o Salão da Coroa apenas de relance, quando havíamos atravessado o saguão. Por falar nisso, nem mesmo em 1971 havia entrado nele. É incrivelmente grande, medindo mais de quarenta e cinco metros de comprimento por dezoito de largura, e sua área provavelmente abrange a de umas cinco casas de bom tamanho. O teto de pinho escuro tem, no mínimo, uns dez metros de altura, e sua ampla arcada em cavilhas assemelha-se ao casco invertido de um navio. Nenhum poste ou pilastra prejudica o espaço maciço do piso.

Imaginem, então, esse vasto recinto apinhado de homens e mulheres comendo, falando, *existindo* — uma multidão de seres de 1896, comprimida à minha volta. A despeito da perceptível melhora de minha aparência, comecei a ficar ligeiramente zonzo, quando o *maître* nos guiou através daquele torvelinho de atividade. O piso não era acarpetado, de maneira que cada ruído parecia ensurdecedor aos meus ouvidos: as conversas, o incrível entrechocar de talheres nos pratos e as pisadas atroadoras de um exército de garçons, indo e vindo, de um lado para outro. Ninguém mais parecia perturbado pelo barulho, mas então, dessa vez, era mais físico que aquele que eu deixara; mais ruído, mais movimento, mais envolvimento com o mecanismo básico da existência.

Olhei de banda para Elise e vi que tinha o rosto virado, quando cumprimentava várias pessoas por cujas mesas íamos passando. Eu era olhado com indisfarçada curiosidade pela maioria. Só mais tarde, percebi que eram membros de sua companhia. Assim, não é de estranhar que reparassem em mim. Provavelmente, nunca tinham visto Elise ao lado de um desconhecido.

O *maître* já devia ter feito sinal para alguém, porque quando alcançamos uma mesa redonda, perto de uma janela dos fundos, um garçom terminava de colocar outro conjunto de talheres sobre a toalha creme. O *maître* puxou uma cadeira para Elise, e ela se sentou com a graça de uma atriz cujos menores movimentos foram aperfeiçoados.

Virei-me para ver os dois azedos espectros que nos seguiam e puxei uma cadeira para a sra. McKenna. O efeito seria o mesmo, se eu fosse invisível. Ela esperou que o *maître* puxasse uma outra cadeira e só então se sentou. Fingi nada perceber e sentei-me na cadeira que havia puxado, vendo como Elise apertava os lábios, ante a grosseria da mãe. O *maître* sussurrou algo para Robinson, que então se sentou também, e os cardápios foram colocados à nossa frente.

— Veja o que está no programa, Elise — disse a sra. McKenna.

Estudei o cardápio, até deparar com a palavra "Programa", quase no fim e, sob ela, o nome "R. C. Kemmermeyer, diretor musical". Percorri a lista de seleções, até encontrar *A valsa de Babbie,* de William Furst. Babbie é o nome da personagem que Elise interpreta em *O pequeno ministro.*

Meu porta-guardanapos era um aro em pau de laranjeira. Exatamente como aquele exposto na Sala de História, foi o que pensei, enquanto tirava o guardanapo e o abria sobre minhas pernas. Nada de história, disse para mim mesmo, pelo menos agora. Tornei a colocar o aro na mesa e observei a capa do cardápio, onde estavam impressas as palavras "Hotel del Coronado, Coronado, Califórnia". Mais abaixo, havia o desenho de uma coroa de flores, tendo ao centro um diadema. Sob as flores, o nome "E. S. Babcock, gerente". Ele então é o gerente agora, pensei. O homem que ditara as cartas desbotadas e quase invisíveis que eu tinha lido naquele depósito de arquivos que mais parecia uma fornalha. Saber tal detalhe provocou-me uma curiosa sensação.

Tornei a consultar o cardápio, atrapalhado pela multiplicidade de escolhas. Corri os olhos pelos pratos oferecidos ao jantar: *"Consommé Franklin, petits pâtés à la russe, olives,* picles de figo, salmão frito à *la Valois,* bife de filé com toucinho *à la Condé".*

Meu estômago contorceu-se terrivelmente. Bife de filé com *toucinho?* Mesmo meu revigorado organismo não conseguia agüentar a pesada visão. Tentei desviar os pensamentos, pulando para a lista de sobremesas: "torta de laranja com merengue, *gâteau d'Anglais".*

Ergui os olhos, ao ouvir a voz de Elise.

— O que disse? — perguntei.

— O que vai escolher? — indagou ela.

"Você", pensei, "só você."

— Bem, na verdade, não tenho muita fome — repliquei.

O que estávamos fazendo ali?, pensei. Devíamos ter ido para outro lugar, onde ficássemos sozinhos. Elise tornou a baixar os olhos para o cardápio, e eu a imitei. Pensei que aquela seria, sem dúvida, a mais longa refeição de toda a minha vida.

Levantei a cabeça, quando o garçom chegou para anotar nossos pedidos, e fui obsequiado com o estímulo de ouvir a sra. McKenna ordenar pratos como cabeça de bezerro à Xerxes, canapé Rex, pâncreas de vitela Montpellier e outras coisas de embrulhar o estômago. Enquanto ela falava, tive a impressão de que uma nuvem de odores começava a formar-se à minha volta. No momento, pensei que ela a estivesse evocando verbalmente. Agora, creio que meu sentido do olfato era hipersensível e que recolhia aromas das comidas e bebidas em torno de mim, o que nenhum bem me fez.

Na Rotunda, a orquestra de câmara iniciou *The seutiers fleuris waltzes* e, sem pausa, passou para a *Isle de champagne,* da ópera cômica de Chassalgne; pelo menos, era o que constava do programa, e, de qualquer modo, quem poderia provar? Tentando evitar até mesmo a sugestão de alimentos, fechei o cardápio e observei a contracapa. *"Pontos de interesse nos arredores do hotel",* li, notando lugares como uma casa de banhos, um museu e uma fazenda de criação de avestruzes, no 10-B, "um interessante espetáculo no momento da alimentação". Pensei que eu também devia ser um interessante espetáculo no momento da alimentação.

— Collier?

Olhei para Robinson.

— Já fez seu pedido?

— Quero apenas consomê com torradas — respondi.

— Você não me parece bem — disse-me ele. — Talvez fosse melhor ir para o seu quarto.

Meu quarto, pensei. Sim, seria ótimo para você, sr. Robinson. Esbocei um sorriso.

— Não é preciso, obrigado. Logo estarei ótimo.

Lá vou eu novamente, pensei. Não, obrigado, estarei ótimo!

Robinson voltou outra vez a atenção para o garçom, e meu estômago entrou em pânico de novo, quando procurei não ouvi-lo pedir montanha de ostras à *la Villeroi,* ganso de leite bostoniano ao molho de maçã, talharim com miolo de pão, salada italiana e uma garrafa de cerveja. Como é evidente, ouvi cada palavra.

— Estive falando antes com Unitt — disse ele a Elise, quando o garçom se afastou; reparei que não percebera o que ela havia pedido. — Ele teve uma entrevista com Babcock e concordou em que seria má idéia uma fogueira no palco, em vista da estrutura do hotel. Unitt está tentando idealizar outra coisa, juntamente com os operários. Nada teria o efeito de uma fogueira real, mas, dadas as circunstâncias, acho que teremos de cooperar nesse ponto.

Elise assentiu.

— Está bem — disse ela.

— Também temos que nos preparar para a partida, amanhã à noite, assim que os trens estiverem carregados — acrescentou ele, mais para meu conhecimento que para o dela, percebi muito bem.

Ela *não partirá* — minha mente transmitiu para ele —, mas você, *sim.* Entretanto, era difícil manter minha certeza.

Eu ia me dirigir a Elise, quando Robinson perguntou, inesperadamente:

— Qual o seu ramo de negócios, Collier?

A pergunta seria uma armadilha? Já teria ele sabido o que eu dissera à sra. McKenna?

— Sou escritor — respondi.

— Ah! — Evidentemente, ele não acreditava. — Artigos para jornais?

— Peças — repliquei.

Seria minha imaginação ou, por um breve instante, houve realmente um tom de respeito em sua voz, quando ele repetiu o "Ah!"? Se ele fosse capaz de atribuir-me qualquer qualidade, sem dúvida teria de ser na área teatral.

O tom respeitoso terminou com a pergunta seguinte.

— Alguma delas já foi encenada? Seu nome não me é familiar como dramaturgo, embora eu creia conhecer todas as peças principais. Ênfase no "principais".

Devolvi seu olhar espicaçante em silêncio, tentado, mas sem sucumbir à ânsia de uma resposta: Sim, eu tive um Filme da Semana, no canal 7, em setembro; você assistiu a ele, não? Claro que não seria uma vitória de minha parte. Após uma confusão momentânea, ele apenas me consideraria um lunático.

— Sim, mas não em palco profissional — respondi.

— Entendo — disse ele.

Estava vingado.Olhei para Elise. Queria impressioná-la e sabia que minha resposta só podia tê-la desapontado, uma vez que o teatro significava tudo em sua vida. No entanto, era mais seguro assim, a envolver-me numa mentira da qual não poderia safar-me depois.

— De que tipo são suas peças, sr. Colher? — perguntou ela, evidentemente procurando aliviar meu embaraço.

Antes que eu pudesse responder, Robinson disse:

— Meu palpite é que são dramas... dramas *profundos.*

Não fez o menor esforço para disfarçar um sorriso zombeteiro. A raiva começava a deixar-me tenso, mas consegui controlar-me, apelando para um contra ataque barato, embora silencioso: ele não se mostraria tão arrogante, se soubesse que morreria no *Lusitania.*

— O tipo varia — disse a Elise. — Algumas são comédias, outras, dramas.

"Não me faça mais perguntas, porque não haverá respostas."

Ela não insistiu no assunto e, para meu desconforto senti que sua atitude, embora não tão obviamente ferina como a de Robinson, possuía similaridade: considerava-me um amador, e eu nada ousava dizer para dissuadi-la da idéia.

A essa altura, o tempo se tornou algo vago. Não consigo me lembrar quanto se passou; recordo apenas detalhes insignificantes da conversa, embora mais do que insignificantes detalhes sobre a comida.

Elise pedira muito pouco — apenas uma tigela de consomê, meia fatia de pão e um pouco de vinho tinto. Imagino que sempre comesse pouco, às vésperas de uma representação. Acho que li algo a esse respeito.

Robinson e a sra. McKenna, pelo contrário, compensavam mais que sobejamente seu escasso apetite. Penso que foi por observá-los em ação com os respectivos jantares que recebi o *coup de gráce* em meu organismo — e minha paciência. Robinson, em particular, deixou-me nauseado. O homem comia com um prazer que só poderia ser descrito como carnal. Lutei contra a náusea, quando ele encheu a boca de alimento e começou a triturá-lo. Desviando os olhos, evitei a visão de sua impiedosa voracidade — mas o som de seu insaciável apetite persistiu. Tudo quanto eu podia fazer era conter-me para não me levantar bruscamente, com um grito, e mergulhar pela janela. Somente agora é possível apreciar a essência tragicômica da cena. Meu estômago borbulhava como uma torrente de lava, enquanto eles comiam e conversavam, conversavam e comiam. Comiam. Elise nada dizia, e eu também me mantinha em silêncio. Ela bebericou o vinho, terminou o consomê e pareceu pouco à vontade. Eu terminei meu consomê, mordisquei a torrada e senti que quase chegara ao término.

Novamente, Robinson incluiu-me em sua conversa com a sra. McKenna. Bem, não chegou realmente a me incluir, apenas colocou-me novamente em evidência. Perguntou se eu gostava de atirar, após ter mencionado a caça aos pássaros, em Coronado. Quando meneei a cabeça, comentou:

— Que pena! Ouvi dizer que há muitas tarambolas... as narcejas e maçaricos também são abundantes... bem como os gansos pretos selvagens. Juro como foi assim mesmo que ele falou.

— Parece excitante — retruquei.

Não quis parecer escarninho, mas foi justamente esse o tom em que saiu minha voz. Robinson franziu o cenho ante a minha irreverência, mas o sorriso reprimido de Elise foi, pelo menos, uma trégua momentânea para mim.

Mais ou menos a essa altura, o prefeito de San Diego — um homem chamado Carlson, segundo me lembro — aproximou-se da mesa para apresentar-se e dar as boas-vindas a Elise, em nome da cidade. Pareceu-me incrivelmente jovem, a despeito do bigode semelhante a um guidão de bicicleta. Como o de Robinson, seu aperto de mão era massacrante.

Eu chegava ao fim de minha resistência, enquanto Carlson e Robinson conversavam. Robinson lamentava a qualidade e pequena quantidade de charutos desde o início da revolta cubana; Carlson sugeriu que ele tomasse o trem da tarde, do hotel até o Velho México, onde poderia comprar todos os bons charutos que desejasse. Não havia tempo, replicou Robinson — novamente para meu conhecimento, supus eu. A companhia partiria para Denver, assim que terminasse a representação.

Nesse ponto, minha paciência se esgotou. O que, em nome de Deus, fazia eu ali sentado com Robinson e a sra. McKenna, quando me dispusera a cruzar um abismo de anos, só para estar sozinho com Elise?

Estive a ponto de insistir em que ela saísse comigo, quando o bom senso prevaleceu. Dificilmente Elise estaria com ânimo para atender a imposições. Ainda assim, eu tinha que sair dali com ela.

A resposta chegou e, agindo de acordo com ela, inclinei-me para o seu lado, pronunciando o seu nome o mais baixo que pude.

Ela ergueu os olhos de sua tigela de consomê, com a tensão marcada ao redor das órbitas. Recordei que deveria tê-la chamado de srta. McKenna, mas era tarde.

— Não me sinto bem, acho que preciso tomar um pouco de ar — disse eu. — Gostaria de...

— Pedirei que o levem para seu quarto — interrompeu Robinson, indicando que eu não falara tão baixo como imaginara.

— Bem...

Interrompi-me, quando ele girou para chamar o *maître.* Será que, afinal de contas, ele levaria a melhor? Descobriria que eu não tinha quarto, nenhuma bagagem, nada?

— Preciso apenas de ar fresco — disse eu.

Ele me fitou com apatia.

— Seja como quiser — replicou ele.

— Por favor, Elise, venha comigo — pedi.

Sabia que somente um apelo à sua compreensão poderia sobrepujar a resistência de Robinson.

— A srta. McKenna — trovejou ele, intrometendo-se — deve cuidar de sua saúde.

Decidi ignorá-lo; não havia outra saída.

— Pode ajudar-me? — perguntei.

A voz de Robinson ganhou volume, ao informar-me de que eu estava me tornando ofensivo.

— Basta — disse Elise, interrompendo-o.

Nossos olhos se encontraram quando nos levantamos, e vi que minha vitória se devia apenas às circunstâncias do momento. Ela faria o que lhe pedira, mas não apenas por compreensão: simplesmente, queria evitar uma cena e, talvez — a idéia me gelou de repente —, livrar-se de mim em qualquer canto.

— *Elise!* — exclamou a sra. McKenna, parecendo mais chocada que ofendida.

Naquele momento, percebi que suas convicções não eram tão rígidas como as de Robinson, de maneira que ele era o único inimigo a temer. Ele se levantou, carrancudo.

— Vou ajudá-lo — disse, menos como oferta e mais como ordem. — Não se incomode — disse Elise.

Seu tom era tão desconcertante, que perguntei a mim mesmo se havia perdido mais do que ganhado.

— Não posso permitir isso, Elise! — exclamou ele.

— Tem razão, não pode... — a voz dela extinguiu-se, e as faces ficaram subitamente tensas.

Nada mais foi dito. Senti a rígida pressão de seus dedos em meu braço, quando demos meia-volta e nos afastamos da mesa. Olhando de revés para Robinson, reagi ao veneno de suas feições — a boca era uma linha fina, e dura e descolorida, os olhos negros pareciam verrumar-me. Sua expressão era de — caso eu tivesse visto alguma — "negras intenções".

Comecei a dizer algo para confortar Elise, quando recordei haver-lhe dito que não me sentia bem. Com que intensidade deveria desempenhar o meu papel? Considerando que, em sã consciência, eu teria que lhe contar a verdade por fim, preferi um desconcertado silêncio, enquanto atravessávamos o salão. Desconcertado porque, no momento, tinha a impressão de que éramos seguidos pelos olhares de todos, inclusive de Robinson. Voltando atrás, estou certo de que imaginei quase tudo isso.

Quando começamos a descer o corredor que levava à varanda, perguntei para onde ela me levava; seus dedos me *guiavam;* quanto a isso, não havia dúvidas.

— Vai me atirar ao oceano — disse eu.

Ela não respondeu. Olhava para diante, e sua expressão me perturbou, porque não havia nenhum indício de compreensão.

— Peço desculpas novamente — insisti. — Sei que...

Não continuei, irritado comigo mesmo. Achei que já bastava de tantas desculpas. Eu a queria fora do Salão da Coroa e conseguira tirá-la de lá. No amor e na guerra, todos os métodos são válidos, recitou minha cabeça. Não aborreça, respondi-lhe.

Quando ela abriu a porta da varanda e vi o lance escuro dos degraus que desciam, recuei, com involuntária surpresa.

— Segure-se ao corrimão — disse ela, sem dúvida interpretando meu recuo como temor.

Acrescentei sua reação ao meu estoque de culpa e, assentindo, segui em frente. Havia dois lanços de degraus que levava ao Paseo deI Mar; como pude ver, um deles ia para o sul, o outro, para o norte; tomamos os degraus do norte. Tentei moderar minha descida da escada, como se o vento que me batia no rosto fosse bastante revigorante.

Não tinha sentido prosseguir com aquele tema de indisposição; certamente, eu não queria que Elise me considerasse uma espécie de inválido. Por outro lado, não podia deixar que minha recuperação fosse demasiado miraculosa; aliás, verdade seja dita, eu estava gostando do aperto de sua mão em meu braço, da pressão de seu ombro contra o meu.

Agora, a calçada paralela ao mar estava sob meus pés e, com a assistência contínua de Elise, caminhamos para outro curto lanço de escada, que descia através de uma rampa com cerca de dois metros de largura, na qual cresciam pequenas palmeiras de folhas que chocalhavam ao vento. Na nossa frente, as ondas rugiam ameaçadoramente, e fiquei inquieto ante a proximidade delas. Algumas nuvens obscureciam a lua, de maneira que eu mal distinguia as ondas, quando se desfaziam rapidamente. Tive a impressão de que, a qualquer momento, seríamos atingidos por elas.

Descemos os degraus e tomamos outra calçada. A essa altura, convencido de que logo estaríamos encharcados por respingos, se não pelas próprias ondas, falei, algo preocupado:

— Seu vestido ficará arruinado.

— Não — foi tudo o que ela respondeu.

Depois de alguns momentos, vi que as ondas quebravam mais distante do que imaginara, ficando a beira da calçada uns dois ou mais metros acima de um quebra-mar rochoso. Havia um banco perto da borda, no qual Elise me fez sentar. Obedeci.

Ela vacilou, mas depois acomodou-se a meu lado, dizendo-me que respirasse fundo. Arriscando-me a um sentimento de culpa adicional, repousei a cabeça em seu ombro. Grosseirão, pensei, apenas um pouco divertido com aquilo. Em verdade, não me preocupava. Por minha mente relampejaram todas as horas e horas que havia trabalhado para chegar a esse momento. Eu o merecera e não o perderia, apenas por amor a uma corajosa confissão. Pelo menos, não naquele momento, de maneira alguma.

Ela se retesou, quando coloquei a cabeça em seu ombro. Depois, pouco a pouco, senti a tensão desfazer-se.

— Sente-se melhor? — perguntou.

— Sim, obrigado.

Talvez fosse melhor simular que ia me sentindo mais firme pouco a pouco, em estágios, ao invés de fazer uma confissão que, sem dúvida, a deixaria zangada.

— Elise?

— O que é?

— Diga-me uma coisa.

Ela ficou esperando.

— Por que está sendo tão bondosa comigo? Desde que nos conhecemos, não tenho feito outra coisa senão aborrecê-la. Não me julgo merecedor de tanta bondade. *Não pare*— acrescentei, apressadamente. — Pelo amor de Deus, por favor, não pare, mas..., *por quê?*

Elise ficou calada, e perguntei-me se existiria alguma resposta para dar-me ou se apenas eu lhe tornara a situação ainda mais incômoda. Ela demorou tanto, que eu já desistira de uma explicação, quando finalmente ouvi o som de sua voz.

— Eu lhe direi o motivo, mas apenas isso. Por favor, não me peça explicações agora, pois não saberia dá-las.

Tornei a esperar, consciente das batidas de meu coração, que pareciam rufos de tambor no peito.

— Eu o esperava — disse ela.

Sobressaltei-me tão bruscamente, que ela prendeu a respiração.

— O que *foi?* — perguntou ela.

Eu não conseguia falar. Sem pensar, ergui a cabeça, até minha face encostar-se à dela. Elise começou a recuar, mas parou, quando um débil som me escapou da garganta. Cheguei a pensar que, se tivesse morrido ali mesmo, com seu rosto contra o meu, suas palavras impressas em minha consciência, morreria sem me queixar.

— Richard?

— Sim.

Virei a cabeça a fim de poder fitá-la. Elise olhava para o mar, com expressão amarga.

— Quando estávamos ontem na praia, você disse: "Não me deixe perdê-lo". O que significa isso?

Olhei para ela, em desamparado silêncio. E se lhe contasse? Poderia não ser a verdade; agora, eu tinha certeza absoluta. *De que lugar você veio para mim?,* pensei. *Para que lugar.*

Não. Afastei a lembrança. Ela jamais escreveria aquele poema. Seu empregado nunca poderia encontrar aquele fragmento de papel.

— Permita-me repetir o que você disse — disse eu. — Por favor, não me peça explicações agora. — Notando que seu rosto ficava tenso, acrescentei, rápido: — Não há nada de terrível. Acontece apenas que, bem, ainda não chegou o momento de dizer-lhe. — Ela continuou contemplando o oceano e começou a mover a cabeça, para diante e para trás, tão devagar, que não se poderia dizer que a sacudia. No entanto, não havia dúvida, seu sentimento era negativo.

— O que há? — perguntei.

O som que Elise emitiu pareceu fundir atribulação e sombrio divertimento.

— Tudo é tão louco! — disse ela, mas como se pensasse em voz alta. — Aqui estou eu, sentada ao lado de um total estranho, e não sei por que faço isso. — Virou-se para mim. — Se você pudesse compreender...

— Eu compreendo — respondi.

— Não, não pode compreender.

— No entanto, compreendo. Realmente, Elise.

Ela tornou a desviar os olhos.

— Não — murmurou.

— Fique algum tempo comigo, então — pedi. —Aprenderá a conhecer-me e decidirá — Interrompi-me, quase a ponto de acrescentar: — "se pode preocupar-se comigo". Eu não lhe oferecia escolha. Ela teria que se preocupar comigo; não havia outra possibilidade.

— Apenas fique comigo o tempo que puder — concluí.

Ela ficou calada por muito tempo, contemplando o mar.

— Tenho que voltar agora — disse ela por fim.

— Claro.

Fiquei em pé e ajudei-a a levantar-se, querendo passar o braço em torno dela, mas sufocando a vontade. Passo a passo, disse a mim mesmo: não vá estragar tudo. Quando nos viramos, vi as luzes do hotel, o enorme telhado vermelho, a bandeira flutuando muito acima da torre do Salão de Baile, e senti uma onda de afeição por aquela estrutura miraculosa, que me permitira alcançar Elise. Ofereci-lhe o braço e iniciamos a caminhada de volta.

— Tenho que confessar agora — disse eu, quando começamos a subir os degraus através da encosta.

Ela puxou a mão de meu braço, assim que parou.

— Continue caminhando — disse eu. — Segure meu braço. Olhe para a frente e prepare-se para a terrível revelação.

Eu tinha consciência de que procurava tornar frívolo o que ia dizer, a despeito da sensação de clara ansiedade.

— O que é? perguntou, desconfiada, sem seguir nenhuma das minhas indicações.

Respirei fundo rapidamente.

— Eu não estava me sentindo mal.

— Eu não...

— Só lhe disse que não me sentia bem para poder tê-la a sós comigo.

O que significaria sua expressão? Assentimento? Choque? Desgosto?

— Você me *enganou?* — perguntou ela.

— Enganei.

— Oh! Isso é repugnante!

Imaginei que seu tom desmentia a dureza das palavras, e isso me impeliu a responder:

— Sim, é repugnante, mas eu o faria outra vez.

Novamente aquela expressão, como se ela buscasse compreender-me inteiramente, pelo exame de meu rosto. De repente, caiu em si, deixando escapar um som de impaciência. Virando-se, começou novamente a caminhar para o hotel, comigo a seu lado.

— Acho que chegou o momento de arranjar um quarto para mim — disse eu.

Ela me fitou. Santo Deus, *aquilo* também soaria a algo dissimulado?

— Ainda não tem quarto? — perguntou Elise.

— Não tive tempo para conseguir um — respondi. —Comecei a procurá-la assim que cheguei.

— Então, talvez seja difícil. O hotel está muito cheio.

— Ah! — murmurei.

Era mais um detalhe que eu não levara em consideração. Ainda assim — tentei instilar confiança em minha mente —, era certo encontrar *alguma coisa disponível.* Afinal de contas, era a temporada de inverno.

Quando entramos na Rotunda, Robinson estava de pé junto a uma das pilastras, sem dúvida esperando nosso retorno.

— Com licença — disse Elise.

Notei certa palidez em torno de suas narinas, quando se encaminhou para ele. Verdade que saltavam faíscas entre os dois; os livros haviam sido corretos nesse ponto.

De repente, perguntei-me como agir para tornar a vê-la, uma vez que nada havíamos combinado. Percebi então que, antes de mais nada, precisava providenciar um quarto, e, assim pensando, encaminhei-me para o balcão de recepção. No entanto, *como* poderia haver um quarto? A contradição me perturbou. Minha assinatura estava programada para o dia seguinte, não para aquela noite.

A resposta não demorou a chegar. Fitando-me com frio desdém, Rollins, o recepcionista, deu-se o prazer de informar que não havia um só quarto vago.

No dia seguinte, talvez. Irrevogavelmente amanhã, quase respondi. Entretanto, apenas agradeci, dei meia-volta e afastei-me. Elise e Robinson ainda estavam ocupados com o que, claramente, não era uma discussão amistosa. Minhas passadas diminuíram, vacilaram e pararam finalmente. E agora?, pensei. Ficar a noite inteira sentado numa poltrona do saguão? Senti o início de um sorriso em meus lábios. Talvez aquela gigantesca cadeira de braços do mezanino. Ela me proporcionaria uma curiosa, embora insone satisfação. Talvez pudesse pedir a Elise que me deixasse passar a noite em seu vagão privado, na estrada de ferro. Rejeitei tal idéia prontamente. Já fizera o suficiente para deixá-la desconfiada. Não queria arriscar-me mais.

Tive um ligeiro sobressalto, quando ela se voltou e começou a afastar-se de Robinson, pois seu rosto mostrava tal indignação, que até a mim intimidou. Ao me ver, modificou o rumo e caminhou em minha direção.

— Conseguiu quarto para hoje? — perguntou ela.

Não sei dizer, com certeza, se em sua voz havia preocupação ou desafio.

— Não. Estão todos ocupados — respondi. — Conseguirei um pela manhã.

Ela me observou em silêncio.

— Não se preocupe com isso. Darei um jeito — concluí.

Elise não pareceu demasiado preocupada com o caso, e seu rosto ainda estava contraído. Esperei que fossem resquícios de sua conversa com Robinson.

— Estou mais preocupado em ver você — Interrompi-me, pois ela se virou e tornou a caminhar para Robinson. O que seria agora? Pretenderia ordenar-lhe que me esmurrasse o nariz? Fiquei observando, com prudente interesse, quando Elise parou diante dele e lhe falou algo. Robinson meneou a cabeça, olhou irritadamente na minha direção, tornou a fitá-la e falou algo, com visível fúria. Por Deus, o que ela estaria lhe dizendo? Fosse o que fosse, uma reação adversa tão monumental me levou a crer que ela lhe pedia que me ajudasse.

De repente, Robinson estendeu a mão e segurou-lhe o braço direito. Elise libertou-se com um puxão, mostrando novamente no rosto aquele ar de comando. Fiquei abismado, ao ver como aquela mulher, capaz de tão monárquica dominação, pudesse ter sido tão bondosa comigo. Se quisesse, poderia ter-me mandado às favas num instante; isso era óbvio.

Não que Robinson parecesse inteiramente subjugado por sua autoridade. Entretanto, ela o enfrentava corajosamente, e tudo indicava que tinha na mão a melhor cartada, pois ele silenciou, franziu o cenho e ficou ouvindo o que Elise continuava dizendo. Após vários momentos, ela se voltou, tornou a cruzar a Rotunda e aproximou-se de mim, ainda com aquela expressão intimidante no rosto. Iria dizer a *mim* para dar o fora?

— Há uma cama extra no quarto do sr. Robinson — disse ela. — Poderá passar a noite lá. Amanhã, naturalmente, terá que tomar outras providências. Tentei recusar, dizer-lhe que preferia dormir na praia a passar a noite em companhia de seu empresário. Entretanto, tive que me conter. Afinal de contas, seria como que insultá-la, após ter-me prestado o favor, uma vez mais sendo benevolente comigo.

— Ótimo — disse eu. — Muito obrigado, Elise.

Durante vários segundos, vi-me novamente sob seu intenso escrutínio, os olhos buscando os meus, a expressão fisionômica mostrando uma tensa incerteza, como se quisesse aproveitar o motivo para expulsar-me de sua vida, mas sem a coragem necessária para tanto. Fiquei calado, sabendo que esse sentimento de sua parte era a única coisa a meu favor, naquele momento.

De repente, ela murmurou:

— Boa noite — e começou a afastar-se. Ficar ali, vendo-a distanciar-se de mim, tinha de ser a experiência mais aterradora de minha vida. Precisei apelar para cada átomo de coragem, a fim de não correr atrás dela, agarrar-lhe o braço e suplicar que ficasse comigo. Somente a certeza de que, agindo assim, a afastaria completamente de mim fez com que me contivesse. Minha necessidade dela era devastadora. Como uma criança amedrontada, continuei parado, contemplando a única pessoa naquele mundo, aquela a quem mais queria, desaparecer de meu campo visual.

Não ouvi os passos de Robinson; nem mesmo percebi sua aproximação. Minha primeira noção de sua presença foi um pigarrear áspero nas imediações. Virei o rosto e deparei com sua fisionomia pétrea. Os olhos escuros me fitavam com ódio homicida, falando claramente.

— Fique sabendo desde já — disse-me ele — que só faço isto em deferência à srta. McKenna e por nenhum outro motivo. Se houvesse alternativa, eu faria com que o pusessem fora do estabelecimento!

Até então, eu não acreditaria que qualquer comentário dele pudesse parecer-me tão divertido. No entanto, a despeito de meu abalo pela partida de Elise, seu comentário me *divertiu.* Era tão absoluta e decididamente vitoriano, que fui forçado a conter um sorriso.

— *Está achando graça?* — perguntou ele.

A hilaridade desapareceu, ante o temor físico. Embora não muito alto, ele era um homem vigoroso; eu tinha uns bons dez centímetros de vantagem na altura e me sentia infinitamente mais forte, porém era melhor não me engalfinhar com o sujeito num corpo-a-corpo.

— Não é de você — disse eu.

Disse aquilo em tom conciliatório, porém soou mais como um insulto. Imagino que tenha sido ilusão de óptica, mas o fato é que as roupas de Robinson me pareceram subitamente apertadas para ele, pois cada músculo de seu corpo se expandia simultaneamente pela raiva.

— Ouça uma coisa, sr. Robinson — disse eu, já começando a perder a paciência com ele. — Não quero discutir, nem ter qualquer tipo de problema com o senhor. Sei o que pensa — bem, retiro isso —, *não* sei o que pensa a meu respeito, exceto que, obviamente, me desaprova. Por ora, no entanto, que tal concordarmos com uma trégua? Não estou disposto a nada mais, além disso.

Ele me fitou longamente, com aqueles olhos frios e negros. Então, apertando-os, perguntou:

— Afinal, quem é o senhor e qual o seu jogo?

Expirei cansadamente.

— Não há nenhum jogo — respondi.

Seu sorriso foi forçado, mostrando desdém.

— Isso é o que veremos — observou —, tão certo como ovos serem ovos!

Boa frase, pensei, a despeito de perceber a ameaça que encerrava contra mim. Era a mente do escritor em funcionamento.

— Vou avisar apenas uma vez e não mais do que isso continuou ele. — Ignoro o que disse à srta. McKenna, para que o aceitasse com tanta credulidade. Entretanto engana-se redondamente, se pensa que sua artimanha, seja qual tenha sido, conseguiu iludir-me de algum modo, meio ou forma.

Senti a tentação de aplaudi-lo, mas não o fiz. Não iria contestá-lo de maneira alguma, sabendo que o sr. William Fawcett Robinson teria a última palavra. Acabaríamos ficando na Rotunda por toda a noite, se eu não compreendesse e agisse de acordo com a situação. Assim, deixei que ele levasse a melhor.

— Podemos ir para seu quarto agora? — perguntei.

O rosto dele contorceu-se numa expressão desdenhosa.

— Podemos respondeu.

Girando nos calcanhares, ele começou a mover-se em rápidas passadas. Por alguns momentos, não entendi o que estava fazendo. Então, de repente, compreendi que Robinson não tinha a menor intenção de escoltar-me. Se não conseguisse emparelhar com seu passo, ele simplesmente diria a Elise que tentara levar-me a seu quarto, mas que eu preferira não o acompanhar.

Entrei em ação, caminhando atrás dele o mais depressa que pude. Seu ordinário, pensei. Se me sentisse mais dinâmico, creio que daria uma corrida e o esmurraria. Naquelas circunstâncias, ainda tinha muita sorte ao conservá-lo ao alcance dos olhos. Robinson partiu para a escada, subindo dois degraus de uma só vez, evidentemente procurando aumentar a distância entre nós e, com isso, fazendo-me descobrir que minha recuperação física não era tanta como eu imaginara.

Agradeço a Deus por meu senso de humor. Tenho pensado freqüentemente que ele nunca foi mais agudo que durante aqueles momentos. Se me fosse impossível apreciar o lado cômico daquela caçada, creio que entregaria os pontos. No entanto, eu a apreciei. Devo ter desempenhado um papel ridículo subindo penosamente os degraus, firmando-me ao corrimão, tentando mantê-lo à vista, enquanto ele disparava para cima, como uma maldita gazela com excesso de peso. Minhas pernas fraquejaram várias vezes e me debrucei sobre o corrimão, segurando-me a ele como a vítima de um terremoto. Em dado momento, outro homem desceu os degraus, mas, ao contrário daquele primeiro que eu havia encontrado, este encarou minha difícil subida com gélida desaprovação. Cheguei realmente a rir, quando passei por ele, ofegante, embora meu riso talvez lhe tenha parecido mais o soluço de um embriagado.

Quando cheguei ao terceiro andar, Robinson não mais estava à vista. Cambaleei pelo corredor, olhei para as duas extremidades e, não avistando ninguém, dei meia-volta, retornando aos tropeções para a escada, que continuei subindo. As paredes começavam a borrar-se à minha volta e fiquei certo de que, em pouco, estaria perdendo os sentidos. No entanto, àquela altura, eu já imaginava que superara completamente os efeitos colaterais de minha viagem no tempo! Mais um erro.

Por sorte, dei com ele no quarto andar. Diabo, o que estaria fazendo ali?, perguntei-me, aturdido, quando dobrei para a direita do patamar da escadaria e o avistei no fim do corredor, falando com um individuo. Até esse momento, ignoro se ele parara deliberadamente para se dirigir ao homem, dando-me assim uma chance de alcançá-lo. Deus sabe que esse ato não seria induzido por alguma simpatia pessoal, mas porque Robinson teria pensado duas vezes antes de enfrentar Elise, após eu contar a ela que fora deixado para trás. Caso contrário, poderia apenas ter cruzado com o homem, sem manter qualquer conversa com ele.

Fosse qual fosse a hipótese, quando me aproximei deles, caminhando sobre pernas que mais pareciam de borracha, ouvi os dois discutirem a peça. Aproximando-me, parei e me recostei à parede, resfolegante e arquejante, lutando contra as ondas de escuridão que me envolviam. Robinson não se deu ao trabalho de apresentar-nos, o que até foi bom, pois eu não conseguiria nada mais que gorgolejar algo para o individuo. Não obstante, ele deve ter-se perguntado quem, em nome de Deus, seria aquele sujeito estranho e suado, que se firmava de pé contra a parede.

Por fim, a conversa terminou e o estranho passou por mim, lançando-me um velado olhar de curiosidade. Robinson caminhou para um corredor lateral, e, descolando-me da parede, eu o segui. Seu quarto era à esquerda. Assim que ele abriu a porta, praticamente cambaleei em sua direção, agora demasiado próximo do desmaio para esperar qualquer convite.

Robinson disse algo em tom ríspido, quando colidi com ele na soleira, mas não entendi uma só palavra. Minha visão, cada vez mais embaciada, percebeu duas camas do lado oposto do quarto. Havia um jornal sobre uma delas, de maneira que me dirigi às apalpadelas para a outra. Tendo calculado mal a distância, dei com as canelas nos pés da cama. Ofegando de dor, manquei para o lado da cama e me arremessei desajeitadamente sobre o colchão, com o

braço direito estirado para amortecer a queda. Minha mão direita escorregou na colcha, de maneira que caí em cheio sobre a face direita. O quarto começou a girar em torno de mim, como um silencioso e apagado carrossel. *Estou indo!,* pensei. A aterradora consciência dessa perspectiva foi a última coisa a passar por minha mente, antes que a inconsciência me devorasse.

Fui despertado por um som. Abri os olhos e olhei para a parede. Não tinha idéia de onde me encontrava. Levei de dez a quinze segundos para sentir uma súbita aguilhoada de medo e girar a cabeça.

Contraditoriamente, suponho, a visão de Robinson consolou-me. Ao vê-lo ali, tive a certeza instantânea de que não voltara para minha época. A despeito de um período de real inconsciência, meu corpo permanecera ali. Isso só podia significar que eu começara a enraizar-me naquele tempo. Olhei para Robinson, confuso ante a maneira como me virava as costas, encarando o que parecia ser apenas uma parede vazia. Vi então que ele segurava alguma coisa à frente do corpo. Não pude notar o que era, mas, pelo som emitido, compreendi ser algo feito de papel.

Por fim ele se moveu, houve um ruído pesado, e então começou a se virar. Fechei os olhos, não ousando enfrentá-lo novamente. Após um momento, abri-os apenas como uma fresta, e vi que Robinson se voltara novamente de costas para mim. Olhei para o lugar onde estivera de pé, pouco antes, e notei a porta de um cofre de parede.

Tornei a olhar para Robinson. Estava sentado numa cadeira de vime, perto das janelas, descalçando os sapatos. Um toco apagado de charuto pendia do canto esquerdo de sua boca. Vi-o tirar o casaco, o colete e a gravata. Havia tiras elásticas nas mangas da camisa listrada, cujos encaixes pareciam de prata. A guarnição dos suspensórios negros tinha também a mesma aparência.

A cadeira rangeu, quando ele deixou cair o segundo sapato — uma espécie de bota que ia até os tornozelos — suspirou e descansou o pé calçado com meia preta sobre uma banqueta. Estirando o braço para uma escrivaninha, ao lado da cadeira, ele pegou um canivete de prata, profusamente ornamentado. Abriu-o e começou a correr a ponta da lâmina por baixo das unhas. O silêncio no quarto era tanto que pude ouvir o delicado ruído que fazia o canivete, raspando rente ao sabugo. Reparei no anel em seu terceiro dedo da mão direita, de ônix preto, com um emblema de ouro em alto-relevo.

Tentei olhar em torno do quarto, mas minhas pálpebras começavam a pesar novamente. Sentia-me aquecido e confortável, mesmo em presença de Robinson. Afinal de contas, ele só fazia o que considerava melhor para Elise.

Comecei a pensar no que ela me havia dito atrás do hotel, isto é, que estivera esperando por mim. Como era possível? Qualquer resposta seria impossível, a menos que fosse pensada em termos de percepção extra-sensorial. Seria isso? Estava perplexo, mas, ao mesmo tempo, profundamente grato. Fosse qual fosse a explicação, o fato de ela esperar me fazia toda a diferença. Elise estava ainda bem longe de *aceitar-me* — da maneira como eu desejaria ser aceito —, mas, pelo menos, já houvera um começo.

Minha mente estava à deriva de novo. Dessa vez, não fiquei apreensivo. Confiava em que, quando acordasse, estaria ainda em 1896. Mergulhando nas sombras, focalizei minha última atenção ao enigma presente. Teria sido tudo pré-programado? — eu me deparar com a fotografia dela, apaixonar-me, decidir tentar encontrá-la e, finalmente, alcançá-la? E essa pré-programação funcionaria apenas quando equilibrada pelo conhecimento que Elise tinha sobre minha chegada?

Eu estava demasiado grogue para extrair algum sentido do problema. Deixei que ele se esfumasse e, junto com ele, toda a minha percepção.

20 de novembro de 1896

Sei que os sonhos podem ser reflexos sensoriais, porque eu sonhava com uma cascata, quando acordei, e ouvi o ruído da cascata chuvosa despencando do lado de fora do quarto.

Girando o corpo, olhei para a janela e pude ver o fio de água que escorria dos beirais do telhado, para cair ruidosamente no telhado inferior.

Competindo com o ruído, ouvi os roncos de Robinson, e olhei para a outra cama. Ele adormecera sem apagar a luz, inteiramente vestido e deitado de costas, com o corpo jogado, como uma vítima de assassinato. A boca formava uma cavidade bocejante, emitindo roncos estrondosos e chocalhantes, como os grunhidos espasmódicos de um leopardo. Um charuto que ele tivera na boca jazia sobre o travesseiro, perto da cabeça. Graças a Deus, estava apagado, quando Robinson adormecera. Teria sido uma macabra ironia alcançar 1896 e perecer num incêndio de hotel.

Ergui o corpo lentamente, para evitar acordá-lo. A precaução era desnecessária. Robinson é desses homens que conseguem dormir durante um furacão. Olhei para ele, recordando a maneira descortês como me tratara. Não senti animosidade, em vista do que lera a seu respeito. Por vezes, é vantajoso ter-se uma presciência divina.

De repente, senti uma voraz necessidade de estar com Elise e perguntei-me como ela reagiria, se fosse bater à sua porta, àquela hora.

Mesmo enquanto me fazia a pergunta, eu já sabia ser impossível. Os costumes da época proibiam tal atitude — não se falando na probabilidade de que, se Robinson descobrisse, haveria de divertir-se à grande, castigando os meus poucos centímetros de vida já aceitos.

Mesmo assim, saber que ela estava fisicamente perto de mim, após ter ficado distante setenta e cinco anos, era suficiente para deslumbrar-me. O que estaria Elise fazendo neste momento? Dormiria, jazeria aninhada e aquecida em seu leito? Ou — impiedosa, mas humanamente desejado por mim — estaria à janela de seu quarto, contemplando a noite chuvosa e pensando em mim?

Para descobrir, bastaria esgueirar-me daquele quarto e descer as escadas.

Durante alguns minutos, quase fui levado à loucura por visualizá-la deixando-me entrar em seu quarto. Em minha visão, Elise usava camisola sob um robe e eu a abraçava bem junto a mim (na visão, ela permitia isso, sem discutir), podia sentir seu corpo cálido contra o meu. Chegamos a beijar-nos na visão, senti os lábios macios e receptivos, os dedos engalfinhados em meus cabelos. Lado a lado, caminhamos para seu quarto, abraçados.

Nesse ponto, franzindo o cenho em autocensura, consegui encerrar a visão. *Devagar,* disse a mim mesmo. Estamos em 1896; não seja idiota. Respirei agitadamente e olhei em torno, procurando uma distração mental.

Encontrei-a ao distinguir os pertences de Robinson, em cima da escrivaninha. Levantando-me, caminhei até lá e olhei seu relógio aberto. Três e sete da madrugada. Um momento maravilhoso para bater à porta de uma dama, pensei, enquanto observava a ornada caixa do relógio. Era de ouro, com elaborados desenhos gravados no contorno e a figura de um leão no centro; não da espécie viva, mas da variedade de pedra, como aqueles postados à frente da Biblioteca Pública de Nova York.

Olhando para o casaco de Robinson, jogado no encosto da cadeira, vi a ponta de uma caneta, assomando de um bolso interno. Apanhei-a. Para minha surpresa, vi que era uma caneta-tinteiro. E curioso que me sentisse propenso a visualizar aquele período como de inteiro primitivismo. A luz elétrica também me surpreendera; agora, a caneta-tinteiro. Afinal de contas, a época estava longe de ser considerada a Idade Média. Que me recorde, eles possuíam, inclusive, sua própria versão do relógio digital. Arrastando a cadeira, sentei-me cautelosamente e abri a gaveta da escrivaninha. Em seu interior, havia um bloco de papel de cartas do hotel. Empurrando para um lado os pertences de Robinson — uma carteira e uma caixa de fósforos de prata —, comecei a escrever, tornando minha caligrafia o mais miúda possível e usando o que ainda recordava de meu curso de estenografia, pois tinha muito a contar e não queria ficar em falta de papel; além do mais, evitaria que quem visse o escrito fosse capaz de interpretá-lo.

Estou escrevendo agora, como escrevi durante horas. A chuva parou e está quase alvorecendo, creio; o céu parece mostrar uma tonalidade acinzentada.

Começo a notar que meu estilo de escrever dá a impressão de modificar-se, como numa tentativa de manter-se mais em harmonia com este período. Os roteiros de televisão exigem, antes de tudo, economia de apresentação. Quando ditados, aumentam ainda mais essa economia.

Agora, pareço estar caindo na indolente loquacidade desta época. Não é uma sensação desagradável. Enquanto estou aqui sentado, o rangido da ponta da pena no papel é o único som presente, excetuando-se o distante rumor das

ondas — até mesmo Robinson, temporariamente, afinal, silenciou, e me sinto bastante semelhante ao modelo de um cavalheiro de 1896.

Espero ter recordado tudo o que foi importante. Sei que deixei escapar momentos e matizes intermináveis de emoção. Entre mim e Elise, foram trocadas palavras de que não consigo me lembrar. Não obstante, creio ter registrado os momentos *essenciais.*

Neste momento, está quase claro lá fora. A chuva apenas goteja dos beirais. Do outro lado da baía de Glorietta, posso ver, alto no céu, uma fieira esparsa de luzes — algumas estrelas cintilando como diamantes. Posso vislumbrar a forma escura da chaminé da lavanderia, do outro lado dos terrenos do hotel, a costa indo na direção do México e, à minha direita, o contorno espectral do píer de ferro, penetrando no oceano.

Eu gostaria de saber se será inconveniente — ou mesmo tolice — considerar as contradições do que fiz. Imagino que seja melhor concentrar-me inteiramente no Tempo 1, 1896. Pressinto armadilhas em qualquer outro enfoque da situação.

No entanto, é difícil passar por alto essas contradições, em vez de examiná-las, mesmo superficialmente. O que acontecerá, por exemplo, em 20 de fevereiro de 1935? Pretendo ficar onde estou. Sendo assim, o que acontecerá nesse dia futuro? O adulto em mim desaparecerá espontaneamente? O bebê em mim viverá, morrerá ao nascimento ou não será concebido, em absoluto? Pior que qualquer dessas possibilidades — meu ato de retornar acabará criando o grotesco enigma de dois Richards Collier, existindo simultaneamente? O conceito é perturbador, e eu gostaria de nunca ter pensado nisso.

Talvez a resposta seja que, mais simplesmente, ao permanecer, eu aos poucos assuma outra identidade, de maneira que, por volta de 1935, não haja, literalmente, nenhum Richard Collier para ser substituído.

Um estranho pensamento acabou de ocorrer-me; estranho, no sentido de somente agora ter-me ocorrido. Sobre aqueles homens e mulheres famosos, a cujo respeito li, todos eles agora vivos.

Einstein é um adolescente da Suíça. Lênin é um jovem advogado, seus dias revolucionários ainda estão num futuro bem distante. Franklin Roosevelt é um estudante de Groton, Gandhi, um advogado na África, Picasso, um jovem, Hitler e De Gaulle, ainda meninos de escola. A rainha Vitória ocupa o trono da Inglaterra. Teddy Roosevelt ainda não chefiou seu regimento de cavalaria, na colina de San Juan. H. G. Wells só recentemente publicou *A máquina do tempo.* McKinley acabou de ser eleito este mês. Henry James partiu para a Europa há pouco tempo. John L. Sullivan afastou-se do ringue recentemente. Crane, Dreiser e Norris somente agora começam a evolver uma literatura realística.

Também, enquanto escrevo estas palavras, em Viena, Gustav Mahler começa suas funções como regente da Ópera Real.

Acho melhor interromper esta linha de pensamento ou...

Santo Deus!

Minha mão treme tanto, que mal posso segurar a caneta.

Dormi horas e horas, mas não há sinal de dor de cabeça.

Tenho a impressão de ainda estar contendo o fôlego; a mudança foi tão eletrificante para mim, que receio pensar nela.

Não pensei, a princípio. Com deliberado cuidado, concentrei-me nos detalhes de meus atos. Dobrei cautelosamente as folhas de papel, sentindo a textura contra os dedos, ouvindo o ruído peculiar quando as enfiei no bolso do casaco. Tornei a olhar para o relógio de Robinson. Passa pouco das seis e meia. Fiquei de pé e espreguicei-me. Olhei para Robinson, que ainda dorme, com a respiração borbulhando na garganta. Permiti-me ficar preocupado com os vincos de minha roupa.

Examinei-me ao espelho do banheiro, após acender a luz. Havia uma sombra de barba nas faces. Olhei para o pote de barbear e o pincel de barba de Robinson, em cima da pia. Não havia tempo. Eu queria sair logo dali, concentrar-me em detalhes, em vez de ficar me espiando num espelho. Tinha que evitar pensamentos demasiado absorventes. Não me encontrava ainda pronto para enfrentá-los.

Rápido, joguei água fria no rosto e o enxuguei, tentando depois, sem muito sucesso, pentear os cabelos com os dedos. Precisava comprar um pente, uma navalha de barba, caneca e sabão para barbear, camisas e, especialmente — o pensamento constrangeu-me —, algumas meias e cuecas.

Deixei o quarto o mais silenciosamente que pude, confiando na entrega total de Robinson ao sono, para impedi-lo de ouvir o ruído da porta, quando eu a fechasse. Quando a fechei, vi o número 472 na placa. Dobrando à esquerda, caminhei até o fim do pequeno corredor lateral, tornei a dobrar para a esquerda, vi que me encaminhava na direção errada e inverti o trajeto.

Enquanto descia a escada, percebi como o hotel estava silencioso. Nenhum ruído de automóvel me chegava aos ouvidos, nenhum rugido de avião aterrando. O silêncio era absoluto, excetuando-se o ribombar constante das ondas à distância e o eco de meus passos, soando distintamente em cada degrau.

No segundo andar, caminhei ao longo do corredor que leva à escadaria externa, a fim de evitar a Rotunda. Quando me aproximei da porta que dá para o exterior, recordei que, às nove e dezoito, estaria assinando o livro de registros e ficaria com o quarto *350.*

Déjà-vu, pensei, quando cheguei ao balcão e olhei através do Átrio Aberto. Embora sua aparência fosse muito diferente — ainda não havia a exuberância das plantas tropicais: figueiras, limoeiros, laranjeiras, goiabeiras, romãzeiras *e* similares —, a impressão que tive foi semelhante à da primeira manhã em que me vira no hotel. Exceto pela lógica, naturalmente, aquilo não podia ser descrito como *déjà-vu,* uma vez que isso significa "estive aqui antes", e, de fato, não estaria lá, por um período de setenta e cinco anos.

A perplexidade me deixou pouco à vontade, de maneira que repeli o assunto da mente, quando desci os degraus externos. Cruzei o pátio encharcado da chuva, passei por canteiros e cadeiras brancas, atravessei arcos recortados em sebes altas e espessas, deixei para trás a fonte esguichante, tendo no centro a figura de uma mulher nua, sustendo um jarro sobre a cabeça. Assustei-me, quando um canário amarelo disparou perto de mim como uma flecha, antes de desaparecer num arbusto. Ao passar ao lado de uma oliveira, ergui os olhos, quando um movimento me chamou a atenção e, para minha surpresa, vi um papagaio de viva plumagem, pousado num galho mais baixo e ajeitando as penas com o bico. Sorri para ele e depois para este novo mundo, quando uma onda de alegria envolveu-me. Eu tinha dormido, não sentia dor de cabeça e ia ao encontro de Elise.

Entrei na sala de estar sombria e silenciosa num estado de ânimo que nada tinha de sombrio, tentado a interromper o silêncio com um alegre assobio. Foi apenas quando cheguei à porta dela que a incerteza tomou conta de mim novamente. Seria ainda muito cedo? Ela ficaria perturbada, até mesmo irritada, se eu batesse agora à sua porta? Eu não queria acordá-la. No entanto, refletindo no caso o mais metodicamente possível, compreendi que havia bem pouca esperança de vê-la mais tarde. Se esperasse até que todos acordassem, sua mãe e Robinson tornariam a bloquear-me o caminho. Encorajando-me, ergui o punho fechado para a porta de madeira escura, contemplei durante vários momentos a placa com o número e então bati.

Timidamente demais, pensei. Ela não devia ter ouvido. Entretanto, eu não ousava bater com mais força, temendo despertar alguém nos quartos vizinhos, que talvez viesse ver o que havia. Pelo que me constava, a mãe dela hospedava-se no quarto ao lado; aliás, era o mais provável. *Santo Deus,* pensei. E se a sra. McKenna insistisse em passar a noite no quarto de Elise?

Eu me perguntava essas coisas, quando ouvi a voz de Elise do outro lado da porta, perguntando suavemente:

— Quem é?

— Sou eu — respondi.

Nem me passou pela mente que ela ignorasse quem era "eu". De qualquer modo, não ignorava. Ouvi o som da fechadura sendo aberta, e depois a porta se moveu lentamente. Elise estava diante de mim, usando um robe ainda mais bonito que o idealizado em minha visão: cor de vinho claro, de gola bordada, com duas fileiras verticais de bordados, num desenho de arabescos, descendo na parte da frente. Tinha os cabelos soltos, caídos sobre os ombros, em uma profusão castanho-dourada, e seus olhos verde-acinzentados fitavam-me com melancolia.

— Bom dia — disse eu.

Ela me olhou em silêncio. Por fim, murmurou:

— Bom dia.

— Posso entrar? — perguntei.

Ela hesitou, mas senti que não era a hesitação de uma dama duvidando quanto à propriedade de admitir um homem em seu quarto, sob circunstâncias questionáveis. Antes, era a hesitação da mulher não muito segura de desejar ficar mais envolvida do que já estava.

Sua vacilação terminou, e, recuando um passo, ela deixou-me entrar. Fechando a porta, virou-se e olhou para mim. Parecia tão cansada e tristonha! O que eu lhe estaria fazendo?

Ia dizer alguma coisa para desculpar-me, mas ela falou primeiro.

— Por favor, sente-se.

Houve a sensação literal do coração oprimido. Posso garantir, uma vez que senti isso naquele momento. Seria então a última cena, o adeus cuidadosamente fraseado? Engoli em seco ao me mover para uma cadeira, e depois me virei.

Não havia luz acesa na sala de estar, e o recinto se enchia de sombras profundas. Estremeci com uma premonição, enquanto esperava que ela se sentasse. Elise acomodou-se à beira do sofá e eu afundei-me na cadeira, com a impressão de ser um figurante em alguma cena iminente, sem nada saber do diálogo, ignorando o enredo.

Ela ergueu os olhos e encarou-me.

— O que *há?* — perguntei, quando o silêncio prolongou-se.

Houve um suspiro fundo e cansado. Ela meneou a cabeça lentamente.

— Não sei por que faço isso — disse ela. Parecia angustiada. — Jamais fiz nada remotamente parecido, em toda

a vida.

Eu sei, pensei. Graças a Deus, não expressei o pensamento em voz alta. No entanto, você me esperava, quase disse. Decidi contra isso também. Seria melhor nada dizer.

Havia um tom desafiante em sua voz, quando ela tornou a falar.

— Minha mente me diz que nós dois nos encontramos pela primeira vez na praia, à noite passada — comentou —, que éramos estranhos até esse momento. Minha mente me diz que não havia motivo para que me comportasse como me comportei, em relação a você. Não havia motivo algum, em absoluto. — Sua voz extinguiu-se, e ela contemplou as mãos. Após o que me pareceu muito tempo, acrescentou , sem erguer os olhos: — No entanto, não fiz outra coisa!

— Elise... — disse eu, começando a levantar-me.

— Não, não se mova — pediu ela, levantando o rosto rapidamente. — Quero que haja... distância entre nós. Não quero vê-lo com clareza. A visão de seu rosto... — A voz tornou a extinguir-se, sufocada em entrecortada respiração. — O que eu quero é *pensar* — acrescentou, por fim.

Esperei por sua análise, por compreensão e perspectiva, sem dizer palavra. Como não houve nada, deduzi que ela havia falado mais de uma esperança que de um plano.

Após um longo momento, Elise ergueu a cabeça e me fitou.

— Como, por Deus, poderei representar esta noite? — exclamou.

— Você representará — disse eu. — Representará magnificamente!

Ela pareceu menear a cabeça.

— Verdade — insisti. — Estarei lá, assistindo.

Elise emitiu um som desconsolado.

— Isso não ajudará nem um pouco — disse ela.

Observou-me em silêncio por alguns instantes. Depois, erguendo a mão direita, puxou a correntinha que acendia um abajur de mesa. Pisquei, quando a lâmpada se acendeu.

Ela continuou a observar-me à luz, sendo difícil precisar suas emoções. A despeito da expressão grave, imaginei pressentir um começo de aceitação de sua parte. “Aceitação” talvez seja uma palavra demasiado forte; “tolerância” seria mais adequada. Pelo menos, isso eu conseguira.

Elise inclinou a cabeça.

— Sinto muito — disse ela. — Estou novamente olhando para você. Não sei por que fico fazendo isso. — Suspirou. — claro que sei. Trata-se de seu rosto. — Ergueu os olhos para fitar-me. — Existe algo nele, além da aparência natural. O que pode ser?

Eu queria falar ou fazer alguma coisa, mas não sabia bem o quê. Receava cometer algum disparate.

Ela tornara a concentrar-se nas mãos.

— Pensei saber que tipo de mundo é este — disse ela. — O meu mundo, pelo menos. Julguei estar adaptada a todos os seus ritmos. — Meneou a cabeça. — E agora, acontece isso.

Eu desejaria atender a seu pedido — ficar distante —, mas antes de tomar consciência de minha intenção, vi-me de pé, caminhando para ela. Elise me fitou quando me aproximei, não exatamente com desassossego, pude perceber, nem com jovial antecipação. Sentando-me a seu lado no sofá, sorri o mais gentilmente que pude.

— Sinto muito por você não ter dormido — disse eu.

— É assim tão evidente? — perguntou ela, e percebi que, em realidade, eu não sabia disso até aquele momento.

— Eu também não dormi muito — disse eu. — Fiquei... pensando, a maior parte da noite.

Achei que não devia mencionar os meus escritos.

— Isso aconteceu comigo também — disse ela.

Suas palavras tinham um tom de comparticipação, mas, ainda assim, tomei consciência de uma barreira entre nós.

— E...? — perguntei.

— E é tão complexo, que desafia a minha compreensão.

— *Não!* — exclamei, impulsivo. — Nada tem de complexo, Elise. É simples. O destino decretou que nos encontraríamos.

— E *por quê?* — perguntou ela, em tom e expressão que exigiam explicações. Entretanto, não havia qualquer explicação que eu pudesse fornecer-lhe.

— Você disse que me esperava — respondi, evasivo. — Para mim, isso soa a destino.

— Ou a uma incrível coincidência — disse ela.

Senti uma dor real no peito.

— Não pode acreditar nisso — retruquei.

— Não sei em que acreditar — respondeu ela.

— Por que você me esperava? — interroguei.

— Você me dirá de onde veio? — perguntou ela, por sua vez.

— Eu lhe *disse.*

— *Richard!*

O tom era suave, mas evidentemente me censurava.

— Prometo dizer-lhe, quando chegar o momento oportuno — disse eu. — Não posso falar agora porque... — Esforcei-me por encontrar as palavras adequadas. — Bem, isso poderia perturbá-la.

— *Perturbar-me?* — Ela deu uma breve risada, um tanto amarga. — Como posso ficar mais perturbada do que já estou?

Esperei, em silêncio. Ela demorou tanto a falar que, pensei, era bem capaz de nada me contar. Por fim, rompeu o silêncio, ao perguntar, inesperadamente:

— Você vai rir?

— É engraçado?

Não pude sopesar a resposta, embora me arrependesse no momento em que passou por meus lábios. Por sorte, ela compreendeu minha intenção, seu rosto suavizou-se com um sorriso fatigado, e respondeu:

— De certa forma, sim. Curioso, pelo menos.

— Deixe-me decidir quanto a isso — pedi.

Outra prolongada vacilação. Por fim, estirando as costas como que tomando coragem para falar, ela começou.

— A história tem duas partes — disse. — Foi no fim da década de 80, não recordo o ano exato, quando eu e minha mãe atuamos em Virginia City.

Novembro de 1887, forneceu minha mente, sem ser solicitada.

— Certa noite, após a representação — continuou ela —, algumas pessoas levaram uma velha índia ao hotel em que estávamos. Disseram-nos que ela podia prever o futuro, e então, apenas por brincadeira, pedi a ela que falasse sobre o meu.

Senti que minhas batidas cardíacas ficavam mais fortes.

— Ela disse que, quando eu tivesse vinte e nove anos, conheceria o... — interrompeu-se. — Um homem — emendou. — Disse que ele entraria em minha vida... — respirou fundo de súbito — em circunstâncias muito estranhas.

Olhei para seu perfil adorável e esperei. Como ela nada mais dissesse, insisti:

— Segunda parte?

Elise continuou.

— Em nossa companhia, há uma encarregada de guarda-roupa cuja mãe era cigana. Ela alega possuir... que nome eu daria?... o dom da adivinhação?

Meu coração batia em disparada agora.

— E...? — murmurei.

— Há seis meses, ela me disse que...

Elise interrompeu-se, parecendo constrangida.

— Por favor, conte-me — pedi.

Ela vacilou, depois recomeçou.

— Bem, ela me disse que eu encontraria esse... homem em novembro. — Ouvi o som, quando Elise engoliu em seco. — *Em uma praia* — acrescentou.

Eu não conseguia falar, perplexo pelo que ouvira, O milagre do que acontecera em minha vida agora parecia equilibrado pelo milagre do que sucedera na dela. Não que me julgasse o único homem do mundo para Elise; não era nada disso. Simplesmente eu experimentava o que pode ser descrito apenas como respeitoso temor pelo fenômeno de nossa reunião.

Sua voz retornou antes da minha. Com a mão direita, Elise esboçou um gesto de confusão.

— Naquela hora — disse —, eu não tinha a menor idéia de que traríamos *Ministro* para uma estréia aqui. O convite chegou meses mais tarde. Além disso, jamais associei Coronado ao que Marie me dissera.

— Somente quando chegamos ao hotel é que aquilo me voltou à memória — prosseguiu. — Na tarde de terça-feira, eu olhava para fora, por aquela janela, quando, de repente, a visão da praia me recordou o que Marie havia dito e, mais tarde, o que também dissera a índia. Virando a cabeça, ela me fitou acusadoramente, embora Deus saiba que foi uma suave acusação.

— Daí em diante, passei a comportar-me de maneira estranha — disse ela. — Estive péssima no ensaio de ontem. — Recordei o que Robinson havia dito, na noite anterior. Esqueci muitas falas, troquei a marcação. —, tudo! E nunca me aconteceu isso. *Nunca.* Sacudiu a cabeça. — Pois ontem aconteceu; eu não conseguia fazer nada direito. Não me saía da mente que era novembro, que eu estava perto de uma praia e que, não uma, porém duas vezes, já me

tinham dito que conheceria um homem nesta época, num lugar como este. Eu *não* queria conhecer homem nenhum. Quero dizer... — Interrompeu-se e notei sua agitação, por haver dito mais do que pretendia. Ela fez um gesto com as mãos, como que repelindo a revelação.

— De qualquer modo — disse —, foi por isso que perguntei: "É você?", algo que, em outras circunstâncias, nunca teria feito. — Sacudiu a cabeça e acrescentou, em tom pesaroso: — Quando você disse: "Sou, Elise", acho que quase perdi os sentidos.

— E eu quase perdi os sentidos, quando você perguntou: "É você?"

Ela me olhou rapidamente.

— Não sabia que eu o esperava?

Esperei não ter cometido um terrível engano, mas sabia que agora não podia recuar.

— Não — respondi.

— Então, por que disse: "Sou, Elise"?

— Porque assim você me aceitaria — respondi. — *Acredito* que estávamos destinados a conhecer-nos. Entretanto, ignorava que você estivesse me esperando.

Ela me fitou intensamente, observando-me.

— De onde você veio, Richard? — perguntou. Quase lhe contei. Naquele momento, parecia tão natural, que por pouco não lhe disse toda a verdade. No último segundo, entretanto, prevaleceu uma cautela interior, fazendo-me compreender que uma coisa é ter o futuro profetizado por uma índia ou uma encarregada de guarda-roupa de origem cigana, e outra, muito diferente, tomar conhecimento desse futuro, pela chocante revelação de alguém que viajou recuando no tempo para isso.

Como eu nada dissesse, ela mostrou um tom desesperado, que me agoniou.

— Aí está novamente — disse. — A nuvem que mantêm acima de mim. Esse *mistério!*

— Não quero mantê-la acima de você — disse eu. — Minha única intenção é protegê-la.

— De *quê?*

De novo, nenhuma resposta que eu pudesse fornecer teria sentido para ela.

— Não sei — respondi. Como ela se afastasse de mim, acrescentei rapidamente: — Apenas sinto que isso poderia magoá-la e não quero que nada lhe aconteça. — Tentei pegar-lhe a mão. — Eu a amo, Elise.

Ela se levantou, antes que eu chegasse a tocá-la, afastando-se do sofá em passos curtos e agitados.

— *Não seja injusto* — disse ela.

— Sinto muito — respondi. — Acontece apenas que... — O que poderia dizer? — Comprometi-me de tal modo, que fica difícil. — eu disse.

— *Eu não posso comprometer-me com coisa alguma* — interrompeu ela.

Fiquei quieto e atordoado, em derrotado silêncio, olhando para ela. Elise estava de pé junto à janela, com os braços cruzados, contemplando o oceano. Notei sua profunda tensão, algo que mantinha bem fundo em seu íntimo, mas à custa de enorme força de vontade.

Algo que eu não podia esperar alcançar e que nem mesmo sabia o que era. Sabia apenas que a afinidade sentida pouco antes, com tanta intensidade, agora se dissipara por completo.

Talvez ela adivinhasse o meu senso de perda ou, pelo menos, percebesse que me eliminara com demasiada dureza, pois sua atitude suavizou-se, e ela disse:

— Por favor, não fique triste. Nada tem a ver com você. Aliás, isso não significa que não esteja... atraída; é lógico que estou. — Virou-se para mim. Sua voz foi um murmúrio suave, quando acrescentou: — Se soubesse como tenho vivido. Se pudesse imaginar a que ponto meu comportamento em relação a você é uma inversão total de tudo quanto tenho feito até agora.

Eu *sei,* pensei. Contudo, de nada me valia saber.

— Bem viu como minha mãe reagiu à sua presença, ontem à noite — continuou ela. —, quando o convidei para jantar conosco. Também testemunhou a reação de meu empresário. Os dois estavam *atônitos;* é a única palavra adequada. Seu tom foi de amargo divertimento: — Entretanto, não estavam mais atônitos do que eu.

Fiquei calado. Nada havia que pudesse dizer. Já me declarara e expusera meu caso. Tinha apenas que retirar-me e dar-lhe tempo. Tempo, pensei; sempre o tempo. O tempo me trouxera ate ela. Agora, o tempo me ajudaria a conquistá-la.

— Você me... envaideceu com sua declaração — disse ela e a frase soou demasiado formal para tranqüilizar-me. — Apesar de pouco conhecê-lo, há algo em suas maneiras que nunca notei em outro homem. Sei que não pretende prejudicar-me, até mesmo... confio em você. — Sua afirmação era de perplexidade, revelando claramente que atitude mantivera em relação aos homens, por tantos anos. — Entretanto... compromisso? Não.

Devo ter-lhe parecido uma criatura em absoluto desamparo, porque a visão certamente a comoveu, e ela se aproximou, tornando a sentar-se ao meu lado. Sorriu, e eu consegui devolver-lhe o sorriso — sem muito sucesso.

— Não percebe? — exclamou ela. — Não; você nem me acreditaria, se lhe dissesse que isso é tão... bem, é simplesmente incrível, um homem estar a meu lado, em meu quarto de hotel! E eu usando trajes de dormir! Sem mais ninguém por perto! É... sobrenatural, Richard!

Seu sorriso tentou transmitir-me quanto aquilo era sobrenatural. Eu, no entanto, já sabia disso, e não pude extrair nenhum prazer da explicação.

— Você não pode ficar aqui — disse ela, com ar desconcertado. — Se minha mãe aparecer e o encontrar aqui comigo, vestida apenas com camisola e robe, ela no mínimo... *explodirá!*

A visão de sua mãe explodindo pareceu impressionar-nos ao mesmo tempo, e começamos a rir.

— Pare — disse ela, de repente. — Mamãe está no quarto ao lado e pode ouvir.

Nas histórias românticas, o riso partilhado por homens e mulheres resulta, invariavelmente, em olhares intensos, abraços calorosos e beijos apaixonados. Conosco era outra coisa. Ambos nos controlamos novamente, e ela se levantou e disse:

— Você tem que ir agora, Richard.

— Podemos tomar o desjejum juntos? — perguntei.

Notei a hesitação, antes que ela assentisse.

— Vou me vestir — disse.

Tentei sentir um gosto de vitória em sua aceitação, mas a lógica se recusou a permiti-lo. Fiquei olhando para ela, enquanto caminhava para o quarto, entrava e fechava a porta.

Fiquei olhando para a porta, esforçando-me ao máximo para gerar algum senso de confiança em meu relacionamento com ela. Não consegui. Erguendo-se como uma muralha entre nós, havia o seu passado e o seu estilo de vida. O que ela *era.* O ponto que, realmente, dificultava tudo. A fantasia me levara a apaixonar-me por um retrato e então viajara através do tempo para estar com o original daquela foto. A fantasia devia, também, prever minha vinda até Elise.

Excetuando-se isso, a situação era — e é — de absoluta realidade. Agora, apenas atos reais podem determinar o nosso futuro.

O letreiro acima da porta dizia "Salão de Café". Passamos pela entrada em arco, e um homenzinho, trajando engomado traje preto, conduziu-nos em direção a uma mesa.

O salão não podia ser mais diferente do que era — quero dizer, do salão que seria no futuro. Apenas o apainelado do forro continuava o mesmo. Não havia arcos periféricos, sendo o recinto consideravelmente menor do que me recordava. Notei as janelas mais baixas e estreitas, com persianas protetoras de madeira pendendo acima delas. Vi mesas redondas e também quadradas, cobertas por toalhas brancas, tendo ao centro vasos de flores recém-colhidas.

Ao passarmos por determinada mesa, um homem baixo e atarracado, de cabelos louros e anelados, levantou-se precipitadamente, tomou a mão de Elise e a beijou, com floreios exagerados. Imaginei que só podia ser um ator. Elise o apresentou como sr. Jepson. Fui examinado com indisfarçável curiosidade, antes e depois de passarmos adiante sem aceitar seu convite para nos juntar a ele.

O homenzinho levou-nos até uma mesa perto da janela. Fez uma mesura com um sorriso rígido e mecânico e depois afastou-se. Quando me sentei, compreendi por que a sala me parecera menor. Onde me lembrava de ter sentado anteriormente havia agora uma varanda externa, com cadeiras de balanço.

Olhei de banda e vi que, embora de maneira furtiva, os olhos vivos do sr. Jepson continuavam fixos em nós.

— Creio que a estou comprometendo novamente — disse eu. — Peço que me desculpe.

— Já está feito, Richard — replicou ela.

Devo dizer que me pareceu bastante calma a esse respeito, dando-me a impressão de que não se permitiria ficar demasiado preocupada com a opinião adversa dos outros. Era mais um ponto a seu favor. Como se ela precisasse de algum!

Quando recolhi o guardanapo, colocado em forma de tenda no prato à minha frente, ouvi um homem perto de nós dizer em voz alta:

— Somos uma nação de setenta e cinco milhões de homens, senhor.

O número sobressaltou-me. Um excesso de mais cem milhões de almas, dentro dos próximos setenta e cinco anos? Céus!

Enquanto refletia nisso, não ouvi o que Elise perguntava. Pedi-lhe desculpas.

— Já está com apetite? — repetiu ela.

— Um pouco — respondi. Sorri, ao perguntar: — Tem ensaio hoje?

Ela assentiu.

— Tenho — respondeu.

— E... — Tive dificuldade em continuar. — Bem, seu plano ainda é deixar o hotel após a representação?

— Foi o que ficou decidido — respondeu ela.

Contemplei-a com súbita e descontrolada angústia. Ela captou a tensão, mas, dessa feita, não se permitiu reagir a ela. Quando virou o rosto para a janela, tentei concentrar a atenção no cardápio, mas as palavras desmanchavam-se diante de meus olhos. Afinal de contas, pensei, aqueles poucos minutos podiam ser nossos últimos momentos juntos.

Não! Lutei contra a apreensão. Ainda não estava disposto a desistir. *Relaxe-se; ainda há bastante tempo,* disse a mim mesmo. Reprimi um sorriso. Durante anos, tivera aquelas palavras impressas num cartão, pregado à parede de minha sala de trabalho, em Hidden Hills. Olhar para elas sempre ajudava, não apenas mental, mas visceralmente. Recordá-las agora também ajudou. Tudo vai dar certo, prometi a mim mesmo; você conseguirá.

Não adiantou. O cardápio tornou a esfumaçar-se, quando minha mente desprezível de escritor começou a improvisar um perfeito melodrama vitoriano, intitulado *Meu destino.* Nele, Elise deixava o hotel aquela noite, abandonando-me. Sem dinheiro, eu arranjava um emprego na cozinha do hotel, lavando pratos. Trinta anos mais tarde, já velho e trêmulo, de cabeça branca, balbuciando sobre um amor há muito perdido, eu tropeçava, caia de cabeça na água com sabão e me afogava. *Hic jacet,* fracassado do século. Cemitério dos indigentes. Cães enterrando seus ossos junto aos meus. A visão era tão cômica e, ao mesmo tempo, tão horripilante, que eu não sabia se queria rir ou chorar. Achei melhor não fazer nem uma nem outra coisa.

— Richard, você está...

Elise mal começara a falar, e sua voz foi suplantada por outra, de homem, que exclamava:

— Ah, bom dia, srta. McKenna!

Um homem atarracado (seriam atarracados todos os homens daquele tempo?) aproximava-se da mesa, sorrindo untuosamente para Elise.

— Espero que tudo esteja do seu agrado — disse ele.

— Está perfeito, sr. Babcock. Obrigada — replicou ela.

Olhei para o homem, impressionado ao vê-lo, embora me sentisse deprimido. Elise apresentou-nos e ele me apertou a mão. Posso afirmar que bem poucas experiências se comparam à sensação do vigoroso aperto de mão do homem que, até aquele momento, estivera morto em nossa mente.

Quando ele informou a Elise que todos estavam "ansiosos" pela "excitante perspectiva" de assistir à peça naquela noite, vi-me sentado naquele quartinho-estufa do porão, lendo cartas datilografadas, as letras já esmaecidas, algumas delas ainda nem pensadas por ele ou muito menos ditadas. A enigmática visão daquele homem, como outras da mesma natureza, revelou-se bastante perturbadora, de maneira que me esforcei por afastá-la da mente.

Depois que Babcock partiu, tornei a olhar para Elise. Captando sua expressão, quando reagiu à minha, percebi que não a ajudava muito, em termos de preocupar-se comigo. Se eu continuasse ali, mostrando um ânimo tão deprimido, ela logo se fartaria, pouco importando quais fossem seus sentimentos.

— Tive uma caçada e tanto esta noite — disse eu, procurando dar à voz um tom de trivialidade.

— Verdade? exclamou, enquanto um sorriso divertido lhe tocava os lábios.

Quando lhe contei minha perseguição a Robinson, o sorriso tornou-se amplo.

— Desculpe-me — disse ela. — Eu devia ter calculado que ele faria algo assim.

— Por que o quarto dele fica num andar tão alto? — perguntei.

— Robinson sempre quis assim — explicou ela. — Prefere descer e subir escadas, de alto a baixo, para manter o que chama de seu "vigor físico".

Sorri e quase meneei a cabeça, recordando a constituição do homem.

— O que ele pensará a meu respeito? — perguntei. Ergui a mão, dissuadindo-a, antes que respondesse. — Não tem importância, acho que prefiro não saber. Diga-me o que sua mãe pensa. Sem dúvida, a opinião dela é mais caridosa.

— Será mesmo? — replicou ela, com um sorriso dúbio.

— Mau negócio — disse eu.

— Se realmente quer saber. — Ela inclinou a cabeça um ou dois centímetros, e, por um instante, evoquei as palavras de John Drew, a respeito de sua postura graciosa e irresistível no palco. — Mamãe o considera um embusteiro e um biltre.

— Francamente! — assenti, com zombeteira gravidade. — É desencorajador! — Assim estava melhor. Sem dúvida, ela preferia minha ironia a um ar de absoluto sofrimento.

— E qual foi sua resposta?

— Respondi que, justamente por isso, estava ansiosa por sua doçura, Richard.

Acho que fiquei olhando para ela de boca aberta. Uma idéia súbita me deixou aterrado: estaria ela zombando de mim, divertindo-se à minha custa?

— Não sabe o que são embusteiros e biltres? — perguntou ela.

Pestanejei:

— Pensei que soubesse.

— Os doces?

— Doces? — repeti, francamente confuso.

Ela me explicou então que "embusteiros" são doces compridos, amarelo-vivos, recheados com uma amêndoa branca. "Biltres" são doces similares, porém de forma quadrada. Depois de saber, senti-me apalermado.

— Sinto muito — disse eu. — Acho que estou muito mal informado.

Só sei sobre você e sua vida, foi o pensamento que me ocorreu.

— Fale-me sobre seus escritos — pediu ela.

Entendi que o pedido era resultante da polidez, mas eu não estava em situação de questionar motivos.

— O que lhe poderia dizer?

— Eu gostaria de saber o que escreveu.

— Estive trabalhando num livro — disse eu.

Estava tenso, mas depois me relaxei. Certamente, não haveria mal algum em contar-lhe aquilo.

— Qual o assunto?

— Trata-se de uma história de amor.

— Eu gostaria de lê-lo, quando estiver terminado — disse ela.

— Você o lerá — respondi —, quando eu souber como vai ser o final.

Ela esboçou um breve sorriso.

— Quer dizer que ainda não sabe?

Senti que fora longe demais naquela direção. Procurei cobrir as pistas, dizendo:

— Não. Nunca sei, até escrever o final.

— Curioso! — exclamou ela. — Pensei que devesse saber exatamente para onde sua história se encaminhava.

Você é que pensava saber exatamente para onde a *sua* história se encaminhava, disse a mim mesmo.

— Não. Nem sempre — respondi.

— Bem, de qualquer modo, eu gostaria de ler o livro, depois de pronto — disse ela.

Ler?, pensei. Você o está *vivendo!*

— Você o lerá — prometi. Ao mesmo tempo, perguntei-me se teria coragem de deixá-la ler. Minha mente sugeriu que era hora de mudar de assunto. — Posso assistir a seu ensaio de hoje? — perguntei.

O rosto dela ficou sombrio. Teria eu dito algo errado?

— Não poderia esperar até a noite? — perguntou-me ela finalmente.

— Se é o que deseja... — respondi.

— Não pretendo ser descortês — explicou ela. — Acontece apenas que eu... bem, nunca permito que estranhos vejam meu... — interrompeu-se, ao notar minha reação.

— Não é a palavra adequada — emendou. — Estou tentando dizer que... — respirou profundamente. — Ora, esta é uma situação perturbadora. Eu não conseguiria trabalhar com você espiando.

— Compreendo. — respondi. — Sei quais são as suas necessidades como atriz. Sei, realmente. — De qualquer modo, eu falava a pura verdade. — Ficarei conformado em esperar até a noite. Não, não é verdade. Não estou conformado, em absoluto, mas esperarei. Por sua causa.

— Você é muito compreensivo — disse ela.

Não, não sou, pensei; o que realmente desejo é algemar-nos. Não haveria muita objetividade em detalhar nosso desjejum a dois. Antes de mais nada, mal conversamos, porque o salão se tornou barulhento, à medida que iam chegando mais e mais hóspedes para a primeira refeição. Sem dúvida, esta é uma era de alimentação. A primeira preocupação de todos, mal amanhece, diz respeito à digestão, assunto que persiste por todo o dia, e avança pela noite. Imaginei que meu estômago fosse voltar a seu estado normal, até que os aromas misturados de presunto, *bacon,* bifes, salsicha, ovos, *waffles,* panquecas, cereais, pão e biscoitos recém-assados, leite, café, etc., começaram a adensar a atmosfera do salão. Fiquei satisfeito por Elise não comer muito mais do que eu, de maneira que nossa primeira refeição foi breve.

Quando deixamos o Salão do Café e começamos a voltar, através da Rotunda, ela disse:

— Tenho que me aprontar agora para o ensaio. Começamos às nove e meia.

Creio que, pela primeira vez, consegui disfarçar, não deixando transparecer no rosto a pontada de medo que senti.

— Terá algum tempo livre hoje? — perguntei.

Creio também que minha voz soou calma. Ela me fitou, como que considerando o que eu dissera; talvez até mesmo avaliasse meu lugar em sua vida.

— Se você puder — acrescentei. — Sabe que quero vê-la.

Ela finalmente respondeu.

— Está livre à uma? — perguntou.

Eu sorri.

— Meu programa é limitado — respondi. — Consiste em ver você, sempre que for possível.

Novamente aquele olhar. Aquele olhar inquiridor em meu rosto, como que à procura de uma resposta a todas as perguntas que certamente devia ter para fazer. Não sei quanto tempo durou, mas pareceu-me bastante. Nada fiz para encerrar o exame, percebendo que aqueles momentos eram cruciais para ela, podendo ser invalidados por quaisquer palavras que eu pronunciasse.

Por fim, a expressão inquisitiva desapareceu, ela olhou na direção do Átrio Aberto e depois para mim.

— Lá fora? — sugeriu. — Perto da fonte?

— Perto da fonte, à uma hora — respondi.

Elise estendeu a mão, e eu, tomando-a o mais delicadamente que pude, levei-a aos lábios e a beijei.

Depois fiquei imóvel, observando cada passo seu, enquanto ela atravessava o Átrio Aberto; estremeci, ao vê-la desaparecer no interior da sala de estar. Mais de quatro horas! Era inconcebível ficar longe dela tanto tempo. Em verdade, houvera uma separação mais demorada durante a noite, mas então eu estava dormindo.

Dormindo, pensei. Pela primeira vez, desde que isso acontecera, eu me dei plena conta de meu estado físico. Fechando os olhos, ofereci uma prece de agradecimento aquele poder que me tocara porque, que me lembrasse, não sentira a mais remota pontada em minha cabeça. Não existe a possibilidade de transmitir a intensidade do que eu sentia. Somente alguém que já viveu experiência similar pode avaliar o que senti e ainda sinto. Ontem pela manhã, embora vivendo em outra faixa de tempo, despertei com a costumeira dor de cabeça, ofuscante e agonizante, um sintoma familiar à minha condição.

Essa manhã, no entanto, a dor havia desaparecido. Sorrindo, caminhei até o balcão de recepção e perguntei ao encarregado onde poderia adquirir artigos de toalete. Ele informou que havia uma *drugstore* no subsolo, mais além do saguão da escada, mas que só abria às nove horas.

Por um momento, tive o louco impulso de pedir-lhe um quarto e assinar o livro de registro. Conseguiria eu reunir coragem para tanto? Ou algo me impediria de obter o quarto? Decidi, então, não correr o risco de tentar a providência. Agradecendo ao homem, virei-me e caminhei para a escada.

Enquanto descia, pensei em Elise. Até então, percebi, só havia pensado nela em termos de seu relacionamento comigo. Agora, precisava começar a pensar em termos de sua vida particular. Se pretendo mesmo conquistá-la, essa conquista não deve ser feita presumindo-se um romance sem objeções. Faz apenas horas que a conheço. E, em seu passado, há vinte e nove anos que deverei enfrentar.

A *drugstore* localiza-se onde recordo ter existido uma agência imobiliária. Parado à sua frente, esperei uns seis minutos, até que começasse a funcionar. Durante esse tempo, passaram por mim vários chineses, empregados da cozinha, falando em sua língua nativa. Por fim, o encarregado da loja abriu a porta. Era um homem baixo, de cabelos escuros, usando camisa e colarinho alto, que parecia feito de celulóide, uma estreita gravata de seda e um casaco de algodão branco, abotoado até o alto, com lapelas estreitas. O homem começava a deixar crescer bigode. Seu lábio superior parecia mais estar sujo de fuligem, que hirsuto. Quando vi aquilo, reparei no quanto ele era jovem.

Não era muito fácil afirmar o contrário porque, como tantos homens de todas as idades, na época em que me situo agora, ele parecia extremamente grave, como se tivesse pela frente uma grande dose de trabalho duro e soubesse disso; ainda mais, aceitava o fato. Seu "Bom dia, senhor", embora não dito em tom desagradável, era brusco e direto, sem perda de um momento. Tratava-se de um jovem que queria alcançar uma estrela. Se Horatio Alger realmente existisse, deveria ser como ele.

Enquanto o rapaz atendia ao meu pedido comprei uma navalha de barba (não por escolha, mas por ser a única disponível), pincel, sabão e caneca de barbear, um pente e escova de cabelos, escova de dentes, pó dentifrício e uma caneta-tinteiro, tive oportunidade de dar uma espiada pela loja.

As paredes estavam cobertas de cartazes de propaganda: "Tintura para cabelos Damschinsky'; "Sedativo orangino licoroso"; "Bromo-quinino para resfriado"; "Aipo / a cura da prisão de ventre" — este último problema devendo ter grande incidência aqui, considerando-se como as pessoas comem. Havia dúzias de outros produtos, mas não vem ao caso citar todos eles. Este não é um relato histórico de minha vida pessoal.

Basta dizer que as prateleiras e gavetas com frente de vidro estavam apinhadas de frascos e caixas de todos os tamanhos e formatos.

Olhei para o relógio de parede e espantei-me ao ver que passavam onze minutos das nove. Apressado, perguntei ao rapaz se havia algum lugar próximo onde eu pudesse comprar "roupas de baixo para cavalheiros"; falei realmente assim — acho que por sentir-me em parte bastante vitoriano.

Devo ter exagerado nisso, porque o rapaz pareceu reprimir um sorriso, quando me disse que havia uma

“fornecedora de artigos para cavalheiros” anexa à *drugstore;* apenas ele ainda não tivera oportunidade de acender as luzes.

Comprei rapidamente uma ceroula inteiriça e meias, no último momento decidindo-me também por uma camisa branca. Depois, tirando minha nota de dez dólares, coloquei-a sobre o balcão.

— Humm — disse o rapaz. — Faz algum tempo que não vejo uma destas.

Santo Deus, pensei, teria trazido comigo o dinheiro errado? Já começava a sentir-me ansioso. Sabia que, por minhas suposições, devia assinar o livro de registro às nove e dezoito; meu desassossego crescia, ao pensar que, se não fizesse isso no exato momento, algo terrível aconteceria e toda a estrutura de minha presença em 1896 ruiria como um castelo de cartas.

Por sorte, o rapaz não fez mais comentários sobre a nota e, depois de embrulhar minhas compras, entregou-me o troco. A despeito do nervosismo, não pude deixar de ficar impressionado pelo fato de que tudo quanto acabara de adquirir somava menos de cinco dólares. Sacudindo a cabeça, deixei a loja, caminhei lentamente pelo corredor e aproximei-me da escada.

Àquela altura, estava tão nervoso ante a possibilidade de perder o momento de registrar-me no hotel, que quando cheguei à escada subi de dois em dois degraus, cruzei a Rotunda em longas e rápidas passadas e parei diante do balcão de recepção com o coração em disparada. Um olhar para o relógio revelou que passavam apenas quinze minutos das nove.

O encarregado aproximou-se, e pedi-lhe um quarto.

— Perfeitamente, senhor. Está chegando agora? — perguntou ele.

Pela maneira como fui envolvido por seu olhar arrogante, percebi que a pergunta encerrava mais um desafio que pura curiosidade; minha aparência deve ter-lhe parecido bastante suspeita.

Fiquei surpreso pela facilidade com que menti; minha história fluía espontaneamente, sem ser traída pelo menor tom, gesto ou expressão. Sentira-me tão mal ao chegar, na noite anterior, que me vira forçado a ficar no quarto de um amigo e somente agora me achava em condições de pedir um quarto para mim apenas.

Talvez a elaboração não estivesse tão admiravelmente montada como julguei, mas, pelo menos, o homem não teve coragem bastante para continuar a interrogar-me.

Virando-se, olhou para os escaninhos das chaves e tornou a encarar-me após vários momentos, quando colocou uma chave com etiqueta sobre o balcão à minha frente.

— Muito bem — disse ele. — Um quarto de solteiro, três dólares a diária; os privilégios do quarto de banhos são pagos por fora. Quer assinar o livro de registro, senhor?

O homem estendeu-me uma caneta. Olhei para a chave, com chocada perplexidade. Era para o quarto 420. De repente, fiquei desorientado de novo , em um instante despojado de todas as adaptações mentais que imaginara ter feito, apenas ao olhar para aquela chave.

— Humm... tem certeza? — balbuciei, afinal.

— Senhor?

Ignoro por que aquele momento era tão aterrador para mim. Eu estava lá, em 1896. Ia encontrar Elise à uma hora e, embora ainda houvesse muito a concluir, nosso relacionamento já fora estabelecido, como eu desejaria que estivesse. Não obstante, a implicação daquele número de quarto diferente era tão terrível que me senti entorpecido pelo medo.

— Tem certeza de que a chave é mesmo esta?

Fiz a pergunta com voz trêmula, e num tom alto demais.

— Se tenho certeza, senhor?

O homem olhou para mim como se pensasse que eu houvesse perdido o juízo. Deus sabe o que eu teria dito ou feito, se outro empregado não aparecesse naquele momento e pegasse a chave, após olhar casualmente para ela.

— Ah, sinto muito, sr. Beals — disse ele. — Este quarto foi reservado. Esqueci-me de colocar a comunicação no escaninho.

Um suspiro muito audível de alívio escapou-me do peito. O primeiro homem olhou para seu colega com irritação e, após dirigir-me um olhar que me deixou tenso, virou-se para apanhar outra chave. Naquele momento, compreendi quanto estava vulnerável a qualquer evento relacionado à minha viagem através do tempo. Não sei quando passará esse senso de vulnerabilidade, mas a verdade é que, agora, sem dúvida se tornou uma companhia constante e potencialmente fatal para mim.

O encarregado se virou, ainda mantendo no rosto a expressão de suspeita. Se essa chave também for de quarto diferente, pensei, sou capaz de mergulhar chão abaixo!

Não consegui conter outro suspiro — acompanhado de um sorriso largo e forçado — quando vi o número da chave. Bingo, pensei. Minha tensão escoou-se, no instante em que o encarregado tornou a pegar a caneta e estendê-la para mim.

Tomando-a, olhei para a página à minha frente. Senti-me novamente invadido pela emoção, da mesma maneira que quando apertei a mão de Babcock. Eu sabia que, um dia, aquele registro agora recém-preenchido jazeria naquele quartinho ardente do porão, onde eu o examinaria, apergaminhado e coberto de espessa camada de poeira cinzenta.

Afastei o pensamento da cabeça e li o último nome da página: "Magistrado L. Jenks e senhora, San Francisco". Minha mão começou a tremer, quando percebi que, se não assinasse imediatamente, podia deixar passar o tempo. Era uma idéia fantástica. Tudo quanto tinha a fazer era ficar ali, quieto, provocando assim uma alteração geral. *A angústia de uma estrela,* pensei, sem saber onde tinha lido as palavras.

Então, estava olhando para minha mão, enquanto ela assinava "R. C. Collier, Los Angeles". A implicação disso também era inquietante. Eu poderia ter assinado Richard Collier. Normalmente, era assim que assinaria. Aquilo de, em 1971, ter visto meu nome escrito de maneira tão incomum, depois retornando à época em que o assinara e *copiado* o que tinha visto setenta e cinco anos *após* a assinatura, era um quebra-cabeça tão ligado e interligado, que me deixava a mente como um torvelinho.

— Muito obrigado, senhor — disse o encarregado.

Virou o livro e o vi escrever "Quarto *350"* e a hora. Bingo duplo, pensei, com um calafrio.

— Em que quarto está a sua bagagem, senhor? — perguntou o encarregado. — Mandarei apanhá-la.

Olhei para ele, que esperava a minha resposta. Depois sorri; deve ter sido um sorriso terrivelmente artificial.

— Está tudo bem — disse R. C. Collier. — Eu mesmo a pegarei mais tarde. Não é muita coisa. Aliás, não é nada, disse minha mente.

— Perfeitamente, senhor.

O encarregado ficara novamente desconfiado, mas agora eu era um hóspede da casa e não se deve transmitir suspeitas a um hóspede. Pestanejei, quando ele estalou os dedos e apareceu um mensageiro. O sr. Beals entregou-lhe a chave, e o mensageiro inclinou a cabeça para mim.

— Por aqui, senhor — disse-me ele.

Levou-me até o elevador e entramos. A porta deslizou com majestática e rangente lentidão, e começamos a subir. Enquanto subíamos, o mensageiro e o ascensorista conversaram sobre as luzes elétricas instaladas recentemente no elevador Prestei pouca atenção, pois refletia no estado incerto em que ainda me encontrava; um estado cujos efeitos eu imaginara diminuídos, mas que agora sabia serem mais perigosos do que nunca. Mentalmente, caminhava numa corda bamba. Algo podia acontecer a qualquer momento uma palavra, um incidente, até mesmo um pensamento — que poderia derrubar-me. E aquela queda resultaria apenas em pavorosa aterragem — de volta a 1971. Eu sabia disso muito bem e estava apavorado.

Saímos do elevador no terceiro andar. O mensageiro (esqueci-me de mencionar que, como o anterior, nada tinha de jovem) conduziu-me para a parte externa e contornamos pela varanda, em direção ao lado do hotel que dá para o mar. Vi dois pombos, de cauda em forma de leque, subindo a escada que leva ao quarto andar e deixando para trás diminutas impressões, ao longo dos degraus. Recordo que o mensageiro disse algo sobre eles pertencerem à governanta e sobre o sr. Babcock mostrar-se "tirânico", por causa da sujeira que faziam.

Quando caminhávamos de novo pelo corredor interno, avistei um jornal caído ao chão, em frente à porta de um quarto. Dava a impressão de já ter sido lido e jogado fora, de maneira que o recolhi, fingindo não perceber como o mensageiro olhou para mim nesse momento. *Novamente déjà-vu* (ao inverso, é claro). O jornal era o *San Diego Union.*

A maçaneta do quarto *350* era de metal escuro, com flores esculpidas. Olhei para ela, enquanto o mensageiro abria a porta e a empurrava.

Por um momento, pensei na porta que arrombara para ficar livre, na tarde do dia anterior, perguntando-me se o mistério ainda estaria sendo comentado.

O mensageiro estendeu-me a chave, com sua etiqueta castanho-avermelhada, em forma oval.

— Deseja mais alguma coisa, senhor? — perguntou.

— Não, obrigado.

Entreguei-lhe uma moeda de vinte e cinco *cents,* imaginando que fosse suficiente. Talvez fosse demais. Seus olhos pareceram dilatar-se ligeiramente, quando ele se virou para sair.

— *Obrigado,* senhor — murmurou.

— Espere! *Há* algo que desejo — disse eu quando a idéia me acudiu. Ele parou e se virou. — Quer esperar um instante? — pedi.

— Perfeitamente, senhor.

Fechando a porta, tirei rapidamente o casaco e as calças, sendo obrigado primeiro a livrar-me das botas, a fim de que as calças passassem pelos pés. Esticando o braço, entreguei a roupa ao mensageiro, parado do outro lado da porta.

— Poderia providenciar para que fossem passados e trazê-los de volta dentro de uma hora? — perguntei.

— Perfeitamente, senhor — replicou ele, e sua voz ecoou no corredor.

Perguntei-me o que ele pensaria. Um hóspede do Hotel del Coronado com apenas um terno? Que os santos nos protejam!

Depois que ele se foi, dei meia-volta e examinei o quarto pequeno, medindo não mais que quatro metros por três e meio, suponho. O mobiliário é mínimo: uma cama de madeira escura, uma mesa retangular, de duas gavetas, sobre um pedestal de quatro pés; uma escrivaninha escura, grande, com pés que parecem garras de animal; uma cadeira de vime e um espelho de moldura rococó, pendurado na parede, acima da escrivaninha. Não há abajures, sendo a iluminação proporcionada por um lustre que pende do teto, semelhante àquele do quarto em que acordei ontem.

A lareira fica à direita de quem entra no quarto, no canto mais extremo. Terei esquecido alguma coisa? Ah, sim; uma escarradeira de porcelana, colocada junto da cadeira de vime, o epítome da graciosidade do fim de *siècle.* Preciso cultivar a arte de cuspir.

Antes de haver tirado a roupa, eu jogara o pacote de minhas compras em cima da cama. Apanhei-o então, caminhei com ele até a secretária, removi os artigos de um em um e os coloquei em cima do móvel. Fui depois até a janela, tornando-me mais consciente do barulho do mar.

Mais uma vez, fiquei admirado com a proximidade do oceano. As ondas estavam altas, cobertas de espuma, e vinham bater na areia, com um rugido constante. Mais além, num quebra-mar, avistei um homem; deve ser algum hóspede do hotel. Usava cartola, sobretudo e fumava um ubíquo charuto, enquanto contemplava o mar; preciso acrescentar que era corpulento? Pareceu-me haver um navio da marinha, ancorado na baía, à grande distância.

Voltei o olhar para a direita e vi a praia, cenário de meu primeiro encontro com Elise. Observei-a por muito tempo, pensando nela. O que estaria fazendo? O ensaio devia estar prestes a começar. Pensaria em mim? Experimentei um traiçoeiro aumento de desejo de me encontrar com ela e me esforcei para reprimi-lo. Terei que sobreviver ainda por três horas e meia e jamais conseguirei isso, se ficar meditando na falta que sinto dela.

Dando meia-volta, localizei papel de cartas na gaveta superior da escrivaninha e o usei para continuar registrando os fatos.

"Estou agora sentado na cama, usando minha ceroula inteiriça nova em folha — que não é o que se poderia descrever como uma peça elegante — e passo os olhos pelo *Union,* lendo as notícias do dia que, ontem (o meu ontem), faziam parte de um passado distante.

Além desse estímulo, no entanto, devo dizer que, em si, tais notícias nada têm de excitantes. Os detalhes da vida em 1896 são vagamente familiares. Temos, por exemplo, uma manchete: "CONFESSOU-SE CULPADO. UM PASTOR ADMITE QUE TENTOU MATAR A ESPOSA, DANDO-LHE VENENO". Subtítulo: "Condenado o miserável a seis anos de prisão". Eis aí o que chamo de jornalismo objetivo.

As outras manchetes são também indicativas de que, embora 1896 e 1971 estejam muito distantes entre si cronologicamente, isso não acontece em relação a seus respectivos eventos diários: "FIM DE UM POLÍTICO. Falece em Nova York um representante de Denver". "TERRÍVEL DESMORONAMENTO. Desaba uma plataforma sobre a qual havia trinta pessoas." E a minha favorita: "DEVORADO POR CANIBAIS".

Houve um pequeno item que considerei perturbador, se não literalmente glacial. Ao todo, diz o seguinte: "Krupp, o fabricante prussiano de armamentos, declara uma renda de um milhão e setecentos mil dólares anuais. Tal soma poderia tornar-se o início de um vasto fundo Krupp, em alguns países".

Preciso ignorar esse tipo de pensamento; nada de demorar-me nos aspectos mais sombrios do que, agora, é o futuro para mim. Tal prática pode ser perigosa. Tenho que limpar minha mente de tudo isso. E, assim, ficarei sabendo da época presente apenas o que sabem todos. É a única solução, tenho certeza. A presciência seria um tormento. A menos que — ocorre-me agora a idéia — eu pudesse "inventar" algo e tornar-me imensamente rico. Como o alfinete de fraldas, por exemplo.

Não. Idéia também rejeitada. Não devo intrometer-me na história, mais do que já me intrometi. Esqueça o jornal, Collier. Pense em Elise.

Devo recordar uma coisa: nessa altura, minha vida é extremamente simplificada. Desapareceram todas as complicações de meu "passado". Tenho somente uma necessidade: conquistá-la. Outras coisas mais que deva fazer em dias vindouros ainda não fazem parte de meus pensamentos.

Com ela, é diferente. Meu aparecimento em sua vida deve tê-la perturbado, mas, fora isso, Elise continua envolvida na totalidade de sua existência. Durante vinte e nove anos, ela vem programando — e programou — um roteiro especifico. Eu posso representar uma brisa casual nesse momento, porém a corrente principal continua impelindo seu barco, os ventos de força vital ainda enfunam suas velas. O paralelo é medíocre, mas deixemos passar. Minha intenção é explicar que os detalhes de sua existência não foram desmantelados como os meus. Elise terá que continuar lidando com eles, mesmo enquanto lida comigo. Em vista disso, não devo pressioná-la indevidamente.

Quando o mensageiro retornou, com meu terno já passado, vesti as calças e as botas, peguei meus apetrechos de barba, escova de dentes e pó dentifrício e fui para o banheiro, que fica no fim do corredor.

Lá, comecei a cortar-me em talhos sangrentos. A despeito de minha vontade de virar as costas a 1971, existe um lamento: meu reino por um barbeador!

A certa altura do sangrento processo, com o sangue escorrendo de onze talhos diferentes, enquanto a navalha trabalhava no décimo segundo, perguntei-me seriamente que circunstância se imporia primeiro: o término de minha orgia barbeadora ou a necessidade de uma transfusão de sangue. Se meu começo de barba não tivesse sido tão visível — sei que a visão da barba despontando perturbou Elise, embora ela fosse polida demais para tocar no assunto —, eu desistiria da tentativa, como total perda de tempo.

Uma idéia. Talvez mais tarde eu deixe a barba crescer. Sem dúvida, é bastante apropriado para a época atual e contribuiria para dar-me uma imagem diferente — não só a meus próprios olhos, como também para os outros.

De qualquer modo, murmurei censuras contra mim mesmo, por não ter tido a idéia de fazer um treino com a navalha. Não é o dom mais fácil de adquirir-se, embora eu tenha certeza de chegar a dominá-lo, com o tempo, caso Elise me prefira de rosto barbeado.

A imagem de minhas pálidas feições refletidas no espelho foi a gota que fez o copo transbordar. Histérico, tive que encerrar a operação ou correria o risco de degolar-me. Imaginei-me caminhando até o quarto *527* e pedindo a quem quer que o ocupasse um pouco daquele adesivo para estancar o sangue de meus cortes. A visualização de como o hóspede poderia reagir ao pedido, em seguida à minha informação de que fora eu quem arruinara a *sua* navalha na moldura da porta, conseguiu apenas aumentar minhas gargalhadas espasmódicas. Imagino que tenha sido uma forma de liberação.

Ainda assim, era puro suicídio continuar empunhando aquela arma homicida com minha mão trêmula. Quando consegui dominar o acesso de riso e depois concluir minha péssima obra, havia filetes de sangue escorrendo das faces retalhadas. Lavei o rosto para limpar tudo.

Um homem esperava no corredor, quando saí do banheiro; eu tinha esquecido que aquele não era um compartimento exclusivamente pessoal. Evidentemente, o coitado não podia estar com a melhor disposição de ânimo, após esperar tanto tempo. Devia ter ouvido minhas gargalhadas, pois, quando saí, examinou-me como um vigia do zoológico examinaria um espécime particularmente raro. Procurei manter a fisionomia séria, mas assim que passei por ele, um ronco me escapou pelas narinas e cambaleei para meus aposentos, sem dúvida seguido por seu olhar de espanto.

De volta ao quarto, vesti a camisa limpa, coloquei a gravata preta, poli as botas com a camisa usada e penteei o cabelo; com um pente, agora ficava mais fácil. Examinei-me ao espelho. Não está nada atraente, R. C., pensei, observando as crostas de sangue coagulado que me percorriam a pele, como cordilheiras num mapa geográfico.

— Fiz isso por você, Elise — disse para a visão das crostas, e ela sorriu para mim, como o tolo apaixonado que era.

Ignoro a que horas deixei o quarto, mas tenho certeza de que ainda faltava muito para a uma hora; talvez nem fosse meio-dia. Caminhei para a porta que levava ao exterior e saí na varanda aberta.

Fiquei lá muito tempo, olhando para o Átrio mais abaixo, com sua vegetação luxuriante, procurando deixar a atmosfera de 1896 impregnar-me e fazer efeito. Ficava cada vez mais convicto de que o segredo para uma bem-sucedida viagem no tempo é pagar o preço de uma eventual perda de identidade de tempo. Eu planejava perder, tão depressa quanto possível, todo o conhecimento sobre "aquele outro ano".

Meu desejo por Elise agora se tornava tão intenso, que começou a sobrepujar todo pensamento e toda sensação. Fui para o andar de baixo, atravessei a Rotunda e caminhei até o Salão de Baile, onde fiquei ouvindo. Lá dentro soou uma voz, da maneira afetada do diálogo representado, e compreendi que o ensaio ainda não terminara. Eu gostaria de esgueirar-me para o interior, sentar-me nos fundos do recinto e poder vê-la, mas me forcei a resistir ao desejo. Elise me pedira para não ir, e cabia-me fazer-lhe a vontade.

Caminhando de volta ao Átrio Aberto, escolhi uma cadeira de balanço e sentei-me de frente para a fonte, olhando a água esguichar e depois envolver a figura. Se puder viajar setenta e cinco anos para trás, pensei, por que não posso viajar uma hora e meia para diante? De cenho franzido, rejeitei o frívolo pensamento. Baixei os olhos e espantei-me, quando vi um mosquito pousado no dorso de minha mão esquerda. Em novembro? Esmaguei-o com um tapa da direita e expulsei os dejetos. Teria acabado de modificar a história? Foi o que me perguntei, recordando o conto de Bradbury, no qual o esmagamento de uma borboleta altera o futuro.

Suspirando, meneei a cabeça. Pensei que, se dormisse, seria também como uma espécie de viagem no tempo. Agora não sentia mais receio de dormir, de modo que fechei os olhos. Sabia que me conviria mais andar por ali e familiarizar-me com aquele mundo novo, porém não tinha animo. Começava a sentir-me cansado. Afinal, levantara-me cedo demais, a fim de iniciar minhas anotações. As pálpebras me pesavam. Relaxe-se; há tempo de sobra, pensei. Uma soneca viria a calhar agora.

A despeito de todos os ruídos à minha volta, acabei adormecendo. Senti uma mão em meu ombro e abri os

olhos. Elise estava de pé a meu lado, com os cabelos em desalinho, o vestido rasgado.

— Deus meu, o que *significa* isso? — perguntei, abalado pelo que via.

— Ele quer me matar — disse ela, mal conseguindo falar. — Está decidido a matar-me!

Comecei a responder, quando ela deu meia-volta com um grito e correu através do Átrio Aberto, na direção da entrada norte do hotel. Virando-me, deparei com Robinson, que avançava para mim, com uma bengala na mão e os cabelos pretos caindo-lhe em mechas pelo rosto. Fiquei imóvel, em gélido silêncio, olhando sua aproximação.

Surpreso, vi-o passar correndo por minha cadeira, tão concentrado em perseguir Elise, que nem dera por mim. Levantei-me precipitadamente.

— Ei, não pode fazer isso! — gritei, partindo atrás deles.

Os dois, no entanto, já haviam desaparecido de vista. Corri para a entrada lateral e desci os degraus para o pátio de estacionamento, à procura de ambos. Um momento, pensei; não havia pátio de estacionamento. Tive que pular sobre alguns camundongos brancos que corriam pelo pavimento. Então, avistei Robinson, perseguindo Elise ao longo da praia.

— Aí de você se a machucar, Robinson! — gritei.

Porque eu o mataria, se tocasse nela. Àquela altura, eu também já estava na praia, correndo pela areia, mas com infinita dificuldade. Avistei as duas figuras ao longe, diminuindo de tamanho. Elise corria perto da água. Vi uma onda gigantesca que se aproximava e gritei para ela que tomasse cuidado. Elise não ouviu. Tem tanto medo de Robinson que nem sabe o que está fazendo, foi o que pensei. Tentei correr mais depressa, porém mal conseguia mover-me.

Ela pareceu correr diretamente para a onda. O vagalhão despencou sobre Elise, com um rugido estrondoso, com a espuma branca voando em todas as direções.

Minhas pernas se dobraram e cai na areia. Erguendo-me, olhei para o final da praia, horrorizado. Robinson também desaparecera. A onda engolira os dois. Sentia a mão em meu ombro e abri os olhos. Elise estava de pé ao meu lado.

Durante alguns instantes, fiquei sem distinguir sonho e realidade. Devo tê-la fitado de maneira estranha, porque ela pronunciou meu nome com inquisitivo alarme. Olhei em torno, esperando ver Robinson correndo ao nosso encontro. Como nada visse, tornei a olhar para ela, e só então percebi que estivera sonhando.

— Céus! — murmurei.

— O que foi? — perguntou Elise.

A respiração me saiu num arranco.

— Um sonho — respondi. — Um terrível... — interrompi-me, consciente do fato de que continuava sentado e levantei-me rapidamente.

— *O que fez com seu rosto?* — perguntou ela, chocada.

Não entendi imediatamente o que ela dizia, mas logo se fez luz em meu cérebro.

— Acho que não sou muito bom para me barbear — expliquei.

Os olhos dela examinaram-me o rosto, com uma expressão que poderia apenas ser descrita como a da mulher que acaba de descobrir que seu acompanhante perdera as faculdades mentais. Um homem da minha idade, incapaz de fazer a barba?

— E quanto a você? — perguntei. — Está *bem?*

Ela assentiu de modo tão leve, que mal percebi.

— Estou. Vamos andar um pouco?

— Naturalmente!

Tomei-lhe o braço, sem pensar no que fazia. Então, a um olhar seu, eu o soltei e ofereci-lhe o meu. Enquanto caminhávamos pela calçada, em direção à entrada norte, eu a vi olhar por sobre o ombro. O gesto provocou-me calafrios, fazendo com que evocasse o sonho nitidamente nos menores detalhes.

— Está fugindo de alguém? — perguntei, tentando soar jovial.

— De certa forma — respondeu.

— Robinson?

— Sim, claro — murmurou ela, tornando a vigiar por sobre o ombro.

Quando chegamos à porta lateral, abri-a para que ela passasse, e saímos. Havia um pouco de sol agora, esquentando a atmosfera. Ao descermos os degraus, olhei para a esquerda e avistei alguns empregados chineses, recolhendo folhas e grama secas do Paseo deI Mar. Outros as carregavam as braçadas e as depositavam na praia, onde novos empregados as queimavam.

Quando chegamos ao fim dos degraus, Elise perguntou:

— Devemos ir por aqui?

Apontou para a Orange Avenue e tive a momentânea impressão de uma mulher mais acostumada a dar que a receber sugestões. Passamos a caminhar pelo passeio que se curvava em torno da face leste do hotel.

— Como foi o ensaio? — perguntei.

De todas as perguntas que poderia ter-lhe feito, sem dúvida aquela foi a menos indicada.

— Abominável— respondeu.

— Verdade?

Ela suspirou fundo.

— Verdade.

— Sinto muito.

— A culpa foi minha — disse ela. — Nada há de errado com a companhia.

— Ou com o sr. Robinson?

Um sorriso lúgubre surgiu em seus lábios.

— Ele não foi exatamente um não-combatente — admitiu.

— Novamente, sinto muito — disse eu. Tenho certeza de que foi por minha causa.

— Não, não. — Sua voz não me soou muito convincente. — Ele já teve crises semelhantes de humor antes.

— Está apenas preocupado com sua carreira — comentei.

— Justamente o que me diz a todo instante — replicou ela. — Foram vezes suficientes para que o mundo decorasse.

A frase me fez sorrir.

— Ele fala sério.

Elise olhou para mim, como que surpresa ao ver-me falando bem de Robinson, a despeito da maneira como ele me tratara. No entanto, o que mais eu poderia fazer? Ele encarava a carreira dela como algo sacrossanto, e sobre esse assunto eu sabia melhor do que ela. Se houvesse ainda o envolvimento de emoções pessoais — e eu mal duvidava disso —, era outra questão.

— Ah, suponho que ele seja sincero — disse ela. —Entretanto, transforma-se em tirano, quando fica assim. Do jeito como discutimos hoje, será um milagre se eu ainda tiver um empresário amanhã.

Sorri e assenti, mas, no fundo, tinha inveja daquele longo relacionamento, mesmo que mais baseado no atrito que na harmonia. Enfim, talvez estivesse exagerando qualquer possível sentimento entre eles. A verdade é que não conseguia imaginar Elise amando Robinson, embora pudesse vê-lo adorando-a de "nobre" distância e transformando essa silenciosa dedicação em uma espécie de tirania sobre a vida dela.

De repente, Elise apertou-me o braço e tornou a sorrir, agora alegremente e — terei imaginado? — mostrando afeição.

— Estou sendo uma companhia desagradável — disse ela. — Perdoe-me.

— Nada há a perdoar — repliquei, devolvendo o sorriso.

Ela me fitou intensamente, enquanto caminhamos por vários metros. Então, desviando os olhos, disse, com certa autocensura:

— Lá estou eu de novo!

Olhou para trás, num gesto rápido.

— Richard, eu gostaria de saber se tem mesmo consciência de quanto é inaudito eu estar lhe falando com tanta liberdade — disse ela. — Nunca agi assim antes, com homem algum. Fique certo de ser um cumprimento a você, o fato de estar acontecendo agora.

— Também quero deixá-la saber que pode falar comigo sobre tudo quanto desejar — respondi.

Novamente aquele olhar. Ela meneou a cabeça, desconcertada.

— O que foi? — perguntei.

— Senti *falta* de você.

Tive de sorrir, ante o tom admirado de sua voz.

— Curioso — repliquei, fitando-a com adoração. — Eu não senti a mínima falta de você.

Seu sorriso ficou mais radioso, e ela tornou a apertar-me o braço. Então, como se sua alegria precisasse ser liberada em uma explosão, Elise olhou para diante e exclamou:

— Ah, veja!

Virando a cabeça, avistei um grupo de homens e mulheres de bicicleta. Pedalavam ao longo da rua de entrada do hotel, encaminhando-se para a Orange Avenue. Tive de rir, porque a visão era tão divertida quanto encantadora ao mesmo tempo. Todas as bicicletas possuíam uma roda de diâmetro tão largo como o de um pneu de caminhão — algumas na traseira, outras na dianteira —, mais uma roda tão pequena como a de um triciclo infantil. Aquela era a parte divertida, O encanto resultava do casal em cada bicicleta, os homens com calças abotoadas abaixo dos joelhos, usando bonés ou chapéus-coco, as mulheres com longas saias e blusas ou suéteres, com chapéus em forma de gorro. Em cada caso, as mulheres iam na frente, algumas também pedalando, outras, não. Eram sete casais ao todo, desfilando numa linha interrompida e afastando-se do hotel, enquanto riam e conversavam.

— Deve ser divertido — comentei.

— Nunca andou de bicicleta? — perguntou ela.

— Não em... — Interrompi-me, quando já ia dizer: — Não em bicicletas como aquelas, terminei. Entretanto, gostaria de pedalar uma, com você.

— Talvez ainda façamos isso — disse ela.

Naquele momento, experimentei a euforia de ouvir dos lábios da mulher amada a sugestão de uma promessa sobre futuros momentos juntos.

Notei que, enquanto caminhávamos, ela sustinha a saia e as anáguas com a mão direita, e então ocorreu-me que, em 1896, uma mulher andando era uma mulher de uma só mão, posto que uma delas permanecia ocupada em manter a barra da saia acima da poeira, da terra, da neve, da chuva ou do que quer que fosse. Sorri para mim mesmo. Pensei que Elise nada houvesse notado, mas ela percebeu e quis saber por que eu sorrira.

Compreendi imediatamente que dizer-lhe a verdade serviria apenas para restaurar um ambiente de diferenciação a meu respeito.

— Eu pensava na reação de sua mãe a meu respeito, ontem à noite — menti.

Ela sorriu.

— Em verdade, minha mãe nunca explode — disse ela —, mas, ainda assim, a pessoa sabe que foi atingida.

Ri ao ouvir a frase.

— Ela foi bem-sucedida como atriz? — perguntei.

Nenhum dos livros que eu lera mencionava qualquer coisa a esse respeito. O sorriso de Elise se tornou ligeiramente melancólico.

— Sei o que está pensando — disse —, e suponho que sua pergunta faça parte disso. Entretanto, ela nunca me forçou a representar. Orientei-me naturalmente para o teatro.

Eu não pretendera invadir o delicado terreno da mãe-atriz menos vitoriosa, vivendo por empréstimo os triunfos da filha mais bem-sucedida, mas nada disse, limitando-me a sorrir, quando ela acrescentou:

— Ela *teve* sucesso, à sua maneira.

— Tenho certeza disso — disse eu.

Caminhamos sem falar, por alguns momentos. Em verdade, eu não sentia necessidade de palavras e creio que isso acontecia com ela também; talvez ainda mais do que eu, ocorre-me agora. O ar puro, a tranqüilidade e o calmante estímulo do movimento da terra sob o céu: eis por que ela gosta tanto de caminhar. Assim, tem uma chance de fugir às tensões de seu trabalho.

Comecei a permitir-me uma fantasia sobre meu futuro com Elise. Inicialmente, nenhum motivo me impedia de ficar com ela. Certo, persistia a ansiedade sobre minha permanência em 1896, mas eu sentia ser isso mais irracional que fundamentado. Não dormira em três ocasiões separadas e continuara ali? Com ou sem ansiedade, a evidência indicava que, a cada hora, eu me tornava mais firmemente enraizado naquela época.

Em vista disso, era uma suposição bem fundamentada de minha parte a de que ficaria com Elise. Com o tempo, nós nos casaríamos e, sendo eu escritor, começaria a estudar, para depois escrever peças teatrais. Eu não esperaria pela ajuda de Elise, para produzi-las. Cedo ou tarde, minhas peças alcançariam mérito por si mesmas e seriam encenadas. Quanto a ela oferecer-me ajuda, eu poucas dúvidas tinha. No entanto, prometi a mim mesmo que nosso relacionamento não se assentaria em bases semelhantes. Jamais correria o risco de ler a desconfiança em seu rosto.

Não me importava, em absoluto, o fato de serem diferentes os livros que lera sobre ela. Agora, achava divertida a minha preocupação quanto a invadir esse novo ambiente, mesmo ao extremo de arrancar lascas de madeira daquela moldura de porta. Decidi que, afinal, em níveis inferiores, a história bem podia mostrar certo tipo de flexibilidade. Eu não procurava alterar nenhuma iminente Batalha de Borodino.

Nesse momento, tive a atenção desviada pela visão de um vagão de estrada de ferro, parado num desvio, a uns cem metros do canto sudoeste do hotel. Achei que podia pertencer a ela, e perguntei. Elise confirmou. Não fiz comentários, mas foi uma sensação curiosa, ser confrontado tão realisticamente com sua opulência. Não era de admirar que ela desconfiasse de mim; talvez ainda até houvesse alguma dose de desconfiança, embora eu não acreditasse muito, Quase lhe perguntei se podia ver o interior do vagão, mas compreendi que tal pedido dificilmente seria classificado como dos mais circunspectos.

Cruzamos a Carriage Drive, passamos por uma ilha floral circular e chegamos a campo aberto. A nossa esquerda, havia uma comprida barra de madeira, onde eram atados os cavalos. À frente, crescia uma profusão de árvores e arbustos. Adentramos pela vegetação luxuriante e chegamos a um passeio de tábuas, que se estendia ao longo da margem da praia, entre o mar e a baía de Glorietta.

Enquanto caminhávamos pelo passeio, olhei para o oceano e vi o céu azul à distância, com nuvens brancas que o vento empurrava para o norte. A uns duzentos metros mais a frente, salientavam-se o museu, de tetos pontiagudos, e a casa de banhos. A casa de barcos se unia às duas construções por outra calçada de madeira, separada de ambas por

uma estreita faixa de terreno. À frente e à direita, alongava-se o imenso píer de ferro, salientando-se mais escuro contra o oceano, com meia dúzia de homens e uma mulher, pescando de pé, no que parecia um V invertido. A praia era muito estreita — não tendo mais que uns nove metros de largura — e de aparência bastante maltratada, coberta de algas, conchas e o que me pareceu ser lixo, embora custasse a crer que o fosse.

Após caminharmos uns setenta metros, paramos junto à balaustrada do passeio e olhamos para as ondas enormes. O vento marinho era cortante e quase frio, jogando em nossos rostos um jato finamente pulverizado, que nos espetava a pele de leve.

— Elise?

— Richard?

Ela imitou meu tom com tal perfeição, que não pude deixar de sorrir.

— Pare com isso agora — disse eu, fingindo uma cômica severidade. — Quero dizer-lhe algo sério.

— Ah, céus!

— Não é tão sério que você não possa suportar — assegurei, debilitando sua confiança ao acrescentar: — Pelo menos, é o que espero.

— Também eu assim espero, sr. Collier — disse ela.

— Estive pensando a nosso respeito, durante nossa separação desta manhã.

— Ah?

Seu tom agora não era superficial, parecendo quase inquieto.

— E percebi quanto fui descortês.

— Descortês? Por quê?

— Por esperar que meu comprometimento a forçaria a...

— Não fale mais!

— Por favor, deixe-me continuar — insisti. — Afinal de contas, não é assim tão terrível.

Ela me fitou com ar preocupado, depois suspirou.

— Está bem — disse.

— Quero apenas explicar uma coisa: sei que precisa de tempo para acostumar-se com à idéia de que faço parte de sua vida e, assim sendo, eu lhe concedo todo o tempo de que precisar. — Percebi que o tom era arrogante, e então acrescentei, sorrindo: — Desde que, a partir de agora, fique ciente de que *sou* parte de sua vida.

O humor mal encaixado caiu por terra. Elise olhou para o oceano, mostrando novamente uma fisionomia preocupada. Santo Deus, por que estou sempre dizendo as coisas erradas?

— Não quero pressioná-la — disse eu. — Perdoe-me, se dei essa impressão.

— Por favor, deixe-me pensar — respondeu ela.

Seu tom não era de ordem ou de súplica, mas de algo entre ambos. O ambiente dificilmente se amenizaria pela passagem de dois homens, discutindo a aparência lamentável da praia. Fiquei então sabendo que aquilo *era* lixo. A barcaça de lixo do hotel deixava repetidamente de ir além de algo a que eles se referiam como o "ponto da vazão de lastro". Em vista disso, todos os "detritos vazados" flutuavam de volta para "emporcalhar a praia".

Olhei bruscamente para Elise.

— Tem mesmo que partir esta noite? — perguntei.

— Estamos programados para estrear em Denver no dia 23 respondeu.

Não era bem uma resposta, pensei, mas dizia tudo. Tomei-lhe a mão na minha e a apertei estreitamente.

— Perdoe-me de novo — disse eu. — Acabei de dizer-lhe que não a pressionaria, mas parece ser justamente o que faço.

Senti uma nova pontada de desassossego, quando me ocorreu que o termo "pressionar" poderia parecer-lhe estranho. Meu desassossego aumentou quando iniciamos a caminhada de volta ao hotel. Eu queria dizer alguma coisa que devolvesse a sensação experimentada, enquanto passeávamos em silêncio, mas não me acudiu nenhuma idéia que não agravasse ainda mais a situação.

Um casal passou por nós. O homem usava uma comprida sobrecasaca preta e cartola, tinha urna bengala na mão e um charuto entre os lábios. A mulher trajava um longo vestido azul, com uma boina combinando. Os dois sorriram para nós, quando passaram. O homem bateu de leve na aba da cartola, ao dizer:

— Estamos todos aguardando esta noite com grande expectativa, srta. McKenna.

— Obrigada — respondeu ela.

Eu me senti ainda pior, sendo lembrado, mais uma vez, de que fora apaixonar-me justamente por nada menos que uma "famosa atriz americana".

Vasculhei o cérebro em busca de algo para dizer, que fosse capaz de aliviar meu crescente senso de alienação.

— Aprecia música clássica? — perguntei. Quando ela disse que sim, acrescentei instantaneamente: — Eu também. Meus compositores favoritos são Grieg, Debussy, Chopin, Brahms e Tchaikóvski.

Errado! Pelo olhar que ela me lançou, percebi que havia perdido mais do que ganhado, pois dera antes a impressão de ser um pretendente bem-informado, ao invés de genuíno amante da música.

— Entretanto, meu compositor favorito é Mahler — acrescentei.

A princípio, custei a digerir sua resposta. Fitei-a durante vários instantes, e só então compreendi que fora uma pergunta: "Quem?"

A confusão envolveu minha mente. O livro havia dito que Mahler era seu favorito!

— Não está familiarizada com o trabalho de Mahler? — indaguei.

— Nunca ouvi falar dele.

A desorientação me ganhava novamente. Como era possível que ela não tivesse ouvido falar de Mahler, se o livro o indicara como seu compositor favorito?

Fiquei imerso em perplexidade, até conceber a idéia de que, talvez, fosse eu a pessoa que a apresentaria à música de Mahler. Se isso era verdade, significaria mais tempo para nós dois? Ou apenas o fato de eu ter mencionado o nome funcionaria como apresentação?

Vi-me enredado nesse conflitante pensamento, quando Elise se virou para mim e sorriu. Não foi um sorriso amoroso, em absoluto, mas eu o adorei assim mesmo.

— Perdoe-me se lhe pareci distante — disse ela. — Acontece que estou demasiado confusa, puxada em duas direções ao mesmo tempo. As circunstâncias de nosso encontro e o que lhe diz respeito pessoalmente — algo que não chego a entender, mas tampouco deixo de admitir — puxam-me para um lado. Minha... bem, desconfiança dos homens puxa-me para o outro.

"Serei franca com você, Richard. Há anos venho sendo perseguida pelos homens, mas posso acrescentar que sempre soube manejar o assunto sem nenhuma dificuldade. Com você, no entanto...", esboçou um sorriso fatigado. "Bem, é tão difícil, que me custa reconhecer-me como a pessoa que fui até hoje." Vacilou, mas depois continuou: "Como deve compreender, nós, mulheres, fomos criadas para nos sentirmos inferiores, quando se trata de uma realização objetiva".

Parei bruscamente ao ouvir aquilo. Não apenas uma observação, mas uma declaração de liberação feminina, em 1896?

— Em vista disso — continuou ela —, as mulheres são forçadas a uma condição de subjetividade, quero dizer, tornando o eu mais importante do que deveria ser, acentuando mais a aparência e a vaidade, que a mente e a capacidade.

"Tenho sido poupada desse apuro por meu sucesso teatral, mas poupada à custa da respeitabilidade básica. Os homens vêem com desconfiança as mulheres que se dedicam ao teatro. Com nossas realizações, colocamos o seu mundo em perigo, entende? Mesmo que nos elogiem por essas conquistas, fazem-no na terminologia da aceitação masculina da mulher. Em geral, os críticos sempre falam das atrizes em termos de seu encanto ou beleza, nunca de sua capacidade no desempenho de um papel. A menos, naturalmente, que a atriz em questão seja tão idosa, que ao crítico nada mais reste para mencionar."

Quando ela falou, dois sentimentos brotaram em mim. Um deles era a apreciação da verdade literal do que Elise declarara, O outro, algo semelhante a uma respeitosa admiração, por me ver subitamente exposto à profundidade que possuía a mulher por quem me apaixonara. Evidentemente, fora possível apreciar tal profundidade numa foto desbotada, mas o fato é que ela possui algo que mais admiro em uma mulher — uma individualidade progressiva, contida numa discreta natureza. E eu a ouvi, fascinado.

— Como todas as atrizes — dizia ela —, sinto-me aprisionada pelos ditames masculinos, quanto a uma mulher exibir apenas atributos femininos. Representei Julieta, mas não apreciei o papel, porque nunca tenho permissão para mostrá-la como um ser humano em agonia, e sim como uma bela *soubrette,* dizendo falas floreadas.

"Estou querendo dizer que, em vista de meu passado geral como mulher e, particularmente, como atriz, desenvolvi através dos anos uma rede de defesas emocionais contra a atitude masculina. Meu sucesso financeiro contribuiu para espessar ainda mais essa rede, adicionando uma outra camada de suspeita em relação a qualquer abordagem dos homens. Assim sendo, compreenda, por favor, compreenda: o fato de ter passado tanto tempo em sua companhia constitui, comparado a meus atos passados, um milagre na modificação de meus conceitos. E também o fato de ter-lhe dito tudo isso ultrapassa a categoria dos milagres."

Elise suspirou fundo.

— Sempre procurei conter minha predileção pelo oculto porque, como mulher, sinto que isso teria uma tendência a corromper decisões, a tornar crédula uma mente que precisa ser forte e consciente. Em resumo, tornar-me-ia vulnerável. Não obstante, só posso atribuir a essa mesma parcialidade o meu comportamento em relação a você. Tenho a sensação — e não há escapatória disso — de que estou envolvida em algum inefável mistério. Um mistério que me perturba mais do que ouso dizer, mas a que não posso virar as costas." Ela sorriu, melancólica. "Terei dito alguma palavra que tenha sentido?"

— Todas elas têm sentido, Elise — respondi. — Eu compreendo... e sinto um profundo respeito... por todas e cada uma delas.

— Bem, já é alguma coisa — disse ela, num tom de quem se sentisse aliviada de algum tipo de carga que tivesse nos ombros.

— Não poderíamos nos sentar em seu vagão e conversar sobre isso, Elise? — sugeri. — Estamos chegando a verdades fundamentais e creio que não devemos parar agora.

Dessa vez, Elise não hesitou. Senti a onda de reação da parte dela, quando respondeu:

— Sim, vamos para lá e conversaremos. Precisamos ir além do mistério.

Passando por entre o pequeno bosque de árvores e espessos arbustos, tomamos a direção do desvio ferroviário. À nossa frente, havia uma pequena edificação branca, com uma cúpula em miniatura no alto. Mais além ficavam os trilhos, com árvores crescendo aos lados. Passamos por uma ilhota de vegetação e dobramos para a esquerda, rumo ao vagão. Quando o alcançamos, ajudei Elise a subir para a plataforma traseira.

Ao destrancar a porta ela disse, não à guisa de desculpas, mas apenas esclarecendo um fato com naturalidade: — mais enfeitado do que deveria ser.

— O sr. Robinson providenciou a decoração, especialmente para mim. Confesso que ficaria satisfeita com algo mais simples.

Seu comentário não me preparou para o espetáculo que tive diante dos olhos. Devo ter ficado boquiaberto por vários segundos.

— Caramba! — exclamei, não me sentindo nada vitoriano no momento.

A risada suave de Elise me fez olhar para ela.

— Caramba? — repetiu.

— Quero dizer, estou impressionado — expliquei.

E estava, realmente. Quando ela me guiou em uma inspeção pelo vagão, foi como se me visse em presença de régio esplendor. Paredes apaineladas e teto marchetado. Piso com espessa forração. Poltronas e sofás ricamente estofados, com almofadas grandes e fofas, tudo em principescas tonalidades de verde e dourado. Abajures como nos navios, suspensos em *cardans,* destinados a permanecerem eretos, apesar do balanceio do vagão. Contra a parede havia uma escrivaninha e uma cadeira de espaldar reto, com um pequeno abajur pendendo logo acima, cuja cúpula era feita de tecido de cor idêntica à do teto. No final do aposento, vi uma porta apainelada, de tonalidade amarelo-ouro, com uma estreita janela-visor, coberta por um anteparo. Se eu interpretara erroneamente a atitude de Robinson quanto a Elise, em qualquer sentido, era forçado a compreendê-la agora. Para ele, ela era urna rainha embora uma rainha que, esperançosamente, reinaria sozinha.

Gostaria de saber se a impressão começou a surgir quando chegamos à porta que dava para o quarto dela.

É difícil crer que tão óbvia evocação, ao ver a cama enorme, em estrutura de latão, pudesse ser uma determinante em um momento como aquele, depois de tudo quanto fora dito sobre nossa necessidade mútua de entendimento.

Então, mais uma vez, talvez fosse exatamente essa recordação simbólica da atração mútua entre nós que nos mergulhou em pesado silêncio, enquanto ficamos ali, lado a lado, olhando para o compartimento em penumbra.

Bem devagar, comecei a virar-me para ela. Como se compelida ao movimento pelo mesmo impulso sem palavras, Elise também se virou, até ficarmos frente a frente. Teria sido porque. afinal, estávamos inteiramente a sós, livres da ameaça de qualquer intromissão externa? Não sei dizer. Posso apenas escrever com autoridade sobre a aura de emoção que se formava, firme e irresistivelmente, à nossa volta.

Movendo o braço, tão lentamente como quando nos viramos para encarar-nos, pousei as mãos em seus ombros. Ela conteve o fôlego bruscamente; era uma indicação súbita de seu medo, talvez um reconhecimento da própria necessidade. Ainda devagar, com a maior lentidão, puxei-a contra mim e, inclinando-me, pressionei a testa contra a dela. Senti o perfume de seu respirar convulso aquecer-me os lábios e jamais aspirei tão cálida fragrância, em toda a vida. Elise disse meu nome; sua voz soava abafada, quase amedrontada.

Afastando ligeiramente a cabeça, subi um pouco mais as mãos — ainda devagar, muito lentamente — e pressionei uma palma de cada lado de seu rosto, forçando-o para trás o mais delicadamente que pude. Seus olhos mergulharam fundo nos meus. Pela última vez, com desesperada e suplicante ânsia, ainda me questionava; como se soubesse que, encontrando ou não uma resposta, fora inevitavelmente envolvida.

Inclinando-me, beijei-lhe os lábios com suavidade. Senti-a estremecer, e sua respiração fluiu de leve em minha boca, como vinho morno.

Então , meus braços a enlaçaram, mantendo-a bem apertada contra mim, enquanto ela murmurava, quase em tom desolado:

— Eu gostaria de saber o que está acontecendo. Por Deus, eu gostaria de saber!

— Está começando a amar.

Sua resposta foi fraca, vencida:

— Amar ainda mais...

— *Elise!* — Apertei mais os braços em torno dela, com o coração martelando. — Ah, Deus, eu a amo, Elise!

Nosso segundo beijo foi apaixonado; senti seus braços em minhas costas, apertando com força, com uma pressão tão vigorosa, que me deixou admirado.

Bruscamente, então, ela pressionou a testa contra meu peito. As palavras fluíram de sua boca num jato.

— A única vida que conheci até hoje foi representar, Richard. Nela eu me criei. Pensei que fosse o único rumo para mim, que, se concentrasse nisso todos os meus esforços, outras coisas se seguiriam, mas, mesmo que não acontecessem, não eram importantes. Entretanto, são importantes, sei que são! Sinto uma *ânsia* enorme agora, neste momento; uma ânsia de despojar-me de... que nome daria?... Poder? Vontade? Posses? Gostaria de libertar-me de tudo quanto construí em mim, durante toda uma vida. Aqui, com você, anseio tornar-me fraca, render-me inteiramente, sentir-me protegida. Seria como arrancar de minha mente essa mulher programada que mantive prisioneira durante todos esses anos, pois sentia que assim era preciso. Quero que ela se vá agora, Richard, que seja protegida.

Um gemido escapou-lhe da garganta.

— Deus meu, nem acredito que tais palavras estejam saindo de meus lábios! Pode imaginar quão profundamente você me modificou, em tão pouco tempo? Pode? Jamais houve alguém antes; nunca. Minha mãe sempre me disse que, um dia, eu me casaria com um homem rico, um homem de título. Nunca acreditei nisso, pois, no fundo, sabia que não haveria ninguém em minha vida. No entanto, você apareceu; de súbito, tão repentinamente! Anulou minha vontade, minha resolução, minha *respiração,* Richard. E, receio, também meu coração.

Virou rapidamente a cabeça para trás e ergueu os olhos para mim. Seu rosto adorável estava corado, nos olhos cintilavam lágrimas prestes a cair.

— Eu lhe *direi, preciso* dizer — murmurou.

Nesse exato segundo, aconteceu a coisa mais enlouquecedora que poderia acontecer no mundo. Inteiramente sós, eu disse? Livres da ameaça de qualquer intromissão externa?

Soou uma batida na porta traseira do vagão e também não mais que outra voz em todo o universo, senão a de William Fawcett Robinson, chamando em voz alta:

— Elise!

O impacto sobre ela foi fortíssimo. No instante em que ouviu a voz dele, retornaram de golpe todas as motivações que a tinham feito isolar-se dos homens durante tantos anos. Elise afastou-se de mim, num movimento brusco e com a respiração ofegante, virando-se para a traseira do vagão com uma expressão de choque no rosto.

— Não responda — disse eu.

Foram palavras em ouvidos moucos. Quando Robinson tornou a chamar seu nome, Elise caminhou rapidamente para um espelho na parede e, vendo sua imagem, gemeu doloridamente, levando as palmas às faces ruborizadas, como que para escondê-las.

Olhou em torno, depois aproximou-se às pressas de uma cômoda, despejou numa bacia um pouco da água de um jarro, mergulhou nela os dedos e depois os passou no rosto. *Comprometida,* pensei, e, curiosamente, também eu sentia isso. Estava submerso num talvez absurdo, mas demasiado real e inquietante drama vitoriano, no qual uma mulher de posição é apanhada em intolerável armadilha, a qual ameaçava, segundo eles costumavam dizer, romper o próprio tecido" de sua condição social. E isso nada tinha de divertido; não era divertido, em absoluto. Fiquei imóvel, vendo-a enxugar o rosto, os lábios duramente comprimidos, não sei se de raiva ou para impedir que tremessem.

— Sei que você está aí, Elise! — tornou a gritar Robinson.

— *Sairei em um instante!*

O tom de voz dela era tão gélido, que me causou arrepios. Passou roçando por mim, sem uma palavra, e caminhou para a sala de estar. Eu a acompanhei, atordoado. Ele nos seguira, pensei. Era a única possibilidade.

Encontrava-me a meio caminho para a sala de estar, quando pensei que talvez ela me quisesse fora de vista. A conjectura terminou bruscamente. Se Robinson estivesse vigiando, esconder-me só pioraria a situação. Por outro lado — irritei-me —, quem era ele para me obrigar a esconder-me? Dei um passo à frente e estava ao lado de Elise, quando ela abriu a porta.

O rosto de Robinson era uma máscara de tão intensa hostilidade, que senti uma pontada de medo. Seria o meu fim, se ele tivesse um revólver no bolso do sobretudo. Uma manchete relampejou em minha mente: "EMPRESÁRIO DE FAMOSA ATRIZ MATA UM HOMEM A BALA". Ou seria "MATA O AMANTE"?

— Acho que é melhor você ir descansar — disse ele a Elise, em voz rouca e trêmula.

— Estava me seguindo? — perguntou ela, arrogante.

— Creio que este não é o momento para discutirmos — retrucou ele, em voz contida.

— Estou ligada ao senhor como atriz, não como companheira de quarto, sr. Robinson — respondeu Elise, em

tom tão autoritário que, se dirigido a mim, eu cambalearia. — *Não tente colocar suas botas em cima de mim!*

Ali estava, com força total, o passado que ela me explicara com tanta paciência e agora jogava contra ele, de maneira tão violenta.

Robinson pareceu empalidecer ao ouvi-la, caso fosse possível ficar ainda mais pálido do que já estava. Sem uma palavra, deu meia-volta e desceu os degraus da plataforma traseira. Elise saiu do vagão, e eu a acompanhei. Durante vários instantes, fiquei observando enquanto ela trancava a porta, esquecido de que, como cavalheiro, devia estar fazendo aquilo em seu lugar. Entretanto, era tarde demais; ela já descia os degraus na minha frente. Robinson estendeu a mão para ajudá-la, mas Elise o ignorou, mostrando uma fisionomia endurecida pelo ressentimento.

Quando pisei no chão, Robinson me fitou com tal ódio, que recuei.

— Sr. Robinson.. — comecei.

—Desista, senhor — cortou ele, em voz ressonante. — Desista, ou atentarei contra o senhor.

Não entendi bem o que ele queria dizer com isso, mas senti que se enquadrava na área da violência física. Olhando para Elise, Robinson ofereceu-lhe o braço. Santo Deus, o olhar que ela lhe lançou! Uma deusa, tomada de fúria extraterrena, não conseguiria superá-la.

— O sr. Collier me acompanhará — disse ela.

Creio que uma bala ricochetearia no rosto de Robinson, a tal ponto suas faces enrijeceram. Os olhos, já saltados por si, ameaçaram explodir das órbitas. Jamais eu vira um homem tão furioso em toda a vida. Senti que meus braços começavam a retesar-se, com as mãos se crispando automaticamente, como que preparado para defender-me. Se não tosse o inquestionável respeito que Robinson sentia por Elise, tenho certeza de que ali haveria um encontro sangrento.

Derrotado, ele girou sobre os calcanhares e rumou para o hotel, em passadas longas e furiosas. Não ofereci o braço a Elise, preferindo segurar o dela. Percebi como tremia, enquanto nos afastávamos do vagão. Compreendendo que ela não desejava falar, permaneci em silêncio, segurando seu braço com firmeza e tentando acompanhar sua caminhada perturbada, passo a passo, observando de vez em quando a rígida lividez de seu rosto.

Nenhuma palavra foi dita, até chegarmos à porta de seu quarto. Então, ela se virou e olhou para mim, tentando um sorriso, mas conseguindo apenas esboçar uma careta.

— Sinto muito o que aconteceu, Elise — disse eu.

— Nada tem de que se lamentar — respondeu ela. — Tudo é culpa de Robinson. No momento, está representando o papel do indivíduo sórdido. — Elise chegou realmente a mostrar os dentes, dando-me uma momentânea e, admito, espantosa impressão de uma tigresa, emergindo de sob o exterior cuidadosamente reprimido. — Foi muita imprudência — murmurou. — Não vou admitir que me dê ordens.

— Nosso amigo mostrou maneiras francamente régias — comentei, procurando suavizar o momento.

Em vez de aceitar a tentativa, ela replicou, desdenhosa:

— Seria preciso uma epidemia, para torná-lo rei.

Não pude deixar de sorrir ao ouvi-la. Ela ficou tensa momentaneamente, talvez pensando — suponho — que eu ria de sua frase. Então, compreendendo o significado de meu sorriso, sorriu também, embora de maneira forçada e desprovida de humor.

— Sempre fui a mais maleável, e *também* a mais remunerativa de suas estrelas — disse ela. — Robinson não tem o menor motivo para tomar tais atitudes como esta de há pouco. Dá a impressão de estarmos ligados por um contrato matrimonial, ao invés de comercial. — Novamente o tom desdenhoso: — Há quem, realmente, pense que nos casamos em segredo. E ele nunca procurou desmanchar tal impressão.

Tomei suas mãos nas minhas e as segurei delicadamente, sorrindo para ela. Eu podia perceber que Elise tentava conter a raiva, mas, evidentemente, a façanha de Robinson a atingira fundo e não era fácil conter o ressentimento.

— Muito bem, ele está enganado — declarou ela. — Se acha que isso é escandaloso e de mau gosto, paciência! Trata-se de meu coração, de minha vida! — Aspirou de modo ofegante. — Beije-me e vá embora — completou.

Podia parecer um pedido, porém soava mais como exigência. Não objetei. Inclinando-me, toquei seus lábios com os meus. Ela não correspondeu em absoluto e perguntei-me se, no fundo, ao pedir-me para beijá-la, não seria antes um desafio pessoal a Robinson, que o desejo por meu beijo.

Então, como que por encanto, ela se foi e fiquei olhando para a porta fechada, recordando que nada fora dito sobre nos vermos novamente. Significaria aquilo que Elise não pretendia me ver mais? Eu não podia acreditar, em vista do acontecido no vagão. No entanto, minha tranqüilidade quanto a isso não se encontrava exatamente no auge.

Com um suspiro, dei meia-volta e saí da sala de estar para o Átrio Aberto. Rumei para a escadaria externa, subi ao terceiro andar e fui para o meu quarto. Abri a porta e entrei. Tirei o casaco, as botas e estirei-me na cama, percebendo quanto estava cansado ao espreguiçar-me. Graças a Deus, não houvera nenhuma luta, pensei. Robinson teria acabado comigo.

Toda aquela experiência com ele me deixara exausto. Com que ferocidade protegia Elise! Evidentemente, os

sentimentos de Robinson por ela excediam em muito os cuidados naturais de um empresário por sua cliente. E eu mal podia acusá-lo por ser assim.

Tentei pensar numa maneira de tornar a vê-la. Claro está que agora precisava descartar; mas... e depois? Teria sido tomada alguma providência para que eu não visse a peça? Talvez não. O pensamento de aparecer à porta do Salão de Baile e ser-me negada a entrada fez com que me encolhesse de pavor. Não obstante, isso podia acontecer perfeitamente.

Procurei recordar toda a cena que acontecera no vagão, mas somente uma coisa me martelava a mente: o murmúrio de Elise, fraca e derrotada: "Amar ainda mais". Ouvi-a dizer a frase, vezes sem conta, a cada vez excitando-me à lembrança. Ela me amava. Eu alcançara Elise McKenna, e ela me amava.

Estava escuro, quando acordei. Fiquei imediatamente assustado e olhei em torno. Nada vendo que me ajudasse a situar-me, sentei-me depressa na cama e procurei recordar onde ficava o comutador da luz. Não me lembrava de tê-lo visto, mas sabia que devia ficar perto da porta e, levantando-me, caminhei às apalpadelas naquela direção. Tateei a parede, em movimentos desajeitados, até meus dedos o encontrarem.

A claridade da luz conjurou uma visão de profundo alívio; eu estava ainda em 1896. A certeza me provocou um sorriso confiante. Agora, já havia dormido quatro vezes sem perder contato, quatro vezes sem acordar com dor de cabeça. Meu receio seguinte foi de haver dormido demais e que a peça já houvesse começado. Embora tal detalhe causasse menos ansiedade que o anterior, era suficiente para deixar-me temeroso. Perguntei-me como fazer para saber que horas eram. Telefone para a recepção, sugeriu minha mente. No mesmo instante afastei a idéia, com um franzir de cenho. Será que eu nunca aprenderia?

Abri a porta rapidamente. Quando fiz isso, vi dois pequenos envelopes jazendo sobre o tapete: um branco, outro, amarelo-pálido. Recolhi-os e examinei a caligrafia dos sobrescritos. Ambas eram corretas e formais, porém no envelope cor de manteiga descobri um selo de lacre verde-claro, no qual havia a delicada figura impressa de uma rosa. Tal visão se tornou tão evocativa do encanto daquela época e me deixou tão comovido, uma vez que só podia provir de Elise, que fiquei parado, sorrindo para o envelope, como um estudante embevecido.

Eu queria lê-lo imediatamente, mas, antes disso, era preciso saber as horas. Saindo ao corredor, olhei nas duas direções. Não havia uma só pessoa à vista. Aquilo me deixou em pânico, pois acreditei que todos estariam assistindo à peça. Percorri o corredor a toda a pressa e cheguei ao balcão que dava para o exterior.

O Átrio Aberto se tornara, novamente, uma terra de fadas com sua iluminação colorida. Estremecendo ao ar frio da noite que me traspassava a camisa, vasculhei o Átrio com os olhos até que, finalmente, avistei um homem que o cruzava. Chamei-o e, a uma segunda chamada, ele parou, olhando, surpreso, para cima.

Devo ter-lhe parecido uma visão inusitada, em mangas de camisa, com dois envelopes apertados na mão, os cabelos colados ao couro cabeludo, nas partes em que a cabeça se comprimira contra o travesseiro, Ele não fez qualquer menção ao meu desalinho, quando lhe perguntei as horas. Fazendo deslizar o relógio do bolso do colete, ergueu-lhe a tampa e informou que eram dezoito horas, trinta minutos e vinte e dois segundos. Um indivíduo altamente preciso, não há dúvida.

Agradeci profusamente e voltei para o quarto. Havia tempo de sobra para tomar um banho, jantar e ir ver a peça. Fechando a porta, sentei-me na cama e abri primeiro o envelope branco, a fim de saborear o de Elise por último.

Havia um cartão no interior do envelope, medindo cerca de dez por doze centímetros, no qual estavam impressas as palavras: "A gerência do Hotel Del Coronado solicita o prazer de sua presença às (o seguinte escrito à mão) 20:30 horas de 20 de novembro de 1896, sexta-feira". Abaixo, estavam as palavras manuscritas: "no Salão de Baile — *O pequeno ministro* — estrelado pela srta. Elise McKenna". Sorri para o cartão, agradecido. Ela providenciara a minha ida.

Apressado, abri o outro envelope, tentando não romper o selo, mas incapaz de evitar que isso acontecesse. *Era* dela e confesso que fiquei admirado com a qualidade de sua caligrafia. Onde havia aprendido a escrever tão bem? Minhas garatujas seriam um insulto para seus olhos. Também suas palavras escritas eram muito mais efusivas — e seguras — do que as que falara comigo. Seria o fato de não estar em minha presença que lhe concedia tanta liberdade de expressão? Talvez, em 1896, as mulheres só conseguissem expressar sua emoção por meio de cartas.

"Richard [escrevia ela], perdoe-me, por favor, o péssimo envelope. [Esqueci-me de mencionar que estava ligeiramente amarfanhado.] o único que possuo. Isso lhe dirá com que freqüência escrevo para homens. Perdoe-me se, nesta nota, emoção e expressão forem simultâneas. Desde que nos encontramos na praia, tenho vivido numa espécie de *folie lucide,* intensificando cada sentido, tornando curiosamente definido tudo quanto vejo — cada som nítido e distinto, cada visão muito vivida ante meus olhos. Em resumo, desde que o conheci, passei a *sentir* mais as coisas.

Achou-me muito pálida, quando voltamos pela primeira vez ao hotel, a noite passada? Acredito que o estivesse,

pois era como se eu não possuísse sangue nas velas. Sentia-me fraca e algo fora da realidade, da mesma forma como me senti esta tarde sei que percebeu — quando estivemos em meu vagão.

Quero confessar-lhe que, a despeito desse senso intensificado de percepção, provocado por sua chegada à minha vida, no início imaginei-o tão somente um hábil e inteligente caçador de fortunas — perdoe-me se lhe digo isso! —, mas, se assim falo, é por desejar que fique ciente de tudo. Que Deus perdoe meu temperamento desconfiado, pois cheguei mesmo a suspeitar que Marie (a encarregada do meu guarda-roupa, como sabe) estivesse em conluio com você, a fim de me envolverem. Peço-lhe cem vezes desculpas pelo que digo. Jamais lhe diria nada, mas devo ser sincera.

Quando ficamos juntos esta tarde, fui invadida por tal felicidade, que minhas emoções por pouco não se viram afogadas. E continuo experimentando a mesma sensação agora, sentada em meu quarto, enquanto lhe escrevo — embora as ondas, graças a Deus, se tenham aquietado em uma corrente que flui sem parar.

Apesar de meu comportamento vacilante em nosso passeio, você deve saber que o apreciei. Não, a palavra é demasiado branda. Saiba que eu estava comovida. A tal ponto, que estar agora separada de você infunde-me uma tristeza que conflita com a felicidade anteriormente mencionada. Como minhas emoções estiveram confusas hoje à tarde!

Continuo pensando em minhas falhas. Indo ao extremo de procurar suas falhas (em vão, admito), posso agora ver apenas as minhas próprias. Sinto que deveria ser muito melhor do que sou, para ser merecedora de sua dedicação.

Richard, nunca tive qualquer envolvimento romântico antes. Já lhe disse isso e quero repeti-lo por escrito. Nunca houve ninguém — e isso me deixa feliz, muito feliz. Nunca pude acreditar apesar de sonhos infantis — que algum homem pudesse fazer com que me sentisse desta maneira. Pois bem, sr. Collier, agora começo a perceber como me enganara.

As mulheres como eu, constitucionalmente incapazes de se dedicarem a mais que um homem durante a vida, podem ser as mais felizes e as mais infelizes das criaturas. Sou as duas coisas ao mesmo tempo. O fato de você me amar e de eu sentir o crescimento constante de emoção a seu respeito falam de felicidade.

Meus sombrios pensamentos infligem a infelicidade.

Ainda agora, vejo a estranheza de nosso conhecimento. Ainda agora, continuo interrogando o meu íntimo sobre de onde você veio. Não, prometo nada perguntar-lhe. Você me contará quando achar que chegou o momento, e, naturalmente, isso importa menos que sua presença aqui. A partir desse dia, passo a ser uma fervorosa crente em milagres.

Também a partir desse dia, passo a sentir que minhas emoções foram liberadas. Não obstante, como são complexas! Num momento, anseio gritar para o mundo cada sentimento meu. No instante seguinte, quero guardá-los ciumentamente, mantê-los apenas para mim mesma. Espero que minhas palavras não o deixem louco. Procuro ser conseqüente, deixar de oscilar como algum planeta que perdeu o rumo. Porque, finalmente, encontrei o meu sol.

Devo encerrar agora, para aquietar-me e deixar que minha febre abrande — fazer os preparativos finais para a representação e depois tentar descansar um pouco. Pedi que lhe fosse enviado um convite. Caso não o receba, peça um na portaria. Deixei instruções para que lhe reservem um assento na primeira fila — um erro meu, tenho certeza. Se captar um só olhar seu, não tenho a menor dúvida de que esquecerei cada uma de minhas falas e cada movimentação da peça.

Bem, o risco terá de ser enfrentado. Quero-o perto de mim o mais possível. Aquele homem terrível interrompeu-nos justamente quando eu lhe ia dizer as palavras que nunca pensei dizer a algum homem, em toda a vida. Escrevo-as agora. Faça com que eu sempre as cumpra, porque sempre serão verdadeiras.

Eu o amo.

Elise."

Considerem o quadro de um homem embriagado de amor, sentado em sua cama e esquecido de tudo, enquanto relê essa carta, depois torna a lê-la, ainda mais uma vez e então outra — até as lágrimas lhe virem aos olhos, e tão arrebatado de alegria, que somente lhe ocorre uma frase.

Graças a Deus por ela.

Eram seis e quarenta e cinco da tarde, quando entrei na Rotunda e me encaminhei para o Salão da Coroa. Acima, no balcão do segundo andar, a orquestra de cordas tocava uma espécie de marcha, e eu me senti tão bem, que quase caminhei empertigado e pomposo ao seu ritmo. Sorri deliciado com o que vi do outro lado do saguão — a visão inesperada de “Uma hora de captura” (assim dizia o letreiro) do peixe apanhado durante uma “pescaria em águas profundas”. Afinal de contas, é estranho ver tão enorme peixe pendendo no saguão de um grande hotel como este.

Quando me sentei, vi que não havia ninguém da companhia teatral para jantar. Sem dúvida, estavam todos em

seus aposentos ou no Salão de Baile, preparando-se para a representação. De qualquer modo, não me senti mal em estar sozinho. Começava a adaptar-me ao ambiente, a fazer parte dele. Que sensação diferente da experimentada na noite passada!

Pedi um pouco de consomê, frango em fatias, pão, queijo e vinho. Fiquei olhando em torno, no Salão da Coroa, satisfeito e ouvindo descaradamente as conversas alheias. Quase ri audivelmente, quando captei o comentário de um homem a uma mesa vizinha, dirigindo-se a seu companheiro de jantar; caixeiros-viajantes de passagem, deduzi. Comentando a cintura da esposa, ele dizia que "aumentou, está aumentando e, raios, bem devia diminuir um pouco!"

Crepitando de contida jovialidade, virei a cabeça a fim de ver como eram e reparei que ambos pareciam baixos e atarracados. Será imaginação minha ou, nesta época, todos são geralmente baixos? Parece ser este o caso. Costumo olhar por cima da cabeça da maioria dos homens que tenho encontrado.

Mais conversa dos dois indivíduos, parte dela divertida, parte informativa e parte absolutamente incompreensível. Anotarei o que recordo. "O rapaz é um chicote nato." (Um realizador nato ou um condutor nato?) "As Kaffirs são irregulares e móbiles (não *móveis),* mas sempre é possível conseguir-se um palpite sobre elas." (Bem abrigado na categoria inexplicável".) "Você sabia que empregaram dois milhões de telhas no teto deste hotel?" (Informativa.) "Isto aqui é Meca, eu lhe digo: Meca!" (Em relação ao hotel.)

Um deles dizia algo sobre o progresso da civilização encontrar-se em seu "clímax absoluto", o que me levou a meditar nisso e na maneira como ele havia falado. Disso, emergiu a observação de que, em 1896, tudo parecia ser encarado com mais seriedade. Política e patriotismo. Lar e família. Negócios e trabalho. Não se trata de meros temas para discussão, pois encerram firmes convicções que podem, com facilidade, despertar apaixonadas emoções.

De certa forma, sou contra isso. Sendo liberal por natureza e semanticista em geral por persuasão, acredito na filosofia de que palavras não são coisas. O fato de que as palavras possam provocar fúria e, num nível inferior de conscientização, gerar a morte e a destruição é, para mim, um fenômeno sinistro e aterrador.

Ao mesmo tempo, existe algo de compulsivo em seres humanos que mantenham crenças arraigadas. Não pretendo, em absoluto, discutir a época que deixei. Desejo, apenas, esclarecer que há lembrança de atitudes indiferentes em relação a muitas coisas, entre elas a própria vida.

Em vista disso, embora as atitudes de 1896 tenham certa tendência a ser demasiado francas e, por vezes, brutais, pelo menos indicam um aberto reconhecimento de princípios. Presta-se atenção e dá-se importância. Interesse é uma ação, não uma palavra em descrédito.

Estou querendo dizer que, em sua compensação de equilíbrio, é repousante o meio-termo. Situa-se mais ou menos entre a rígida disposição de dentes cerrados e a apatia total, aí jazendo a motivação que pode preservar a essência dos homens.

Eu meditava em tais coisas, quando meus olhos focalizaram um homem que cruzava o recinto, em minha direção. Senti as pernas se retraírem espasmodicamente por baixo da mesa; era Robinson.

Olhei para ele, sem idéia de como me dispor, física ou mentalmente. Era difícil acreditar que se dirigira a um refeitório apinhado para agredir-me. Ainda assim, não me sentia muito seguro. Meus músculos estomacais contraíram-se e, por fim coloquei a colher no prato, esperando ansiosamente por qualquer indicação do que ele tinha em mente.

Para começar, não pediu licença para se sentar à minha mesa; em vez disso, puxou uma cadeira do lado oposto ao meu e ocupou-a. Seu rosto era uma máscara que nada me dizia sobre suas intenções.

— Sim? — perguntei.

Estava disposto a conversar ou, se necessário, atirar-lhe meu prato de consome ao rosto, caso ele puxasse repentinamente uma pistola do bolso. Admito que eram bem limitados os meus conceitos sobre agressão social, ao estilo de 1896.

— Estou aqui para falar com o senhor — disse ele. — De homem para homem.

Espero que meu rosto não tenha deixado transparecer o alívio que senti, ao saber que não enfrentava o risco iminente de ser baleado. Foi o que pretendi aparentar, mas minha tranqüilidade revelou-se exagerada.

— O quê? — perguntou ele.

— Muito *bem* — repeti.

Minha tentativa de conciliação se desfez logo no início. Robinson me fitou intensamente, mostrando mais uma fria suspeita que curiosidade aberta.

— Quero saber, exatamente, quem é o senhor — disse. — Quero saber, exatamente, o que procura.

— Meu nome é Richard Collier — respondi. — E não procuro absolutamente *nada.* Estou apenas... — Interrompi-me, quando ele bufou e disse, em tom desdenhoso:

— Não tente enganar a *mim,* meu caro senhor. Suas atitudes podem parecer inexplicáveis à compreensão de certa mulher, mas eu posso entendê-las perfeitamente. Está aqui atrás de vantagens.

— Vantagens? — repeti, encarando-o.

— *Dinheiro* — rosnou ele.

Foi onde ele me pegou, completamente. Desprevenido, comecei a rir. Se estivéssemos mais próximos, eu teria rido diretamente em seu rosto.

— Deve estar brincando — disse eu.

Naturalmente, sabia que ele não brincava, porém não havia outra resposta ao alcance. O rosto de Robinson pareceu petrificar-se, o que fez desaparecer a minha vontade de rir.

— Quero dar-lhe um aviso, Collier — ribombou. Posso jurar que o tom era mesmo ribombante. — Existem leis, e não vacilarei em apelar para elas.

O indivíduo começava a irritar-me de verdade. Tive a sensação de estar pegando fogo por dentro.

— Robinson...

— *Sr.* Robinson — cortou ele.

— Pois bem, *sr.* Robinson — respondi. — Acho que não tem a menor idéia do que está dizendo.

Ele se contorceu, como se eu o tivesse esmurrado com violência no rosto. Tornei a ficar tenso. Naquele momento, em minha mente não restava a menor dúvida de que aquele homem pretendia causar-me mal e, perdido o controle, poderia realizar perfeitamente sua intenção.

Em verdade, eu não me preocupava muito com isso. Embora não sendo de temperamento agressivo e, na vida, pouco tendo me envolvido em situações drásticas, estava disposto a — como diria Robinson — "atentar" contra ele, ali mesmo. Confesso que senti um desejo quase insopitável de esmurrar-lhe o nariz. Inclinando-me para diante na cadeira, disse:

— Sou contrário à agressão física, Robinson, mas nem por um só segundo fique pensando que fugirei dela. No momento, se quer saber, acho bastante agradável a idéia de esmurrá-lo. Não gosto de você. É um valentão, e detesto valentões; francamente, eu os odeio. Fui bem claro?

Aquele foi o instante em que chegamos mais perto da explosão. Como dois cervos adversários, um encarava o outro, no campo da batalha iminente. Então, um estreito sorriso repuxou-lhe os lábios. Jamais alguém me dirigiu um sorriso tão desdenhoso, em toda a vida.

— Fanfarronice numa sala apinhada — disse ele.

— *Podemos ir lá fora* — respondi.

Céus, como ansiava por esmurrá-lo! Nunca antes encontrara alguém que me despertasse tamanha hostilidade. O garçom que me servia amenizou o ambiente ligeiramente, quando se aproximou da mesa para saber se Robinson ia jantar comigo.

— Não — respondi. — Não vai!

Acho que usei um tom demasiado frio. O garçom deve ter pensado que minha raiva era dirigida a ele. De qualquer modo, em vista das circunstâncias, foi como melhor pude me sair.

Depois que o garçom se afastou, Robinson me disse:

— Jamais se aproveitará da srta. McKenna, isso eu lhe garanto!

— Está absolutamente certo — respondi. — *Nunca* me aproveitarei dela. O que, aliás, nada tem a ver com você.

As feições dele endureceram-se novamente, os olhos ficaram apertados e acerados.

— Ponhamos as cartas na mesa — disse ele. — Qual é o seu preço?

Fiquei admirado ao ouvi-lo e tive de rir novamente, pouco importando quanto isso o encolerizasse.

— Será que não compreende nada? — perguntei ao incrédulo indivíduo.

Ele tornou a surpreender-me, pois, em vez de eriçar-se, sorriu, friamente divertido.

— Interpretação péssima, Collier — disse ele. — Pelo menos, sei agora que não é nenhum ator desempregado, à procura de vantagens.

— Lá vamos nós de novo — repliquei, com um grunhido de descrença. — *À procura de vantagens.* — Meneei a cabeça. — Você não consegue ver. *É* incapaz de ver o que está bem à sua frente.

Recebi um novo sorriso gélido.

— O que vejo à minha frente é um biltre — disse ele.

— E um embusteiro, já sei — acrescentei, recordando o que Elise havia dito. Suspirei. — Por que não se levanta e vai embora?

— Já deparei com gente do seu tipo mais de uma dúzia de vezes — disse ele. — E sempre dei a todos o que mereciam.

— Hum, hum — assenti, enfastiado.

Foi então que me lembrei mais uma vez, e a lembrança fez desmoronar meu estado de ânimo, instantaneamente. De certa forma, era injusto; um debilitante efeito colateral da precognição. Porque, ao recordar como aquele homem morreria, senti uma onda súbita de pena dele. Pereceria afogado, nas águas geladas do Atlântico, sem jamais ter conhecido o amor da mulher a quem, obviamente, tanto adorava. Como odiar um homem

em tal situação? De repente — até então eu não o julgara sensível o bastante —, ele notou minha mudança de expressão e ficou desconcertado. Robinson era capaz de lidar com uma fúria reativa, mas não com a piedade súbita. Creio que, de certa forma, eu o amedrontei, pois sua voz já não tinha a mesma firmeza, quando tornou a falar.

— Farei com que breve ela rompa esse relacionamento, meu caro senhor. Pode ficar certo disso.

— Sinto muito, sr. Robinson — disse eu.

Foi como se eu nada houvesse dito.

— *Se fracassar* em meu intento — disse ele, sufocando minha voz com a sua —, eu lhe asseguro que sou capaz de tramar o seu desaparecimento.

Eu não estava suficientemente alerta. Precisei de uns bons quinze segundos para compreender que ele acabara de me ameaçar de morte.

— Seja como quiser — repliquei.

Com um trejeito, ele empurrou bruscamente a cadeira para trás, quase derrubando-a. Ao levantar-se, girou sobre os calcanhares e afastou-se em rápidas passadas. Quais seriam suas emoções naquele momento, era o que eu gostaria de saber. A despeito de suas ameaças, eu só conseguia lamentá-lo — outra maldição do escritor, que invalida algo tão simples como uma necessidade de auto-proteção. De qualquer modo, não havia meios de evitá-lo. Robinson amava Elise tanto quanto eu, e a tinha amado por muito mais tempo.

Como poderia deixar de entender isso?

Mal passava das dezenove e trinta quando entreguei o cartão ao homem postado à porta do Salão de Baile e fui conduzido a meu assento na primeira fila. Apenas um punhado reduzido de gente já estava lá, de maneira que tive oportunidade de escrever sem ser notado. Agora que cheguei a esta altura da narrativa, posso finalmente dar uma espiada em torno.

O Salão de Baile não parece nem de longe tão espetacular como recordo que era. Antes, parece cavernoso e sombrio, de teto extremamente alto, que se eleva em seções de acentuada inclinação, com vigas que o suportam. As janelas são altas e estreitas, as paredes, apaineladas de madeira escura, o piso, de tábuas que não parecem envernizadas. Mesmo a cadeira em que me sento é de madeira e do tipo dobrável. Afinal de contas, nada de toques palacianos.

O próprio palco, embora maior — creio que mede uns doze metros de largura —, não é rico em aparência. O proscênio é encurvado, e não há degraus que levem a ele. Não posso avaliar a profundidade do palco, pois o pano de boca ainda está descido. Entretanto, posso ouvir a atividade que enxameia nos bastidores: vozes, passos, sons de coisas arrastadas ou que caem, com baque surdo. Eu gostaria de ir até lá e ver Elise, mas sei muito bem que devo permanecer fora de seu caminho. A estréia desta noite já é difícil o suficiente, sem os percalços que eu acarretaria. Espero que tudo esteja bem com ela.

Olho agora para o programa. A capa contém o título da peça e uma fotografia de Elise. *Uma* fotografia? *A* fotografia! Como é estranho vê-la agora e perceber a que ponto o impacto causado por ela me levou.

Na parte inferior da capa estão as palavras "Hotel del Coronado — E. S. Babcock, gerente — Coronado Beach, Califórnia". Viro o programa e, no verso, vejo uma propaganda exaltando o "número e diversidade de atrações" do hotel. De longe, para este modesto escriba, a maior delas é uma pequena e esguia atriz chamada Elise.

Abro o programa e, em sua página esquerda, vejo: "O sr. William Fawcett Robinson apresenta / A SRTA. ELISE MCKENNA / na produção original de uma nova comédia em quatro atos, intitulada / *O pequeno ministro* / de J. M. BARRIE / baseada em seu romance homônimo". Abaixo desta apresentação, estão impressas duas linhas da música composta por Wm. Furst, intitulada *Música de Lady Babbie (tempo di valse).* Procuro desarquivar o informe da memória, apelando para o pouco que recordo das lições de piano da infância.

Abaixo da música, estão os nomes das personagens, como Gavin Dishart, Lorde Rintoul e capitão Halliwell. O quarto nome é Lady Babbie, filha de Lorde Rintoul, e, ao fim da linha pontilhada que se segue, o de Elise McKenna. Fico excitado é a única palavra aplicável — à idéia de vê-la representando.

Se estivesse tão somente à espera disso, o momento já seria excitante por si só: testemunhar a atuação de uma imortal do palco americano. Mesmo que Elise ainda não houvesse atingido o ápice da carreira, devia ser uma atriz maravilhosa. E o fato de haver sido justamente essa a mulher que me escreveu a terna carta, finalizando-a com "Eu o amo", enche-me de tal felicidade, que gostaria de gritar. Minha emoção é paralela à dela: se, por um lado, sentiria prazer em contar tudo a cada pessoa que passa por mim, por outro anseio guardar muitas sensações para mim mesmo, guardá-las ciumentamente.

Precisei fechar os olhos, permitir que toda a emoção me fluísse pelo corpo em um espasmo de alegria. Como posso ser tão feliz? A verdade é que é possível, pois sou feliz. A própria ameaça de Robinson perde todo o seu significado.

Relanceio os olhos em torno do Salão de Baile, quando o auditório já começa a se encher. Percebo uma mulher

que, com um binóculo de ópera, olha para o balcão, estreito e aparentemente não usado, acima do palco. Lá, posso ver (e acho graça nisso) um homem tomando um gole furtivo de um frasco. Depois de enfiar o frasco no bolso, ele corre nervosamente os dedos pela barba. Acho que vou parar de escrever agora.

A peça vai começar. As luzes estão sendo apagadas e a orquestra pára de tocar. Sinto o coração suspenso por um fio, um tímpano que repica lentamente. Neste momento, mal consigo ver para continuar escrevendo.

Pronto! A cortina se abre. A orquestra recomeça a tocar; segundo o programa, a música se intitula *Noite enluarada de abril.* Além de estar estenografando, terei de usar frases mais curtas, a fim de poder registrar minhas impressões no momento em que as vejo.

Um trecho de bosque. Noite de luar. Lá está a falsa fogueira que Robinson mencionou — não muito convincente. Dois homens dormem, sentados perto dela. Um terceiro monta guarda. Há um quarto agora, descendo de uma árvore. Estão falando do "pequeno ministro". "Nenhuma tentação do mundo, ligada às coisas terrenas, fará com que Gavin..."

Perdi o resto. Santo Deus, que fortes sotaques!

Eles continuam falando e falando. Quanto tempo ela demorará a aparecer no palco? Estou agitado.

Chega o ministro. Quer que eles partam, mas os quatro retrucam com queixas sobre os fabricantes. A trama se adensa. *(Onde está Elise?)* Thrums fervilha de condestáveis, entre eles Lorde Rintoul e o capitão Halliwell. Dou uma espiada rápida no programa. Lorde Rintoul é o pai dela. O capitão Halliwell quer se casar com ela. Daí a razão de trabalhar com Lorde Rintoul, na captura dos conspiradores da revolta. No palco, os homens planejam dar o alarme, quando surgirem as tropas, a fim de que os conspiradores possam fugir. Agora deu para entender, embora eles se expressem com tremendo sotaque.

Uma mulher canta nos bastidores. Será *ela?* Elise *também* canta? Que voz adorável! Deus, como a amo! Estou trêmulo, à sua espera.

Ei-la que aparece! *Dançando!* Céus, que linda está, como é graciosa! Vestida de cigana, nada menos que isso. Cabelos soltos e compridos, uma blusa branca e longa, um xale franjado jogado ao ombro esquerdo, pendendo até a barra da saia escura. Uma comprida echarpe de franjas com avental, um fio de contas escuras em torno do pescoço. Quais foram mesmo as palavras que li? Etérea? Cintilante? *Ah, sim.*

Seus pés estão nus! (Nunca uso pontos de exclamação! Eles traem meu excitamento.) Como é possível que a visão de seus *pés* me excite? Tenho visto mulheres praticamente nuas nas praias. Nada. No entanto, aqueles pés descalços — os pés *dela.* Incrível. Olho para Elise, deslumbrado. Perdi a noção da peça.

Ela deixa o palco dançando, atira um beijo para o ministro. Será tudo? Não, claro que não; ela é a estrela. Mesmo assim, fico decepcionado. Sem ela, o palco está vazio.

Agora ficou mesmo vazio, todos se foram. Surge um homem e começa a subir numa árvore. Ei! Ela volta!

Eles falam. A voz de Elise é maravilhosa: um instrumento de alta qualidade. O que estão dizendo? Ah. Ele sabe quem é ela, viu-a no Castelo de Rintoul, quando estava capturando... toupeiras? Creio que não entendi bem a palavra.

Ela lhe pede para não dizer veio avisá-los sobre a vinda dos soldados — ouviu seu pai e Halliwell falando — decidiu enganá-los. Entretanto, os casacos-vermelhos bloqueiam o caminho. A única maneira de avisar aos chefes da conspiração será com uma trompa que o homem possui; soprá-la três vezes, O homem tem medo. Os casacos-vermelhos o "pegam" se fizer isso.

O homem sai. Elise — Babbie — tenta ela mesma soprar a trompa. Encantadora. Não consegue. Suas bochechas se inflam inutilmente. Ela está deliciosa. Seria a mesma mulher que me fitava com tanta gravidade? Ali, no palco, é toda champanha e luz do sol.

Aí vem o ministro. Não a reconhece, julga-a uma cigana. Ela lhe diz — Deus do céu, o que disse a ele? Sua dicção agora também se torna empastada. Podiam colocar legendas na peça. Não que eu esteja prestando muita atenção ao diálogo, quando Elise está no palco. Fico demasiado absorto por sua visão e pelo som de sua voz; pela graciosidade de seus movimentos e pela musicalidade com que fala.

Muito bem, preste atenção. É algo sobre... perdida? Ah! Pede a ele que sopre a trompa três vezes, para que o pai possa encontrá-la.

Ele atende! Engraçado. Depois percebe pessoas na praça da cidade (fora do palco) e fica confuso. Ela diz que foi dado o alarme.

— Depois que o proibi? — pergunta ele.

A expressão do rosto dele. Acabou de revelar-lhe que ele deu o alarme. O homem fica enfurecido, atira a trompa longe e corre atrás dela, perseguindo-a para fora do palco.

Entram Lorde Rintoul e o capitão Halliwell. O ator que representa Rintoul é aquele que olhava no Salão de Café. Parece que se chama Jepson. Estão "olhando" para Thrums, e dizem que vêem o ministro exortando o povo a baixar as armas. Uma cigana diz que devem lutar. Halliwell promete a Rintoul que terá, a mulher na prisão, antes que a noite termine. Duvido.

Gavin retorna. Rintoul lhe agradece. Entra um soldado. Os chefes da conspiração fugiram. Rintoul e Halliwell

saem furiosos. O ministro fica sozinho.

Ela está de volta, a minha adorável Elise. Perderei mais trechos da conspiração, enquanto a contemplo. Saberá onde estou sentado? Não importa. Está concentrada no que faz. No momento, não é Elise, mas Babbie — *inteiramente.* Deve ser esse o seu segredo: identificação completa com suas personagens.

Onde estamos? Esqueci-me de dizer que ela está de chapéu e com uma capa. Perseguida. Ajude-me, pede ao ministro. Fora!, grita ele. Entram dois soldados.

Um momento divertido. Ela toma o ministro pelo braço e diz, em perfeito inglês:

"Apresente-me, querido".

Dishart, o ministro, olha para ela, boquiaberto. Ela está dizendo ao sargento que, em noites semelhantes, uma mulher não deve estar em outro lugar senão "ao lado do marido". O ministro está sem fala. Recompõe-se pouco a pouco.

"Sargento, devo informá-lo de que..."

"Sim, querido, isto!", interrompe ela prontamente. "Sobre a cigana, em trajes de cigana!"

O ministro fica perplexo, quando ela aponta para os bastidores.

"Ela passou por aqui e depois fugiu naquela direção", diz "Elise" ao sargento.

Dishart tenta novamente.

"Sargento, preciso."

"Vamos para casa, meu bem", interrompe ela.

"Meu bem?", exclama ele.

Ela sorri. Adoro aquele sorriso.

"Sim, meu amor."

Os soldados saem.

"Você disse a eles que era minha esposa!", acusa Dishart.

"Você não me contradisse", replica ela.

"Não, não a contradisse", murmura ele.

Babbie lhe diz que assumirá a responsabilidade, caso os soldados descubram a "terrível conduta dele". O ministro objeta. Não quer vê-la na prisão. Está começando a apaixonar-se. Seria de estranhar? Não apenas eu me apaixonei, mas toda a platéia. Murmúrios de afeição por ela ecoam pelo re cinto como ondas. O encanto de Elise é irresistível. Salta à vista, no proscênio. É uma personalidade magnética.

Está entregando a ele uma flor que tirou da cintura. Sai agora. Não se vá, Elise!

Gavin olha para a flor. Um homem entra precipitadamente, agarra-a e a joga ao chão.

"Ouse pegá-la novamente!", grita.

Dishart recolhe a flor e a coloca na lapela, enquanto abandona o palco. Desce o pano. Fim do primeiro ato.

Intervalo. Estou pensando na atuação de Elise. Tanta candura em seu desempenho! Honestidade. Econômica em estilo. Direta. Receei que pudesse ser como alguns atores da peça — extravagantes, demasiado maduros. Nada disso. Não há truques. Despretensiosa. Seu senso do jocoso é uma interminável maravilha. Mostra-se encantadora e deliciosa, porque parece tão encantada, tão deliciada!

Nela, existe uma alegria maliciosa que quase borbulha. Seu coquetismo salta em jatos, em lampejos, inesperadamente. Ela consegue sempre transmitir confiança em seus poderes femininos, uma firme — embora tolerante certeza da vulnerabilidade do ministro; será por isso que as mulheres da platéia a apreciam tanto? Cada movimento seu é feito com picante delicadeza. E, de vez em quando, há um toque, uma indicação de outras cordas sendo tocadas, criando uma vibração mais profunda. Não há a menor dúvida de que ali se concentram todos os elementos de uma excelente artista trágica. Seus dons emergirão naturalmente, no entanto. Nada terei a ver com isso.

O que mais posso dizer? Que, não importa quão vividamente ela desempenhe seu papel, há sempre um senso de mais (muito mais) em jogo? Pois há. Li num livro, certa vez — não, não devo mais dar ouvidos a nada disso. Nunca mais. Bem, apenas esta vez — é tão pertinente... Esse livro mencionava um campo energético, emitido por atores e atrizes; uma extensão da chamada aura. Esse campo de energia — segundo o livro — pode, em circunstâncias apropriadas (uma identificação notável entre espectador e executante), expandir-se tão infinitamente, que é capaz de abranger toda uma platéia; o fenômeno já foi testemunhado por pessoas paranormais.

Acredito nisso, depois de ver Elise representando. Todos nós fomos envolvidos em seu magnetismo. Bem, agora eu...

Parei de escrever quando alguém chamou meu nome. Olhando em torno, vi o homem que havia recebido minha entrada, estendendo-me uma folha dobrada de papel.

— Para o senhor — disse ele.

Agradecendo, peguei o papel e virei-me. Coloquei a caneta-tinteiro e a folha no bolso interno do casaco, desdobrei o pedaço de papel e li: "Collier, preciso falar-lhe imediatamente sobre algo relacionado à saúde da srta. McKenna. Não falte, pois trata-se de um assunto de vida ou morte. Estou aguardando no saguão. W. F. Robinson"

Fiquei chocado com a mensagem. Assunto de vida ou morte? Levantei-me e caminhei para a porta, com passos rápidos, depois desci o corredor. O que poderia haver de errado com Elise? Tinha acabado de vê-la no palco e me parecera radiante. Não obstante, entre outras coisas, Robinson demonstrava a mais profunda preocupação pelo bem-estar de Elise.

Cheguei ao saguão e olhei em torno. Não havia sinal dele. Caminhei por entre as pessoas ali apinhadas, à procura de Robinson; era possível que estivesse esperando em algum recanto. Olhei em todas as direções, procurando-o. Em minha santa ingenuidade, nem chegara a digerir perfeitamente o conteúdo da mensagem, quando dois homens corpulentos se aproximaram de mim.

— Collier? — perguntou um deles, já de certa idade, de dentes salientes e amarelados, um bigode espesso e caído.

— Sim. O que deseja?

Seus dedos se crisparam em torno de meu braço direito, com tanta força, que cheguei a ofegar.

— Vamos *passear* — repetiu ele.

— O quê? — murmurei, encarando-o.

A que ponto um homem pode ser crédulo? Ainda então, eu não conseguia compreender o que se passava.

— Vamos *passear* — repetiu ele.

O lábio superior repuxava-se para trás, num sorriso sem humor. Começou a levar-me em direção à entrada principal, enquanto o outro homem aferrava meu braço direito, com a mesma pressão dolorosa.

Minha primeira reação foi de espanto, a segunda, de raiva — raiva de Robinson, por ter me armado uma cilada, e de mim mesmo, por ter sido tão crédulo.

Tentei libertar os braços da pressão, mas foi inútil.

— Não resista — avisou o homem mais velho, num murmúrio. Do contrário, vai se arrepender.

— Nem duvide — disse o outro.

Olhei para ele. Parecia ser da minha idade, e tinha o rosto inteiramente barbeado, as faces, vermelhas e gretadas. Como seu companheiro, era corpulento, e seu traje estava um pouco apertado demais. Contemplou-me com olhos azuis, muito pálidos.

— Venha conosco e fique quietinho — disse.

Fui envolvido por nova sensação: descrença e divertimento. Aquilo era demasiado ridículo.

— Larguem-me — disse eu, quase rindo.

— Daqui a pouco você não estará achando tanta graça — disse o homem mais velho.

Ao ouvi-lo, toda a minha hilaridade evaporou-se. Uma vez fora do hotel, eu não teria chances, em absoluto.

— Larguem-me ou gritarei por socorro — disse a eles.

— *Agora!*

Contive o fôlego, chocado, quando o mais jovem se grudou a mim com a mão direita no bolso do sobretudo, e senti algo duro contra o lado do meu corpo.

— Faça um único som e sua vida está perdida, Collier — disse.

Olhei, boquiaberto, para sua fisionomia impassível, quando nos aproximamos da porta. Aquilo não podia estar acontecendo, pensei. Um melodrama tão artificial tinha que ser falso. Seqüestrado por uma dupla de corpulentos rufiões? Era absurdo demais para que acreditasse naquilo.

Não obstante, eu tinha que acreditar, pois estava acontecendo. A porta da frente estava aberta, e os dois homens que me ladeavam levavam-me para a varanda. Senti um ímpeto súbito de reação. Teria viajado setenta e cinco anos no tempo para estar com Elise e acabar tendo semelhante fim?

— Não! — disse eu. Tentei libertar os braços com um puxão e consegui soltar o esquerdo. — Vocês não...

Minha voz foi interrompida por um grito sufocado: o meu grito, quando o homem mais velho girou rapidamente para enfrentar-me e enfiou um punho de ferro em meu abdômen. Caí contra ele, dobrado em dois, com linhas de dor irradiando-se através do peito e estômago, a escuridão latejando em meus olhos. Senti que os dois quase me levantavam do chão, quando me levaram escada abaixo. Tinha uma vaga consciência de ver pessoas passando por nós e tentei pedir ajuda, mas meu fôlego desaparecera. Não conseguia falar.

Chegamos ao passeio, cruzamos em diagonal a alameda da entrada e tomamos a direção da praia. O vento frio em meu rosto revigorou-me. Respirei com ânsia.

— ...ter feito aquilo, Collier. — As palavras começavam a tornar-se audíveis. — Foi um grande erro de sua parte.

— Soltem-me — disse eu. Por alguns segundos, pensei que estivesse chovendo, mas então percebi que o soco

me arrancara lágrimas dos olhos. — Soltem-me!

— Ainda não — replicou o homem mais velho.

Estávamos agora no passeio de tábuas, encaminhando-nos para a casa de banhos. Tentei arejar a cabeça e pensar. Devia haver algum meio de safar-me daquilo. Engoli em seco, depois tossi.

— Se for dinheiro — disse eu —, pagarei mais do que Robinson pagou.

— Não conhecemos nenhum Robinson — replicou o homem mais jovem, apertando mais meu braço.

Acreditei nele durante alguns momentos, mas então recordei a nota que me arrastara a tudo aquilo.

— Ah, sim, conhecem — disse eu. — E estou prometendo pagar mais do que ele, se vocês.

— Vamos dar um passeio, jovem cavalheiro — cortou o homem mais velho.

Olhei para o hotel por sobre o ombro e fui dominado por uma onda de pânico.

— Por favor — disse eu. — Não façam isso!

— *Estamos fazendo* — replicou o homem mais velho, num tom que me provocou calafrios.

De repente, percebi como ele era diferente de mim. Com ou sem inimizade, em Robinson havia facetas que eu podia identificar. Ao passo que aquele homem — e seu companheiro — eram-me totalmente estranhos, tipos de homens de 1896 com quem eu nada possuía em comum. Poderiam ter vindo de Marte, tão alienígenas eram suas atitudes. Pelo que eu imaginava, poderiam ser até capazes de matar-me. Era uma idéia apavorante. Procurando controlar-me, perguntei para onde me conduziam.

— Ficará sabendo no momento devido — replicou o mais velho. — Agora, fique quieto ou levará outro soco.

Um calafrio percorreu-me a espinha. Seria possível que Robinson lhes tivesse encomendado a minha morte? Era um pensamento aterrador, embora concebível. Haveria maneira mais fácil para livrar-se de mim? Tê-lo-ia subestimado, considerando-o nada mais que um valentão quando, em realidade, ele estava disposto a tudo para proteger seus interesses em relação a Elise?

Comecei a falar, mas logo me calei, fazendo uma careta, porque os dois tornaram a apertar-me os braços. Com arrepiante clareza, percebi que a resistência física estava fora de questão. Se houvesse algum meio de escapar daquilo, teria que ser apelando para a astúcia, não com bravatas.

Olhei para o lado abruptamente, quando passamos pela casa de banhos. A porta se abria e vinha saindo um jovem casal. Lá dentro, avistei um balcão e, mais além, dois enormes tanques de água, de concreto, um deles com um comprido deslizador de madeira, inclinando-se para seu interior. Na piscina de água quente (podia ver o vapor elevar-se dela), dois garotos cavalgavam uma barrica, e suas risadas ecoavam nas paredes e no teto, enquanto se sacudiam de um lado para outro. Observando-os na piscina, havia um velho de barbas brancas, usando um traje de banho de duas peças: a parte superior tinha gola no pescoço e meias mangas, a inferior cobria as pernas até os joelhos.

Então, a porta se fechou e o casal caminhou em nossa direção. Olhei para o rapaz, perguntando-me se seria de alguma ajuda. O homem à minha direita pareceu adivinhar o que eu pensava, pois seus dedos apertaram-me o braço, fazendo-me sibilar de dor.

— Não diga nada — avisou ele.

Meu corpo estremeceu com a respiração entrecortada, enquanto o casal passava por nós, em direção ao hotel.

— Foi muito inteligente — disse o homem mais velho.

— Para onde estão me levando? — perguntei.

— Para o Velho México — respondeu o jovem.

— O *quê?*

— Vamos levá-lo para lá e cortá-lo em pedacinhos, que jogaremos num poço bem fundo.

Estremeci.

— Muito interessante — disse eu, sem saber se ele estava ou não pilheriando.

— Não acredita? — incitou ele. — Acha que eu lhe mentiria?

Virei a cabeça e olhei angustiadamente para o hotel.

— *Acha?* — tornou ele a perguntar, cutucando-me.

— Vá para o inferno — murmurei.

Seus dedos enterraram-se tão fundo em minha carne que gritei de dor.

— Não gosto que nenhum jovem almofadinha fale comigo assim — disse ele. — Acho que você está querendo outro soco na barriga. — Os dedos tornaram a apertar. — Está, Collier?

— Está bem — disse eu. — Você ganhou.

A pressão dos dedos diminuiu.

— Sabe o que faremos com você — disse ele, e não era uma pergunta. — Vamos levá-lo num barco, amarrá-lo a uma âncora e jogá-lo ao mar, para ser comido pelos tubarões.

— Vamos, Jack — disse o homem mais velho. — Pare de assustá-lo desse jeito. Acabará deixando-o de cabelos

brancos antes da hora.

— Já está na hora — replicou Jack.

Foi nesse momento que o verdadeiro horror da situação me dominou e, por sobre o ombro, olhei para o hotel, incapaz de conter um gemido de medo, ao ver como já estava distante.

— Ele está gemendo, Aí — disse o homem mais novo. — Será que está passando mal?

Não lhe dei atenção, tomado pelo desespero. Então, era esse o fim? Minha longa viagem até Elise terminaria no brutal assassinato numa praia? Como pudera ter subestimado Robinson tão cegamente? Suas últimas palavras para mim tinham sido sobre ser capaz de "tramar o meu desaparecimento". Ele era capaz — e tramara —, e eu perderia Elise para sempre, após ter passado apenas breves momentos com ela. Aqueles livros não seriam escritos de modo diferente, a vida dela seria exatamente como eu a tinha lido. Seu "escândalo do Coronado" já terminara. Nunca mais nos veríamos, até aquela noite de 1953 quando, presente a uma festa em Columbia, no Missouri, ela veria meu rosto em um rapaz de dezenove anos e faleceria, horas mais tarde. Isso era tudo o que eu conseguira com minha jornada — um círculo interminável e infeliz, uma ronda incessante de viajar para o passado, a fim de ser morto, depois para nascer e viver, até o dia em que tornaria a voltar a 1896, para ser morto novamente.

Virei-me para o homem mais velho.

— Por favor, não faça isso — disse eu. — Vocês não compreendem. Eu vim de 1971 para estar com a srta. McKenna. Nós nos amamos e...

— Não é lindo? — exclamou Jack, em tom de falsa simpatia.

— É *verdade* — disse eu, ignorando-o. Eu realmente *fiz* isso. Viajei de volta no tempo até...

— Buuuu! — fez Jack.

— Vá para o diabo! — exclamei.

— Não, quem vai para o diabo é *você* — disse ele.

Fiquei gelado, quando vi sua mão direita mergulhar no bolso do casaco. Estou morto, pensei.

— Ouça aqui! — O homem mais velho me soltou, a fim de agarrá-lo.

— Você ficou louco? Tão perto do hotel?

— E daí? — replicou Jack. — Quero meter uma bala nessa cabeça inchada! Guarde essa pistola no bolso, Jack ou, Deus que me perdoe, eu lhe esmurro a cara — disse o homem mais velho.

Seu tom de voz me revelou instantaneamente quanto ele representava mais como homem — e como ameaça. Jack olhou-o, impassível. O outro lhe deu um tapinha no ombro.

— Vamos, rapaz — disse ele. — Use a cabeça. Quer que a lei caia em cima da gente?

— Ninguém me xinga e leva a melhor — resmungou Jack.

— Ele está nervoso, Jack. Quem pode censurá-lo?

— E também vai morrer, eu cuido disso — respondeu Jack.

— Está certo — disse Al —, mas não agora. Vamos.

Suas palavras me deixaram muito mais gelado que as de Jack, porque eu sabia que os dois estavam seguros de si, que nada daquilo era fanfarronice. Se ele decidira matar-me, eu seria um homem morto. Nada mais simples que isso.

Recomeçamos a caminhar, e olhei para Aí, em penosa surpresa, quando ele deu uma risadinha e perguntou:

— O que você dizia? Nunca ouvi um homem pedir antes pela vida desse jeito.

Suas palavras deram-me a impressão de longos anos passados eliminando homens, e estremeci. Não quis responder, mas depois decidi que nada tinha a ganhar, ficando calado.

— Estou dizendo a verdade — disse eu. — Cheguei a este hotel setenta e cinco anos mais tarde, em 1971. Então, decidi me...

— Quando foi que você nasceu? — cortou ele.

— 1936.

Um riso sibilante escapou por seus lábios, e vapores de uísque adensaram-se em torno de minha cabeça.

— Muito bem — disse ele. — Se você ainda não nasceu, como pode estar aqui, caminhando ao nosso lado?

— O sujeito é maluco, vamos livrar-nos dele — disse Jack.

Fiquei angustiado, ao perceber como seria difícil explicar o enigma do que eu tinha feito. Entretanto, não havia alternativa.

— Ouçam-me — continuei. — Cheguei a este hotel no dia 14 de novembro de 1971. Vi uma fotografia da srta. McKenna e apaixonei-me por ela.

— Oh! — exclamou Jack, em tom de deboche.

Rangi os dentes, depois continuei:

— Fiz pesquisas sobre o tempo e forcei-me a voltar para 1896. *Fiz* isso — acrescentei, sério, ao perceber o sorriso de Al. — Juro que fiz. Nasci a 20 de fevereiro de 1936. Estive...

Parei de falar, quando Al me bateu rudemente no ombro.

— Você é um bom garoto, Collier, mas é meio maluco.

Perdi então qualquer esperança de tentar fazê-lo compreender. A única possibilidade restante era de que, afastando-nos tanto do hotel, eu perdesse meu contato com 1896 e, desta forma, escaparia deles. Enfim, era menos do que nada.

A calçada de tábuas terminou e passamos a caminhar pela areia da praia, rumando para o sul. Tornei a olhar para o hotel. Parecia a quilômetros de distância.

Quando o vi, uma decisão súbita e firme pareceu animar-me: eu não me renderia com tanta facilidade.

— Não precisam ficar segurando meus braços — protestei. — Não vou para lugar algum — acrescentei, procurando dar um tom de amarga derrota.

— Tem razão, você não vai — disse Al.

Ele soltou meu braço. Jack ainda me mantinha preso. Esperei, tenso. Após cerca de mais um minuto, ele finalmente abriu a mão.

No momento em que ele fez isso, mergulhei para diante e comecei a correr o mais depressa que podia, esperando ouvir a explosão da pistola de Jack a qualquer segundo e sentir o medonho impacto da bala, penetrando em minhas costas.

— Não, Jack! — ouvi Al gritar.

Meu medo era, então, justificado. Tentei avançar em ziguezague enquanto corria, erguendo as pernas o mais alto possível, certo de que minha única chance restante consistia em aumentar a distância entre mim e eles. Aliás, uma possibilidade razoável, segundo parecia, posto que ambos eram muito mais corpulentos.

Enquanto corria, meus olhos estavam fixos à frente, temendo virar-me para trás. Nada havia à vista para onde correr nenhuma casa, nenhum indício de vida. Comecei a girar um pouco para a esquerda, esperando mover-me num amplo semi-circulo, a fim de que a corrida terminasse orientada para o hotel. Pensei ouvir as passadas dos dois, correndo atrás de mim, mas não tinha certeza. Nenhum tiro havia soado até então. Uma esperança momentânea me brotou dentro do peito.

Foi de curta duração, pois algo se chocou contra minhas pernas, por trás, e fui jogado para diante, sobre a areia. Revirando-me, divisei o vulto de Jack, vindo para mim. Com uma praga sufocada, ele descreveu uma ampla curva com o punho crispado e, ao mesmo tempo, ergui o braço esquerdo, tentando bloquear o golpe. Gemi de dor quando recebi o soco, pois parecia rocha pura. Com mais alguns golpes semelhantes, eu estaria sangrando e inconsciente.

Então, o homem mais velho caiu sobre ele, e, antes que Jack tivesse tempo de armar outro soco, foi puxado para trás e empurrado de lado. Meu alívio durou pouco, porque Al se agachou sobre mim e agarrou-me pelo casaco. De repente, vi-me em pé diante dele, que agora se preparava para agredir-me. Tentei esquivar-me ao golpe novamente, mas sua força jogou meu braço para um lado, e a superfície dura da palma do homem caiu sobre meu rosto, provocando estrias de dor ofuscante, através de meu olho e do maxilar.

— Agora *basta!* — exclamou ele, sacudindo-me com sua força incrível, como um adulto sacudiria uma criança. — Faça isso de novo e nós o *mataremos!*

Deixou-me cair e se virou para conter a arremetida de Jack. Segurou-o sem dificuldade, no instante em que ele ia agarrar-me.

— Deixe-o para mim! — exigiu Jack, com ferocidade. — Deixe-o para *mim,* Al!

Fiquei em pé, meio cego, espiando, enquanto o homem mais velho mantinha o companheiro à distância, acalmando-o.

— Calma, rapaz — disse ele. — Esfrie o sangue!

Então, não iam matar-me. Saber disso foi um alívio inicial, mas agora somente piorava as coisas. Se soubesse, eu aguardaria melhor oportunidade para escapar das mãos deles. Depois do sucedido, não me permitiriam nova chance.

Somente depois que Al se irritou e disse a Jack que era ele quem dava ordens ali, que era melhor ele não se esquecer disso, o homem mais novo parou de forcejar para libertar-se do outro. Momentos mais tarde, os dois voltavam a segurar-me pelos braços e recomeçamos a caminhar ao longo da praia. Os dedos de Jack agora se fincavam impiedosamente em minha carne, mas não me dei por achado. Trincando os dentes, perguntei ao homem mais velho o que ia fazer comigo.

— *Matá-lo!* — disse Jack, antes dele. — Deixá-lo mais morto que uma cavala!

— Vamos com calma, Jack — replicou Al, quase em tom fatigado. — Não sou homem de assassinatos, e você sabe disso.

— Então, o que vai fazer? — insisti.

— Impedir que você volte ao hotel — informou Al. — Até que o trem tenha partido.

— Foi o que Robinson ordenou que fizessem?

— Creio que era esse o nome do cavalheiro — assentiu Al. — Agradeça a ele por sua vida. Disse muito claramente que não devíamos fazer-lhe mal, mas apenas mantê-lo longe do hotel por algumas horas. — Deu uma risadinha, aborrecido. — E nós nada lhe teríamos feito, se você não tentasse resistir. Bem, acho que isso é próprio da mocidade. Meu Paul era assim também.

Nada mais esclareceu, e eu me perguntei por que Robinson se mostrara tão escrupuloso, em relação à minha vida, quando nada mais parecia desejar, senão sua abrupta conclusão. Será que eu o teria subestimado novamente? Rejeitei tal idéia. Afinal, que importância tinha isso? Perder Elise significava tanto quanto perder a vida. Em verdade, havia lido que ela permanecera no hotel, mas como basear minha vida nesse pormenor? Tinha lógica, ela haver ficado sozinha, quando toda a sua companhia viajara? Tinha lógica, sua mãe, e especialmente Robinson, a deixarem lá? Robinson se teria dado a todo esse trabalho, apenas para abandoná-la? Além disso, meu repentino desaparecimento podia apenas levá-la a pensar que eu fora embora, da mesma forma como chegara — misteriosa e inexplicavelmente.

Jamais lhe ocorreria a possibilidade de que Robinson maquinara para seqüestrar-me. Ela viajaria com a companhia. Não havia nenhuma outra resposta sensata. Ao viajar, deixava-me apenas uma alternativa: ganhar dinheiro suficiente para acompanhá-la à cidade de Nova York, uma solução que se me afigurava impraticável. Que tipo de emprego encontraria, que não me exigisse meses de trabalho para pagar uma passagem a fim de cruzar o país? Meses se passariam antes disso, e nesse ínterim Elise talvez mudasse de idéia a meu respeito. Tudo isso, para não mencionar a sempre presente sensação (agora quase uma certeza), de que meu contato com 1896 se limitaria, durante algum tempo, ao hotel e seus arredores mais próximos.

Se temia perder contato com o hotel, que ainda estava à vista, como ousar empreender uma viagem que me levaria para milhares de quilômetros além dele? Que me restava fazer? Escrever para ela? Esperar sua volta? Robinson, sem dúvida, ficaria alerta à correspondência que chegasse. Ela nunca receberia minhas cartas.

Sobressaltei-me, quando o homem mais velho falou.

— Lá está — disse.

Focalizando os olhos, divisei mais adiante o contorno baixo e escuro de um chalé.

— É lá que vai ser o seu lar durante as próximas horas, Collier.

— Para sempre — acrescentou Jack, em tom calmo.

Olhei para ele, abalado.

— O que significa isso? — perguntei a Al.

Jack ficou calado. Engoli em seco e insisti.

— Ele pretende matar-me — disse eu.

— Ninguém irá matá-lo. — replicou Al.

Pensei que, mesmo assim, era Jack quem tinha a arma. E se seu desejo de matar-me fosse tão forte que, para saciá-lo, chegasse ao ponto de liquidar Al também? Desavenças entre bandidos, pensei. Novamente um melodrama ridículo, porém assustadoramente real.

Chegávamos agora ao chalé. Al abriu a porta, que rangeu lastimavelmente, e empurrou-me para o interior. Cambaleei, recuperei o equilíbrio e pestanejei, ante a pontada de dor no olho esquerdo. Lá dentro estava escuro como breu. Por um instante, pensei em agachar-me rapidamente e procurar pelo chão algo com que atacá-los.

Entretanto, recordei a pistola no bolso de Jack e me contive. Um momento mais tarde, um fósforo era aceso e a chama lançou uma débil claridade sobre o rosto dos dois homens: eram feições de indivíduos que tinham levado uma existência brutal, que os havia endurecido irremediavelmente.

Fiquei olhando para Al, enquanto ele tirava uma vela do bolso, acendia o pavio e depois a mantinha sobre o piso de terra do chalé, até que ela se firmasse. A chama cresceu, alongada e amarelada, aumentando a iluminação. Olhei em torno. Não havia janelas, apenas paredes de madeira gretada.

— Muito bem, amarre-o — disse Al ao companheiro.

— Para quê? — objetou Jack. — Uma bala nos miolos nos pouparia esse trabalho.

— Faça o que estou dizendo, Jack — ordenou Al. — Ainda acaba me fazendo perder a paciência!

Sibilando de desagrado, Jack dirigiu-se a um canto do chalé, abaixou-se e recolheu um rolo de corda suja. Quando se virou para mim, compreendi, com um estremecimento de terror, que chegara o momento final. Se não escapasse agora, jamais tornaria a ver Elise. Tal certeza me fez retesar os músculos e, impulsionado pela força do desespero, revirei-me e lancei o punho fechado contra o rosto de Jack, com a maior força possível. Ele soltou um grito de espanto, recuou desajeitadamente batendo contra a parede, enquanto eu tornava a me virar, a tempo de ver a reação que se desenhava no rosto de Al. Sabia que não tinha chance de derrubá-lo e então, saltando para um lado, mergulhei contra a porta e passei através dela. Caí no exterior, rolei imediatamente e comecei a levantar-me.

Nesse momento, senti que a monopla de Al me segurava a aba traseira da sobrecasaca, puxando-me de volta ao chalé e para baixo. Gritei, quando o braço esquerdo ficou torcido por baixo de meu corpo.

— Você não aprende nunca, hem, Collier? — gritou ele, furioso.

— Que ele vá para o diabo, agora é um homem morto!

Girei ao ouvir a voz áspera de Jack atrás de mim. Estava estonteado e de pé, enfiando a mão no bolso do casaco.

— Espere lá fora — disse-lhe Al.

— *Ele* é *um homem morto, Al!*

Jack tirou a pistola do bolso, estendeu o braço e fez pontaria em minha direção. Fiquei olhando para ele, sem pensar e sem reagir, inteiramente paralisado. Não vi Al se mover. A primeira coisa de que tive consciência foi a visão de Jack sendo esmurrado no lado da cabeça e jogado ao chão, com a pistola voando pelos ares. Al recolheu a arma e a enfiou no bolso, antes de se abaixar sobre o companheiro.

Agarrando-o pela gola, o homem mais velho o levou até a porta, de onde o jogou para o exterior como se fosse um saco de batatas.

— Entre aqui novamente e você será o único a ganhar uma bala nos miolos! — gritou.

Virou-se, resfolegando, e olhou para mim.

— Você é duro de manobrar, meu rapaz — disse ele. — Um bocado duro!

Engoli em seco, olhando para ele e receando fazer qualquer som. A respiração de Al normalizou-se, e depois, com um movimento brusco, ele apanhou o rolo de corda, sacudindo-o até deixá-lo *frouxo.* De joelhos, começou a enrolá-la em torno de meu corpo, com expressão pétrea.

— Aconselho-o a ficar quieto daqui por diante — disse. — Esteve por um fio para ser morto. Sugiro que poupe suas provocações.

Permaneci imóvel e silencioso enquanto ele me amarrava, tentando não estremecer, quando apertava as cordas. Não me movi mais e tampouco faria qualquer outro pedido por minha liberdade. Aceitaria o que estivesse pata me acontecer, sem manifestar a menor queixa.

De súbito, inesperadamente, ele deu uma risadinha, o que mc sobressaltou. Por um louco instante, pensei que tudo fosse uma piada, que ele ia me deixar ir embora.

No entanto, Al disse apenas:

— Gostei do seu soco, rapaz. Você é um valentão, sabe? Jack é um sujeito forte, e você quase o botou para dormir. — Tornou a dar a risadinha. — Nunca vou esquecer a cara de espanto que ele fez! — Estendendo o braço, desarrumou meus cabelos. — Você me lembra o meu Paul. Também tinha fibra, galões e galões de fibra. Foram precisos uns bons doze selvagens, antes de *ele* cair, *isso* eu garanto. Malditos apaches!

Olhei para ele, enquanto terminava de amarrar as cordas. Um filho morto por apaches? Era difícil assimilar a informação, estranha demais para mim. Eu sabia apenas que continuava vivo graças a ele, mas que não seria libertado, por mais que lhe pedisse. Restava-me apenas esperar que conseguisse desamarrar-me sozinho, depois que ele se fosse.

Al deu um último nó, bem apertado. Levantou-se com um grunhido e olhou para mim.

— Muito bem, Collier — disse. — Agora nos separamos.

Torceu o corpo, procurando algo no bolso traseiro da calça, demorando a sair. Fitei-o com o coração em disparada. Fiquei frio dos pés à cabeça, quando ele finalmente conseguiu tirar o objeto do bolso. Eu não iria libertar-me das amarras, não voltaria ao hotel antes da partida do trem.

Al se postou às minhas costas.

— Uma vez que não vou querer ficar aqui de vigia nas próximas horas — disse —, vou ter que fazê-lo dormir.

— Não — murmurei.

Não estava em meu poder evitá-lo. Nunca tinha visto antes um *blackjack* na vida. Era um cassetete curto de cabo flexível, forrado de couro; uma arma tremenda, aterrorizante.

— Não adianta, rapaz — disse ele. — Agora, não se mova. Se ficar quieto, posso bater no lugar certo. Se lutar, posso arrebentar-lhe o crânio acidentalmente.

Fechei os olhos e esperei. *Elise,* pensei. Por um instante, tive a impressão de ver seu rosto, os olhos admirados que me fitavam. Então, um jato de dor explodiu-me na cabeça e mergulhei na escuridão.

O retorno à consciência foi uma coleta gradual de dores: uma dor lancinante atrás da cabeça, músculos do estômago doloridos, entorpecimento nos braços e pernas, uma frialdade que deixava todo o corpo dormente. Por fim, meus olhos se abriram, e fitei a escuridão, procurando recordar onde me encontrava. Podia sentir a pressão das cordas em torno de minhas pernas e braços, que me envolviam também o tronco. Então, continuava em 1896, tinha que continuar lá. E que horas seriam?

Tentei sentar-me, mas não consegui. Estava amarrado tão rigidamente, que uma respiração funda me fez o peito doer. Fiquei olhando para a frente, piscando os olhos. Aos poucos, a escuridão diminuiu e distingui uma pálida iluminação, através das gretas da parede. Então, era definitivamente 1896; eu estava amarrado no chalé.

Tentei mover as pernas, gemendo, porque tinham sido amarradas com muita força, impedindo a circulação.

— Vamos! — disse eu.

Ordenei a mim mesmo que pensasse, que agisse. Se apenas conseguisse suster-me nos pés, poderia saltar até a porta, escancará-la e talvez encontrar alguém na praia, que me ajudasse. Lutei para erguer as costas do chão, só agora percebendo quanto estava frio debaixo de mim. Minhas roupas deviam estar em lastimável estado, pensei. A insignificância de tal idéia me irritou, enquanto lutava para sentar-me.

Caí para trás, com um baque surdo. Gritei debilmente, ao sentir a aguilhoada de dor atrás da cabeça. Teria Al me fraturado o crânio, embora eu houvesse permanecido imóvel? Era essa a impressão que eu tinha. Precisei fechar os olhos por bastante tempo, antes que a dor diminuísse. Tornei-me cônscio do odor do interior do chalé, um cheiro composto de madeira apodrecida e terra úmida, fria. O cheiro da sepultura, pensei. A dor expandiu-se de novo em minha cabeça. *Relaxe-se.* Fechei os olhos. O trem já teria partido? Talvez Elise pudesse atrasar a partida por algum tempo, na esperança de que eu aparecesse. Eu tinha que sair dali.

Abri os olhos e perscrutei em torno, tentando fazer um apanhado geral do ambiente. Julguei divisar o contorno da porta e, fortalecendo-me contra a renovada onda de dor, comecei a mover-me para lá. Visualizei-me rastejando e contorcendo-me pelo chão; era uma visão ridícula, nada divertida. Um peixe fora d'água, pensei. Eu não era outra coisa, em todos os sentidos, naqueles momentos.

Tive que parar, a respiração tão contida até então, que cada inalação me deixava o peito doendo, provocava ondas de escuridão que latejavam por toda a cabeça. Relaxe-se, relaxe-se, pensei; agora, era mais um pedido que uma ordem. Tentei controlar a respiração, tentei dizer a mim mesmo que aquela era uma longa peça, com quatro atos de duração; que levaria muito tempo até que desmontassem o cenário e lotassem os vagões; que, mesmo depois disso, Elise poderia mantê-los esperando. Era possível. Eu tinha que acreditar. Não havia nenhuma.

Contive a respiração e fiquei imóvel por vários instantes — seriam cinco, seis minutos, mais? Sentira a mesma sensação de quando estava deitado na cama, no quarto *527,* pouco antes da viagem no tempo: uma sensação de flutuar em direção ao vazio, de não me situar em lugar algum, de estar em trânsito. Deus, não, pensei; por favor, *não!* Como uma criança encolhida na escuridão, rezando para que desapareça alguma ameaça amorfa, eu permaneci ali, vacilando na borda divisória de dois tempos.

Então, tudo terminou. Eu me encontrava novamente no chalé, em firme contato com 1896. Não há maneiras de descrever melhor a sensação. É algo sentido mais na carne que na mente; uma visceral consciência de localização. Esperei um pouco, para ter certeza de que o contato persistia, e depois recomecei a contorcer-me, aproximando-me da porta. Dessa feita, segui em frente sem parar, mesmo sem possibilidade de expandir o peito, o que dava a impressão de que a respiração voltava aos pulmões, intumescendo os tecidos da garganta e amordaçando-me.

Quando finalmente alcancei a porta, meu peito transbordava de dores dilacerantes. Um ataque cardíaco, foi o pensamento que me veio; os sintomas deviam ser aqueles. Tentei sorrir e rejeitar a idéia, mas tenho certeza de que consegui apenas uma careta. tudo de que preciso, pensei. Deixei a cabeça cair pesadamente contra a porta, esperando que a dor se abrandasse. Assim aconteceu, pouco a pouco, diminuindo também o latejamento no crânio. Agora, pensei. Ergui os ombros, o mais alto que pude e me joguei contra a porta.

Ela não cedeu.

— Ah, *não!* — gemi. — Será que eles a *trancaram?*

Olhei para a porta, descrente. Talvez eu ainda passasse dias no chalé. Tal idéia me provocou um estremecimento convulsivo. Deus, eu poderia morrer de sede! Quando imaginei tal hipótese, fui dominado pelo pânico. Aquilo não podia estar acontecendo. Tinha que ser algum pesadelo, eu logo despertaria... No entanto, mesmo quando tais pensamentos me passavam pela cabeça, sabia perfeitamente que estava acordado, bem desperto.

Demorei algum tempo para voltar à realidade; algum tempo, antes que o medo diminuísse o bastante para que eu pensasse. Devagar, consegui girar sobre mim mesmo, rangendo os dentes, virando-me pouco a pouco, até ficar com o solado das botas contra a porta. Descansei um instante e depois, bruscamente, dobrei as pernas o mais possível e chutei a porta.

Um grunhido de alívio escapou-me do peito quando, ao terceiro pontapé, a porta se abriu, com um ruído de madeira lascada. Fiquei ali, resfolegando, sorrindo a despeito da dor dentro da cabeça. Havia luar; a claridade pálida me banhava inteiro. Baixei os olhos para meu corpo. Amarrado em torno do peito e braços, em torno das pernas até os tornozelos. Aí fizera um bom trabalho.

Lentamente, centímetro a centímetro, fui abrindo caminho para o exterior, movendo-me como um verme gigantesco, pensei de repente. Ao fazer isso, vi que a porta havia sido fechada por uma tranca de madeira, agora em lascas com meu pontapé. Se fosse uma fechadura!... Afastei o pensamento. Não perca tempo com temores inúteis, disse a mim mesmo. Já havia medos reais a enfrentar. Tornei a observar-me. O único lugar por onde podia começar ficava perto de minha mão direita.

Esforçando-me, consegui alcançar um nó; parecia uma pequena pedra. Manuseei-o fracamente — era o máximo que podia fazer — sem nada resultar disso. Perguntando-me por que minha mão direita doía tanto, lembrei-me de

que atingira Jack com ela. Voltei a concentrar-me naquele nó, com interminável ineficiência. Parei de repente, sentindo-me invadir por um misto de furiosa frustração e angústia.

— Socorro! — gritei. Minha voz soava tensa e rouca. — Socorro!

Fiquei ouvindo, tentando captar algum grito em resposta. Ouvi apenas o estrondo distante das ondas. Tornei a gritar; gritei até minha garganta arder de dor.

Não adiantou. Não havia ninguém por perto. Eu teria que me valer sozinho. Retorci o corpo, tentando avistar o hotel, em vão. Não vá embora, Elise, pensei. Espere por mim, por favor, espere por mim!

Por alguns breves momentos, pensei que deslizava novamente, que flutuava para aquela tênue camada entre os tempos. Fiquei imóvel, até a sensação passar; mais rapidamente, dessa vez. Perguntei-me por que aquilo estaria acontecendo. Teria sido em virtude do golpe na cabeça, da distância em que me encontrava do hotel? Ou seria por causa de todo o trauma proveniente daquilo que acontecia comigo?

Eu temia concentrar-me demais naquilo, tornar a viver os mesmos momentos. Olhei para mim mesmo com cuidado, procurando descobrir um meio de libertar as amarras. Encontrando um, comecei a forcejar contra a corda em torno das pernas, tentando afastar os joelhos para estirá-la. Pressionando os lados das botas, uma contra a outra, fiquei mais equilibrado e pude forçar os joelhos contra a corda. Um sorriso repuxou-me os lábios, ao tomar consciência de mais espaço; agora conseguia separar as pernas.

Tentando ignorar o latejamento na cabeça, as dores lancinantes no peito, continuei trabalhando com a corda, até conseguir levantar a ponta da bota direita e passá-la sobre a laçada inferior. Fiz força com o pé; a ponta da bota escorregou e saiu de posição. Teimosamente, voltei a insistir; dessa feita, senti um deslocamento das cordas em torno das pernas.

Não sei quanto tempo levei nisso, mas, aos poucos, trabalhei nas laçadas inferiores da corda, até formarem um monte, ao redor dos tornozelos. Tentei puxar a bota direita pela abertura, mas não consegui. Com esforço (toda aquela trabalheira devia ter afrouxado também as laçadas em torno do peito, porque agora conseguia respirar com mais facilidade e a dor era menor), pude empurrar a bota esquerda contra a direita, até descalçá-la. Então, puxei o pé direito por entre as cordas, depois a bota esquerda. Minhas pernas estavam livres!

O senso de vitória evaporou-se rapidamente, quando percebi que a segunda metade de meu trabalho seria muito mais difícil. Procurando não perder o ânimo, concentrei-me na tarefa de ficar de pé. Tinha as pernas tão dormentes, que levei mais de um minuto nisso, tendo voltado a cair, após as cinco tentativas iniciais. Então, quando o sangue começou a correr, provocando uma série de aguilhoadas e espetadelas, com um recomeço da dor, achei-me em condições de, embora lentamente e cambaleante, pôr-me de pé.

Olhei em torno. E agora? Correr para o hotel, metade amarrado e metade calçado? A idéia era grotesca. Tinha que me libertar completamente. Examinando ao redor, verifiquei que a base do chalé era formada de pedras, unidas por uma argamassa que se esboroava. Em certo ponto, a parede recuava alguns centímetros da base, e a quina de argamassa parecia bastante áspera. Caminhei para lá apressadamente, caí de joelhos e, inclinando-me para diante, comecei a esfregar as cordas contra a quina.

Após vários minutos, as cordas começaram a fraquejar e respirei o mais fundo possível, esperando enfraquecê-las ainda mais. De nada adiantou. Continuei esfregando, agora mais depressa.

Precisei parar e recostar a cabeça na parede de tábuas. Sentia-me zonzo, o cérebro cheio de sombras e, sabia, à beira do desmaio. *Agora não,* pensei. Não, quando estava tão perto de ficar livre. Respirei entrecortadamente. Não se vá, Elise, pedi a ela, mentalmente. Não deixe o trem partir. Logo estarei aí. Muito breve.

A zoeira da cabeça diminuiu e recomecei a esfregar as cordas na quina da argamassa. Um minuto ou pouco mais tarde, as laçadas tinham se afrouxado o suficiente para que eu as esticasse e as fizesse passar pelos quadris e pernas, saindo então de dentro delas. Enchi o peito de ar. De meu rosto e pescoço escorria suor.

Tirando o lenço, passei-o pela pele e então, tornando a encher os pulmões de ar, rumei na direção do hotel. A princípio, não vendo luzes à frente, pensei que tivesse me orientado na direção errada. Parei e me virei. Também não havia luzes naquela direção. Fui sacudido por um calafrio. Como saber para que lado ir? Espere, pensei. A porta do chalé dava para o mar, aproximadamente; eu tinha de caminhar para a direita. Tornando a me virar, comecei a trotar ao longo da praia.

Vi que começava a subir uma inclinação; devia estar tão desesperado antes, que não notara o detalhe. Tentei manter o ritmo, porém as pernas me pareciam duas colunas de chumbo. Precisei parar e descansar, apertando a palma esquerda contra a parte de trás da cabeça, a fim de estancar o latejamento. O inchaço que encontrei naquele lugar me assustou; era como uma bola de beisebol, cortada ao meio e costurada abaixo da pele. Mesmo tateando levemente, do modo mais delicado possível, eu chiava de dor.

Momentos mais tarde, obriguei-me a continuar em frente. Chegando ao alto da elevação, avistei as luzes do hotel, muito longe ainda. Teria que caminhar um quilômetro e meio ou mais, até lá. Com um grunhido de desânimo ante a distância que me faltava percorrer, desci a encosta oposta da elevação, escorregando de leve. Chegando ao fim,

caminhei penosamente pela areia da praia, até o limite das ondas, onde o solo ficava duro e compacto. Passei então a correr devagar, procurando não afundar demais os calcanhares, enquanto me movia. Tentei afastar da mente qualquer dor e apreensão, ao focalizar a cúpula do hotel. Ela não havia ido embora. Era o único pensamento que me permitia.

Quando alcancei a calçada de tábuas, respirava com tanta dificuldade e sentia as pernas tão pesadas, que precisei parar um pouco, apesar de minha resolução. Agora, crepitando através de mim, em momentos irregulares, o senso de desorientação ia e vinha, quase com o ritmo respiratório. Tentei analisá-lo, esperando assim eliminar essa constante invasão. Devia ser produto do choque de tudo quanto me acontecera. Quando estivesse novamente com Elise, aquilo cessaria, e seu amor me ancoraria àquela época.

Antes que minha mente argumentasse com a sugestão de que ela poderia não estar no hotel, recomecei um desajeitado trote pela calçada, com os dentes comprimidos, os olhos fixos no hotel. Ela ainda está lá, pensei. Ela não foi embora. O vagão continua no lugar. Elise ordenou que ficasse, até que...

Parei, quando uma onda de vertigem me envolveu. Não é verdade, pensei. Meus olhos, no entanto, podiam ver distintamente que era. O desvio da estrada de ferro estava vazio.

— Não! — murmurei, meneando a cabeça.

Está certo, o vagão se fora. Elise ficara para trás, tivesse isso sentido ou não. Era o que eu havia lido, não era? Elise despachara a companhia na frente, rumo a Denver. E ficara no hotel.

Eu corria novamente, embora não me lembrasse de haver começado. A iluminação do hotel era praticamente apenas a necessária, a maioria das janelas estava às escuras; deviam ser três ou quatro da madrugada. *Não importa,* disse a mim mesmo. Elise está em seu quarto, acordada. Espera por mim. Eu não ia permitir qualquer outra possibilidade; *não podia* permiti-la. Dentro de mim, lá no fundo, jazia um medo tão grande de que, se o deixasse emergir, seria capaz de consumir-me por completo. Ela está lá, pensei. Concentrei-me nisso, erguendo uma barreira contra o medo. Ela está lá. Ela está lá.

Quando cruzei a alameda diante do hotel, olhei para baixo e reparei em como estava sujo e desalinhado. Se corresse pelo saguão naquele estado, talvez me detivessem, e precisava alcançar Elise agora. Dobrando à esquerda, desci correndo a calçada até o Paseo dei Mar e fiz a curva em torno da esquina do hotel. Agora, a enorme fachada branca ficava à minha direita; ouvi o som de minhas botas golpeando o passeio. A respiração me queimava e apunhalava. Não pare, dizia uma voz em minha mente. Ela está lá, continue em frente. Está quase chegando agora. Corra. Ofeguei por ar, diminuindo a velocidade. Chegando à escada sul, comecei a subir os degraus, pendurando-me ao corrimão. Parecia um século, desde que havíamos subido aquela escada juntos: um milhão de anos, desde que a encontrara na praia. Ela está lá, insistia a voz. Corra. Ela está lá.

A porta da varanda. Empurrei-a, gemendo pelo esforço, esgueirei-me para dentro e tomei a direção do corredor lateral. Ela está lá, esperando em seu quarto. Exatamente como eu tinha lido. Minhas botas ecoavam nas tábuas do piso. Tudo começava a embaciar à minha volta. “Novembro, 1896”, murmurei, ansiosamente. "É novembro, 1896.” Fiz a volta para o Átrio Aberto e corri ao longo da calçada. Ela está lá, disse a mim mesmo. O embaciamento era provocado pelas lágrimas em meus olhos, percebi, quando uma delas me rolou face abaixo.

— Ela está lá — murmurei. — *Lá!*

Fiz a volta e entrei na sala de estar, cheguei quase aos tropeções à sua porta e caí contra ela, batendo.

— Elise!

Esperei, procurei ouvir, com o coração latejando em meus ouvidos. Tornei a bater.

— *Elise?*

Não ouvi nenhum som no interior. Engoli em seco, apertei o ouvido direito contra a porta. Elise *tinha* de estar lá dentro. Devia estar dormindo, então. Acordaria num instante, correria à porta e a abriria. Bati de novo, mais e mais. Ela ia abrir a porta, estaria em meus braços; a minha Elise. Não podia ter ido embora. Não, depois daquela carta. Ela está correndo agora para a porta. Agora. Agora. *Agora.*

— Deus!

O pensamento me varou de lado a lado, num segundo. *Ela fora embora.* Robinson a convencera a ir. Nesse momento, Elise estaria a caminho de Denver; eu nunca mais a veria.

Todas as forças me abandonaram naquele momento. Virando-me, caí de costas contra a porta e depois escorreguei lentamente até o tapete e lá fiquei, olhando para o borrão diante de meus olhos. Apertei as duas mãos contra o rosto e comecei a chorar.

Da mesma forma como tinha chorado, uma vida inteira antes, naquele quente e abafado quartinho do porão. Só que, então, havia chorado de felicidade, também de alívio e alegria, sabendo que ia alcançá-la no tempo. Agora chorava de amargura, de indescritível infelicidade, sabendo que nunca mais a alcançaria. Agora, que o tempo fizesse o que bem entendesse. Não importava mais em que ano eu morreria. Nada mais importava. Eu havia perdido Elise.

— *Richard!*

Ergui os olhos de repente, atordoado demais para reagir. Literalmente, não podia acreditar no que via, quando ela atravessou a sala de estar, quase correndo.

— Elise.... — Tentei levantar-me, mas não tinha forças nas pernas e braços. — Elise! — exclamei.

Ela chegou até mim e ficou de joelhos e nós dois nos abraçamos, apertadamente, desesperadamente.

— Meu amor, meu amor — sussurrou ela. — Oh, meu *amor!*

Enterrei o rosto em seus cabelos, apertando-o contra sua quentura sedosa e perfumada. Ela *não* fora embora. Tinha esperado por mim, afinal. Beijei-lhe os cabelos, o pescoço.

— Oh, Deus, Elise. Pensei que a tivesse perdido.

— Richard. *Amor!*

Ela recuou a cabeça de repente e nos beijamos; seus lábios macios moviam-se sob os meus. Elise afastou o rosto, ofegante, e uma súbita expressão de ansiedade lhe deixou o rosto tenso, quando tocou minha face.

— Você está machucado — disse ela.

— Estou bem, muito bem...

Sorri para ela, levei-lhe as mãos aos lábios e as beijei.

— O que lhe aconteceu? — perguntou ela, com o rosto adorável ainda tenso de preocupação.

— Deixe-me apenas abraçá-la — pedi.

Elise apertou-se contra mim e, mais uma vez, ficamos fortemente enlaçados, enquanto ela me afagava os cabelos com os dedos.

— Richard, meu Richard!

Contraí-me, quando ela tocou o inchaço atrás de minha cabeça. Elise conteve o fôlego e tornou a afastar o rosto, agora com uma expressão de perplexidade.

— Santo Deus, o que houve com você? — perguntou ela.

— Eu fui... levado — respondi.

— Levado?

— Raptado. — Tive que sorrir, àquela palavra. — Está tudo bem, tudo bem — disse eu, afagando-lhe o rosto.

— Sinto-me ótimo. Não se preocupe.

— Pois eu estou preocupada, Richard. Você foi agredido. Seu rosto está machucado, com equimoses.

— Pareço tão terrível assim?

— Oh, meu amor! — Ela colocou as duas mãos nas minhas faces e me beijou os lábios, delicadamente. — Para mim, você é a visão mais bela do mundo!

— Elise... — Eu mal conseguia falar.

Ficamos abraçados, e eu lhe beijei o rosto, o pescoço, os cabelos. Ri de repente; meu riso era um som entrecortado.

— Devo estar com uma aparência horrível — disse eu.

— Não, não. Apenas, estou preocupada com você.

Ela me devolveu o sorriso, quando deslizei um dedo por sua face, enxugando suas lágrimas quentes.

— Vamos lá para dentro — disse Elise. — Deixe-me pôr uma compressa em seu rosto.

— Estou muito bem — repeti.

Não havia dor no mundo que tivesse o poder de angustiar-me agora.

Eu tinha o meu amor novamente.

21 de novembro de 1896

Ela havia apanhado meu casaco para escová-lo, pois estava cheio de terra e areia já secas. Agora, sem a gravata, eu me sentava no sofá de sua sala e a contemplava com olhos de adoração, enquanto me lavava delicadamente as mãos e o rosto com água morna. Contraí-me, quando Elise me tocou a mão direita; e, baixando a cabeça, pela primeira vez vi a que ponto ficara machucado, com os nós dos dedos esfolados.

— O que andou fazendo? — perguntou, penalizada.

— Esmurrei alguém — respondi.

Sua expressão ficou cada vez mais sombria, ao lavar-me a mão com infinitos cuidados.

— Richard — disse por fim —, quem... o levou?

Percebi sua tensão.

— Dois homens — respondi.

Vi o movimento de sua garganta, quando engoliu com dificuldade. Ergueu então o rosto, revelando as doces feições graves e pálidas.

— Por ordem de William? — perguntou, baixinho.

— Não — respondi sem vacilar, tranqüilizando-a e surpreendendo a mim mesmo.

Por que o protegia? Talvez, naquele momento — foi o que me ocorreu —, falasse assim para não aborrecê-la e angustiá-la, pois o sentimento entre nós era belo demais para ser destruído. Elise me fitava com a expressão que eu tão bem recordava, carregada do intenso desejo de saber.

— Está dizendo a verdade? — perguntou.

— Estou — respondi. — Saí para dar uma volta, durante o primeiro intervalo, e aqueles... dois homens decidiram assaltar-me, suponho. — Uma pontada de receio imobilizou-me nesse instante: teria ela visto o dinheiro, intocado, que eu tinha no bolso? — Então, creio que resolveram amarrar-me num chalé, para ter tempo de fugir, antes que eu contasse à polícia.

Eu sabia que Elise não acreditava em mim, porém era preciso continuar com a encenação. Robinson era ainda muito importante para sua vida profissional, e ela ficaria tremendamente consternada, se fosse forçada a pensar nele em termos de traição, após todos aqueles anos. Além do mais, o que ele *fizera* fora pensando no bem-estar dela, uma preocupação sincera, embora disfarçando outros sentimentos.

Talvez também eu agisse dessa maneira porque, no fundo de minha mente, aninhava-se o conhecimento de que ele pereceria no *Lusitania,* sem que sua adoração por Elise fosse jamais retribuída. Afinal, eu não estava bem certo. Sabia apenas que a imagem de seu empresário não devia ficar desacreditada por tão cruel revelação. Pelo menos, jamais ficaria sabendo por mim.

— Quer dizer que não foi ele — murmurou Elise.

Era evidente que procurava convencer-se disso. Obviamente, não queria acreditar que Robinson fosse culpado e, compreendendo isso, fiquei satisfeito por haver-lhe mentido. Nosso reencontro não devia ser poluído por tal revelação.

— Não, não foi — respondi, conseguindo esboçar um sorriso. — E, se fosse, eu não o censuraria.

Ela sorriu também, de modo superficial.

— Pois eu estava certa do contrário — disse ela. —Tivemos uma forte discussão, antes de ele partir. A maneira como insistia em que você não ia mais voltar fez-me crer que tinha algo a ver com isso. Para que se fosse sem mim, precisei ameaçá-lo com o rompimento de nosso relacionamento comercial.

— E sua mãe?

— Ela continua aqui. — Minha reação a isso deve ter transparecido no rosto, porque ela sorriu e me beijou a mão suavemente. — Está em seu quarto, dormindo, depois de tomar um sedativo — acrescentou, em tom de contido divertimento. — Também isso foi uma cena e tanto!

— Tenho feito coisas terríveis a você — disse eu.

Rapidamente, ela deixou a compressa na bacia de água, em cima da mesa, e apertou-se contra mim, descansando a cabeça em meu ombro, com o braço direito passado por meu peito.

— Você fez a coisa mais maravilhosa que alguém já me fez, a vida inteira — disse ela. — Trouxe-me amor.

Inclinando-se para diante, beijou minha mão esquerda, esfregando depois o rosto contra ela.

— No segundo ato, quando olhei para a platéia e vi a sua cadeira desocupada, pensei que se atrasara por alguma coisa de menos importância. Então, à medida que o tempo foi passando e você não aparecia, cada minuto me deixava

mais nervosa. — Seu riso suave refletia uma certa angústia.

— A platéia deve ter-me julgado louca, pela maneira como fiquei olhando para os assistentes, algo que jamais sonhei fazer, em circunstâncias normais. Minha memória se embacia, quando procuro lembrar como me saí no terceiro e quarto atos. Imagino que tenha dado a aparência de um verdadeiro autômato.

Tornou a rir, debilmente, entristecida.

— Sei que o elenco me achou estranha, pela maneira como fiquei espiando através da cortina, durante os intervalos. Cheguei a mandar Marie à sua procura, pensando que tivesse passado mal e ido para seu quarto. Quando ela voltou, dizendo que não o encontrara, fiquei em pânico. Eu sabia que, se tivesse partido, você não iria embora sem deixar um bilhete para mim. Entretanto, não havia qualquer nota. Havia apenas Robinson, dizendo que você se fora para sempre, porque ele ameaçara desmascará-lo como um caçador de fortuna.

— Ah! — exclamei, erguendo os olhos para o alto.

William não estava precisamente facilitando a minha tarefa de proteger seu nome. Não obstante, isso era um fato consumado. Não valia a pena provocar sofrimentos agora.

— Pode imaginar-me tentando representar uma comédia, pensando em tudo isso? — perguntou Elise. — Tenho certeza de que foi o mais pavoroso desempenho de minha carreira. Se a platéia tivesse possibilidade de comprar tomates, eu lhe garanto que os teria jogado em mim.

— Pois eu aposto como esteve magnífica — disse eu.

— Ah, não! — Endireitando-se, ela olhou para mim e afagou-me o rosto. — Oh, Richard, se o perdesse... — após todos estes anos de espera... depois da maneira como nos conhecemos, numa situação tão estranha, esforçando-me para compreendê-la... — Se o perdesse depois de tudo isso, não conseguiria sobreviver!

— Eu a amo, Elise — disse eu.

— E eu o amo — respondeu ela. — Richard. Meu... — seu beijo foi docemente terno em meus lábios. Foi a minha vez de rir, tornando a recordar o que sofrera.

— Se você me visse — disse eu — atirado num chalé escuro como breu, amarrado tão apertadamente que mal podia respirar. Abri a porta a pontapés e depois lutei para afrouxar as cordas. Por fim, consegui tirá-las pelas pernas e passei a esfregar as cordas do tórax contra uma quina de argamassa. Depois, corri para o hotel como louco. Vi que seu vagão já tinha ido, não encontrei ninguém em seu quarto... — Eu já não ria, e havia apenas o sofrimento recordado.

Abracei-a e ficamos enlaçados, como crianças amedrontadas, que se reencontram após longas, terríveis horas de separação. De repente, recordando algo, ela se levantou e atravessou o quarto. Pegou um pequeno embrulho de sobre a escrivaninha, trouxe-o e o estendeu para mim.

— Com o meu amor — disse ela.

— Eu é que devia dar-lhe presentes! — retruquei.

— Você os dará.

A maneira como Elise disse isso encheu-me de súbita alegria, e tive uma visão de anos futuros, relampejando através de minha mente. Abri o embrulho e encontrei uma caixa de couro vermelho. Ergui a tampa e, no interior, vi um relógio de ouro, preso a uma corrente. Contive o fôlego.

— E então, gosta? — perguntou ela, como uma garotinha ansiosa.

— *É* lindo — respondi.

Suspendi-o pela corrente e olhei para a face metálica, delicadamente gravada em torno da borda, e em cujo centro havia figuras, também gravadas, semelhantes a flores e desenhos espiralados.

— Abra — disse ela.

Comprimi o botão e a face metálica saltou.

— Ah, Elise! — exclamei.

O mostrador é branco, com solenes algarismos romanos ao redor da borda, acima dos quais há os correspondentes algarismos arábicos, pequeninos e vermelhos. Na metade inferior há um circulo em miniatura, numerado, com o ponteiro dos segundos não mais espesso que um fio de cabelo. Um relógio fabricado por Elgin, com um peso e substância típicos de sua época.

— Deixe-me dar corda nele para você, amor — disse ela.

Sorrindo, estendi-lhe o relógio e fiquei olhando, enquanto ela apertava uma diminuta mola na parte inferior e acertava os ponteiros, após uma espiada através do quarto; faltavam quase quinze minutos para a uma. Feito isso, tornou a empurrar a pequenina mola e deu corda, com o rosto concentrado, tão encantadora naquela postura, que me vi impelido a inclinar-me e beijar sua nuca. Ela estremeceu e apertou-se contra mim. Depois, virando-se, entregou-me o relógio, com um sorriso meigo.

— Espero que goste — disse ela. — Foi o melhor que encontrei, em tão pouco tempo. Prometo dar-lhe o melhor relógio do mundo, assim que o conseguir.

— Este é o melhor relógio do mundo respondi. —Nunca vou querer outro. Obrigado.

— Eu é que agradeço — murmurou ela.

Levei o relógio ao ouvido, deliciado com seu vivo e eficiente tique-taque.

— Coloque-o — disse ela.

Apertei a face metálica e ela se encaixou no lugar com um estalido. O estremecimento de Elise sobressaltou-me.

— O que foi? — perguntei.

— Nada, amor.

— Não, diga-me o que foi.

— Bem — ela pareceu embaraçada. Se você apertar o botão da corda, quando fechar a tampa... — Elise não terminou.

— Sinto muito — respondi.

Estava desconcertado por essa nova recordação de quanto eu era falho, mesmo nos mais simples detalhes existentes em 1896.

Quando comecei a colocar o relógio e a corrente no colete, ocorreu-me pensar como era apropriado, embora sem saber, o fato de Elise haver-me presenteado o único objeto que se associava mais intimamente ao tempo. Não consegui colocá-lo. Ergui os olhos, com um sorriso contrafeito.

— Acho que sou desajeitado demais — disse eu.

Rápida, ela me desabotoou um dos botões do colete e passou a corrente pela abertura, de maneira que o obstáculo mantinha o relógio no lugar. Ela devolveu meu sorriso e depois olhou para o estojo.

— Você não leu o meu cartão — disse.

— Ah, desculpe-me! Não o tinha visto.

Tornei a abrir o estojo e vi um cartão preso com alfinete ao lado interno da tampa. Removendo-o, li as palavras escritas por ela, em sua graciosa caligrafia: "E o amor, muito amado, fala manso".

Estremeci, de maneira incontrolável. *Suas palavras, quando moribunda;* o pensamento me atormentou. Tentei dominar-me. Ela notou a mudança.

— O que foi, amor?

— Nada — menti, mas sem grande sucesso.

— Não. Houve alguma coisa. — Ela pegou minha mão e olhou gravemente para mim. — Diga-me o que é, Richard.

— Foi a frase — respondi. — Deixou-me comovido.

Senti que o ambiente começava a ficar carregado.

— De onde a tirou? — insisti. — Ou você a criou?

Elise meneou a cabeça, e vi que, também ela, lutava contra um senso de pressentimento.

— Faz parte de um hino. Já ouviu falar de Mary Baker Eddy?

O que eu poderia dizer? Antes mesmo que me decidisse, ouvi minha voz, respondendo:

— Não. Quem é ela?

— A fundadora de uma nova religião, conhecida como Ciência Cristã. Ouvi o hino em um culto a que compareci certa vez. Ela própria o compôs. Nunca lhe direi que você se enganou com as palavras, pensei. E nunca, *nunca* lhe recordarei quais são as restantes.

— Conheci-a depois do culto — explicou Elise.

— Conheceu-a? — perguntei, surpreso.

Procurei controlar-me em seguida. Se nunca tinha ouvido falar na sra. Eddy, como poderia mostrar surpresa por Elise a ter conhecido?

— Foi há cerca de cinco anos — continuou ela. Se percebera meu disparate, e estou certo de que percebeu, preferiu fingir o contrário. — Ela estava com setenta anos naquela época, no entanto... — Se eu tivesse o magnetismo daquela mulher, Richard, seria a maior atriz do mundo. A sra. Eddy tinha a mais admirável presença que já vi numa mulher — ou num homem. Conseguia manter a congregação arrebatada, presa às suas palavras. Era de constituição franzina, não treinara a voz profissionalmente, mas sua presença, Richard, sua *presença!* — Fiquei cativada. Tudo desapareceu da minha vista, exceto aquela figurinha no púlpito. Ignorei todo e qualquer som que não fosse o de sua voz.

Compreendi que Elise se alongara porque ainda se sentia inquieta com a minha atitude e, querendo pôr um ponto final naquilo, passei os braços em torno dela, apertando-a contra mim.

— Adorei o relógio — disse eu. — E amo a pessoa que o deu para mim.

— A pessoa o ama — disse ela, em voz quase tristonha. Forçou então um sorriso. — Richard?

— Sim?

— Você não me acharia terrível se... — Interrompeu-se, e fiquei sem saber o que esperar.

— Se... — insisti.

Ela hesitou, parecendo constrangida.

— Diga, Elise.

Sorri quando falei, mas senti uma lenta contração no estômago. Ela pareceu animar-se.

— O amor deixa-me fraca — disse ela.

Fiquei ainda sem entender e esperei, apreensivo.

— Mandei que trouxessem antes para cá biscoitos, queijo, frutas... — acrescentou, olhando para o canto do aposento.

Vi então que lá havia um carrinho com pratos cobertos e uma garrafa de vinho, que assomava de um balde de prata. Nada tinha notado antes. Ri, aliviado.

— Quer dizer que está *com fome?* — perguntei.

— Sei que nada tem de romântico — disse ela, embaraçada —, mas sempre tenho fome, após uma representação. E agora, que não estou mais cheia de nós por dentro, sinto-me duplamente faminta. Você me perdoa?

Puxei-a contra mim, tornando a rir.

— Quer que a perdoe por *isso?* — exclamei. Beijei-lhe o rosto. — Muito bem, vamos alimentá-la. E já que falamos nisso, *também* estou faminto. Todos os últimos contratempos contribuíram para me abrir o apetite.

Elise ofereceu-me um amplo e envolvente sorriso. Apertou-me com tanta força, que cheguei a gemer.

— Oh, eu o amo! — exclamou ela. — E sou tão feliz, que poderia desaparecer num lampejo! — Em rápida sucessão, beijou-me quatro vezes ao redor dos lábios e então recuou. — Quer acompanhar-me numa tardia, muito tardia ceia, caro sr. Collier?

Tenho certeza de que meu sorriso transbordava de adoração.

— Tenho que consultar a minha agenda de compromissos — respondi.

Ela tornou a apertar-me, agora tão forte, que emiti um som sibilante, tal a dor que senti.

— Ah! — Ela recuou bruscamente. — Eu o machuquei?

— Se é tão forte quando tem fome — disse eu —, o que não acontecerá, depois que comer?

— Espere e verá — murmurou ela, com um leve sorriso bailando nos lábios.

Levantou-se e estendeu a mão. Levantei-me também e caminhei com ela até o carrinho. Depois puxei uma cadeira, para que se sentasse.

— Obrigada, amor — disse ela.

Sentei-me do outro lado e fiquei olhando, enquanto ela descobria os pratos, que revelaram uma boa quantidade de biscoitos, queijo e frutas.

— Quer abrir o vinho? — pediu ela.

Tirei a garrafa do balde e li o rótulo.

— Como? Não é *bordeaux* tinto, sem gelar? — exclamei, sem pensar.

Seu rosto ficou tenso, a pele estirada sobre os malares, e ela pareceu recuar na cadeira.

— O que foi? — perguntei.

Tentei dar um tom natural à voz, mas a expressão de seu rosto me angustiou.

— *Como sabe qual é o meu vinho predileto?* — perguntou ela. — Somente minha mãe sabe. Não contei a ninguém, nem mesmo ao sr. Robinson.

Durante alguns instantes, tentei encontrar uma resposta, mas então compreendi que não havia nenhuma. Estremeci, quando ela desviou os olhos dos meus.

— Por que sinto medo de você? — murmurou ela.

— Não, Elise! — Inclinei-me sobre o carrinho, mas ela não aceitou minha mão. — Não tenha medo; por favor, não tenha medo. Eu a amo. Jamais lhe faria mal algum! — Como a dela, minha voz era trêmula e fraca. — Não tenha *medo,* Elise!

Ela me olhou, e, para meu tormento, vi que *havia* medo em seu rosto. Elise não conseguia disfarçá-lo.

— Eu lhe direi tudo, quando chegar o momento oporturno — disse eu. — É uma promessa. Apenas não quero alarmá-la agora.

— Pois já me alarmou, Richard. Certas coisas que diz... Certas expressões que noto em seu rosto... Tudo me amedronta. — Estremeceu. — Eu quase poderia acreditar... — Interrompeu-se, esboçando um sorriso forçado.

— O quê?

— Que você não é inteiramente humano.

— Elise! — Meu riso também saiu forçado. — Sou humano até demais. — Engoli em seco. — O que não posso dizer-lhe é... é o lugar de onde vim; pelo menos, por enquanto. Nada há de terrível nisso — acrescentei rapidamente, ao perceber que a expressão de seu rosto tornava a modificar-se. — Já lhe expliquei isso. Não é nada de terrível, em absoluto. Apenas... bem, acho que seria errado contar-lhe agora. Estou tentando protegê-la. E a mim também.

A maneira que me fitou fez-me recordar as palavras de Nat Goodwin sobre seus enormes olhos cinzentos, mergulhando nos de outra pessoa "como se pudessem penetrar até o recesso da própria alma".

— Eu a amo, Elise disse eu. — Sempre a amarei. O que mais posso dizer?

Ela suspirou fundo.

— Tem certeza de que não pode contar?

— Tenho — respondi. — Tinha *certeza* disso. — Não por enquanto.

Ela tornou a ficar calada pelo que me pareceu uma eternidade, antes de voltar a falar.

— Está bem — disse, por fim.

Eu gostaria de poder descrever a onda de sentimentos que experimentei, após ouvir suas palavras. Na verdade, ignorava quanto significava para ela, mas pude sentir que talvez fosse a mais difícil resignação que já tivera que enfrentar na vida.

— Obrigado — respondi.

Servi um pouco de vinho para nós, ela me passou queijo e biscoito. Comemos em silêncio durante quase um minuto, pois eu queria dar-lhe tempo suficiente para acostumar-se à idéia.

— Tenho vivido muitos anos numa encruzilhada, Richard — disse ela finalmente. — Compreendi que devia livrar-me de quaisquer idéias românticas, dedicando-me inteiramente à minha carreira. O homem que sempre esperara não dava sinais de aparecer. — Largou o copo e olhou para mim. — Então, *você* apareceu. De repente. Misteriosamente.

Baixou os olhos para as mãos.

— Meu maior receio — prosseguiu — é ficar dominada por esse... *mistério.* Sinto tal ameaça a cada instante! Ainda agora, sua aparência, suas maneiras me parecem tão enfeitiçadoras, que receio nunca chegar a conhecê-lo, não saber o que você é realmente. Daí a minha agonia ante seu segredo. Respeito sua vontade e acredito que tenha em mente o meu bem. No entanto... — Sua mão esboçou um gesto de impotência. — Como agiremos? Quando começaremos a conhecer-nos de verdade? — exclamou ela. — É como se, em você, eu tivesse conseguido dar vida às minhas fantasias mais íntimas, como se meus sonhos mais secretos se concretizassem. Estou intrigada e fascinada, mas não posso basear minha vida apenas nessas emoções. Não quero ser uma Lady de Shalott, vendo o amor somente como um reflexo em meu espelho. Eu quero ver *você,* quero também *saber* quem é. Como quero que me veja e saiba quem sou, completamente e sem ilusões. Não sei de que modo é com você; não sei se me estará vendo através do mesmo halo de fascínio em que o vejo. *Somos pessoas reais, Richard.* Temos vidas reais e devemos resolvê-las de maneira realística, se quisermos partilhá-las.

Apesar da inquietação que transmitia, foi tranqüilizador descobrir que ela estivera tendo os mesmos pensamentos que eu. Preferi calar-me a esse respeito no momento, temendo que Elise me julgasse um repetidor mecânico. Assim, limitei-me a responder:

— Concordo com você.

— Por exemplo — continuou ela —, no tocante à minha carreira. Pediria que eu renunciasse a ela?

— *Renunciar?* — exclamei, fitando-a com espanto. — Posso estar louco de amor, Elise, mas não completamente fora de mim. Privar o mundo do que você tem a oferecer? Deus meu, eu jamais pensaria nisso. Você é magnífica!

Seu alívio, contudo, não me pareceu completo.

— Desejaria, então, que eu representasse exclusivamente suas peças?

Agora, tive de rir.

— *Elise!* — censurei. Estava me divertindo, mas devo ter parecido ou soado crítico, porque ela ficou surpresa. — Então, durante todo esse tempo, pensava que por trás de cada palavra, de cada ato meu, escondia-se a egoísta ambição de um escritor teatral faminto?

O remorso transpareceu imediatamente em seu rosto. Ela se inclinou sobre a mesa, de súbito, e eu lhe segurei a mão.

— Ah, amor, perdoe-me! — disse ela.

Sorri para ela.

— Nada há para perdoar. São assuntos que devemos discutir. Nada deve ficar oculto entre nós. Francamente, eu lhe direi que, neste momento, não sei como vou ganhar a vida, mas não será com peças que esperaria vê-la representando, fique certa disso. Talvez nunca mais escreva outra peça, mas livros, em vez disso. Eu *posso* escrever... razoavelmente bem.

— Estou certa disso — respondeu ela. — Só que...

— Sim? — perguntei, ao vê-la interromper-se.

Seus dedos apertaram os meus, lentamente.

— Seja o que quer que faça — disse — e seja de onde quer que tenha vindo, agora que está aqui — fitou-me, com olhos ansiosos —, *por favor, não me deixe!*

O ar estava quase estático enquanto caminhávamos ao longo da praia, com meu braço em torno de sua cintura.

— Estou lhe dizendo que devemos ser realista —disse ela —, mas, no entanto, continuo apegada ao toque fantasista de tudo isso. Sou terrivelmente errática, não, Richard?

— Não — respondi —, claro que não. *Há* um toque fantasista em nosso relacionamento. Também eu o sinto. É como um sonho.

Ela se inclinou para mim, deixando escapar um suspiro.

— Espero nunca ter que acordar — disse ela.

Sorri.

— Não acordaremos.

— Eu sonho *realmente* com você — disse ela. — Dormindo e acordada. Procurei convencer-me de que era apenas a concretização de alguma ânsia íntima, porém isso não me impediu de continuar sonhando. Procurei convencer-me de que era apenas uma reação à profecia da velha índia, depois à predição de Marie. Mesmo nos últimos dias, quando esperava por você conscientemente, esperando vê-lo a cada vez que passeava na praia, disse para mim mesma que tudo não passava de imaginação. Entretanto, não conseguia forçar-me a acreditar nisso.

— Fico satisfeito por não ter acreditado.

— Ah, Richard! — exclamou. — Qual é o mistério que nos reuniu? Quero saber e, ao mesmo tempo, não quero; em verdade, surpreende-me essa tolice de querer descobrir o que seja. Por que deveria saber? O que pode ser mais importante que estar com você? Como poderá algo significar mais que meu amor por você, o seu amor por mim?

Suas palavras fizeram desaparecer todas as minhas ansiedades.

— *Nada mais* importa, Elise. Todo o resto pode esperar.

— Sim! — exclamou, com ardor. — Sim, que o resto espere!

Paramos e ficamos frente a frente. Abraçamo-nos, eu a beijei, e tudo o mais perdeu a importância. Até que o beijo terminou.

— Não — disse ela de repente, com graciosa severidade. — Se terei de ser a sra. Richard Collier, insisto em que você saiba quem é a terrível pessoa com quem irá se casar.

— Diga-me. — Procurei imprimir a mesma consternação dela às minhas palavras. — Ah, fale de novo, anjo radioso!

Estremeci, depois ri, quando ela me beliscou o braço.

— Acho melhor encarar a situação com seriedade, rapaz — disse ela, em tom de brincadeira, embora eu sentisse que, no fundo, também falava sério. — Sem dúvida, acha que só terá momentos felizes pela frente.

— E não é verdade?

— *Não.* — Apontou para mim sinistramente. — Você vai ser o marido de uma louca perfeccionista, que o deixará maluco. — Conteve o inicio de um sorriso travesso, que ameaçava desmentir o que dizia. — Compreenda, meu amigo, eu tinha até um esquema para meu futuro casamento! Um *esquema!* Cada detalhe desse casamento planejado evoluía em minha mente, da mesma maneira que um arquiteto faz a planta de uma casa. — O sorriso maroto escapou. — Uma casa que desabaria em seguida, tenho certeza, supondo-se que chegasse a ser construída.

— Continue — pedi.

— Muito bem.

Ela ergueu o queixo e me fitou austeramente. Lady Barbara? Ou seria Lady Macbeth?

— Estou muito envolvida no papel de mulher em nossa sociedade — declarou.

Elise deu-me um leve soco no braço.

— Pois preste atenção agora — disse, fingindo-se de autoritária.

— Sim, senhora.

— Continuando; não acredito que o papel social da mulher deva ser tão limitado.

— Nem eu — concordei.

— Está sorrindo!

— Porque a adoro, não por discordar de você.

— Você...? — Interrompendo-se, ela tornou a olhar para mim. — O quê?

— Acha mesmo que as mulheres devem...?

— ...reivindicar sua liberação? Claro que acho. Não apenas acho, mas sei que, no final, conseguirão o que pretendem.

Pensei que, finalmente, trazia comigo uma atitude "daquele outro tempo" que continha algum valor.

— Ah, céus! — exclamou ela.

Esperei. Pouco depois, ela começou a apertar os olhos, e uma expressão de tão adorável suspeita estampou-se em seu rosto, que precisei apelar para toda a minha força de vontade, a fim de não explodir em riso.

— De qualquer modo, o único papel da mulher é encontrar um marido e obedecer-lhe — declarou ela. Não era uma afirmativa; queria testar-me. — O único papel da mulher é dar prosseguimento à raça. — Calou-se por um instante. — Não é verdade?

— Não.

Ela me observou, em desconfiado silêncio. Por fim, suspirou, como que entregando os pontos.

— Sem dúvida, você é mesmo diferente, Richard.

— Aceito a diferença, desde que a faça amar-me mais — respondi.

A expressão de seu rosto não se alterou.

— Eu *devo* amá-lo, realmente — disse ela, em tom de perplexidade. — Só poderia falar tão francamente com alguém a quem amasse. Sei que é verdade.

— Ótimo — assenti.

— Na realidade, jamais alguém chegou a conhecer-me — continuou ela. — Nem mesmo minha mãe. No entanto, você já viu tão profundamente dentro de mim que... — Meneou a cabeça. — Ah, eu mal posso acreditar!

— Eu a compreendo, Elise — disse eu.

— Acredito que compreenda — respondeu ela, em voz fraca e incrédula.

Caminhamos um trecho em silêncio, depois paramos e ficamos contemplando Point Loma e o relampejar periódico do clarão do farol, por sobre o mar. Após um momento, ergui os olhos para o círculo prateado da lua e as estrelas que salpicavam o céu como diamantes. Nada pode haver de mais belo do que isso, pensei. O céu nada mais tem a oferecer.

Como se pudesse ler meu pensamento, ela se virou de repente e deslizou o braço em torno de mim, apertando-me contra si.

— Quase chego a temer tanta felicidade — disse ela. Coloquei as mãos em cada uma de suas faces e inclinei-lhe o rosto para trás. Quando ela me fitou, vi que havia lágrimas em seus olhos.

— Nunca mais deve temer — disse eu. Abaixando-me, beijei suas lágrimas quentes e as provei. — Eu sempre a amarei.

Com uma trêmula respiração, Elise abraçou-se a mim.

— Esqueça o que falei sobre mulheres — murmurou ela. — Não, não estou querendo que esqueça. Apenas, lembre-se de que é somente parte do que sinto e preciso. A outra parte é o que estou sentindo agora, a parte que não foi realizada durante muito, muitíssimo tempo. Eu fingia ignorar o que fosse, mas sempre soube o que era. — Senti seus braços apertarem-se contra minhas costas. — Tratava-se da minha natureza de mulher, que permaneceu sem ser alimentada; ela estava *faminta,* Richard.

— Não estará mais — afirmei.

Demos meia-volta e nos encaminhamos para o hotel. Era como se soubéssemos por que retornávamos a ele. Agora não havia mais palavras, e caminhamos em silêncio, presos um ao outro. Estaria seu coração pulsando tão forte quanto o meu? Não sei dizer. Eu sabia apenas — e ela também, tenho certeza — que agora não importava que tipo de mistério nos unira, não importava se eu era alguma fantasia sua profundamente arraigada e então concretizada ou vice-versa. Como dissera Elise, bastava que estivéssemos juntos, partilhando aqueles momentos. Porque, seja o que for que a mente possa falar, sempre chega aquele momento em que o coração fala mais alto. E nossos corações falavam agora, e era impossível negar a ordem que davam.

À nossa frente, a silhueta maciça do hotel delineou-se contra o céu escuro. Incrivelmente, duas nuvens brancas pairavam acima dele. Eu disse incrivelmente, porque as nuvens tinham forma, assemelhando-se a duas enormes cabeças de perfil.

— A da esquerda é você — disse eu.

Tinha certeza de que ela também vira as cabeças e compreendia o que eu lhe falava.

— Sim, *sou* eu — afirmou. — Há estrelas em meus cabelos. — Inclinou a cabeça contra mim, enquanto caminhávamos. — E da direita, naturalmente, é você.

Durante todo o resto de nosso silencioso projeto de volta, ficamos contemplando as cabeças gigantescas, fantásticas, suspensas acima do contorno do telhado do hotel: a de Elise e a minha.

Quando chegamos ao quarto dela, ainda sem uma palavra, Elise tirou a chave da bolsa e a estendeu para mim, com um sorriso beatifico e sonhador. Abri a porta e entramos. Fechei-a, tornei a trancá-la e me virei para Elise. Ela deixara o xale escorregar para o chão e apertava-se contra mim. Ficamos muito quietos e abraçados.

— Estranho — murmurou ela.

— O quê, amor?

— Isso, de eu entregar-lhe a chave, sem mesmo recear que você ficasse chocado com meu gesto. Nem mesmo pensei em tal coisa.

— Não há nada para pensar — respondi. — Sabe que nunca a deixaria passar esta noite sozinha.

— Sim, eu sei — murmurou. — Não suportaria passá-la sozinha.

Puxando os braços, deslizou-os por meu peito e os enroscou ao redor de meu pescoço. Apertei-a estreitamente, e nosso beijo foi o de um homem e uma mulher que se aceitam sem reservas, entregando corpo e alma.

Ela se manteve apertada contra mim, sussurrando palavras que pareciam escapar-lhe dos lábios em acalorada torrente.

— Ontem, quando você foi ao meu encontro na praia, pensei que ia morrer... em verdade, morrer. Não podia falar nem podia pensar. Meu coração batia tão forte, que mal conseguia respirar. Desde que vi a praia, lá fora, fiquei atormentada e comecei a pensar em sua possível vinda. Estive nervosa, inquieta, irritadiça, começava a chorar, depois reprimia as lágrimas. Derramei mais lágrimas nesta semana que em toda a vida. Movimentei-me, exauri-me no trabalho, procurando esquecer. Movimentei e exauri de trabalho toda a companhia; estou certa de que julgavam que eu estivesse perdendo o juízo. Sempre fui tão controlada antes, tão segura de mim, tão serena... Não foi assim esta semana. Ah, Richard, tenho agido como louca, uma verdadeira *louca!*

Seus lábios queimavam sob os meus. Senti que ela me aferrava a cabeça, os dedos engalfinhavam-se em meus cabelos. Elise recuou, respirando ofegante, com expressão temerosa.

— Está tudo tão sufocado dentro de mim — disse ela —, que receio desabafar o que sinto!

— Não tenha receio — disse eu.

— Pois eu *tenho.* — Apertou-se contra mim, em desespero. — Ah, amor, meu querido amor! Sim, eu *tenho* medo. Receio que isso o consuma. É tão baixo, tão...

— *Não* é baixo — disse eu —, mas perfeitamente natural; belo e natural. Não deve reprimir-se. Desabafe, da maneira que seu coração deseja — beijei-lhe o pescoço —, bem como o seu corpo.

Sua respiração era agitada, de encontro ao meu rosto.

— Ah, *Deus!* — sussurrou.

Estava, literalmente, terrificada. Algo vulcânico em seu íntimo ameaçava explodir, e ela temia liberá-lo, imaginando-o destrutivo.

— Não quero chocá-lo, Richard. E se isso o esmagar? É tão poderoso, tão *forte!* Nunca deixei que ninguém percebesse o menor indício. É como uma terrível inanição a que me submeti durante a vida inteira. — Afagou-me o rosto com mãos trêmulas. — Não quero devorá-lo vivo com isso. Não quero repeli-lo ou...

Calei suas palavras com um beijo. Ela se aferrou a mim, como alguém que estivesse se afogando. Parecia incapaz de normalizar a respiração e tremia descontroladamente, de modo convulsivo.

— Desabafe — disse eu. — Não fique temerosa por isso e nem pense que eu ficarei. Não é nada que deva ser temido. É uma coisa linda, Elise. É você! Você como mulher. Deixe que essa mulher que há em seu intimo se liberte. Solte-a. Desate-a... para que possa apreciá-la. *Alimente-se,* Elise. Não continue faminta. O que sente nada tem de chocante e não é repugnante, mas maravilhoso... um milagre. Não se prenda, nem mais um momento. Ame, Elise! *Ame!*

Ela começou a chorar, e gostei disso, pois significava liberação. Abraçou-me com força, soluçando, respirando em arquejos irregulares. Senti que Elise começava a desabafar, após todos aqueles anos de duro confinamento. Afinal, abria a porta daquela masmorra subterrânea em que aprisionara sua natureza. Tão deslumbrado me achava por sua liberação, que poderia ter chorado com ela. As lágrimas lhe fluíam pelas faces, numa torrente interminável, os lábios tremiam e seu corpo, tão junto ao meu, estremecia sem cessar.

Seus lábios estavam sob os meus e, lentamente, mas com segurança, começaram a exigir, assim como a responder, conquistando a sua parte com franca honestidade. Eu sentia suas mãos se movendo, incansáveis, ao longo de minhas costas e pescoço, afagando-me os cabelos, acariciando-me, massageando-me, enterrando os dedos na minha carne. Adorei a dor suave que produziam. Queria que ela nunca parasse.

— Eu o amo — sussurrou. — Eu o amo. Eu o amo. Eu o amo.

Elise não podia parar de repetir isso. As palavras lhe saíam tempestuosamente dos lábios; eram a chave com que abria as câmaras mais íntimas de sua necessidade.

Ela apenas respirou, pesada e entrecortadamente, quando a levantei nos braços e a carreguei para o quarto. Era leve, levíssima. Depositei-a na cama e sentei-me a seu lado, começando a retirar-lhe os pentes. Um por um eu os tirei, para que a cabeleira castanho-dourada lhe cascateasse pelas costas, cobrindo os ombros. Ela me fitava em silêncio, até que removi o último pente. Então, comecei a beijar-lhe as faces, os lábios, os olhos, o nariz, as orelhas e o pescoço, enquanto ia desfazendo os laços do vestido. Agora, os ombros alvos e mornos estavam expostos. Beijei-os interminavelmente; beijei os braços e a nuca. Ela continuava sem dizer nada, apenas respirando pesadamente e deixando escapar diminutos sons suplicantes.

A visão da pele, quando afastei o espartilho, deixou-me tão chocado, que grunhi em voz alta. Ela me fitou, alarmada, ao ver-me contemplar com espanto as marcas vermelhas em seu corpo.

— Ah, Deus, *não use isso!* — exclamei. — Não marque uma pele tão maravilhosa!

Seu sorriso de amor foi radioso, quando estendeu os braços para mim. No momento seguinte, jazíamos na cama, estreitamente abraçados, com os lábios unidos. Virei a cabeça e beijei-lhe o pescoço, o rosto, o colo e os ombros. Ela me guiou para os seios e pressionei as faces contra aquele calor e maciez, beijando-os também, levando à boca os mamilos endurecidos e róseos. Os gemidos de Elise eram quase agonizantes. Fui envolvido por uma onda de urgência e, levantando-me, tirei as roupas, que deixei cair no chão, contemplando-a enquanto jazia lá, esperando por mim, sem nenhuma tentativa para ocultar-me a visão de seu corpo. Quando terminei de despir-me, ela me estendeu os braços.

— Ame-me, Richard — sussurrou.

Sentir-me dentro dela, sentir seu corpo febril sob o meu, sentir sua respiração quente em meu rosto... Sentir seus gemidos de angustiada paixão... Sentir-me explodir em suas entranhas e tê-la em espasmos tão violentos contra mim, que suas costas pareciam prestes a quebrar-se, suas unhas encravando-se e arranhando-me a carne, uma expressão de supremo êxtase no rosto, quando experimentou o que poderia ter sido seu primeiro e completo orgasmo na vida — tudo isso era quase mais do que poderia suportar uma pobre fragilidade humana. Ondas de escuridão turvavam-se sobre mim, ameaçando fazer-me perder a consciência. O ar estava carregado de calor e energia pulsantes. Então, tudo ficou imóvel, em calmaria. Elise jazia ao meu lado, chorando suavemente, feliz.

— Obrigada — sussurrou, repetindo e repetindo. — Obrigada. Obrigada!

— *Elise!* — Beijei-a com ternura. — Não tem que me agradecer coisa alguma. Eu estive lá, no céu , com você.

— Ah! — murmurou. Foi como se soltasse uma respiração mal contida. — Sim, era isso. O céu!

Enrolou os braços em meu pescoço e olhou para mim, com um sorriso de doce contentamento nos lábios.

— Eu morreria, se não tivéssemos ficado juntos esta noite, Richard. — Acrescentou, em voz fraca: — Pensando bem, eu morri. — Beijou-me o rosto. — Morri, para renascer em seus braços. Para reencarnar como mulher.

— Ah, você é uma mulher — respondi. — Uma mulher e tanto!

— Espero que sim. — Deslizou os dedos por meu peito, em um toque tão delicado como o de uma pluma. — Eu estava tão... devorada pela loucura, que você me despertou! Não sei se lhe fui agradável.

— Você me foi agradável. — Sorri, ao notar seu ar incerto. — Se quiser, mandarei gravar isso numa pedra.

Ela me devolveu o sorriso, cheia de amor. Depois baixou os olhos para si mesma.

— Sou terrivelmente esguia, não? — perguntou ela.

Recuei a cabeça, a fim de apreciar melhor os seios pequeninos e salientes, o estômago liso, a cintura tão estreita, que talvez poderia abarcá-la estirando os dedos das mãos, as pernas graciosas — tudo numa tonalidade branco-cremosa, formando um quadro arrebatador.

— Terrivelmente — assenti.

— *Ah!*

Foi uma exclamação decepcionada, que me fez rir e soluçar ao mesmo tempo, enquanto lhe beijava o rosto e os olhos , apaixonadamente.

— Eu *adoro* o seu corpo — disse-lhe. — Nunca mais ouse referir-se a ele com outra palavra que não seja perfeito!

Nosso beijo foi demorado, doce e pleno. Quando terminou, ela me fitou com expressão de absoluta dedicação.

— Quero ser tudo para você, Richard — disse ela.

— Você já é.

— Não. — Seu sorriso mostrava uma suave resignação. — Sei que não tenho experiência em... fazer amor. Como poderia ser de outro modo? — Seu sorriso se tornou ligeiramente travesso. — Não tenho passado nem experiência, senhor. Meus movimentos são desajeitados e esqueço as minhas falas. Esqueci até o nome da peça, tão concentrada nela me achava. — Senti seus dedos se flexionarem lentamente em minhas costas. — Fico alucinada no palco, e adoro isso, adoro cada segundo de meu desempenho..

Sua expressão agora era de franca sensualidade. Apertou-se bruscamente contra mim e nos beijamos por longos momentos, famintos pelo sabor dos lábios um do outro. Sorri, quando nos desligamos.

— O papel é seu — disse eu.

Sua risada infantil deliciou-me. Pensei que meu coração fosse explodir de felicidade. Aninhei-a apertadamente nos braços.

Elise, Elise.

— Eu o amo, Richard! Eu o amo tanto! — sussurrou em meu ouvido. — E você vai odiar-me, porque estou com fome novamente.

Rindo, libertei-a de meus braços, e ela me fez ficar em pé um instante, enquanto desfazia a cama. Correu então ao outro aposento, retornou com duas maçãs e ficamos deitados, lado a lado, comendo-as sobre o lençol fresco. Retirando uma semente da maçã, Elise apertou-a contra meu rosto, levando-me a rir e perguntar o que fazia.

— Espere — disse ela.

Após alguns segundos, a semente de maçã caiu.

— O que significa isso? — perguntei.

O sorriso dela se tornou melancólico.

— Significa que você logo me deixara.

— Nunca!

Como seu sorriso continuasse triste, belisquei-a de leve no braço.

— Em quem você acredita? — perguntei. — Em mim ou na semente de maçã?

Para minha angústia, o sorriso permaneceu sem brilho. Novamente, seus olhos aprofundaram-se intensamente nos meus.

— Acho que você me despedaçará o coração, Richard.

— *Não.* — Procurei ser o mais convincente que pude. — Nunca, Elise!

Era evidente o esforço que ela fazia para dissipar a tristeza.

— Está bem — disse, assentindo com a cabeça. — Acredito em você.

— No que faz muito bem — respondi, com falso mau humor. — Onde já se ouviu dizer que sementes de maçã podem prever o futuro?

Tive mais sucesso. O sorriso de Elise perdeu aquele laivo de angústia.

— Espero que você *escreva* uma peça para mim — disse. — Eu adoraria representar uma peça escrita por você.

— Farei o possível — respondi.

— Ótimo. — Ela me beijou a face. — Supondo-se, naturalmente — acrescentou, com um sonso —, que eu queira voltar ao palco, depois disso.

— Você voltará.

— Se eu voltar — disse ela —, e sei que voltarei, claro, será uma Elise diferente que estará no palco. Uma Elise *mulher.* — Com um suspiro, apertou-se contra mim, passando os braços por meu pescoço. — Sempre me senti tão instável antes... Havia esse conflito permanente em meu íntimo: o cérebro contra a emoção. O peso de seu amor finalmente equilibrou a balança. Se estive fria com você, ontem à noite ou hoje...

— Não esteve.

— Estive, sei que estive. Entretanto, era apenas a minha resistência final contra o que estava para vir. Eu temia que, por sua causa, acabasse liberando tudo o que escondi durante todos esses anos. — Levou minha mão aos lábios e a beijou ternamente. — Sempre o abençoarei por isso — disse ela.

Novamente começou nela a fome que por tanto tempo não fora saciada, uma fome que exigia pronta satisfação. Elise não resistiu dessa vez e entregou-se com alegria, rompidas todas as correntes. Deu e recebeu de mim, amando com tão intensa sinceridade que, quando atingiu o orgasmo, jogou a cabeça para trás, estirou os braços para os lados, as palmas para cima, estremeceu violentamente, gemendo com irresistível plenitude. Mais uma vez, inundei-a bem fundo, esperando, enquanto fazia isso, que ela concebesse nosso filho, no interior daquele corpo adorável e puro.

Suas primeiras palavras depois disso, quando jazíamos cálida e alegremente (acredito que alegremente), um contra o outro, foram:

— Você vai *casar-se* comigo, não vai?

Não pude me conter e ri com vontade.

— Não *vai?* — insistiu ela, espantada.

— Claro que vou — respondi. — Estou rindo da pergunta e da maneira como você a fez.

— Ah!

Ela sorriu, aliviada, depois amorosamente.

— Como pôde acreditar, por um segundo, que eu não me casaria?

— Bem... — Ela estremeceu. — Pensei que...

— Você pensou?

— Que... minha maneira de amar fosse tão atroz, que você...

Apertei levemente um dedo sobre seus lábios.

— Elise McKenna — informei —, você é a mais excitante e magnífica pagã do mundo!

— Sou? — Seu tom e o sorriso foram deliciosos. — Sou *mesmo,* Richard?

— Nem duvide. — Beijei-lhe a ponta do nariz. — E, se quiser, mandarei esculpir também *isso* numa pedra.

— Já está esculpido — respondeu ela, colocando a mão sobre o coração. — Aqui.

— E depois que estivermos casados — fitei-a com ar de troça —onde moraremos?

— Em minha fazenda, por favor, em minha fazenda, Richard! — exclamou. — Gosto tanto dela... Quero que seja nossa.

— Está certo: em sua fazenda, então.

— Ah! — Jamais vi um rosto tão radiante de alegria. — Eu me sinto... nem sei descrever como, Richard! *Banhada*

em amor! — De repente, enrubesceu de felicidade. — Tanto por dentro, como por fora.

Deitando-se de costas, baixou os olhos para seu corpo, com expressão de incredulidade.

— Mal posso acreditar — disse. — Simplesmente, é difícil acreditar que isso esteja realmente acontecendo comigo — deitada numa cama e sem uma peça de roupa, ao lado de um homem despido, a quem conheci apenas ontem. Ontem! E já estou impregnada dele! Serei mesmo eu? Estará isso acontecendo verdadeiramente comigo, Elise McKenna? Ou tive sonhos que se tornaram alucinações?

— É você mesma — disse eu, sorrindo. — Você que sempre esteve à espera, embora ligeiramente algemada.

— Algemada? — Ela meneou a cabeça. — Eu diria que estava trancada numa armadura de ferro. Ah! — Estremeceu, com uma careta. — Que terrível imagem, mas, no entanto, quão verdadeira!

Virou-se de frente para mim, ansiosa. Abraçamo-nos, também entrelaçando as pernas, beijando-nos sem cessar, por longo tempo.

— Você nunca se importou com Robinson? — perguntei.

— Não como homem — respondeu ela. — Como um pai, talvez. Na realidade, nunca tive pai, nunca o vi, desde tenra idade. Assim, suponho que Robinson tenha assumido esse papel em minha vida. — Acrescentou, com um tom de legítima surpresa: — Que curioso, perceber isso depois de tantos anos! Está vendo que idéias reveladoras você me provoca?

Beijou-me de leve, como a mulher que saboreia livremente os lábios do homem amado.

— O que mencionei antes, sobre ser uma perfeccionista — disse —, acho que se fundamentava não tanto num desejo de superar-me, mas na insatisfação. Em verdade, nunca fiquei satisfeita com coisa alguma em minha vida; eis aí o ponto capital. Sempre faltava algo. Como nunca cheguei a descobrir que era o amor? Parece-me tão óbvio agora! E, neste momento, não me sinto uma perfeccionista. Tudo o que quero é agradar-lhe e entregar-me inteiramente a você. — Sorriu, como que ainda espantada consigo mesma. — Bem, foi o que fiz, não foi?

Como eu respondesse com um riso suave, ela tornou a me encarar com aquela expressão de brincalhona severidade.

— Estou avisando, sr. Collier. Sou um criatura muito ciumenta. Retalharei qualquer mulher que, no máximo, olhar para você!

Sorri para ela, cheio de felicidade.

— Retalhe à vontade — respondi.

Ela correu a ponta de um dedo por meus lábios, seguindo o contorno com um toque delicado.

— Já amou outras mulheres, Richard? Não — acrescentou rapidamente —, não me conte, não quero saber. Não importa.

Beijei a ponta do dedo, que havia interrompido seu passeio sobre meus lábios.

— Nunca houve outras — disse eu.

— *Verdade?*

— Verdade. Ninguém. Juro.

— Ah, meu amor, meu amor! — Ela encostou o rosto no meu. Como pode existir semelhante felicidade?

Ficamos apertadamente abraçados por um momento, antes que ela recuasse a cabeça e me fitasse com olhos cintilantes.

— Fale-me sobre você — disse ela. O que puder falar, entende? Desejo gostar de tudo quanto você goste.

— Então, goste de si mesma — respondi.

Ela me beijou a boca, depois moveu o olhar por minhas feições.

— Adoro seu rosto — disse ela. — Seus olhos de notívago. Seus cabelos cor de poeira dourada ao sol. Sua voz e seu toque suave. Suas maneiras — conteve um sorriso — e sua atuação.

Sorrindo, desmanchei-lhe os cabelos sedosos.

— Adoro também o seu sorriso — continuou. — Como se estivesse extraindo a graça de tudo para si mesmo. Anseio partilhar desse humor, mas, ainda assim, gosto desse sorriso. — Comprimiu-se contra mim, beijando meu ombro.

— Diga-me outra vez o nome daquele compositor.

— Mahler.

— Aprenderei a gostar de sua música.

— Não será difícil — disse eu.

Ao mesmo tempo, pensei que talvez, um dia, quando tivéssemos envelhecido juntos, contaria a ela como a *Nona sinfonia* de Mahler contribuíra para reunir-nos.

Coloquei uma mão em cada lado de seu rosto e o contemplei; era o rosto daquela fotografia que ganhara vida, irradiando calor para minhas mãos, agora oferecendo uma expressão, não de angústia, mas de paz.

— Eu a amo — disse eu.

— E eu o amo — respondeu ela. — Agora e sempre.

— Você é adorável, Elise.

— Possuidora de delicada e obcecante beleza, graça e encanto — disse ela, com ar absolutamente sério.

— Quê?

O sorriso travesso e malicioso de Babbie explodiu de repente e ela começou a falar atabalhoadamente.

— Fecha aspas — ofegou, por fim.

Meu sorriso devia ter sido de perplexidade, porque ela se apertou de súbito contra mim e choveram beijos em meu rosto.

— Ah, eu não devia gracejar — disse ela. — Acontece que me sinto transbordando de tanta felicidade, que não consigo ficar séria o tempo todo. E você parecia tão grave, quando disse que eu era adorável! — Beijou-me nos lábios, cinco vezes seguidas, rápida e suavemente. — Em verdade, é um tributo a você — acrescentou. — Eu só poderia gracejar com o homem a quem amo. Ninguém conhece essa minha faceta, porque sempre a guardei pata mim mesma. Bem, talvez eu a deixe transparecer algumas vezes, quando represento.

— Sempre.

Ela suspirou, com fingido remorso.

— De agora em diante, terei que representar tragédias, exclusivamente — disse ela —, porque usarei tanta felicidade na vida, que nada restará para o palco. — Afagou-me o rosto. — Você me perdoa, não? Não se incomoda se gracejo?

— Graceje à vontade — respondi. — Assim, posso gracejar também.

— Tanto quanto quiser, meu amor — disse ela, apertando-me.

Tudo começou pela terceira vez, quando começamos a nos beijar. O rosto adorável enrubesceu, e seus olhos mostraram aquela expressão de abandono que me excitava e alegrava ao mesmo tempo. Quando entreabri seus lábios com os meus e escorreguei a língua para sua boca, ela estremeceu, começando a lambê-la avidamente, depois usando os dentes, a fim de puxá-la para sua garganta. Dentro em pouco, eu me via de novo profundamente dentro dela e, mais uma vez, Elise se sacudia contra mim, em frenesi, com a cabeça rolando de um lado para o outro e uma expressão de absoluta liberdade nas feições. Um grito escapou-lhe da garganta, quando foi estremecida por seu terceiro orgasmo.

— *Não é possível!*

Então, tudo terminou e ficamos enlaçados, seu corpo morno e úmido contra o meu, sua doce respiração em meus lábios, quando caiu adormecida. Tentei permanecer acordado e contemplá-la, mas não pude. Com um senso de extasiante tranqüilidade, flutuei para um sono profundo.

Quando abri os olhos, ela continuava dormindo, porém não mais em meus braços. Jazíamos lado a lado, sob um lençol e cobertores. Imaginei que ela devia ter acordado pelo tempo suficiente para cobrir-nos.

Fiquei deitado de lado por muito tempo, olhando seu rosto. Esta mulher agora é a minha vida, fiquei pensando. Na realidade — experimentalmente —, tentei recordar Hidden Hills, bem como Bob e Mary, achando isso quase impossível; tudo me parecia situado num distante universo. O senso de desorientação agora está desaparecendo. Em pouco, terá desaparecido por completo, tenho certeza. Minha presença em 1896 é como a de um grão de areia dentro de uma ostra. Invasor desta época, irei sendo, pouco a pouco, coberto por uma camada auto-protetora — e absorvente — que me deixará gradualmente encapsulado. Um dia, o grão de areia que sou eu estará tão recoberto por este período, que me tornarei alguém mais, esquecida a minha origem, vivendo apenas como um homem desta época.

Deve ser essa a praticabilidade secreta da viagem através do tempo. Se Ambrose Pierce, o juiz Crater e todas as pessoas que desapareceram como eles realmente recuaram no tempo, a essa altura não devem ter qualquer lembrança de onde quer que se tenham originado. A natureza protege seus trabalhos. Se uma regra é rompida ou ocorre um acidente na ordem de existência, deve ser feita a compensação, os pratos da balança nivelados por algum contrapeso. Dessa maneira, o fluxo de incidência histórica jamais é alterado senão temporariamente por alguém que contorne o tempo. Então, o motivo de nenhum viajante jamais ter voltado desse ponto de destino é por ser essa uma viagem de ida apenas, por natural necessidade.

Pensei em todas essas coisas, enquanto ficava ali, deitado, contemplando Elise. Ao encerrar minhas reflexões, estava inteiramente desperto, sem vontade de voltar a dormir, preferindo saborear aqueles preciosos momentos, com a minha amada dormindo próximo, a memória de nosso dar e receber imbuída em minha mente e minha carne. Com a máxima cautela, lentamente, ergui-me da cama. O cuidado era desnecessário. Elise dormia profundamente. Não era de admirar, pensei. A fadiga física e emocional das últimas vinte e quatro horas deveria tê-la deixado exausta.

Quando me levantei, vi que minhas roupas não estavam mais no chão. Olhei em torno e deparei com elas

penduradas no armário aberto. Caminhei até lá e examinei o bolso interno do casaco. Os papéis estavam como os deixara. Imaginei que Elise devia tê-los visto; formavam um maço demasiado volumoso, para passar despercebido. Poderia ela estar dormindo tão tranqüilamente, se os tivesse lido? Mesmo que fosse incapaz de interpretá-los, por causa de minha estenografia, a própria visão daquelas palavras truncadas não a perturbaria? Olhei para ela, no outro extremo do quarto. Não parecia perturbada em absoluto. Concluí, então, que não percebera o volume ou, em caso afirmativo, que não lhe dera importância.

Achei que o momento era propício para atualizar meu relato. Ia virar-me e caminhar para a escrivaninha, quando me voltei, atraído pela visão das roupas de Elise. Estendendo o braço, toquei os vestidos, um por um. Cheguei perto do que ela estivera usando antes, ergui a saia com as duas mãos e pressionei o tecido macio contra o rosto. Elise, pensei. Que o tempo me preste mais um serviço, parando inteiramente neste mais glorioso dos momentos, para que eu possa vivê-lo pela eternidade!

Naturalmente, o tempo não parou e nem poderia. Após escoar-se um pouco de sua interminável quantidade, deixei a saia cair de volta ao lugar, com um rangido suave, e então me virei para a escrivaninha.

Havia uma carta sobre ela, duas folhas dobradas, com meu nome escrito no verso de uma delas. Fui tomado pela ansiedade. Teria Elise, afinal de contas, lido e traduzido minhas palavras? Rapidamente, desdobrei as folhas e comecei a ler.

Desde a primeira frase, no entanto, tornava-se aparente que Elise não desvendara meu segredo.

"Caro senhor

Seus apreciados obséquios de 21 do mês corrente foram devidamente considerados e lamento não estar em seus braços, *neste* instante. Que tolice me fez abandonar o seu plexo?

Passa muito da meia-noite, da hora em que andam soltas as bruxas quando cemitérios (e atrizes sonolentas) bocejam. Eu devia estar lá, na cama a seu lado — acabei de contemplar seu rosto amado, para o qual soprei um beijo —, mas, como mulher obediente, escovarei meus cabelos cem vezes, antes de voltar novamente para o seu lado.

Eu escovava os mencionados cabelos até momentos atrás quando, de repente, pensei: *Eu o amo, Richard!* Então, meu coração saltou com um choque tão violento de alegria, que tive de escrever o que sinto. Caso contrário, acabaria sacudindo-o até acordá-lo para contar-lhe, e, por nada deste mundo, desejaria perturbar seu sono tranqüilo.

Eu o amo, meu Richard. Amo-o tanto que, se estivesse lá fora, começaria a dançar, atraindo uma multidão, sendo detida por um policial, conduzida à prisão e, dessa forma, desacreditada inteiramente por causa de minha felicidade. Eu rufaria um tambor, tocaria uma cometa e cobriria as paredes do mundo com vinte e quatro cartazes, em todos declarando que o amo, o amo, o amo!

Ainda assim, e apesar de tudo isso, não sou tão feliz quanto gostaria, tão feliz quanto deveria. Parece que há certa escuridão, sempre á minha espreita. Por que nosso amor não pode dissipá-la?

Uma idéia amedronta-me com insistência e cresce a minha perturbação, se me demoro nela. É a idéia de que o perderei da mesma forma como você veio até mim — estranhamente, como se diz, em sombras e além do meu controle. Tenho tanto medo, amor! Imagino coisas atrozes e não cesso de preocupar-me. Diga-me que não fique assim. Sei que já disse antes, mas continue dizendo — sempre, sempre e sempre —, até que esse medo seja arrastado pela maré de sua confiança. Diga-me que tudo está bem. Sou incessantemente perseguida pelo temor de que nosso casamento seja impedido, por algum meio terrível.

Não, devo parar com tão sombrio tema e pensar apenas em nosso amor. Somos importantes um para o outro, e nada mais interessa. Sei que esta é a verdade. Esta noite, conheci exatamente o que é o amor. (Neste momento, poderia representar Julieta à perfeição!) Ele é a chave para todos os corações, e seu amor abriu o meu para sempre. Para mim, este mundo começa e termina em você.

Não escreverei mais. Boa noite, meu adorado. Talvez, neste exato segundo, você esteja sonhando comigo. Espero que sim, porque o amo com todo o meu coração, toda a minha alma. Ah, estar vivendo inteiramente aquele sonho!

Sinto-me tonta e cansada demais para escrever mais uma só palavra agora. Mesmo assim, escreverei mais três, antes de dormir. *Eu o amo.*

Elise."

Quando meus olhos se moveram para mais abaixo da assinatura, vi, através de lágrimas de alegria: "P. S. Eu o amo, Richard". Olhei para a segunda folha e voltei a sorrir. "P. P. S. Eu não estava muito certa se devia mencionar."

Meu sorriso esmaeceu. Ela havia escrito algo mais.

"Eu não pretendia mencionar isto, mas, sinceramente, acredito que devo. Quando fui pendurar seu casaco, um

maço de papéis dobrados caiu de um bolso interno. Não era minha intenção ler o que diziam tais papéis (jamais faria tal coisa, sem sua permissão), mas não pude deixar de ver parte do escrito neles. Tenho o pressentimento de que a resposta de você estar comigo jaz naquelas palavras, e espero que me diga o que escreveu, chegado o momento devido, Isso não altera meu amor por você. Nada poderia alterá-lo. E."

Agora, já escrevi tudo o que aconteceu, até este momento. E, enquanto escrevia, tomei uma decisão: jamais mostrarei a ela os meus escritos. Vou me vestir agora, sair, encontrar fósforos e queimar estas folhas num recanto da praia, deixando que o vento sopre as cinzas para bem longe na noite. Ela compreenderá, quando lhe disser que agi assim para eliminar a única barreira que restava entre nós, a fim de que nada — neste mundo ou em qualquer outro — possa jamais separar Elise e Richard.

Levantando-me cautelosamente, levei a carta dela e minhas folhas escritas até o armário. Lá, dobrei as folhas e as coloquei no bolso interno do casaco, juntamente com a carta.

Durante vários minutos, fiquei indeciso entre a urgência de levar meu plano a cabo o quanto antes e minha ânsia de retornar à cama e ficar de novo junto dela e de seu calor. Caminhei até a cama e permaneci de pé ao lado dela, contemplando-a. Ela dormia tranqüilamente como uma criança; tinha uma das mãos por baixo do travesseiro, as faces eram da tonalidade de pétalas de rosa e os lábios estavam apenas entreabertos. O desejo intenso de curvar-me sobre a cama e beijar aqueles lábios forneceu-me a decisão esperada. Eu a adorava tanto, que não teria sossego enquanto não terminasse o meu último contato com o passado. Dando meia-volta, retornei ao armário e comecei a vestir-me.

Olhei para o espelho, e um homem de 1896 — embora apresentando equimoses e o olho esquerdo congestionado — começou a ganhar forma diante de mim. Enfiei-me nas ceroulas inteiriças e calcei as meias. Depois vesti a camisa e as calças. Calcei as botas. Ajeitei a gravata, vesti o casaco e penteei os cabelos; refletido no espelho estava o ilustríssimo sr. R. C. Collier. Assenti para ele, com um sorriso de aprovação. Agora não há mais qualquer dúvida, disse para mim mesmo. Você pertence ao presente.

Caminhando até a escrivaninha, peguei meu relógio e o coloquei no lugar. Estava pronto. Cruzei o quarto com um sorriso, o mais silenciosamente possível, sem tirar os olhos de Elise.

— Estarei de volta em um momento, meu amor — sussurrei.

Destranquei a porta com o máximo cuidado, para não acordá-la. Abri e saí para o exterior. Fechei a porta sem fazer o menor ruído. Depois comecei a afastar-me, sem a trancar com a chave, pois logo estaria de volta. Eu cantarolava baixinho, ao atravessar a sala de estar e sair para o Átrio Aberto.

Mal havia dobrado à esquerda, quando um movimento à direita me impressionou o canto do olho. Virei-me naquela direção e, com o coração repentinamente em disparada, deparei com Robinson, que parou diante de mim com espalhafato.

Sua expressão era terrível. Assim que o vi, soube que voltara para matar-me. Mergulhando para diante, engalfinhei-me com ele e segurei-lhe o pulso direito, com toda a força possível. O rosto dele era uma máscara pétrea, rígida, excetuando-se o latejar de uma veia dilatada, próximo ao olho direito. Sem falar, com os lábios repuxados mostrando os dentes cerrados, a respiração acelerada e sibilante, ele lutou para alcançar o bolso direito do casaco, em busca da pistola que eu sabia estar ali.

— Não pode matar-me, sr. Robinson — disse eu, lenta e distintamente. — Venho do futuro e sei tudo a seu respeito. Não poderá ser enforcado por homicídio, pois morrerá afogado no Atlântico norte, daqui a vinte anos!

Consegui sobressaltá-lo o suficiente, dando-me assim a oportunidade que eu queria. Com todas as forças que possuía, acertei-lhe um murro, que o fez cair de costas. Girei como um embriagado e então precipitei-me de volta à sala de estar, de lá correndo para a porta do quarto de Elise. Entrei e fechei a porta de mansinho. Estava zonzo. Tive que me apoiar contra a parede, o coração ainda batendo com tal violência, que mal conseguia respirar. Pensei ter ouvido o som de suas botas, correndo para a sala de estar e recuei, amedrontado. O que faria ele agora? Esmurraria a porta até acordar Elise? Destruiria a fechadura com uma bala, irrompendo contra mim em seguida? Virando-me, caminhei para a cama aos tropeções. *Não a acorde,* disse a mim mesmo. Mudei de direção, aproximando-me do armário em ziguezague. Não conseguia introduzir ar suficiente nos pulmões; aquele senso de desnorteamento retornava com força total agora. Eu tinha de voltar para a cama, com Elise, mantê-la bem junto de mim.

Olhei para a porta, quando comecei a tirar o casaco. Robinson não a esmurrava e nem arrombara a fechadura, na ânsia de entrar. Por quê? Por saber qual seria a reação de Elise? Baixei os olhos, ao perceber algo duro e redondo, abaixo do bolso, no lado direito do casaco. Imaginei que devia haver algum furo. Uma das moedas recebidas de troco na *drugstore* certamente escapara por ali, ficando presa no forro.

Eu sabia que aquilo não era importante; tal certeza me perseguiria até o fim. No entanto, algo me fez enfiar a mão no bolso, tatear em torno com dedos trêmulos, até encontrar o furo. Depois, com a outra mão também trêmula, manejar a moeda, até fazê-la tocar as pontas dos dedos. Segurando-a, puxei para fora e a examinei. Era um *penny* de

1971.

Naquele instante, qualquer coisa de terrível e escuro começou a formar-se dentro de mim. Pressentindo o que seria, tentei livrar-me da moeda, mas era como se ela possuísse algum estranho magnetismo, não se soltando de meus dedos. Olhei para ela com crescente pavor, quando se colou a meus dedos, em uma adesão que parecia de pesadelo, algo que me era impossível entender ou interromper. Comecei a ofegar e tremer, enquanto uma nuvem de dolorosa frialdade me envolvia pouco a pouco. O coração continuava batendo, lenta e tremendamente; eu quis gritar, mas foi em vão, porque todos os sons se aglutinaram e congelaram em minha garganta. Gritei, mas apenas mentalmente.

Nada havia que eu pudesse fazer, e aí estava a parte mais hedionda da situação. Ficara indefeso, sabendo que, enquanto estava ali, mudo e paralisado, os tecidos conectivos eram dilacerados, levando-me para longe de 1896 e dela, de Elise. Tentei, com toda a minha força de vontade, afastar os olhos dilatados daqueles números inscritos na moeda, mas não pude. Eles pareciam pulsar em meus olhos e cérebro, com ondas de energia negativa. *1971. 1971.* Senti que meu contato com aquela época, para onde fora transportado, começava a falhar. *1971. Não,* supliquei, paralisado por doentia angústia. Não, *por favor, não!* Entretanto, quem estava lá para me ouvir? Eu me transportara recuando no tempo, precisamente por aquele método de concentrada inculcação mental e agora, numa infernal seqüência de momentos, forçava-me a recuar novamente, ao olhar para aquela moeda, para aquele número. *1971. 1971.* Desesperado, tentei obrigar-me a saber que era 1896, 21 de novembro de 1896.

Entretanto, não conseguia fixar aquilo — não havia maneira de fixá-lo. Não, com aquele *penny* grudado em meus dedos, impelindo aquele outro ano em minha consciência. *1971. 1971. 1971. Por que não conseguia ficar livre daquilo?* Eu não queria voltar! *Não queria!*

Então, uma espécie de tremulante escuridão ficou suspensa à minha volta, como um vapor vivo. Gelado, petrificado, eu mal conseguia girar a cabeça na direção da cama. Não; ah, Deus, santo Deus! Mal podia vê-la! Ela era como uma figura vista através da neblina. Um gemido de angústia soou em meu peito. Tentei mover-me, chegar até ela, mas estava entorpecido; um peso negro e monstruoso me prendia ao lugar. Não! Tentei lutar contra aquilo. Eu não seria levado para longe dela! Fiz o possível para livrar-me daquela moeda malevolente, com todo o resto de energia que ainda possuía. Não era 1971! Era 1896! *1896!*

Tudo em vão. A moeda permanecia em minha mão, como alguma hedionda excrescência. Derrotado, ergui os olhos aflitos para tornar a vê-la. Um grito de terror sacudiu meu espírito. Ela já quase desaparecera na escuridão que torvelinhava à minha volta, sorvendo-me em sua voragem como num vácuo aterrador. Por algum motivo, que nunca saberei, naquele momento pensei na mulher que, certa vez, me falara sobre a iminência de um colapso mental. Ela o descrevera como "algo" que se formava no interior da pessoa; algo imune à razão e à vontade; algo escuro, inquieto e que se expandia constantemente, como uma aranha que se avolumasse bem no íntimo, tecendo uma gélida, terrível teia que, em pouco, asfixiaria cérebro e corpo. Era precisamente como me sentia, impotente, esperando, indefeso, sentindo aquela fermentação inexorável dentro de mim, sabendo que não poderia detê-la.

Abri os olhos. Estava deitado no chão. Ouvi o ribombo distante das ondas no exterior. Sentei-me lentamente e olhei em torno, para o quarto escuro que, um dia, fora ocupado por ela. A cama estava vazia. Movendo-me tropegamente, levantei-me e olhei para minha mão direita. O *penny* continuava nela. Com um grito de irritação, joguei-o longe de mim e o ouvi tilintar no chão. Agora você me deixou!, pensei, estonteado de ódio. Agora, depois que me obrigou a voltar! Não sei quanto tempo fiquei ali, inerte e apático. Talvez fossem horas, embora eu desconfie haver sido pouco mais que dez ou quinze minutos. Por fim, cambaleei através do quarto, destranquei a porta e saí para o corredor. Não havia ninguém à vista. Olhei para mim mesmo e notei o terno. Estremeci. *A fantasia,* quer dizer, corrigiu minha mente com amargura.

Quando comecei a caminhar, podia apenas pensar que, porque uma moeda havia caído, invisível, na forração do casaco , e tinha recuado no tempo comigo, eu perdera Elise. Pudera manejar os outros choques; fora a moeda, finalmente, que me forçara ao retorno. Como uma lenta máquina emperrada, meu cérebro insistiu em repisar aquilo, incessantemente, tentando analisar o horror da situação. Um *penny* que nem ao menos me pertencera, mas sim ao homem que usara aquela roupa por último. E por causa disso — *disso!* —, eu perdera Elise. Estivera com ela, apenas minutos antes; a sensação e o cheiro de seu corpo estavam ainda comigo. Se permanecesse na cama, a seu lado, nada disso teria acontecido. Ao tentar firmar meu contato com 1896, eu o rompera inteiramente. E tudo por causa de um *penny,* caído no forro de um casaco. Minha mente examinou o tema, vezes sem conta, aos tropeções e sempre sem chegar a qualquer resultado. Eu não conseguia entender. Jamais entenderei.

Fiz todo o trajeto até meu quarto — meu quarto de 1971 — antes de me vir à mente que não tinha chave com que abrir a porta. Contemplei aquela porta por muito tempo. A experiência de ser atraído de volta a 1971 parecia haver-me drenado toda a compreensão. Foi-me preciso bastante tempo para encaixar peças mentalmente e dar meia-volta, retornando ao andar de baixo. Sabia que me era impossível ir ao balcão de recepção; não podia falar,

explicar, agir como uma pessoa pensante. Atordoado e vazio, desci a escada e me encaminhei para a porta dos fundos. Minutos antes, estivera com ela. No entanto, o agora era setenta e cinco anos mais tarde. Elise estava morta.

Também eu estava morto. Isso eu entendia bem. Desci os degraus da entrada, pensando em caminhar até o oceano e afogar-me, destruindo o corpo, porque a mente já fora destruída. Entretanto, não tive força de vontade suficiente. Caminhei ao acaso pelo pátio de estacionamento. Caía uma chuva tão fraca, que eu mal sentia o chuvisco no rosto; mais parecia neblina que chuva.

Parei ao lado de um carro e fiquei olhando para ele por muito tempo, antes de perceber que era o meu. Remexi os bolsos, com dedos entorpecidos. Por fim, compreendendo que não havia possibilidade de encontrar as chaves neles, cai de joelhos, estendi o braço por baixo da carroceria do carro e meus dedos tocaram a pequena caixa de metal, aderida magneticamente à estrutura. Retirando-a, usei a maçaneta da porta para levantar-me. Os joelhos das calças ficaram em estado lastimável, mas não me importei. Com gestos lentos, fiz deslizar o tampo da caixa e peguei a chave.

O carro estava gelado, com os vidros embaciados. Tateei com a chave, até sentir a ranhura da ignição, onde a inseri. Comecei a girá-la, mas então me deixei cair para trás, exausto. Não tinha forças para dirigir pela ponte e depois dela. Não tinha forças para manobrar no pátio do estacionamento e nem mesmo para dar partida ao motor. Minha cabeça tombou para diante e cerrei os olhos. Tudo acabado, pensei. As palavras repetiram-se em minha mente, com interminável e angustiante consciência do sucedido. Tudo acabado. Elise se fora. Eu a encontrara, mas ela agora estava perdida. Tudo acabado. O que eu havia lido nos livros era verdade. Tudo acabado. Agora, nenhum deles seria reescrito. *Tudo acabado.* O que eu temera fazer, desde o início. O que jurara nunca fazer. *Tudo acabado.* Seu coração aberto, para logo ser destroçado. *Tudo acabado!*

Abri os olhos e vi a corrente do relógio, traspassando meu colete. Baixando a mão, fiz o relógio deslizar do bolso e olhei para ele. Depois de alguns momentos, pressionei a mola e olhei para o mostrador. A iluminação de uma lâmpada de um poste próximo filtrava-se pela janela do carro, permitindo-me enxergar. Passava pouco das quatro. No silêncio do carro, pude ouvir o vivo e metódico tique-taque do relógio. Ao contemplar o mostrador, um pensamento grotesco me passou pela mente. Um *penny* atirado para o alto me trouxera a San Diego, em primeiro lugar. Um *penny* me levara a ela. Um *penny* finalmente me afastara do meu amor, meu único amor, meu perdido amor.

Pós-escrito de Robert Collier

Richard voltou para casa na manhã de segunda-feira, 22 de novembro de 1971. Estava pálido e calado, recusando-se a nos contar onde estivera ou o que lhe acontecera. Assim que chegou, foi para sua cama e nunca mais se levantou.

Seu declínio foi rápido. Um mês depois, estava no hospital. Lá, como em casa, permanecia em silêncio o dia todo, olhando para o teto, com o relógio de ouro na mão. Uma enfermeira tentou tirá-lo certa vez, e Richard pronunciou as únicas palavras que dele foram ouvidas, em seus últimos meses de vida: *Não toque nele.*

Não é de surpreender que Richard desenvolvesse a ilusão de que havia recuado no tempo para encontrar Elise McKenna.

Meu irmão sabia que enfrentava a morte iminente. Não havia dúvidas quanto a isso, e o choque deve ter sido tremendo para ele. Richard contava apenas trinta e seis anos e, certamente, sentiu-se traído. Até então, jamais alcançara a plenitude emocional, e a vida lhe era arrebatada prematuramente. Ele precisava escapar a essa traição — e que refúgio mais natural que o do passado? Consciente demais para regressar com sucesso a seu próprio passado, Richard preferiu retornar a outro.

Desde o início, tal escolha fica evidente em seu manuscrito, ao visitar o *Queen Mary* e permitir que sua consciência fosse impregnada por sensações do que tinha sido.

O processo estava cristalizado quando, acidentalmente, ele deparou com o Hotel del Coronado. Em pouco, o passado começava a existir em sua imaginação, como uma força viável no hotel, e suas emoções gravitavam em direção à convicção de que coisas não mais existentes de certa forma existiam *em algum meio acessível.*

Tampouco é de se admirar que seu ser se concentrasse inteiramente em Elise McKenna, um símbolo perfeito de sua necessidade de encontrar, o quanto antes, uma fuga do presente insustentável e, ao mesmo tempo, a plenitude através do amor.

Tenho comigo a fotografia que Richard emoldurou e, em verdade, Elise era tudo quanto ele afirma — uma mulher sedutoramente bela. Não é preciso muita imaginação para compreendermos sua obsessão de que, se tentasse ao máximo, poderia realmente alcançá-la. Não é preciso muita imaginação para compreendermos por que a pesquisa que ele efetuara sobre a vida da atriz seria interpretada como se de fato ele a tivesse alcançado. Como é óbvio, a mente de Richard encontrava-se num estado de fermentação, aturdida pelo medo e necessidades não solucionadas. Em tais circunstâncias, é estranho que ele chegasse a crer no que acreditou? As palavras do dr. Crosswell completam o quadro. Ele me disse que o tumor de Richard podia provocar *"estados oníricos"* e *"alucinações visuais, gustativas e olfativas".*

Quem sabe quantos elementos díspares contribuem para criar uma alucinação? Quantos fios de circunstâncias devem entrelaçar-se, antes que seja tecida uma tapeçaria imaginária? Tudo quanto posso dizer é que Richard queria desesperadamente escapar à sua sina e realmente escapou, pelo menos, durante um dia e meio. Jazendo em seu quarto, em estado de provável auto-hipnose, ele experimentou sua viagem a 1896, nos mais vividos detalhes.

Tais detalhes, narrados cuidadosamente em seu manuscrito, sem dúvida foram obtidos através de pesquisas, e seu subconsciente forneceu-lhe os fatos que lá inserira, através de seu "curso relâmpago" pelo passado. (É curioso que a convenção mantida no hotel, naquela época, fosse uma Convenção Relâmpago.) Lenta e seguramente, Richard desenvolveu a ilusão em sua mente. A prova disso está no fato de que, após falar comigo por telefone, ele a perdeu temporariamente, quando sua mente sofreu uma "colisão de cabeça com a realidade". (Suas próprias palavras.)

Revivendo a auto-decepção — como ele teria que reviver —, "descobriu" seu nome no livro de registro de hóspedes do hotel, de 1896, passando então a acelerar a fantasia por meio de repetidas sugestões mentais de que não se encontrava mais em 1971, e sim em 1896. É revelador o fato de que, enquanto assim procedia, ouvia a música de um compositor que, conforme escreveu, "o transportava a outro mundo".

Com o fito de manter a limpidez de sua ilusão, alugou roupas adequadas a 1896, adquiriu dinheiro da época para ter no bolso, conseguiu papel de carta impresso, idêntico ao usado pelo hotel no período de 1890 e, inclusive, escreveu a si mesmo duas cartas, ostensivamente de Elise McKenna; deve ter-se exercitado com afinco, para chegar a tão perfeita caligrafia. Quanto ao relógio, certamente o comprou em alguma joalheria. Trata-se de um objeto novo, mas, estou certo, ainda hoje podem ser encontrados relógios de todos os tipos, desde que nos empenhemos em procurá-los.

Segundo o dr. Crosswell, não existem limites para a incrível paciência e precisão de um subconsciente, quando

decidido a erigir uma ilusão. Quando ficou óbvio que Richard estava próximo da morte, fiz algo a que nem o hospital e nem o dr. Crosswell objetaram. Fiz com que ele fosse trazido para sua própria casa, coloquei a fotografia emoldurada de Elise McKenna sobre a mesinha perto dele e o relógio em sua mão. Também providenciei para que suas sinfonias de Mahler fossem tocadas, vinte e quatro horas por dia. Sinto não ter sido mera coincidência o fato de ele haver morrido quando era executado o adágio da Nona sinfonia, que Richard acreditava ser um dos meios que o tinham levado a Elise. Eu estava sentado junto de sua cama nesse momento e posso testemunhar — graças a Deus — a serenidade, pelo menos física, de seu falecimento.

O que mais há para dizer? Sim, Elise McKenna estava no Stephens College, em 1953. Sim, ela faleceu de um ataque cardíaco, certa noite, após comparecer a uma festa, e suas últimas palavras foram: "E o amor, muito amado, fala manso". Sim, Richard estava em Columbia, no Missouri, nessa época. Sim, ela queimou aqueles papéis e foi encontrado aquele fragmento de poema. Sim, ainda persiste o enigma sobre a modificação de sua personalidade, que aconteceu após 1896.

Por que menciono essas coisas? Talvez seja porque, a despeito de tudo quanto escrevi, eu gostaria de acreditar — por Richard, pelo menos — que tudo aquilo realmente aconteceu. Quero tanto acreditar nisso, que jamais irei àquele hotel pedir para ver aquele livro de registros, por temer que seu nome possa não estar inscrito nele.

Se eu pudesse convencer-me de que ele realmente voltou ao passado e a encontrou, ficaria imensamente mais leve a dor que sinto pelo falecimento de meu irmão. Uma parte de mim anseia acreditar que não foi nenhuma ilusão, afinal. Que Richard e Elise se reuniram, como ele afirmou.

E que, Deus assim o permitindo, eles estejam, neste momento, juntos em algum lugar.

O Autor e sua Obra

Richard Matheson nasceu em 1926, na pequena Allendale, cidade localizada em Nova Jersey. Mais conhecido como escritor de histórias policiais e de ficção científica, Matheson é autor do romance "Em Algum Lugar do Passado" ("Bid Time Return", posteriormente intitulado "Some where in Time"), transposto com grande sucesso para o cinema. A história de um jovem apaixonado pelo velho retrato de uma linda mulher, que volta ao passado para encontrá-la, encantou e comoveu os leitores ávidos por tramas românticas.

Richard Matheson iniciou a carreira profissional em 1950, quando a revista "The Magazine of Fantasy and Science Fiction" publicou alguns de seus contos sob o título geral de "Born of Man and Woman". Anos mais tarde, algumas dessas histórias seriam reunidas num volume com o mesmo título. Em seguida, Matheson escreveu outras cinco coletâneas de contos e mais uma dúzia de novelas, entre as quais se destacam: "I Am a Legend" (1954), "The chrinking man" (1956), "A Stir of Echoes" (1958) e "What Dreams May Come" (1978).

Richard Matheson é também consagrado roteirista de cinema e televisão. Foi um dos criadores e principal escritor da série "Além da Imaginação" ("Twilight Zone") cujas histórias de mistério e horror sobrenatural tanto sucesso fizeram na televisão no início dos anos 60. Em 1960, escreveu o roteiro para o primeiro filme de Roger Corman extraído das histórias de Edgar Allan Poe: "O Solar Maldito" ("The Fall of the House of Usher"), considerado um dos grandes clássicos do cinema de horror. Já seu roteiro para o filme de televisão "The Night Stalker" (1972) deu-lhe o prêmio "Writer's Guild of America" para a melhor história para TV daquele ano. Porém, nenhuma de suas histórias para o cinema provocou tanto impacto como "Encurralado" ("Duel"). O filme, que revelou o extraordinário talento de Steve Spielberg, deixou os espectadores atônitos ao mostrar a trajetória de um monstruoso caminhão que, dirigido por um motorista invisível, inexplicavelmente persegue um pacato cidadão.

Embora as histórias de Matheson muitas vezes tratem de temas como experiências biológicas, crianças mutantes, desastres ecológicos, o fim do mundo, grandes e pequenos monstros, fenômenos sobrenaturais e robôs, não se pode considerá-lo apenas como um escritor de ficção científica. Ele demonstra incrível atração por episódios românticos e quadros góticos, e seus romances mesclam, numa forma bastante imaginativa, a fantasia, o humor, o romance, o horror e o sobrenatural.

Nelas, porém, há um traço comum: o medo e a paranóia que marcam o comportamento do homem moderno. Suas personagens quase sempre são colocadas em situações misteriosas que não conseguem entender ou explicar.

Dois exemplos ilustram essa atitude constante do escritor. Em "Eu Sou uma Lenda" ("I Am a Legend", 1954), Matheson mostra a luta desesperada de um solitário sobrevivente num mundo repleto de homens-vampiro. Em "Dying Room Only" (1973), o marido de uma mulher desaparece no banheiro de um motel, mas ninguém quer acreditar nela ou ajudá-la.